

JOSÉ BAETEMAN, C. M.
Missionário Apostólico

FORMAÇÃO DA DONZELA

Tradução autorizada,
de
LUIS LEAL FERREIRA

III EDIÇÃO

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>



1958
EDITORA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO
BELO HORIZONTE

TÍTULO DO ORIGINAL:
FORMATION DE LA JEUNE FILLE.

† Livros Católicos para Download



I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E
REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA
CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP, O.F.M.
PETRÓPOLIS, 30-4-1958.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

CARTA DA SANTA SÉ AO AUTOR.

Secretaria de Estado
de Sua Santidade.
Nº 99.278.

Vaticano, 27 de novembro de 1919.

Reverendíssimo Padre:

O Santo Padre teve por agradável a filial homenagem do livro que publicastes sob o titulo "A Formação da Donzela".

O acolhimento favorável que tem sido feito a essas páginas edificantes constitui um penhor do bem que, com a graça de Deus, elas contribuirão para operar na alma das donzelas, e particularmente das Filhas de Maria, a quem são destinadas, ajudando-as na prática da virtude, induzindo-as à piedade, à dedicação, ao apostolado no seio das famílias e da sociedade.

Em testemunho da sua paternal benevolência e como penhor dos favores divinos, concede-vos Sua Santidade, de coração, a Bênção apostólica.

Com os meus agradecimentos pelo exemplar do vosso livro que vos dignastes destinar-me, rogo-vos aceitardes, Reverendíssimo Padre, a expressão da minha religiosa dedicação em Nosso Senhor.

CARDEAL GASPARRI.

Ao Revmo. Padre José Baeteman, Congr. Miss.,
Missionário Apostólico na Abissínia. Roma.

PREFACIO DA TERCEIRA EDIÇÃO.

Bispado de Estrasburgo.

Estrasburgo, 8 de agosto de 1922.

Reverendíssimo Padre:

Haverá necessidade de prefaciá-lo, quer dizer, de recomendar brochuras de que já se venderam 120.000 exemplares? Não sou eu quem tenha a ingenuidade de crê-lo, mas ao menos devo felicitá-lo pelo seu empreendimento e pelo seu êxito.

Como se explica semelhante difusão dos seus seis livrinhos? Será o seu formato cômodo? será o desejo que, ao comprá-los, as pessoas tinham, de ocorrer às necessidades de uma Missão particularmente ingrata e difícil? será o zêlo dos seus numerosos amigos? ou será a engenhosa, a infatigável, a admirável atividade do missionário-autor que acha meios de movimentar a própria França ao mesmo tempo que movimenta a Abissínia? Não quero negar que, mais ou menos, tenham tido estas causas a sua influência. Elas, porém, não explicam tudo. O êxito do livro ao próprio livro deve atribuir-se.

Li-o. Efetivamente, êle é feito para agradar e para arrastar. Primeiramente, por causa do conhecimento profundo que V. Revma. possui da alma feminina, todavia tão complexa e tão variada. Discerniu-lhe V. Revma. as necessidades mais atuais, os gostos mais modernos, e até mesmo, pois existem, os senões mais contemporâneos. Nêle, nada de picuice, aliás. Nenhum sentimentalismo de mau quilate. V. Revma. analisa as almas para disciplinar as vidas. Passando tudo em revista: predicados e defeitos naturais, tentações e sus-

tentáculos, obras múltiplas e vocações diversas, tem V. Revma. a seu serviço tal riqueza de pensamento e de estilo, tamanha variedade de apreciações, uma escolha tão abundante e tão feliz de citações, que cativa a atenção das suas jovens leitoras, cuja imaginação, sem dúvida, só é tão móvel por ser sobejamente rica. Convicto de que as vontades femininas podem ser tão tenazes como são ardentes, V. Revma. não cessa de lhes apontar sempre o mesmo ideal, e, com flama de apóstolo e com todo o ardor de um missionário, arrasta-as após si, de página em página, de livro em livro, rumo aos cimos mais elevados da moral evangélica.

Como é confortador pensar que mais de cem mil donzelas já têm em mãos tão precioso breviário! Graças a V. Revma., as mulheres, as espósas, as mães serão mais fortes, mais virtuosas, mais cristãs, mais santas. Por meio delas, quanto bem se fará. Este o melhor êxito com que pudesse sonhar um missionário como V. Reverendíssima. Ninguém, tanto como eu, quisera poder concorrer para multiplicá-lo.

Queira, Revmo. Padre, aceitar, com a expressão do meu religioso respeito, a segurança da minha cordial dedicação em Nosso Senhor.

† *Carlos*, Bispo de Estrasburgo.

PARTE I.

ALMA, CORAÇÃO E VONTADE DA DONZELA.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

CAPITULO I

QUEM SOIS?

Foi essa a pergunta que fizeram a João os enviados dos Judeus.

E êle lhes respondeu: "*Eu sou a voz do que clama no deserto*".

Vós, donzelas, a quem êste livro é destinado, dizei: quem sois? Sois mulheres e sois cristãs! — dois nomes, dois títulos, duas auréolas.

Como mulher, tendes um coração de ouro; como cristã, tendes o bem inestimável da Fé. Por isso, é tal o vosso poder, que Pierre l'Ermite julgou poder dizer-vos: "Ah! donzelas, se soubésseis o que de fôrça para o bem há numa só de vossas palavras quando realmente cristãs, num só de vossos olhares quando se iluminam dos pensamentos do além!... Ah! se o soubésseis como, por exemplo, Joana d'Arc o sabia!" — E deveis sabê-lo.

Mas, para sabê-lo e compreendê-lo, deveis sair das banalidades ôcas de uma vida egoísta e pessoal, sentir que tendes asas e não vos esquecer de servir-vos delas.

As "banais bonecas da moda que se depreciam no meio dos trapos", provavelmente não compreenderão êste livro, se lhes cair nas mãos; porém as "Valentes", as que lutam, as que rezam, as que se dedicam, as que salvam, oh! estas lhe farão acolhida, quererão vivê-lo!

I. Sois Mulher:

Imenso é, a êste título, o vosso poder.

E, primeiramente, que é a mulher? Eis, a êste respeito, uma reflexão de S. Tomás de Aquino que vos sensibilizará:

Deus tomou do coração do homem a substância com que devia formar a mulher. Não lha tirou da cabeça, porque ela

não é feita para domínio. Não lha tirou dos pés, porque ela não é feita para a escravidão e para o desprêzo. Tirou-lha do coração, porque ela é feita para amar e ser amada.¹

Estes belos pensamentos mostram-vos claramente o que a fé vê em vós: um ente feito para amar e ser amado. Poder temível e bem doce! sublime grandeza! mas também, imensa responsabilidade!

Uma mulher perdeu a humanidade: Eva. Outra mulher salvou-a: Maria.

Tudo está nisto!

Como aquêle embaixador romano de que fala a história, a mulher traz consigo a paz ou a guerra. E' uma espada de dois gumes, a melhor ou a pior das coisas, um instrumento de vida ou um instrumento de morte. Pode-se ainda dizer que a mulher é semelhante à chama; virtuosa, ilumina, aquece e alegra; perversa, ofusca, queima e devasta.

— Donzela, sois o anjo, a alegria, o sol de vossa família... o sorriso da casa.

— Noiva, mulher, tendes um poder estupendo sôbre o coração que vos escolheu; êle será sempre para vós o coração de um amigo, de um irmão, que se mostrará dócil porque vos ama.

— Mãe, sereis a rainha do lar, e até à morte vossos filhos terão por vós um culto religioso, uma veneração sem limites...

E aí está por que, se o homem é a fôrça que se impõe, a mulher é a autoridade que se faz amar.

Essa estranha influência da mulher ressalta da sua natureza própria, da sua índole, das suas qualidades, e até mesmo dos seus defeitos.

No exterior, algo de mais doce, de mais flexível, de mais maleável, de mais gracioso: uma leveza no andar que toca menos na terra, uma dignidade no porte que se eleva melhor para o céu, uma beleza mais requintada, mais tocante, porque tem mais encantos, porém em compensação menos fôrça; a não ser que a sua própria fraqueza seja o seu extremo poder. Menos forte do que o homem, a mulher é superior ao homem por uma natureza menos material, por

1) Summa Theologica, I p., q. XCI, a. III.

uma faculdade de arrôjo mais viva. E' mais esclarecida nas coisas do coração. E' mais alma do que o homem. Mais humilde e mais terna, e por conseguinte mais religiosa do que o homem, é mais inclinada à oração, mais aberta à caridade e à esperança.

Sente mais do que o homem a nobre necessidade de amar puramente; o seu afeto, menos pessoal, é mais pronto ao sacrificio e a tôdas as dedicações. Quem dirá a fôrça e a ternura, a magnanimidade e o poder do amor materno? Quem lhe dirá as alegrias, a energia, os prodígios?

Há nela algo que fica imolado, mas sempre de pé e invencível, em meio às ruínas do coração...

Generosa no seu amor e não recuando diante de nenhuma fadiga, de uma ternura profunda, de uma constância máscula, capaz de imolar-se em silêncio, risonha através das suas lágrimas, ela conjura a tempestade pela sua própria timidez. Com seu meigo olhar, força o homem e lhe doma a cólera...

Se na mulher há tais dons de espírito, de coração, de alma e de caráter, será que tais poderes, tais tesouros estão nela para ficarem enterrados e estéreis?

Esse coração, essa inteligência, êsse maravilhoso poder de amar, de admirar, de se dedicar, essa sabedoria prudente, êsses dons do espírito e do caráter, essa fôrça na fraqueza, essa energia moral estupenda, tudo, enfim, o que Deus deu à mulher, não indica a *missão abençoada* que ela deve desempenhar no mundo?¹

Eis aí, desenhado em alguns traços, o caráter da mulher. Aí está tudo, a sua fôrça e a sua fraqueza, e justamente essa fraqueza que faz o seu vigor especial e a sua grandeza. Por isso, como é culpada aquela que não reconhece o seu poder ou, antes, que se serve dêle para o mal! Como culpada, também, aquela que deixa dormir, enferrujar-se, fenecer, na apatia, os dons que lhe permitiriam fazer tanto bem à volta de si! Tanto mais quanto não lhe é permitido ser "neutra". A donzela que não serve à verdade serve ao êrro; quando ela marasma no egoísmo, merece a censura; quase se poderia dizer que faz o mal quando não procura fazer o bem...

Para completar êste quadro, é bom analisar o caráter da mulher comparando-o com o do homem. Pelo contraste, ain-

1) Mons. Dupanloup, Carta sôbre a educação das mulheres.

da mais distintamente vereis aí sobressaírem os vossos predicados e os vossos defeitos.

1.º *A mulher é mais disposta à piedade que o homem.* Vêm-se muito mais mulheres do que homens rezar nas igrejas, freqüentar os sacramentos, ocupar-se das obras e ingressar na vida religiosa. E isso verificamos desde o início do cristianismo; as mulheres que seguiam a Cristo são-lhe fiéis até o fim, ao passo que os apóstolos amedrontados fogem.

No caminho do Calvário, vêem-se dois personagens intervir em favor de Jesus: um homem, Simão, carrega a cruz do Salvador porque o forçam a isso; uma mulher, Verônica, enxuga-lhe o rosto com todo o respeito de um anjo, com tôda a piedade de uma santa e com todo o amor de uma mãe.

2.º *A mulher mostra mais fé do que o homem.* Nela não se acharão tão facilmente essas negações orgulhosas... ela crê, tem como que a necessidade de crer.

As verdades que ao homem sucede discutir, e, "pour cause", amiúde discutir, são para a mulher como que pedras talhadas requeridas pelo plano do edifício e que se põem justo no seu lugar.

3.º *A mulher tem, naturalmente, mais coração do que o homem.* Nela, a sensibilidade domina, a delicadeza também: as mais das vêzes, seu coração é teatro da dor, sobretudo quando ela é mãe.

No homem, o amor assemelha-se a uma torrente que transborda e devasta; na mulher, é uma chama que dura e sobe para o céu. Isso dá a ela como que asas; por isso vemo-la dedicar-se sem interêsse, amar sem egoísmo.

Em compensação:

1.º *Quando um homem é piedoso, é-o mais sòlidamente do que a mulher.* Ele vai mais a fundo, vai mais longe; a sua piedade é feita sobretudo de vontade, a da mulher facilmente é sensível. O homem sobreleva em retidão e em sinceridade. Quando se confessa, diz tudo, mostra a alma como um livro aberto. A mulher, essa seria levada a velar certas coisas, a abrir apenas imperfeitamente a sua consciência. Vem daí que, em certos dias, por ocasião de um retiro, por exemplo,

ela possa às vêzes ser obrigada a aditar ao livro das suas confissões páginas inéditas...

2.º *No caminho da perdição, ela vai mais longe do que o homem.* Ela habita facilmente os extremos; para ela, o justo meio termo é difícil de guardar. Quando se entrega ao mal torna-se pior do que o homem e acha requintes a que o homem não é levado.

O pródigo volta por si mesmo; a "ovelha perdida", deve o Bom Pastor ir buscá-la.

Um homem sem Deus pode tornar-se um ente mau; porém uma mulher sem Deus, que se lança sem freio no vício, acha-se exposta a ser um monstro mais temível ainda.

3.º *Tem mais vaidade do que o homem.* Para ela, um vestido, uma moda, uma fita, um chapéu, uma pluma, uma flor, um nada... entusiasma-na e preocupa-na várias semanas.

4.º *E' facilmente invejosa, mesmo sem perceber.* A inveja entra nela com uma sensibilidade insofreável, sai dela por fissuras imperceptíveis, e manifesta-se de mil maneiras.

A sua sensibilidade, facilmente requintada, facilmente vira susceptibilidade; como um bom vinho que vira vinagre; então o rancor chega e, qual depósito calcáreo nas paredes de um vaso, fixa-se-lhe no coração, no qual sufoca o que nêle havia de melhor.

5.º *Enfim, pode tornar-se cruel.* Para ela, a vingança tem doçuras particulares; ela matará a sua vitima a alfinetadas. Quando maldiz ou calunia, é terrível. A língua das mulheres, diz um provérbio chinês, é a sua espada, nunca a deixam elas enferrujar-se.

A mulher é também muito complicada. Alguns ousaram sustentar que ela não tinha alma! Antes pareceria que ela tem várias; uma alma meiga, uma alma tímida, uma alma compassiva, uma alma generosa, uma alma amante e uma alma cruel; alternativamente, pelo menos, excitam-na ou a arrastam sentimentos que assim a fazem parecer.

Eis aí, pois, em resumo, a análise dos predicados e dos defeitos da mulher. A vós agora incumbe o dever de conhecer melhor os vossos defeitos, para vigiá-los, destruí-los, e os vossos predicados, para aperfeiçoá-los, purificá-los, sobrenaturalizá-los.

II. Sois Cristã:

Tendes, pois, uma Fé que deve irradiar.

Acabais de ver que é grande a vossa influência como mulher. Por isso, esplêndido é o vosso papel, com a condição, todavia, de não figurardes entre as "flôres artificiais", mas sim entre as verdadeiras florinhas de Deus. As flôres artificiais apenas encantam os olhos, não têm nenhum perfume; não vivem, são inertes. Vós sêde flôres bem vivas e espalhai em tôrno de vós o bom odor de Jesus Cristo. Isso, aliás, é fácil para quem tem uma fé viva e compreende as obrigações que ela impõe.

O título de cristã acrescenta à donzela o que a luz do dia acrescenta à flor: fá-la resplandecer. Tirai Deus do coração da donzela, e ela ainda será bela, mas de uma beleza tôda profana; não terá essa candura, êsse brilho particular, essa virtude que emana dela e que desarma o vício e a impiedade clamando-lhe: Alto lá! Jesus está aqui! Em vez de levar ao bem, será ela singularmente perturbadora! Não tendo a Deus no coração, não pode comunicá-lo! E no entanto, diz um grande orador, "*a mulher deve dar Deus a todos os que dela se aproximam*".

Para vos mostrar bem os vossos deveres como cristã, hom é frisarmos aqui o que a religião tem feito por vós e o que por ela deveis fazer.

1º O que a religião tem feito pela mulher.

Antes da vinda de Jesus Cristo, que era ela? uma escrava! Nas terras pagãs onde a luz do Evangelho ainda não penetrou, que é ela ainda hoje? um animal doméstico. Compram-na, vendem-na, trocam-na tal qual como um animal de carga. Os missionários, que têm vivido entre os povos selvagens, muita coisa vos poderiam dizer sôbre êste assunto!

No meio de uma sociedade em decomposição, em que a mulher estava reduzida ao estado de abjeção, de cativo físico e moral, apareceu Jesus Cristo. A sua doutrina divina iluminou as trevas e, qual raio benfazejo, purificou as nódoas da humanidade.

No seu belo livro "A Mulher de amanhã", cuja leitura não poderíamos deixar de recomendar muito às donzelas, apresenta uma série de quadros empolgantes que merecem atrair a atenção.

"O cristianismo, diz êle, deu ao homem, ao invés de uma escrava, uma companheira. E a intensidade da fé cristã teve por medida a dignidade reconhecida à mulher. Nela foi que a Religião achou a inteligência mais aberta, a generosidade mais pronta aos sacrifícios; transformada primeiro pelo cristianismo foi que ela se impôs ao homem...

"Não somente a mulher foi a operária da primeira hora, mas, à medida que o cristianismo tomava posse mais plena da sociedade, a sociedade dava um lugar mais alto à mulher; e a influência da mulher tornava o homem melhor".

E, através da história, vê-se a dignidade da mulher ascender ou declinar conforme ascende ou declina a Fé!

Que fé intensa não se tinha na época da cavalaria! Por isso, a mulher de então tornara-se a "dama" a cujos joelhos o cavaleiro se inclinava antes de tomar parte num torneio ou de partir para as Cruzadas!

"O sentimento que ela lhe inspira, diz ainda Étienne Lamy, é o mais puro que haja na lembrança dos homens: é o amor feito piedade, é a graça da mulher respirada de joelhos, de longe, como uma flor de Deus; é a fé, de que a aprovação dessa inteligência, elevada acima das paixões brutais pela própria delicadeza do corpo onde ela vive, é uma proteção e, neste mundo, a mais alta das recompensas".

Bem compreendera a mulher que Cristo lhe trazia a reabilitação e a honra. Por isso, viram-na entusiasmar-se por Aquêle que lhe oferecia essa liberdade e lhe trazia êsse socorro.

2° O que a mulher deve fazer pela religião.

Se se quisesse revolver a História, ver-se-ia que no começo de tôdas as grandes épocas religiosas paira uma forma misteriosa, quase celeste, sob a figura de uma santa!

Foi S. *Helena* quem, ao sair das catacumbas, deu ao antigo mundo romano a cruz por ela reencontrada.

Foi S. *Clotilde* quem a depositou no berço do mundo moderno e quem, convertendo o seu "orgulhoso Sicambro", trouxe a Gália à Fé.

Foi S. *Genevra* quem salvou Paris, e quiçá a França.

Foi S. *Mônica* quem nos deu S. Agostinho.

Foi S. *Joana d'Arc*, pequena pastorinha das lindes da Lorena, quem "botou para fora" o invasor e salvou seu país!

Foram S. *Hildegarda*, S. *Catarina de Sena*, S. *Teresa* que, muito melhor do que a maioria dos doutôres de seu tempo, nos conservaram a tradição de uma filosofia sã e vivificadora.

E assim por diante, através das idades! Voltaire, a quem esse fenômeno admirou, foi obrigado a confessar que "a metade da Europa deve às mulheres o seu cristianismo". E um célebre socialista moderno exclamava: "Onde estiver a mulher, aí estará a vitória..."

E vós, "Filha de Deus", haveríeis de crer que nada podeis fazer, e que não tendes de defender essa Religião que tão bem vos defendeu? Se ainda hoje o catolicismo precisa de vós, vós precisareis d'ele!

O vosso papel não é ensinar, não é elevar vossa voz no meio do século, não! mas é fazer passar a verdade ao coração convertendo-a em amor.

"A missão inspiradora atribuída à mulher é uma missão privada. Cumpre-se no santuário da sociedade doméstica, nas confidências, na efusão das almas, no seio da família, na amizade, no próprio infortúnio que procura consolações, secretas como seus queixumes. A pregação da mulher será menos retumbante, porém mais penetrante. A grande voz que anuncia a verdade através dos séculos compõe-se de duas vozes: a do homem, à qual pertencem os tons estidentes e maiores; a da mulher, que se exala em tons menores, velados, untuosos, cujo silêncio não deixaria à outra voz senão a rudeza da fôrça" (Mons. Gerbet).

Deveis, pois, ser fiel a êsse primeiro dever de pregar a verdade fazendo-a amar. Mas deveis também defendê-la, pois bem sabeis como a atacam em tôda parte.

Dia virá, talvez, em que tereis de protegê-la não tanto em vós mesma como na alma dos entes caros que Deus enviar ao vosso lar. Mulher, espôsa, mãe, então é que deveis velar, é que deveis agir, falar, convencer.

Preparai-vos para essa nobre tarefa. Para isso a educação dos tempos de paz já não basta; hoje em dia a luta está em tôda parte; menos do que nunca vos poderia convir ficar neutra!

Primeiramente, tende convicções sólidas, uma fé baseada em princípios inabaláveis, e para isso estudai-a pela maneira, católica, que consiste em seguir a Igreja, em inspirar-se antes de tudo nas suas vistas, na sua direção. Mas não é o bastante. "As mulheres têm hoje em dia o dever de combater aquilo que lhes combate as crenças. Resta-lhes utilizar, em proveito dessas crenças, a fôrça imensa dos respeitos e dos desdêns, das admirações e das ironias, das solitudes e das friezas, das palavras e dos silêncios que elas podem empregar pró ou contra uma doutrina. Resta-lhes lançar na balança, incerta ainda, o pêso do seu número e da sua coragem". (Lamy).

Quantas vêzes a objeção banal virá sibilar aos vossos ouvidos! E não te:eis então a peito refutá-la? Ah! se soubésseis o pouco de ciência religiosa que, as mais das vêzes, basta para embaraçar a irreligião de muitos homens!

O mesmo autor continua: "Sem pedantismo, sem exagêro, sem procura indiscreta dos debates, mas sem embaraço quando êles lhe passarem ao alcance, e sem recuo se a provocarem, deve a mulher obrigar os defensores das doutrinas adversas a dar suas razões. Pela presteza em refutar os erros, pela vigilância em não se deixar pagar com dinheiro de mau quilate, em recusar as moedas falsas da argumentação, ela tornará a controvérsia mais limitada e mais leal. Empregando com cada um a estratégia oportuna, não esquecerá ela nem a deferência para com os espíritos sérios, que ela

tornará menos certos das suas dúvidas, nem as considerações devidas à boa fé, mas saberá rebentar sem dó nem piedade as opiniões tolas e enfunadas apenas da sua importância, por meio dessas boas alfinetadas que reduzem súbitamente o balão à película”.

Eis aí o que a religião reclama de vós.

Filha de Deus, já não vos bastará olhar como “dilettante” a luta que lavra em tórno de vós; é preciso tomar parte nela, e armas não vos faltam. Batalhai pois! Deus dar-vos-á a vitória!

CAPÍTULO II

VOSSA ALMA.

Quando a noite começa a estender-se por sôbre as vastas solidões do deserto, o Árabe parece concentrar-se e escutar ao longe um ruído que os ouvidos de todos não distinguem. E, se lhe perguntardes em que é que êle pensa, em que é que sonha, êle vos responderá: "Estou escutando o deserto". E, se ainda o assediardes com perguntas, êle irá mais longe nas suas confidências e dir-vos-á: "Estou escutando o deserto porque êle chora; e chora porque quisera ser campina!"

O sacerdote também escuta. Presta ouvido aos ruídos que lhe vêm dêsse grande deserto a que se chama o mundo. Succede-lhe, às vêzes, ouvir lamentos e soluços. São vozes que choram, almas que gemem, porque são áridas, sem flôres, sem frutos, sem céu, sem luz, sem raios!

E por que é que essas almas não têm nenhuma fecundidade? por que é que não são belos prados, jardins risonhos, onde Deus colhe, com o frescor de um amor virginal, flôres de santidade e frutos de salvação? E' porque essas almas não sabem, com altivo arrôjo, elevar-se acima das coisas da terra, desprender-se da ambiência mórbida que as cerca, dêsse corpo que lhes pesa como um manto de chumbo e as retém em baixo. Elas não chegam a pairar, a viver em plena luz, em pleno céu. Como uma pobre borboleta a que se cortaram as asas, elas se arrastam, rastejam, quando deveriam voar.

Dizia um dia um filósofo que a maior parte dos homens não acreditam na morte. Realmente, a vê-los agitar-se, perseguir febrilmente os bens dêste mundo, não aparentam êles agir como se devessem viver eternamente?

O mesmo succede com a alma. Muitos só vivem pelo corpo e para o corpo; quanto à alma, quão poucos pensam nela! Por isso, às vêzes essa "rainha exilada", tratada co-

mo escrava, põe-se a protestar. E' então que se ouvem êsses lamentos e êsses soluços bem mais contristadores do que o são para o Árabe os prantos do deserto.

A alma, centelha divina, precisa de uma atmosfera divina. Deixai-a viver sua vida, não a sufoqueis sob o pêso do corpo, que para ela não passa de uma veste emprestada.

Pensai na vossa alma, pois tendes uma alma! Salvai a vossa alma, pois só tendes uma! Trabalhai para ela, pois ela é imortal, e na eternidade só possuirá os bens que lhe houverdes adquirido neste mundo.

I. Vossa Alma: Sua Grandeza.

Escutai o Cura d'Ars:

As almas, que grande coisa que são! E, no entanto, o século em que estamos concede a elas tão pouco lugar! O inferno liga-se contra ela, o céu em favor dela. O' minha alma, como és grande! Nossa alma está enfaixada no corpo como uma criança nos seus panos, só se lhe vê o rosto. A imagem de Deus reflete-se numa alma pura como o sol na água.

Escutai o Pe. Coubé:

Uma alma é o tesouro do universo. A matéria nada é ao pé dela, nada o sol, nada a estrêla. Ela é a pérola viva, é o diamante pensante. Enquanto não fôr estragada pelo pecado, ela lembra a hóstia, é alva e meiga como a hóstia, só deveria ser tocada por mãos sacerdotais, como a hóstia.

Escutai Mons. d'Hulst:

Uma bela alma basta para motivar a Criação, a Encarnação de tôdas as maravilhas da natureza e da graça. Deus é um artista rico que não recusa a matéria às suas obras-primas.

A alma? mas é uma chama escapada do foco divino, um santuário onde a divindade vem habitar; é o reflexo, a sombra de Deus. Sua origem? é Deus. Seu fim? é Deus. Seu alimentor? é Deus. Seu preço? o sangue de um Deus. Para criar os mundos, uma palavra basta a Deus. Mas, para remir nossas almas, Ele quis morrer!

Jesus dizia: "*Eu saí do Pai e vim a este mundo*". E' essa também a nossa origem, a nossa árvore genealógica. Sim,

somos de raça divina! Nunca o esqueçais. Conservai sempre vossa alma alta, conservai-a pura e conservai-a jovem. Tudo passará, mesmo a frágil beleza a que dais tanto valor. Só vos restará finalmente a beleza da alma, que amareis porque ela é o reflexo imperecível da beleza de Deus.

Sim, vossa alma é uma chama divina acesa no facho divino. Sem ela o homem seria o mais miserável e o mais infeliz dos seres. Ela é a pérola da Criação. É ela que pensa, que canta, que voa, que vibra, que ama. Ela transfigura tudo o que toca. É o pináculo do ser humano. E depois, a alma não envelhece: se a puserdes em contacto com Deus, ela se inebria de uma juventude incessantemente renovada.

Perguntai a Deus o que é uma alma! Ele vos dirá que é a igual dos anjos; que Ele a criou com um sopro, num transporte de amor, e que a fez à sua imagem. Ela é espírito como Ele, como Ele é imortal! Ele se faz chamar na Escritura: "Aquêle que ama as almas"! Dir-vos-á, enfim, que para remi-las quis morrer!

Perguntai aos Santos.

— "O mundo dos corpos, tomado no seu todo, não vale uma só alma" (S. Bernardo).

— "Deus só quer o homem pela alma" (S. Francisco de Sales).

— "Uma alma é uma diocese bastante grande para um bispo" (S. Carlos Borromeu).

— E S. Filipe de Néri dir-vos-á: "Se eu chegasse à porta do céu e me reclamassem na terra para atender a uma alma de pecador, eu deixaria lá toda a corte celeste para ir salvar essa alma".

Perguntai aos apóstolos de todos os tempos! êles vos dirão que deixaram tudo, pai, mãe, família, pátria, aceitaram o exílio em terras longinhas, prontos aos duros labores, a todo penar, até mesmo a derramarem seu sangue para salvar uma alma pagã!

Perguntai ao demônio! Ele vos dirá que esgota toda a sua ciência, todo o seu ódio, que luta cada dia, e que sabe esperar vinte anos, cinquenta anos, uma vida toda se preciso, para ter a horrenda alegria de perder uma alma!

Sendo nossa alma tão bela e tão grande, por que é que, fazendo tanto pelo corpo que deve perecer, se descure essa alma imortal? O corpo é pesado, grosseiro, estorvante, exigente, rebelde. E, à volta de nós, tudo parece levar-nos a desconhecer a rainha para só pensar no escravo. Necessário é, pois, de vez em quando, retomar posse de si, repor cada um no seu lugar e as coisas na ordem; sem o que, o corpo se tornará cada vez mais exigente. Como um sudário, envolverá êle a alma; e esta será obrigada a esconder-se, a encerrar-se, a velar-se, a se fazer pequenina, semelhante a uma centelha enterrada, na cinza.

Não esqueçais, aliás, que, se se consegue escravizar a alma, não se pode reduzi-la ao silêncio. Se, por desgraça, vos sucedesse procurar sufocá-la sob o jugo e o peso do corpo em revolta, ouvi-la-leis, num ponto íntimo do vosso ser, queixar-se, gemer, chorar, clamar! Então, não lhe imponhais como que um globo pneumático para lhe sustar a queixa; escutai-a, Deus é que vos falará por ela.

Uns Judeus vieram um dia pedir ao Conde de Villiers de l'Isle-Adam para fazer um livro em que exaltasse a nação judia e atacasse a religião. Prometiam-lhe um êxito retumbante. O conde então levantou-se, e, como lhe repetissem com insistência: "Que preço deseja?", disse êle olhando em face os seus interlocutores: — "Trinta dinheiros! o preço está fixado desde Judas!"

Se há almas que rastejam, há outras que querem subir, pairar, crescer! E, se em tórno de vós verificais essa dolorosa mediocridade em que tantas almas se mantêm, vós, ao menos, abri vossas asas, alçai vosso vôo e elevai-vos!

II. Vossa Alma: Seu Ideal.

1º Que é o ideal?

O ideal é a flama do nosso pensamento, que brilha e ilumina tôda a nossa vida; é o farol que devêmos sempre manter e tornar cada vez mais luminoso, a fim de que a sua simples presença baste para nos conduzir ou nos reconduzir pelo reto caminho.

O ideal é uma força, a grande força; é uma paixão, e por conseguinte uma potência. Já o teremos sentido muitas vezes em seguida a um contacto mais íntimo com Deus, num retiro, após uma grande emoção. Tem-se êle pôsto a brilhar vasto e profundo, no céu de nossa alma, condensando tôdas as idéias numa só, e encarnando-se numa resolução mais enérgica e mais firme.

O ideal é como um sol que ilumina e aquece tôda uma vida, que faz ver claro e belo na existência, e que a transforma. Apagai êsse sol, todo o vosso ser recairá na sombra, ficareis triste, sentireis frio. Pelo contrário, deixai-vos empolgar, deixai-vos hipnotizar por êle: sua influência servos-á preciosa, pois êle vos fará andar na luz e numa vida intensa.

O ideal é a isca de que Deus se serve para atrair a Si! E' alguma coisa que os olhos não vêem, que os sentidos não tocam, mas que brilha, alumia e guia. E' como que um reflexo escapado ao sol divino. Sem êle, a alma não vive, vegeta; não anda, arrasta-se; não sobe, hesita, escorrega e cai. Mas com êle, e sempre mais bem excitada pela sua claridade, eleva-se, arroja-se e atinge até à beleza suprema.

2º Precisais de um ideal.

Nos nossos dias, muitas vezes falta à juventude o ideal. Muitas almas se obstinam em permanecer banais, e cingem seus esforços a seguir a rotina tranqüila por onde passa a multidão. Consignam-no escritores modernos: "*Não há mais flama nos olhos da nossa geração*", exclama Daudet. "*Um vento de cemitério sopra sobre o nosso século... isso cheira à morte de uma ponta à outra da Europa*", con-signa E. de Vogué.

O Pe. Vuillermet, dirigindo-se a moços, lhes diz:

Precisamos de uma estrêla polar, para a qual, mesmo nas horas mais sombrias, possamos dirigir os nossos olhares. Nossa vida necessita de um escopo preciso, de um centro único, que sirva de ponto de junção para todos os surtos generosos de nossa alma. Tende sempre diante dos olhos um ideal, contemplai-o, estudai-o, deixai-vos empolgar por êle! Amai-o apaixonadamente, loucamente. Então, estendidas

tôdas as velas ao vento que sopra do largo, ganhais o alto mar! E' o único meio de fazer alguma coisa e de ser alguém.

Aonde iremos findar, com efeito, se não temos finalidade? Nada acharemos se nada procurarmos. Semelhantes ao navegador imprudente que toma o mar numa noite sombria, sem levar nem mapa, nem bússola, andaremos na vida sem sabermos aonde vamos, impelidos pelo capricho e arrastados pelas influências mais contraditórias.

Ter um ideal é ter uma razão de viver, é também um meio de viver uma vida mais plena e mais alta.

3º Qualidades desse ideal.

a) *Seja belo o vosso ideal, seja grande, seja sublime!* Deixai o vosso coração apaixonar-se d'ele, isso vos permitirá ser menos tentada pelas miragens enganadoras das cobiças humanas. Deixai-o dilatar vossa alma e transportá-la para bem alto, lá onde aspirareis o ar puro dos píncaros. Então vereis a vossos pés as mil vaidades da terra; e se um dia vos der o desejo de tornar a descer a ela, dizei-vos que para isso *será preciso abaixar-vos!*

b) *Seja verdadeiro o vosso ideal*, segundo a vossa condição, as vossas forças e o vosso temperamento. Seja simples e bem determinado. Tanto quanto possível, fazei-o convergir para em tórno da vossa virtude dominante; é a vossa principal força e o vosso poder mais precioso.

c) *Enfim, seja claro, brilhante, luminoso o vosso ideal*, nada de esbatido nem de vago; concretizai-o, se o puderdes, nalgumas palavras, numa fórmula, num lema.

— "*Deus o quer*", diziam os cruzados, e essas três palavras levantaram a Europa.

— "*Ou sofrer ou morrer*", dizia S. Teresa, e ela morreu de amor!

— "*Meu Deus, meu dever, e avante!*" diz o cristão.

— "*Passar os mares, salvar uma alma, morrer mártir*", diz o missionário.

Eis aqui o lema que uma môça, ardente e generosa, adotou ao sair de um retiro:

"*Vibra, luta, sofre, ama, morre!*"

Vibra, isto é, não sejas um ser sem vida, sem impulsos, sem ideal! Porém, qual harpa eólia, desfira tua alma, sob o arco divino ou mesmo, às vêzes, sob a rude carícia do sofrimento, sons ao mesmo tempo possantísimos e dulcíssimos.

Luta, isto é, não esqueças que, se "*a vida do homem é um combate*", como diz a Escritura, a vida de uma jovem cristã deve ser cheia de lutas também, e tanto mais numerosas quanto mais profundamente apegada à sua fé e ao seu dever quiser ela ser. Lutas exteriores, lutas íntimas (as mais duras!). Seu coração será um verdadeiro campo de batalha, mas é isso que faz bem e que forja as almas!

Sofre. A luta acarreta o sofrimento, pois há sempre dentro de nós algo que se recusa ao combate. Além das dores que a vida nos traz, e ante as quais importa saber pronunciar não somente o "*Fiat*" da resignação, mas o "*Obrigado*" do amor, há outras que a alma que vibra, que luta e que ama querera se impor, porque não se pode amar sem sofrer, e o sacrifício é o perfume e a assinatura do amor.

Ama. Sim, ama a Deus, ama teu próximo, ama os pobres, ama os infelizes, ama as almas! Ama, isto é, sai de ti, deixa teu coração prodigalizar em tôrno de ti seus eflúvios, sê a alegria, o sorriso, o raio de sol daqueles com quem deves viver. Como aquêlê mártir cuja língua haviam cortado e que com seu sangue escrevia na azeia "*Credo*", escreve tu em tua vida, por teus atos: "Meu Deus, eu vos amo!"

Morre. Quando se passou a vida a sofrer, a lutar, a amar, a morte já não deve mais meter medo. Ela é "*o Eco da vida*", o trânsito para uma existência melhor, onde Deus nos espera com a coroa reservada para quem combateu bem: a aproximação dela traz, antes, a alegria e como que um antegôzo da felicidade celeste.

III. Vossa Alma: Sua Fôrça.

De uma mulher, Judite, diz a Escritura estas belas palavras: "És a honra de nosso povo, porque agiste virilmente e teu coração foi cheio de valentia!"

Agir virilmente! ser valente! não é esse o vosso sonho? E, se é esse o vosso sonho, não quereis vivê-lo e realizá-lo?

Que é a fôrça? E' a coragem nas provações, a calma no perigo, é também a paciência na dor. Ser forte, ó jovem cristã, é ter a alma nas mãos e o céu no coração! Ser forte é ir ao dever, suportar-lhe o magnífico jugo, e permanecer-lhe sempre fiel.

O dever! quanta coisa bela esta simples palavra exprime! Quando a gente lhe tem o culto, quando a gente se lhe torna o glorioso escravo, assemelha-se aos rochedos que as vagas vêm bater, mas que jamais poderão abalar.

1º Que é o dever?

O dever é a *expressão da vontade de Deus*. Nem um só minuto da vossa vida deixará êle de se erguer diante de vós, impondo-se. Apresenta-se a vós como uma ordem transmitida à consciência da parte d'Aquele que tem todo direito sobre vós e que com justa razão reclama a honra da vossa obediência.

O dever é a senha! Para um soldado, a senha é sagrada; essa palavra resume tudo, não admite hesitação nenhuma, deve-se ir a ela custe o que custar, mesmo se a morte está na ponta.

O dever é a água gelada em que se mergulha o ferro encandecido para temperá-lo; êle ferve, parece gemer, mas sai formado, acerado, resistente, pode tornar-se uma espada.

O dever é a fornalha ardente em que se faz penetrar o ferro que a ferrugem devorava e que resistia a tóda formação; êle sai dela brilhante, puro, maleável sob a mão que o quer trabalhar. E' duro, mas é grande, mas é belo, mas é santo (Palhêtas de ouro).

2º Como se deve cumpri-lo?

a) *Alegremente*. — Se vos desobrigardes dêle murmurando, com ar enfadado, como uma escolar que cumpre o seu castigo, como o escravo que obedece à ameaça, êle vos parecerá pesadíssimo e, por isto, difficilimo. Ao passo que, cumprindo-o com alegria, com decisão, de pleno gôsto, com tóda a vossa alma, êle vos será leve, e as dificuldades se aplanarão.

O dever, diz um autor, não tem necessariamente um rosto enjoado: muitas vêzes chama-se sacrificio, abnegação, mas

também tem o nome de amor, de ternura, e então alivia todos os pesos, tem asas.

b) *Com espirito de fé.* — Quando o negligenciamos, desobedecemos a Deus, aparentamos queixar-nos d'êle, desprezá-lo. Aos olhos de uma verdadeira cristã, sendo o dever uma ordem vinda do céu, tôda discussão cessa para ela, tôda murmuração se extingue. Remontando aos principios, ela diz a si que só tem deveres porque Deus tem direitos sôbre ela. Na idéia de Deus acha a razão de tudo, e ante ela inclina-se com amor.

Tende, pois, o culto do dever, porque é a vontade de Deus. Destarte, já não há a considerar se o dever agrada ou desagrada, se é grande ou pequeno, divertido ou aborrecido. Deus está nêle, é tudo (P. Olivaint).

Sim, cada dever é, de algum modo, como que uma parcelinha de hóstia; contém Deus.

c) *Com simplicidade.* — Sem vos preocupardes com o futuro, sem vos preocupardes com as conseqüências que d'êle resultarão para vós.

Um homem de coragem, diz La Bruyère, pensa cumprir o seu dever mais ou menos como o telhador pensa em telhar; nem um nem outro procuram expor a vida, nem tão pouco são desviados pelo perigo; a morte, para êles, é um inconveniente do officio, jamais um obstáculo.

d) *Com amor.* — *A gente não conta, quando ama!*" dizia uma mãe a quem perguntavam quantos filhos tinha para criar. E é verdade. Portanto, se amardes o vosso dever e aquêles por quem êle se impõe a vós, êle se vos tornará leve e fácil. Então, ireis mesmo até o ponto de cumpri-lo cantando, sorrindo; e segui-lo-eis mui naturalmente, mesmo quando êle conduzir aos cimos, exigindo os mais penosos esforços.

e) *Com generosidade.* — Quando tiverdes adquirido bem a convicção de que o dever é uma ordem de Deus, ireis a êle desassombradamente, generosamente, mesmo se êle custar, mesmo se vos fizer sangrar o coração; porque vos comprazereis em pensar que Deus se acha no fim da tarefa cumprida, para vos abençoar e recompensar.

Sucede mesmo, às vêzes, que o dever reclame heroísmo; ora o heroísmo da paciência que leva a verter a própria

vida gôta a gôta, ora o heroísmo da coragem que a faz verter de um só jato; porquanto o heroísmo não é senão a exaltação, ou — o que é ainda mais belo — a alta perfeição do dever.

Ele é fácil quando é brilhante; então o entusiasmo embriaga e arrasta; mas, quando êle é secreto, desbotado, frio, monótono, às vêzes é bem duro.

E' fácil quando é curto; mas, se exige uma continuidade de esforços semi-número e uma perseverança que nada deverá deter, então pesa.

E' fácil quando é doce! Mas por vêzes é erigido de dificuldades, e não é sem uma espécie de martírio que êle é seguido até o fim com invencível coragem.

Êle ser-vos-á tornado mais fácil se o aceitardes como um jugo que o Senhor vos impõe; então a graça do Senhor agirá e o tornará doce à vossa fraqueza.

O dever tem, pois, suas obscuridades e seus mistérios, tem suas monotonias e suas intérrminas longuras, tem mesmo suas amarguras e suas agonias, mas, como diz um pregador moderno:

O dever é uma realeza. Deve-se dizer: "Sua Majestade o Dever". Êle está plantado como uma magnífica bandeira que jamais capitula ou recua. Plantou-o Deus ufanamente nas alturas da consciência humana. Cumpre segui-lo no caminho do sacrifício.

"Faze o que deves, suceda o que suceder", diziam os velhos cavaleiros. Há alegria e fôrça nessa divisa. Seja ela a vossa! Sim, no dever saboreareis a alegria, a verdadeira alegria, a alegria da consciência que vos diz: "Fizeste bem, estou contente contigo". Nêle achareis também a fôrça, porquanto, sacrificando tudo ao vosso dever, forjais para vós uma alma de ferro, uma vontade de aço. Precisareis de coragem para isso, é verdade; mas Deus a dá aos que lha pedem.

No dia da entrada dos alemães numa cidade do Norte, um banqueiro entra em casa e diz à filha: "Êles vão pedir a chave do cofre; que devo fazer? dá-la ou deixar-me matar?" E a filha de dezoito anos respondeu-lhe: "Não há

dúvida, papai, o Sr. deve deixar-se matar, é o seu dever!"

Que culto do dever tinha essa menina!

Tende-vo, também vós, semelhantemente ancorado na alma! Fazer seu dever uma vez, não é nada; fazê-lo constantemente, é bom! fazê-lo com simplicidade, sem hesitação, até o fim, é ótimo! Porém fazer mais do que o seu dever, sempre, é heróico!

IV. O olho de Deus em vossa alma.

1º *Que é a consciência?*

Diz o Pe. Gratry que é:

Essa fôrça que no fundo de nossa alma nos ordena o bem e, por um impulso irresistível, nos impele para a justiça e para a verdade; essa fôrça clarividente que quebranta e reprime o nosso coração; essa fôrça casta e pura que nos retém em face do mal, nos trava e nos detém; essa fôrça irritada que se levanta e não quer mais calar-se quando o mal é cometido, que vibra e berra sob o próprio esforço tentado para abafá-la. Essa fôrça é a voz de Deus que nos propõe a todo instante a questão de moral e a sua prova!

Noutros termos, a consciência é *o olho de Deus na alma do homem*, é o eco da voz de Deus que nos fala pela nossa razão.

E' uma testemunha a quem nada escapa, que tudo vê, que ouve tudo, que perscruta tudo e que se lembra.

E' um juiz que não podemos corromper, que fica sendo espectador dos nossos atos para registá-los e levá-los um dia ao tribunal de Deus.

Enfim, *é um executor de justiça* a que se não pode escapar. A consciência em nós é soberana, calma, invencível, incorruptível; quando ela diz: "Bem fizeste", a doçura consoladora da sua aprovação basta; ela anima ou consola. Mas, se é calcada aos pés, se a vontade demasiado fraca desobedece num momento de covardia ou de surpresa, ela então se ergue, implacável vingadora, algoz terrível que tortura e não pe.doa. A sua tortura chama-se o remorso. Quando no deserto o leão dilacera a presa, farto e contente dor-

1) Santa Catarina de Sena chama-lhe o "cão de guarda" da alma.

me. Quando um ser humano, sobretudo um cristão, pratica uma ação má, vela, tem medo, não dorme mais. Se quiser abafar essa voz interior, não o poderá; para isso teria que se abafar a si mesmo.

E não é tudo. Se se estuda a consciência do ponto de vista do papel que ela desempenha na vida, pode-se ainda dizer dela que é um avisador, um freio e um estimulante.

Com efeito, ela *adverte* dos perigos que a alma pode correr. Muitas vezes, uma voz misteriosa se lhe faz ouvir, que lhe diz: Toma cuidado! E' a voz da consciência que vela.

Ademais, ela retém nos declives fatais. Há horas de vertigem em que tudo parece soçobrar, em que a fascinação atrai com violência tal, que todo o ser desembesta... faz-se negro na alma... uma cabeçada, e pronto! Mas a gente sente então como que um freio que aperta, que tenta reagir e que nos detém à borda do abismo. E' ainda a consciência.

Enfim, ela impele ao bem, e *estimula* pelas suas aprovações tão doces ou pelas suas censuras ardentes. E nisso, igualmente, quanto é preciso o seu concurso!

2º Seus três vereditos.

Ela fala, pois, porque, em última análise, ela é que manda à vontade. E pode dizer três coisas:

a) *Faze isso, é bom.* — Quando ela fala e aponta o caminho, fica-se tranqüilo; êsse caminho, que é o do dever, conduz sempre a Deus, ao mérito, à recompensa.

b) *Não faças isso, é mau!* — Passar além é pecar, é tornar-se culpado, transgredindo a lei. E essa lei da consciência é a que deve ser obedecida antes de tôdas as outras.

c) *Faze o que quiseres.* — Sucede, com efeito, achar-se a gente às vezes em presença de duas coisas igualmente lícitas, de dois caminhos igualmente bons ou julgados tais. Nesse caso, a regra é escolher com tôda liberdade. Mas uma verdadeira cristã o fará sempre da maneira que lhe parecer mais digna de Deus. Um campônio dizia: "Interrogai a vossa consciência; a consciência vale por um padre".

Vós também, antes de agirdes, interrogai sempre a vossa; a voz dela é a voz do próprio Deus; seguindo-a, nunca vos

enganareis, e tereis sempre a alegria, tão consoladora e tão doce, da sua aprovação.

3º Seus três castigos.

Quando não se obedece à consciência, *a êsse instinto divino, a essa voz celeste* que canta e proclama em nós a lei de Deus, ela tem três modos de punir e de castigar: a perturbação, o remorso e o silêncio.

A *perturbação* é êsse mal-estar que acompanha a falta, que faz a gente temer, ter medo.

O *remorso* é o ôlho implacável que perseguia Caim até no túmulo.

Na escuridão das noites como sob os raios do claro sol do meio-dia, nas vossas ocupações absorventes como no meio dos vossos sonhos, o remorso ergue-se diante de vós, exprobrando-vos os vossos desfalecimentos e as vossas covardias. A sua espada fria e cortante fura-vos ferozmente o coração e fá-lo aturar torturas de agonia. Visão e palavra de Deus após o crime, êle é inevitável e terrível. Êsse castigo vos perseguirá por tôda parte, e essa voz da consciência não a fareis calar. Tentai cloroformizar essa divina paciente servindo-lhe a mentira em pequena dose, a fim de vos aproveitardes do seu sono! Essa filha de Deus em nós tem a vida dura, e não a matareis (Pe. Vuillermet).

O que é ainda mais terrível que o remorso é o *silêncio*. O primeiro é uma graça, é um apêlo, um socorro, uma punição misericordiosa. Mas o silêncio de Deus! o silêncio da consciência... uma lira quebrada que não ressoa mais, que não vibra mais! Tremei, se nunca ouvís mais ecoar em vós, doce ou terrível, a voz de Deus! porquanto, como disse o Pe. Monsabré:

Deus nunca se retira de nós, nós é que nos retiramos dêle. Êle não se vai embora quando nós o esquecemos ou quando lhe declaramos guerra; fica, olhando-nos fazer as nossas tolices. Mas às vêzes Êle se cala e se abstém, e eis o que é terrível.

4º Como formar a consciência.

Para formá-la é preciso dar-lhe idéias fortes e idéias claras.

As idéias fortes são convicções. Sem elas nada é sólido, nada é duradouro. Reduzida a fórmulas vagas, a um certo sentimentalismo religioso que nada tem de profundo nem de estável, a lei acaba por fundir-se, nas lutas da vida, como a neve ao sol.

As idéias claras não são menos necessárias. *Eu sou a Verdade*, disse o Mestre, *e a Verdade vos libertará*. Antes de tudo, pois, no que concerne ao proceder, é preciso ver verdadeiro, é preciso ver claro. A verdade não admite certos entrajões que a desfiguram, repele o que é inexato, exagerado, vago, mesquinho, todo êrro que germina numa consciência mal formada e que faz ver o pecado onde êle não está, e que o nega ou o atenua quando fôra mister assinalá-lo bem. Oh! quantas consciências deturpadas, errôneas, falsificadas, hesitantes, porque mal esclarecidas, porque falhas de princípios ou fazendo-lhes mal a aplicação! Cumpre que, aos olhos da vossa, o bem e o mal sejam nitidamente determinados; do contrário a vontade tateia e não sabe para onde se dirigir. À vossa alma, à vossa consciência, proporcionai, pois, a clara luz da verdade.

Para que a vossa consciência seja bem formada, eis o que é preciso fazer:

a) *Instrui-la*. "Aprendamos primeiro a pensar, dizia Pascal; é o fundamento da moral". E' mister, pois, habituar-se a pensar sãmente sôbre as coisas da consciência, conhecê-la, saber como ela age, o que é que a faz progredir, o que é que a ajuda, o que é que a prejudica ou poderia obscurecê-la; ter sôbre a Fé, sôbre a nossa responsabilidade, sôbre tôda a nossa vida moral, as luzes de uma santa doutrina. Sendo a consciência "a ciência do coração", mister se torna possuir essa ciência, e para isto não é lógico instruir-se sôbre ela? A cada instante na vida apresentam-se "casos de consciência" que devemos saber resolver. Sem dúvida, às vêzes podem-se pedir luzes aos depositários da verdade divina; porém as mais das vêzes é necessário saber achar em si mesmo uma resposta clara a essas questões que se propõem com urgência.

Além dos princípios primordiais e naturais impressos no

coração, há os preceitos positivos e os conselhos. Cumpre, pois, conhecê-los e distingui-los com oportunidade. A vossa consciência deve ser justa e certa, isto é, conforme a tôdas as leis que podem atingi-la; enfim, deve ser capaz de vos dizer, sem receio de enganar-se: isto é permitido, isto é proibido. Mas, para instrui-la e formá-la, não bastaria vos contentardes com a pequena bagagem dada pela educação na família; precisais também escutar a explicação da palavra de Deus e, se puderdes, afeiçoar-vos à leitura de certos livros próprios para esclarecer a consciência e para dar ao juízo uma base sólida.

b) *Segui-la sempre quando é reta. — Tudo o que não é segundo a consciência é pecado*, diz S. Paulo. Interrogai-a, pois, como convém, e fazei-a reinar sôbre a vossa vida; seja ela para vós uma luz que ilumine as vossas dúvidas, uma fôrça nos dias da luta, e uma consolação quando o dever exigir sacrifícios penosos. *Respeitai-a; escutai-a; segui-a*; porquanto, segundo a palavra do Pe. de Ravignan: *Tudo passa, mas a consciência fica!*

Diz um erudito autor: Todo homem, no início da vida, começa por ser uma individualidade muito egoísta e mui sensual, obedecendo só aos seus interesses e prazeres. Nessa idade, conduzem-no pelo temor, pelo castigo ou pelo atrativo de uma recompensa. Aos poucos, à medida que a razão sacode os cueiros em que estava sepultada, a idéia do dever e da consciência aparece qual deslumbrante aurora, transformando a vida tôda.

O' jovem cristã, tende sempre, no céu da vossa alma, as esplêndidas claridades dessa aurora; andai constantemente à luz benéfica que a consciência projetará sôbre o vosso caminho, mostrando-vos o dever.

Um soldado, no início da guerra, depois de se confessar, lá se ia alegremente para o "front". Como alguém lhe desejasse uma alegre volta, êle respondeu com um sorriso: *"Voltar?... Ah! não me incomodo com isso, agora que tenho a consciência tranqüila!"*

Vós também, tende sempre a consciência tranqüila, é a única felicidade segura neste mundo, e a melhor preparação para os dias duradouros do outro.

CAPITULO III

VOSSO CORAÇÃO: SEU VALOR, SEU PODER.

Lacordaire disse: "Se eu tivesse de erguer altares a alguma coisa de humano, preferiria adorar o pó do coração a adorar o pó do gênio".

Realmente, se os grandes gênios se fazem admirar, como tais não provocam o afeto. Ao passo que os que vibraram, os que deixaram após si uma esteira luminosa, os que se-mearam o bem no seu caminho, tiveram obras que os fizeram venerar, revelando a nobreza e a generosidade do coração que as inspirou.

Vêde S. Vicente de Paulo; de que sublimidade de sentimentos, de que coração não provinha a sua inteligência do pobre! de que sensibilidade requintada a sua caridade não trazia o cunho!

Vêde S. Joana d'Arc; se lhe analisardes o coração de criança, o coração de virgem, o coração de guerreira e de mártir, que fôrça, que plenitude, que beleza!

E vós também tendes no peito um coração ardente que hate depressa e forte, que pode impelir-vos às ações mais heróicas.

E também tendes um coração viril e terno, capaz de imolação e de entusiasmo pelas grandes causas, pelos pensamentos nobres; segui-o em demanda d'esses fins sublimes, o amor é que faz os salvadores.

Tudo se pode quando se ama. Amai pois! amai o que se deve amar e como se deve amar. Amai a Deus, as almas, os pobres, os infelizes, os que sofrem, os que choram. Tende um coração "*grande como o mundo, alto como as estrêlas, como o céu*". Com êsse coração, também vós fareis grandes coisas, mesmo se o vosso lugar neste mundo e o vosso papel ficarem sendo bem humildes.

Um santo disse: "O homem é uma alma que tem um coração a dar". Isso é verdade sobretudo na vossa idade; em plena juventude, sois "tôda coração"; amável para todos, tendes uma necessidade intensa de amar. Sois como um raio de sol. Podeis iluminar e aquecer as almas em tórno de vós. Não se fala aqui da sensualidade que mata o coração, nem do sensibilismo que o atrofia e o diminui, mas do coração que tem uma bondade requintada, forte, generosa e constante! Esse coração será a vossa riqueza, e, mesmo no meio dos sofrimentos, das provações e dos infortúnios que vos aguardam, podereis repetir esta palavra de um soldado ferido a quem haviam amputado todos os membros: "*E' verdade, já não tenho nem pernas nem braços, mas ainda tenho todo o meu coração*".

S. Ambrósio disse: "Nada é tão útil como ser amado". Pode-se também dizer que nada é tão útil como amar.

"As almas se medem pelo que amam. Quantas vêzes não vemos almas até então comuníssimas, encerradas como crisálidas numa vida banal, tomar asas às irradiações súbitas de um amor nobre, de uma paixão pura? A pessoa ama; desde então se dá, sacrifica-se, canta como as aves, sorri como a primavera. E' uma verdadeira revelação" (Pe. Hubert).

Ademais, se alguns hão querido "*laicizar o amor*", é bom mostrar que a religião o divinizou! "*Deus é amor*", disse S. João! E esse Deus, que exige O amemos "*de todo o nosso coração*", não se mostra ao mundo sob o símbolo de um coração — "O Sagrado Coração"? Vêde os santos: não foram fornalhas de amor e benfeitores sublimes da humanidade? A realza do coração sagrou-os com uma glória imensa!

Dai às virgens, aos apóstolos, aos doutôres, aos mártires um coração frio, merencório, sem vida... tirai da sua existência o que nela pôs de grandeza um amor apaixonado, um coração de fogo: que seriam êles?... bons cristãos, talvez, porém jamais grandes santos!

"O coração, diz Léon Rimbault, recebeu de Deus o privilégio de suprir os sacramentos quando impossível se torna recebê-los.

— “Estais numa ilha deserta. Ides morrer sem batismo. Mas tendes um coração! Tirais dêle um suspiro, eis-vos regenerado, salvo!

— “Estais na agonia. A lembrança de uma falta grave vos tortura. Nenhum padre está lá para absolver-vos. Mas tendes um coração, tirais dêle uma lágrima, um grito de arrependimento, estais justificado!

— “Estais diante do tabernáculo fechado; não é mais a hora da comunhão, mas tendes o desejo desta, e dizeis: “Meu Deus, amo-vos, minha alma suspira por vós, vinde e descei ao meu coração”. Fazeis assim a comunhão espiritual”.

Eis aí as grandezas do coração humano! O coração é a melhor parte de vós mesma, ou, melhor, é tôda vós mesma.

Ide! com êsse coração, se êle fôr bem puro, sereis umas valentes, sereis umas santas, sereis também umas salvadoras!

I. Um motor a dirigir: A sensibilidade.

1º Seu papel.

Vistes, durante a guerra, os aviões, leves pássaros, elevar-se nos ares e librar-se a alturas de águia, para cumprirem o seu dever de defesa ou de destruição. E' o motor que os levanta, que os arrasta e os mantém no espaço, que os transporta aos céus. Se êle funciona bem, se está normal, é o alar-se ousado, a subida rápida, o “vol plané”, a liberdade em pleno céu. Se êle não anda, se se quebra, é a morte fulminante da ave ferida que vem spatifar-se no solo.

Vós também tendes um motor que vos pode elevar bem alto ou fazer-vos cair bem baixo; mecanismo delicadíssimo e fortíssimo, fonte de energia, êle vos transportará às altas esferas do devotamento ou vos deixará cair nas lamas do egoísmo ou do vício. Êsse motor, como adiviniais, é o vosso coração.

Vossa alma é um instrumento. Suas faculdades são-lhe as cordas, tôdas cantam. Algumas dessas cordas podem ser falsas! Atenção. Não pendais demais para a esquerda, seria a *secura* e a *frieza*; nem demais para a direita, seria a *susceptibilidade*.

Entre as vossas faculdades, grande papel desempenha a sensibilidade; finíssima, delicadíssima, ela precisa ser cuidada mais do que as outras, pois pode produzir efeitos bem diferentes, conforme seja regulada ou não.

2º Efeitos maus.

a) *A perturbação.* — Sob o efeito de uma impressão viva, sentimos em nós uma espécie de mal-estar. O coração é balançado, não há mais calma, a perturbação começa. Sentem-se influências especiais que fazem ora subir aos cimos da tempestade, ora descer às profundezas de um triste desespero. A imaginação gera monstros no nosso espírito fatigado, alucinado; é uma verdadeira fantasmagoria!

b) *A desordem.* — Fazem-se romances por um nada, os devaneios viram fatos incontestáveis; vêem-se e julgam-se os outros de maneira estranha; há algo de desequilibrado que impede a boa marcha do ser todo.

O sistema nervoso, que desempenha um papel preponderante na vossa vida sensitiva, precisa pois ser vigiado e mantido em perfeito equilíbrio: do contrário, não tardaria a provocar uma excitação doentia. Cumpre, pois, evitar as emoções que seriam para vós como um narcótico capaz de adormecer por um instante o sistema nervoso, mas que o superexcitam e produzem desordens sem fim.

c) *A suspeita.* — Arrazoamos, dezarrazoamos sôbre tudo, acreditamos o mais sinceramente do mundo que cada um nos espia, nos quer mal! E acabamos por ficar persuadido disso, como a criança fica persuadida de que há fantasmas escondidos na sombra.

d) *A susceptibilidade.* — Um nada abate, um nada exalta; não estamos na posse de nós mesmo, é como uma moita de espinhos, ninguém ousa mais aproximar-se de nós.

e) *A desigualdade de humor.* — Quando a impressão é boa, estamos na alegria, somos amável; se é má, estamos triste, sombrio, maçado, desgostamo-nos e desgostamos os outros. Fazemos o bem como o mal, por capricho, conforme o impulso do momento.

f) *As faltas.* — Se a gente não sabe reconduzir a si a calma e dominar as emoções, o pecado acaba por transbordar de tôdas as partes: faltas de caridade, palavras amargas, impaciências, murmurações, antipatias, inveja, etc.

g) *Na prática.* — Na prática, seremos amável de encantar; mas vem o amor-próprio a ser ferido? então o bem vira mal, o prêto vira branco, tudo muda.

Sofre a gente uma censura? talvez possa dominar-se, mas no coração roncará a tempestade, a cólera brilhará nos olhos. Se a luta interior é forte demais, a gente chorará, desolar-se-á, irá até ao desalento.

E' a contradição que sobrevém? ou se lhe responderá por um desprezador e orgulhoso desdém, ou então se alimentará um rancor tenaz que transparecerá a propósito de tudo.

Eis aí, em resúmo, até aonde pode a gente chegar quando se deixa dominar pelas próprias impressões.

3º *Bons efeitos.*

Mas felizmente há uma contrapartida possível e mesmo feliz. E' quando recebemos de Deus uma sensibilidade muito apurada, da qual, com o auxilio da graça, nos sabemos servir bem.

a) *Somos levado a fazer o bem.* — Sob a ação de uma impressão viva, mesmo penosa, o coração é excitado e achasse pronto para a ação. Longe de se assemelhar a essas grandes almofadas de penas que a gente sacode sem deslocá-las, êle imita a cavalgadura que pula sob a chicotada. O coração sensível sofre à vista de um sofrimento; sabe compadecer-se e amenizar as dores dos outros. Precisa sair de si mesmo, dedicar-se, dispensar-se, sacrificar-se.

b) *Sabemos convencer.* — Uma sensibilidade requintada é dotada de uma eloquência particular a que nada resiste. Com ela, a pessoa sabe instruir, agradar e sensibilizar. Desde que ela se mostra, a pessoa compreende melhor, faz-se compreender melhor, é o coração que fala ao coração.

c) *Somos generosos.* — O coração sensível não pode encontrar uma dor sem consolá-la, testemunhar uma lágrima sem enxugá-la, achar-se em face do infortúnio sem socor-

rê-lo. E, quando se perlustra essa trilha sob o olhar de Deus, vai-se com alegria até aos maiores sacrifícios.

d) *Atingimos facilmente a santidade.* — Todos os santos, ou quase todos, tiveram uma sensibilidade profunda. Será mister falar da de Jesus? da de Maria? “Tesouro inestimável de simpatia, diz o Pe. Faber, ela é a melhor base para uma grande graça de caridade, revela-lhe tôdas as profundezas e tôdas as delicadezas. E’ infalível nos seus instintos para as coisas celestes. Torna-nos mais especialmente capaz de compreender a Deus, de aprender cada toque da sua graça e de, por um sentimento de mal-estar, reconhecer o mais ligeiro desvio da sua vontade; tendo o sofrimento por privilégio, faz-nos suspirar no nosso exílio, proporcionando-nos alegrias que são as melhores consolações dêste”.

4º *Que fazer para tirar partido dela?*

a) *Não procurar sufocá-la.* — A sensibilidade é um instrumento delicado; quebrá-lo, a pretêxto de que êle se desarranja facilmente, seria um crime, uma loucura. Pelo contrário, o desígnio do Criador é que nos sirvamos dela com cuidado.

E, depois, não se torna insensível quem quer! Seria um êrro enorme tentá-lo; com isso, aliás, não se ganharia senão uma diminuição insignificante dos sofrimentos da vida, e perder-se-ia muito.

b) *Não segui-la nas suas manifestações excessivas.* — O Pe. Joyard dava a êste respeito os conselhos seguintes: “Eu vos quereria, no moral, um pouco mais paquiderme. Sentis demais os pequenos nada, os pequenos melindres da vossa sensibilidade. Mostrai boa cara apesar dos melindres interiores. Nos momentos difíceis, ostentai uma boa cabeça, uma cabeça que não deixe ver nada dêsses vis sentimentos que devem ficar nos subsolos. Vivei em paz e andai elevando bastante o pé para não topar na menor pedra. Quando sentirdes vivamente um pequeno nada, zombai um pouco de vós mesma, e dizei-vos que é preciso, a todo custo, endurecer uma epiderme tão impressionável. O importante é que, nas vossas apreciações e em todo o vosso proceder, deis

sempre algum desconto, e mesmo muito, sôbre aquilo que vos parece ser a realidade e não passa do exagêro involuntário, inocente, mas enfim do exagêro de tudo”.

c) *Dar-lhe um alimento conveniente.* — Um coração sensível tem particular necessidade de amar e de se dedicar. Ame, pois, a Deus, e ao próximo em Deus e por Deus. Sim, deixai-o assim amar fortemente, puramente; será a sua fôrça. Mas levai-o, ao mesmo tempo, a agir, lançai-o na trilha da caridade e do apostolado, êle fará milagres!

d) *Não julgá-la necessária nas nossas relações com Deus.* — O Pe. Schryvers, falando do papel do sentimento na vida cristã, escreve estas linhas que é bom meditar: “Embora escravo e infinitamente abaixo da vontade, não obstante o sentimento aspira a ocupar o primeiro lugar. Sobejas vêzes o consegue na maioria das almas piedosas. Aquêle que se quer dar a Deus deve repor a sensibilidade no seu verdadeiro lugar, que é o último, e não se deixar influenciar pelos seus gemidos e queixas.

“A obra da santificação é questão da vontade ajudada pela graça. O sentimento, se fôr governado, pode vir a ser um auxiliar útil. Se se permitir usurpar o papel da vontade, ou se simplesmente se imiscuir nas atribuições dela, torna-se um inimigo que é preciso combater... Deus não pede excluirmos o sensível, muitas vêzes mesmo concede a consolação e provoca a emoção. Mas quer que lhe não liguemos importância, e que nos dias de secura não imagine-mos que Êle retirou à alma a sua bondade paternal”.

e) *Bem dirigi-la.* — Quando se sente mal impressionada, a sensibilidade conturba-se e sente vir a tempestade. Que fazer então? Imitar o comandante de navio que, à chegada da procela, lança a âncora e dobra as velas. Vós também, quando preciso, lançai a âncora no bom lugar, no próprio coração de Deus; dobrai as velas, sabeis calar-vos e esperar tranqüilamente que o vendaval tenha passado.

f) *Seguir a razão e a fé.* — Devem elas dirigir, regular, dominar as vossas impressões. Sem a primeira, o “animal racional” que é o homem não realiza a parte principal da sua definição. E sabeis que, sem a segunda, sem as ins-

pirações que ela fornece, se falha ao único fim digno de ser demandado.

Eis aí, em resumo, os perigos que podeis correr e os grandes bens que podeis realizar por essa faculdade preciosa que Deus tão generosamente vos outorgou. Compete a vós saber-vos servir bem dela.

5º *Sois jovem.*

Lacordaire disse:

A juventude é um bellissimo momento na vida. Criança, ainda não se tem bastante sensibilidade nem conhecimento das coisas, nada é profundo. Na idade madura, sabe-se demais, já não se agrada tanto, o coração menos solicitado e mais circunspecto já não dá nem recebe tanto. Mas, entre os vinte e os trinta anos, quantos sonhos! Que plenitude! Somos tão depressa amado e tão depressa amamos!

Quando se é jovem, não se duvida de nada, nem de si nem dos outros. O perigo é como que desconhecido, ou, se é notado, procura-se vencê-lo, às vêzes mesmo êle atrai. O impossível é uma palavra que só se pronuncia com um sorriso. A imaginação é viva, a sensibilidade extrema, a vontade pronta, a confiança absoluta. A cabeça agita-se depressa, a alma vibra, e o coração, todo de ouro, não sabe recusar o dom do seu amor. A gente se enternece sôbre todos os infortúnios, inflama-se por tôdas as nobres causas, tem inspirações sublimes, delicadezas encantadoras e tesouros de afeto que só pede é prodigalizar em tôrno de si. Por isso, que ardor, que impetuosidade, que entusiasmo, que vida, que fôrça!

Conservai preciosamente essa juventude da alma, e tereis uma energia que se renovará incessantemente. Então, também, tereis a paixão do bem sob tôdas as formas, o otimismo que não se desalenta com a tentação, com o fracasso e mesmo com a falta; o entusiasmo, o arrôjo do coração, o ardor conquistador, a generosidade dos nobres sentimentos, a procura da ação heróica, a perseverança, a dedicação, o sacrifício, a firmeza do caráter que triunfa do obstáculo e se enrija no sofrimento, a esperança ainda mes-

mo quando tudo parecer perdido, enfim, a disposição juvenil e alegre que floresce na eterna primavera das almas.

Contudo, tomai cuidado!

“Vossas qualidades amantes que vos impelem a dar-vos por tôda parte, acentuam em vós o perigo de serdes inconstantes. No vosso natural desejo de ser de todos apaixonadamente, muitas vêzes perdeis o poder de resistir a alguma coisa e a alguém. Sois, assim, por instinto, o que se poderia chamar de almas sucessivas, susceptíveis de impressões vivíssimas e de sentimentos fortíssimos, capazes, de passagem, de atos virtuosos superiores, mas dispersos na vida como pérolas, prontas a todos os extremos conforme o atrativo do dia, e às vêzes mesmo sem atrativos, por simples necessidade de oposição. Jamais o bem da véspera é em vós uma garantia segura contra a pesada falta do dia seguinte” (Tissier).

Nada é misterioso e forte como um coração jovem! Nada, também, é mais assustador, porquanto, “como numa fronteira onde tudo se encontra, os vícios aí confinam com as virtudes”.

Os grandes pensamentos, os nobres devotamentos, o próprio heroísmo, podem germinar nêle, como também, lamentavelmente, ai! o egoísmo e a volúpia!

A juventude vive num movimento perpétuo, sempre inaplacado.

Não sejais, menina, “essa ventoinha leviana nos topos dos telhados, que gira sem tempestade, sob as simples emoções da brisa que a afaga”, mas sim sabeis fixar a vossa juventude e o vosso coração em dois amôres nobres e viris: o amor de Deus e o amor das almas.

6º Sois mulher.

A mulher, diz um filósofo cristão, acha nas suas inclinações uma grande vitalidade afetiva, uma necessidade quase fatal de amor e de paixão. Apaixona-se pelo dever tanto como pelo prazer, pelo ideal tanto como pelas frivolidades, e a sua vida afetiva pode concentrar-se num egoísmo feroz ou expandir-se em maravilhosos devotamentos. Esses sêres ardentes, atormentados pela necessidade de agir, são igual-

mente capazes do extremo no bem e no mal, serão facilmente santas ou celeradas.

O coração domina em vós. Ele vos salva ou vos condena; é o principal móbil dos vossos atos, a vossa grande força e também a vossa grande fraqueza. E' como que uma adivinhação, um instinto que, as mais das vêzes, desempenha em vós o papel que a razão desempenha no homem.

A vivacidade extrema dos vossos atrativos ou repugnâncias influi inevitavelmente nas vossas idéias e afetos.

"Mais do que o homem, a mulher é emotividade e vibração. E dever-nos-emos admirar? Não. Vossos tecidos mais delicados, vossos nervos mais tênues, vosso coração mais sensível, mais ardente, mais profundo, vossa imaginação mais móvel e mais viva, fazem de vós como que uma harpa eólia! Poucas mulheres querem e sabem pensar. Tôdas, voluntariamente ou não, vibram, porque tôdas são apaixonadas" (*Les Vaillantes du Devoir*, p. 74).

7º Vigiai o motor!

Daí resulta que, se a vossa natureza é cheia de riquezas, é também cheia de loucuras. Haverá sempre em vós oscilações entre o bem e o mal. Após um ato de devotamento sublime, surpreendereis o vosso coração solicitado por afetos indignos dêle; e às vêzes será rude labor o repô-lo no lugar, o acalmá-lo e quebrar os liames que, talvez sem o saber, êle terá formado. Então, derramareis lágrimas, lágrimas dos vossos olhos, lágrimas do vosso coração também, lágrimas de sangue estas.

Vigiai, pois, êsse coração, guardai-o porque êle é frágil e porque vossa alma está em perigo com êle. Tarefa tal será às vêzes bem difícil. Não importa! é preciso! sem isso depressa vos tornaríeis um perfume evaporado, uma flor murcha, um anjo sem asas. Já não seríeis livre, mas escrava... e, qual pobre pássaro a que tivessem vazado os olhos e cortado as asas, levaríeis uma vida triste e desolada numa horrível prisão.

Diz-se às vêzes: *O coração é que faz mal à cabeça.* Isso nem sempre é verdade. Muitas vêzes é a cabeça que começa a fazer mal ao coração.

“O coração nunca faz senão o seu mister, faça o que fizer e vá para onde fôr. Se êle se desvia, é a cabeça, é a razão que não faz o seu mister. O vapor não faz senão o seu mister empurrando o pistão, para qualquer lado que se abra a gaveta; e, se a máquina descarrila ou explode, não é a ela que se deve culpar, mesmo se ela mata o maquinista, é a êle. Êle podia e devia moderar a tensão do vapor ou regular-lhe o emprêgo. O coração, como o vapor, é uma fôrça cega, a cabeça é que deve conduzi-lo. O coração, abandonado sem contrôle ao azar das impressões e ao impulso cego dos instintos, fará mal à cabeça e a si mesmo e aos outros; e, quanto mais vida houver num coração, tanto maior será o mal se faltar a boa direção” (Antonino Eymieu).

Embora agradecendo a Deus ter-vos dado um coração rico em amor e rico em paixões que podeis utilizar, guardai de memória esta liçãozinha de filosofia e tomai tento com o vapor!

II. Uma louca a vigiar: A imaginação.

1º *Seu retrato.*

Ei-lo traçado pela pena experiente de um moralista:

Nunca se dirá o bastante sôbre ela, nem para bem nem para mal. Oh! pessoa engraçada! Tôda gente a conhece, porque quem é que não tem tido de se queixar dela mais do que se louvar? Ela entra em tôda parte com uma indiscricção revoltante. Precisamos dela, impossível prescindir dela, ela bem sabe disso e abusa.

A imaginação é uma faculdade que tem por função especial conservar no nosso cérebro a impressão de uma multidão de imagens, percebidas pelos órgãos da nossa sensibilidade nos objetos exteriores que nos cercam.

Não é sômente uma chapa sensível onde vêm imprimir-se as figuras do mundo corporal, mas mantém um verdadeiro museu, um armazém de pinturas, um “atelier” de fotografias, e conserva os “clichés”!

Sabemos também que de vez em quando ela se diverte em baralhar êsses “clichés”, em misturá-los, em superpô-los, em tirar provas ora maravilhosas, ora horrivelmente monstruosas, como poderia fazer um macaco brincando com as

25 letras do alfabeto. E, se a poesia lhe deve as suas mais sublimes criações, à conta dela é que se devem lançar as estúpidas incoerências da loucura, da alucinação e do sonho.

Oh! pessoa vil ou preciosa! Quando quer trabalhar convenientemente a serviço das suas duas patroas, a inteligência e a vontade, tudo vai bem. Mas também, desde que cessamos de vigiá-la, de dirigi-la, que espantoso aranzel! E Deus sabe se ela não é ativa e se não gosta de baralhar as cartas, com suas coleções de gravuras, desde que as patroas fecham o olho ou ineptamente lhe outorgam umas férias, que ela emprega sempre, de maneira deplorável, em transtornar todo o seu bazar de "clichés" fotográficos, como uma verdadeira louca!

2º Como se servir da imaginação?

Um dom de Deus (e à imaginação é um) nunca é fatal, tudo está em saber servir-se d'ele. Verdade é que essa faculdade é usurpadora, que tende a fazer imposições às outras faculdades, que muitas vêzes se serve de um vidro de aumento e às vêzes de um vidro colorante, que lhe permite lançar nos personagens e nas coisas côres e tons estranhos; que quereis? é uma louca. Os loucos a gente os enclausura; mas essa louca não a podeis aprisionar, ela se evadirá sempre por alguma saída. Atacá-la de frente? brutalizá-la? Não, não obtereis nenhum resultado. Contornai a dificuldade. Ao invés de vos ocupardes dela, ocupai-vos das faculdades, suas vizinhas, e desenvolvei-as em detrimento da imaginação. Cultivai sèriamente a vossa inteligência, aprendei a formar o vosso juízo, a equilibrar bem a vossa razão, e acabareis por lhe fazer perder a sua preponderância, por acalmá-la e amortecê-la; assim ela se tornará obediente e dócil e vos prestará inestimáveis serviços.

Colocada entre a vontade e os sentidos, não deve ela nem se deixar dominar por êstes, nem se libertar do império daquela. Quando quiser agir sòzinha e sem contrôle, não deixará de sofrer a escravidão dos sentidos, e então poderá levar a bem longe numa trilha funesta. Importa, pois, antes de tudo fortalecer a vontade, dar-lhe a autoridade e a firmeza de que ela necessita para governar a imaginação e vigiá-la incessantemente.

Vigiai-a, pois; porquanto, se a deixardes brotar a seu talante, ela crescerá como uma erva louca, e mais tarde far-vos-á sofrer um verdadeiro martírio. Se ela tiver excesso de atividade, deveis desconfiar dela, e tentar restabelecer o equilíbrio.

Sem falar do papel considerável que desempenha nas tentações (faculdade material, ela sofre as injúrias da concupiscência), sabeis que é ela que desperta as ilusões, essas miragens decepcionantes que falseiam e desnaturalizam tudo, e também os desvaneios, mais ou menos sentimentais, que nos transplantam a meios onde nunca teremos de viver.

Vigiai-a, mas não tenteis comprimi-la. Imitai a mãe que, em vez de conservar ao pé de si, no seu quarto, o filhinho turbulento, manda-o brincar no jardim. No quarto êle quebraria tudo; no jardim, pode folgar à vontade, sob a vigilância da mãe que o olha pela janela. Deixai, pois, à vossa imaginação uma certa latitude, mas haja sempre um olho para vigiá-la e uma mão para retê-la se ela procurar evadir-se.

Em resumo:

Se ela exagerar certas coisas, certos fatos, reduzi-os a justas proporções.

Se ela vos arrastar nos seus devaneios, cortai rente com ela e tornai à realidade.

Se interpretar mal os atos de que sois objeto, aumentando-os por gôsto, vigiai-lhe os desvios e, se preciso, reprimi-a.

Se provocar em vós uma impressão muito forte, deixai os nervos acalmarem-se, e esperai pela calma para agirdes.

Se ela procurar intervir nos vossos negócios espirituais, embrulhando-os pelos seus desejos impacientes e desarrazoados, reponde-a no seu lugar, tranqüilamente, por um ato de vontade, sem quererdes segui-la no labirinto das suas construções fantásticas.

Numa palavra, dominai-a, e nunca lhe suporteis a tirania. Esforçai-vos por viver de vontade, por crer mais nos vossos atos do que nos vossos sentimentos.

A imaginação é um dom do Criador, não vos queixeis das dificuldades que ela suscita, sabeis somente dirigi-la bem.

III. Fôrças a governar: As paixões

1º *O que é a paixão.*

Aqui, sobretudo, é preciso ser claro. Sôbre êste assunto delicado há demasiadas idéias falsas. Só a verdade é que importa; só ela é perfeitamente bela e consoladora.

Assim explica um filósofo cristão o jôgo da paixão:

E' um fenômeno psicológico que, engodado por um desejo qualquer do espírito ou dos sentidos, remonta ao ápice do espírito pela idéia fixa, aí se mantém em permanência, aí se desenvolve e se enriquece às custas de tôdas as outras idéias; depois desce de lá como uma avalanche para o organismo, aglomerando a si tôdas as energias afetivas e varrendo todos os obstáculos à sua passagem.

Há, pois, do lado da inteligência, como que uma idéia fixa que brilha e domina sôbre tôdas as outras, e, do lado dos sentidos, uma emoção que absorve em seu proveito tôdas as energias. Essa idéia fixa, essa emoção que a paixão produz no organismo, não tardam a gerar uma fôrça que arrasta tudo se nenhuma outra sobrevier para dominá-la e guiá-la.

Desta indicação, fácil é concluir que aqui a paixão não é entendida no sentido unicamente desfavorável que se lhe empresta ordinariamente.

2º *A paixão não é um mal.*

Quantas almas amedrontadas, sentindo ferver em si energias latentes, se conturbam, e quase se censurariam por elas como por uma falta!

Mas não! Considerada em si mesma, a paixão não é nem boa nem má; só se torna boa ou má escolhendo o seu objeto e esposando a moralidade que êle apresenta.

E' verdade que muitas vêzes temos de gemer com os malfeitos das paixões e de sofrer com os seus arrebatamentos. Mas permanece certo, entretanto, que elas são simples fôrças cegas; por si mesmas, apenas são capazes de lançar-se instintivamente sôbre o seu objeto, se o encontram, ou, às vês-

zes, de reclamar a grandes gritos o seu pábulo. Não esqueçais, entretanto, que a pobre criatura humana vê juntar-se às suas pobres febres a febre de uma triste herança dos ancestrais. Pensai também em que, por sua vez, as faltas pessoais têm vindo trazer o seu arrastamento, às vezes mesmo a sua velocidade adquirida.

Enfim, com tudo isso se acham as lavas da concupiscência que o pecado original depositou em cada alma. E' muito mais do que se faz mister para vos manterdes alerta, dizendo-vos que em vós mesma tendes como que um pequeno vulcão que dorme.

Mas isto não passa de um aviso útil, e de modo algum é o sinal de uma triste culpabilidade.

Não tendes, pois, senão que reter na mente o que é nitidamente expresso nestas linhas:

A paixão é má quando toma por fim o prazer, decidida a lhe sacrificar o bem; é boa quando demanda o bem, ainda quando necessário fôra sacrificar-lhe o prazer. A primeira é degradante, insaciável e dolorosa; a segunda é bela, nobilitante, radiosa na alegria e na verdade (Eymieu).

Um romancista moderno escreveu: "Deus cria fôrças, e o homem, no seu livre arbítrio, emprega-as no bem ou no mal. E, como Deus é uno e indivisível na sua onipotência, dá-se com as paixões o que se dá com os outros elementos: nenhuma é má em si; são alavancas. O homem serve-se delas bem ou mal, pertence-lhe o seu livre arbítrio". A torrente, o vapor, a electricidade, tôdas essas fôrças que a natureza nos entrega, acaso procuramos destruí-las a pretêxto de poderem tornar-se um perigo? Não; açambarcamos-la, regulamo-las, domamo-las sob o freio de uma vontade superior. O mundo falseou o têrmo paixão; quase sempre é êle empregado para designar as borrascas e tempestades do ser inferior. Na realidade, êle significa pròpriamente um movimento, uma fôrça, cuja aplicação depende da iniciativa pessoal, como tudo o que é da alçada da vontade.

Êsses abalos possantes, essas atividades às vezes febris, essas emotividades da alma para fugir ao mal ou procurar o bem, são um dom de Deus, admirável pela mesma razão que

os outros; saibamos reconhecê-lo e agradecê-lo ao seu autor. Procuremos, sobretudo, usar dêle sempre para a glória de Deus.

Fachos potentes, as paixões iluminam ou provocam incêndios; espadas de dois gumes, defendem ou ferem; torrentes impetuosas, devastam ou dão uma fonte profunda de energia; enfim, corcéis fogosos, carregam para as alturas da virtude ou precipitam nos abismos. Mas, retende de memória que a sua impetuosidade vos está sujeita na medida em que o souberdes exigir delas; aliás, a fôrça divina aí está sempre para vos ajudar nisso.

3º *Que fazemos das nossas paixões?*¹

a) *Não devemos nem extingui-las nem destruí-las.* — Que espetáculo o de um coração em que tôda paixão morre! Um tição que apenas fumeja! um sol apagado! um prado tornado um deserto! Seria isto êsse coração criado por Deus tão terno, tão belo, tão vibrante?

b) *Não devemos satisfazê-las nos seus apetites desordenados.* — Abandonar a própria vida aos caprichos desenfreados da carne e da imaginação é deixar-vos amarrar sôbre um animal feroso que vos levará, sem resistência, a tristes lugares. Queremos satisfazer e ao mesmo tempo aplacar tôdas as cobiças obsessoras que se agitam perpétuamente na carne de pecado, impossível e desesperador esforço é êste.

c) *Importa aprender a conduzi-las e a empregá-las bem.* — Não vos queixeis de terdes uma natureza ardente. Todos os santos amaram a Deus com ardor apaixonado. Lembrai-vos desta palavra de S. Teresa: “Eu morreria de ciúme se soubesse que há no mundo uma alma que ame a Deus mais do que eu!”

Só a paixão estimulada arrasta ao caminho das ambições sublimes! Dizia o Cura d’Ars: “Deve-se ir a Deus como uma bala de canhão!” Sim, e isso, sem recuo, sem detença, sem desvio, em disparada!

Só a paixão induz às obras de zêlo. — Não têm uma grande paixão no coração êsses milhares de apóstolos que lá se

1) Resumimos aqui a magistral doutrina de Léon Rimbault (*Les Vaillantes du Devoir*).

vão viver e morrer nas plagas longínquas para darem almas a seu Deus?

Só a paixão nos torna capaz de suportar corajosamente as grandes tristezas. — A vida cristã é um combate, e as cruzes mais pesadas são sempre para aquêles que mais amam. O coração precisa de uma paixão para não succumbir à tarefa e para ficar sempre de pé, como Maria, ao pé da cruz!

Escutai o Pe. Lacordaire:

Não vos assusteis, pois, se sentirdes referverem em vós paixões ardentes. Longe de por isso quererdes mal ao Criador que permitiu que os instintos inferiores opusessem resistência aos vossos mais santos desejos, agradecei-lhe. Esses obstáculos, diz S. Tomás, são para a virtude ocasião perpétua de aperfeiçoar-se, de subir a um vigor, a uma intensidade que ela nunca atingiria se não fôsse obrigada a essa luta. Possuímos nas nossas paixões uma alavanca poderosa para arredar as dificuldades que encontramos nos caminhos do bem; um estimulante que excitará as fôrças de nossas almas cada vez que se tratar de cumprir uma boa ação e de executar outra mais perfeita, que requeira mais energia e mais decisão.

E, numa carta a um môço, escrevia êle:

Não vos queixeis das vossas paixões, elas são uma fôrça; para isso há só que as volver para o bem. Deus vos dá sempre o poder de vencê-las. Dizeis que tendes, não sangue, mas fogo no sangue. Tanto melhor. É eu também tenho ouvido o rugido do leão, tenho-lhe sentido a garra pousar-se-me nos ombros. Ai daquele que só tem leite nas veias! Esse se santifica, por assim dizer, sem méritos, porque vive sem lutas e não tem vitórias a ganhar. *Um homem sem paixões nunca passará de um homem de ndda!*

Uns há que, verificando o ardor das suas paixões, se afligem com isso! Estão errados. Sem dúvida, quanto mais paixões se têm tanto mais se sofre; é essa, porém, uma razão para nos queixarmos daquilo que iria fazer a nossa fôrça, o nosso merecimento e a nossa glória?

Sêde, pois, umas valentes! Tende, como Joana d'Arc, essas ternuras, essas firmezas, essas sinceridades quentes, êsses

lances magníficos, êsses entusiasmos gloriosos gerados só pelas paixões nobres e santas.

Quando a gente adormece, sem entusiasmo, sem nenhuma paixão nobre no coração, torna-se uma nulidade, uma poeira vaga e imponderável que desaparece sem deixar vestígios. E, se Deus, finalmente, abre seu céu a uma alma tão preguiçosa que nada fêz ou quase nada, sua misericórdia será duas vêzes compaixão.

Sim, quanto mais paixões tiverdes, isto é, quanto mais impulso, quanto mais energias latentes, tanto mais profundamente Deus terá imprimido em vós o seu cunho. Os grandes Santos foram uns grandes apaixonados. Se a vossa alma tiver sido assim fortemente temperada, é que Deus tem vistas sôbre ela; Êle vos pedirá algo mais do que a outros. A vida ferve em vós, como a saúde num corpo jovem e robusto, como a seiva que faz estalar as árvores na primavera; e haveríeis de temê-la como se ela fôsse antes de tudo um perigo? Não, as paixões, durante a vossa vida tôda, servos-ão antes preciosas, visto como, se a vossa humildade lho pedir, Deus vos dará sempre o que é preciso ao vosso coração para contê-las e governá-las.

IV. Uma necessidade do coração: A amizade cristã.

Tendes um coração, e é para vos servirdes dêle. A êste respeito, talvez tenhais lido e ouvido tanta coisa contraditória, que algumas justas precisões se tornam necessárias.

1º Só se deve amar a Deus?

*Que qualquer outro amor que não vós mesma
Por vosso fogo seja consumido!*

Estas palavras da cantiga em voga necessitam de explicação.

Por querer demais fazer de anjo, acabamos por fazer de animal, disse Pascal

Amemos a Deus acima de tudo, sim; mas, com Êle, há também criaturas que o afeto deve honrar. Todos os seres que têm meios de amar têm também necessidade de amor,

e não é justo recusar-lhes êsse amor. O pai, a mãe, o espôso, a espôsa, o filho, os parentes, os amigos, todos o reclamam pelo título que é o seu; têm a isso um direito particular que não pode ser desconhecido. Dia virá para vós, pelo menos é de supor, em que Deus vos mostrará em que coração tereis de apoiar o vosso até o túmulo; designando-vo-lo, Êle vos obrigará a amá-lo. Tendes junto de vós (desejo-vo-la) uma amiga sincera e franca. A essa também tendes que corresponder por um amor verdadeiro.

Não se deve comprimir a natureza, ela explodiria. Deve-se evitar encolhê-la se não quisermos que ela se deforme. Mas o que a Fé cristã impõe merece ainda mais ser notado, quando ela nos fala do próprio amor de Deus.

O abade Perreyve diz:

A santidade em nada afeta as puras afeições da terra. Os santos não tendem a amar só a Deus à fôrça de a ninguém amarem, mas sim a amar a todos mais do que a si mesmos, à fôrça de amarem a Deus mais do que a tudo.

E Lacordaire acrescenta:

Seria singular que o cristianismo, fundado no amor de Deus e dos homens, só redundasse na secura da alma por tudo o que não é Deus!

Não julgueis, pois, oportuno sufocar a natureza por sob a graça, nem a razão por sob a fé, nem o que deve ser humano por sob o sentimento cristão mal compreendido. Isso seria apenas a desordem mais deplorável, seria mesmo um grande mal.

2ª Santidade da amizade.

a) *E' a paixão das almas generosas.* — “Quando se tem o coração amante, é em si mesmo que se vive principalmente, não num ensimesmamento egoísta, mas nesse retiro santo do coração onde um único outro ser basta, onde a gente se incomoda pouco com a multidão; onde o exterior nada é. Em tôdas as grandes e nobres almas é essa a paixão” (Lacordaire).

b) *E' uma recompensa divina.* — “Rara e divina coisa é a amizade, sinal seguro de uma grande alma, e a mais alta das recompensas visíveis ligadas à virtude” (Lacordaire).

c) *E' uma virtude.* — “S. Paulo, censurando o desvario dos gentios, acusa-os de terem sido sem afeto; e S. Tomás, como todos os bons filósofos, confessa que a amizade é uma virtude. A perfeição, pois, não consiste em não ter amizade, mas em não a ter senão boa, santa e sagrada” (S. Francisco de Sales).

d) *Não prejudica o amor de Deus.* — Vários vos dirão talvez que não se deve ter nenhuma espécie de “afeição particular”, porque isso ocupa o coração e distrai a mente; mas êsses se enganam. Os que estão em comunidade não precisam de “amizade particular”; mas os que estão no mundo têm necessidade dela para se socorrerem uns aos outros por entre as dificuldades da vida. Os que caminham na planície (em comunidade) não precisam dar-se a mão: mas os que estão em caminhos escabrosos e escorregadios entre-ajudam-se um ao outro para caminharem seguramente” (S. Francisco de Sales).

“A vida dos Santos, a começar por Nosso Senhor, é cheia e animada de semelhantes afetos. Ninguém dirá jamais, penso eu, que Nosso Senhor não amava S. João e Madalena com ternura e predileção” (Lacordaire).

3º Amizades de Jesus.

Jesus amava S. João. O Evangelho nos diz: *Havia na Ceia um dos discípulos que repousava no seio de Jesus; era o discípulo a quem Jesus amava.* — Deixando tombar a cabeça sôbre o peito de Jesus, João perguntou-lhe: “Quem é, Senhor?”

Jesus amava Lázaro. Diz o Evangelho: *Ora, Jesus amava Marta e Maria e Lázaro... Tendo chegado ao lugar onde Jesus estava, Maria caiu-lhe aos pés. Vendo que ela chorava, e vendo chorar também os Judeus que tinham vindo com ela, Jesus estremeceu e perturbou-se também. E disse: “Onde o collocastes? Eles lhe disseram: “Senhor, vinde e vêde!” E Jesus chorou. Os judeus disseram entre si: “Vêde como elle o amava!”* A ternura transborda dêste relato: como pode a gente lê-lo sem chorar?

Jesus amava Maria Madalena. *Maria virou-se, diz ainda o Evangelho, e viu Jesus em pé; porém ella não sabia que era*

Ele. Jesus lhe disse: "Mulher, por que chorais?" E ela, pensando que era o jardineiro, lhe disse: "Senhor, se fostes vós que o tirastes, dizei-me onde o pusestes, e eu o apanharei". Jesus lhe disse: "Maria..." Voltando-se, Maria lhe disse: "Mestre!" E' considerado provável, embora o Evangelho não o diga, que a primeira aparição de Jesus foi a sua Santa Mãe. Mas, em seguida, Ele apareceu primeiro a Maria Madalena.

Há nisso, diz Lacordaire, um abismo em que o estilo do homem não pode penetrar mais do que o pode o seu coração. Compreendo-o a meio, entrevejo-o, adoro-o, e, se mais não posso, ao menos me detenho sempre, com uma reflexão que me enternece, sôbre esta palavra: "Êle appareceu primeiro a Maria Madalena!"

Vós, também, adorai, sem procurar compreender, êsse amor de Deus a algumas de suas criaturas.

Mas dizei-vos igualmente que nenhuma delas é excluída dêle. Em consequência, precatai-vos bem de quererdes fazer diversamente do próprio Deus; isso seria coisa de uma alma em que dominam a segura, o egoísmo e o orgulho.

4º *A amiga perversa.*

Um prelado de pena brilhante fêz o retrato dessa "boa" amiga, indelicada e perversa. No seu livro "As jovens", p. 205, põe êle o que segue sob a pena de um tio velho:

Eu preferia ver-te em presença do próprio diabo, hediondo e chifrudo, a ver-te na companhia da pérfida criatura que te vai inocular o mal. Imagino às vêzes que Satanás, desejoso de perder almas, chega do fundo do inferno, expirando fumaça e fogo, horrivelmente calcinado, convulso, deformado, exalando um cheiro insuportável de enxôfre e de chamusco. Pára no vestíbulo desta terra e, olhando-se num espelho, diz consigo: "Sou feio demais!" Então se barbeia, tira os chifres, depõe a máscara, esconde a cauda, rói as unhas, penteia-se, caracteriza-se, pinta-se, tinge-se, perfuma-se, veste-se de homem, de mulher, de dançarina e mesmo de môça honesta, e depois, ora de chapéu de noite na mão e de sorriso nos lábios, ora de vestido decotado, ora em

traje de cidade, ora em traje de campo ou de casa, colhe em multidão as pobres almas, que nunca se teriam deixado colhêr se tivessem desconfiado com quem tratavam.

5° A amiga cristã.

Não é do diabo encarnado que precisais, mas sim de uma amiga, piedosa, boa, caridosa, fiel, pura, dedicada, sincera, prudente e, sobretudo, de uma amiga que vos ame bastante para poder desempenhar junto a vós o papel de um anjo da guarda... Se quizerdes procurar bem entre as vossas companheiras, achareis essa amiga. Mas, antes de lhe abrires o vosso coração, escolhei-a entre mil, pois ela deve ser:

a) *Dedicada*, quer dizer, não desejar a sua própria satisfação, mas sim o vosso bem, de ambas. *Amar*, disse Leibniz, é *colocar a própria felicidade na felicidade de outro*. Esta sublime definição da amizade dispensa comentários; compreende-se desde o seu enunciado, ou então nunca se compreenderá.

b) *Pura*. -- O verdadeiro amor está na alma, não está nos sentidos.

Não vos deixeis seduzir por essas afeições moles cujo fim todo é uma vã satisfação dos sentidos, fugitiva como a fumaça, como ela amarga (Lacordaire).

c) *Confiante*. — A amizade é a união de duas almas. Essa união exige a confiança mútua, uma verdadeira intimidade. Cumpre que a vossa amiga possa ler no vosso coração, e vós no dela, como num livro aberto.

d) *Finalmente, deve ela procurar antes de tudo a perfeição das almas*. — Amar-se por alguns encantos exteriores é pequeno, é baixo, é mesquinho, é curto demais. O encanto passa e a amizade morre. A gente se ama um pouco... muito... apaixonadamente, e do apaixonadamente cai depressa no "absolutamente nada"!...

Portanto, antes de tudo deveis considerar vossas duas almas, ajudar-vos mutuamente na trilha da perfeição, corrigir-vos mutuamente dos vossos defeitos, advertir-vos, dar-vos conselhos, e, quais duas heras, agarrar-vos ao grande carvalho que é Deus, devendo Deus ser aquêle a quem cada uma das duas amigas ame acima de tudo.

“Um amigo, exclama o Pe. Didon, é um ente que nunca duvida de vós: é um ente que não vos pede nada e que está pronto a vos dar tudo; é um terra-nova que se atira à água para vos pescar; é um cão que salta à garganta dos que vos atacam; é um ser clarividente que tem a coragem de vos dizer: fazes mal! é um coração largo que esquece e que perdoa; é um ente que se compromete para vos servir; é a pérola no fundo dos mares!”

Que valor o de uma amizade assim compreendida! Duas almas que se fundem, duas inteligências que têm os mesmos pensamentos, dois corações que têm os mesmos sentimentos, duas vontades que têm os mesmos desejos, as mesmas energias, quem dirá o poder que isso dá, a fôrça moral que isso produz?

— Um jovem soldado ferido escrevia ao amigo, a quem convertera: “Hoje saí pela primeira vez ao jardim e colhi flôres. Envio-tas. Levá-las-ás ao altar da SS. Virgem, quando desceres para o repouso. Elas estarão murchas, mas pedirás à SS. Virgem que minha alma nunca emurcheça, e a tua tão pouco. Não te preocupes comigo, meu caro Fred. Sofro muito com a nossa separação, mas pouco com a minha ferida. Aqui a gente está bem. Mas eu preferiria comer macaco contigo, perto dos Boches, do que frango aqui. O que me falta é a comunhão. Tu comungarás por mim, queres? Minha cama me faz mal quando penso em ti na trincheira. Envergonho-me de estar tão bem quando tu estás tão mal”.

Êles tombaram juntos num dia de ataque. O mais môço, ferido primeiro, disse ao amigo curvado sôbre êle: “Fred, ó meu Jesus!... e dizer que eu não verei a vitória! Abraçame. Vai, cumpre o teu dever! Oh, suplico-te, trata de ir-te juntar comigo lá em cima, perto do bom Jesus!...”

Tal é a amizade cristã! Pode-se achar na nossa triste terra algo mais belo, maior? ela nada tem em si a não ser de nobre e de puro; é feita sobretudo de esquecimento de si e de dedicação.

Um filósofo pagão pôde dizer: “Procuro um amigo a fim de ter alguém por quem possa morrer”. Até ai deve ir a amizade cristã!

CAPITULO IV

VOSSA VONTADE.

Ser alguém! Ter uma vontade! Ser um caráter! Saber aceitar o dever, todo o dever, e ir a êle custe o que custar, através de tudo! Ir a êle não somente custe o que custar, mas porque custa! Ter uma grande alma, firme, apaixonada de querer, maleável, ousada, capaz de decisão, de arrôjo, de esforço e sobretudo de tenacidade e de perseverança, uma alma de aço! viver como um condensador de energia, que acumula e faz irradiar o fluido dominador de uma fôrça consciente e disciplinada! Enfim, *ter "uma personalidade nitida, franca, acusada, distinta dessa poeira cinzenta que a gente enxerga andar ou, antes, flutuar pela estrada e a que chamamos a multidão!"*

Sim, que sonho, e que potência também!

Brizeux faz os altivos bretões dizerem:

*Sim, somos sempre a raça de cabelos compridos,
Que nada faz dobrar quando ela diz: eu quero!*

Sêde dessa raça! Em face do dever,izei também: "Quero!" Dizei-o desassombradamente, simplesmente, com uma nobre flama nos olhos.

E, se vozes interiores vos gritarem como a Joana: "Vai, Filha de Deus, vai!" ide, haurindo na vossa vontade corajosa e fecunda a fôrça de lutar, de sofrer e de vencer.

Sem uma vontade enérgica e valente, não seríeis uma "Filha de Deus" em tôda a fôrça do têrmo. E deveis sê-lo.

O Pe. Didon pôde dizer: "O nosso tempo não conhece mais senão caracteres de borracha; não sabe mais o que é o aço e o bronze das vontades".

Ai! isso se acha mesmo entre os jovens! Como se pode, aos vinte anos, já sentir o tédio da vida, ser sem nenhum ideal, sem nenhum entusiasmo? Como se pode chegar a não ter mais, nessa força que é a vontade, senão um motor inativo, um mecanismo quebrado?

Quereis saber o porquê disso? Um homem que viveu e morreu na incredulidade dá-nos a resposta: "Ninguém mais tem caráter neste tempo, e por uma boa razão, e é que dos dois elementos de que o caráter se compõe, uma vontade firme e princípios definidos, o segundo falta e inutiliza o primeiro!" (Jouffroy).

Para possuir uma vontade forte, mister se faz, pois, apoiá-la em convicções sólidas, está nisso a fonte da sua energia, porque a razão, que é necessariamente o seu guia, acha nisso uma segurança inabalável.

A falta dessa alavanca possante, a vontade não tem arrôjo, o coração fica insensível ao entusiasmo, e a vida se esmigalha numa inutilidade desoladora.

Sabeis a ação heróica de Guynemer: Após uma longa doença, êle perdera um pouco do seu arrôjo batalhador. Querendo restituir ao coração a máscula segurança dos dias passados, tomou o seu avião e, para "domar os nervos", submeteu-se friamente ao tiro inimigo e "deu a si ordem" para não responder. Afinal, tendo desassombradamente suportado nessas condições perto de 500 tiros, tomou a metralhadora e abateu o adversário.

Sabei, também vós, triunfar dos vossos nervos e dar resolutamente à vossa vontade ordens a que ela deverá obedecer. Assim vos tornareis umas valentes, mormente se souberdes repetir ufana e humildemente estas palavras do Apóstolo: "Eu tudo posso n'Aquele que me conforta!"

I. O que é ter vontade.

1º Ter vontade é saber dizer "Quero!"

Palavra onipotente essa, diz um autor, quando sai, clara e ardente, de uma alma viril, como sai do canhão que a retinha a bala impelida pelo calor; ela vai direito, deruba os obstáculos, pode tudo.

O axioma “pode quem quer”, aplicado à perfeição moral, só é um paradoxo para a preguiça, para a inconstância, para a covardia.

Vós que o negais, acaso já dissestes alguma vez, em face do dever austero e repugnante à vossa natureza: “Quero”? E sob o impulso dessa palavra, sem tardar e sem olhar para a direita nem para a esquerda, pusestes-vos em obra e começastes?

E êsse comêço, o continuastes sem trégua, apesar do tédio, apesar do cansaço, apesar do vosso pouco êxito e mesmo da vossa nulidade aparente?

E essa continuação, porventura a retomastes todos os dias da mesma maneira, com o mesmo ardor?

Não, não fizestes isso, vós que duvidais do poder desta palavra: *Quero!*

Dissestes: *Eu quisera*; e olhastes, e desviastes os olhos murmurando: *E' impossível*.

Em face do dever, o têrmo *impossível* é o têrmo de um covarde — êsse têrmo não é cristão.

2º *Ter vontade é saber tomar uma decisão.*

Quantos “marionnettes” e “guignols” no mundo! Há tantas pessoas que, joguêtes dos acontecimentos ou de uma vontade mais poderosa, se deixam conduzir como carneiros e dirigir como autômatos!

Em face da vontade de Deus claramente manifestada, é indispensável saber decidir-se. Deus mostra o caminho, a consciência ilumina-o, sente-se na alma uma fôrça que impele a enveredar por êle; cumpre, pois, levantar-se e marchar, cumpre por uma resolução clara e precisa determinar-se a i: ao dever apesar de tudo, através de tudo. Do meio da sua vida ignominiosa, o filho pródigo sonhava com voltar para junto de seu pai. Um dia, não podendo mais, levanta-se e diz: “Ibo”: Irei; e partiu!

As impressões de dentro, as opressões de fora, as dificuldades da emprêsa, tudo isso deve ser considerado, julgado, pesado, calculado de antemão; mas é a fim de que a decisão seja mais firme e faça a vontade passar, como em triunfo, por sôbre todos os obstáculos que se erguem diante dela.

Quando a pessoa não sabe querer, quando se contenta com desejos mais ou menos vagos, é fraca, móvel e fantasista: fraca, porque se deixa governar pelas circunstâncias; móvel, porque gira, como uma ventoinha, a tôdas as influências de fora ou de dentro; fantasista, porque se torna sujeita a todos os impulsos mais contraditórios.

3º Ter vontade é ir até à obstinação.

Uma tal disposição, quando se trata do bem, longe está de se encontrar sempre, no grau querido, mesmo numa alma em que o fervor reside.

Mal se extinguiram as últimas palavras que haviam excitado o nosso entusiasmo; mal transpusemos o limiar da mística capela onde nosso coração sentira não sei que doce emoção; mal se fechou o livro em que nossa alma, ao contacto da de um valente, sentira a necessidade de se elevar acima da banalidade ordinária das nossas vidinhas, tornamos a encontrar-nos tais quais éramos. Nossas resoluções vieram morrer no limiar da vida prática como a vaga na areia da praia. Somos os mesmos que antes, e, embora gemendo, continuamos a arrastar o pêso de uma existência sem honra, sempre igualmente pusilânimes, sempre igualmente covardes (P. Vuillermet).

Há uma obstinação vulgar que é fácil porque agrada, apesar dos seus lados maus e das suas tristes conseqüências. Mas, quando se trata de produzir um esforço para fazer uma boa ação, de ir a um dever que custa, e de perseverar numa luta de longa duração, a obstinação é um recurso em que gostamos menos de pensar. Os Santos foram dos que compreenderam o valor dela. Sim! foram uns obstinados da boa maneira, foram uns obstinados, uns tenazes. Tiveram a coragem de querer longo tempo. Deram prova de firmeza na luta, de resistência em face da dor, também de uma paciência imperturbável. Foi a sua constância invencível que fêz dêles uns santos, isto é, uns heróis do amor divino. Como êles, sabeis compreender o que há de belo na senda da virtude, do dever e da perfeição. Mas, a exemplo dêles também, não vos canseis, não vos fatigueis jamais de querer! As veleidades nos divertem, nos iludem e nos perdem. "Os San-

tos abriram seu caminho através das impossibilidades; ao passo que nós paramos diante de teias de aranha”.

Que nunca se aplique a vós essa reflexão do Pe. Faber.

4º Ter vontade é saber vencer todos os obstáculos.

Muitos óbices encontramos no nosso caminho quando nos aplicamos ao que a Fé cristã pede ou propõe.

“O bem não é bem se não sofremos em o fazendo”, dizia S. Vicente de Paulo. Um caráter que quer ir ao seu dever deverá quebrar muitos obstáculos. Zombarias, ameaças, promessas, lisonjas, inimigos de fora, inimigos de dentro, tudo isso se erguerá em face da vontade decidida a agir. As futilidades do mundo são vis e desprezíveis, é verdade. E, no entanto, não é freqüentíssimo ver quem se deixe fascinar por elas?

Quantos corações covardes que sucumbem quase sem luta ao atrativo do prazer! A morte seria, às vezes, afrontada se Deus o pedisse, mas não se sabe resistir às seduções da volúpia! A ambição, as honras também têm suas tristes escravidões! Uma vantagem lisonjeira vem oferecer-se? Adeus convicções religiosas e o nobre respeito de si ante exigências odiosas que se suportam corando.

Quando se tem vontade, resiste-se à lisonja como às ameaças, segura-se a brida das paixões, quebram-se todos os obstáculos, numa palavra, vai-se ao dever, vai-se a Deus direito, como uma bala de canhão! E, se o coração resiste, se geme, se se rebela, a gente lhe pisa em cima.

II. Como se exercita a vontade.

A vontade é uma faculdade tal como a inteligência; do mesmo modo pode formar-se. E' a faculdade mestra; o seu papel é comparável ao do coração na circulação do sangue.

Princípio motor da vida moral, ela é, “ipso facto”, a sede da responsabilidade. Importa, pois, sumamente regulá-la cedo.

No exercício da vontade apresentam-se três fases a considerar: a da determinação ao seu ato, a da execução e a da perseverança. Determinar-se é fácil; executar já o é um pouco menos; perseverar é o cunho de uma alma viril e corajosa.

1º Determinar-se.

E' coisa bastante simples. As mais das vêzes, basta uma reflexão mais intensa, um instante de recolhimento em que se ouve melhor a voz de Deus e a da consciência. Para se determinar, para consentir em dar o primeiro passo, basta uma graça especial, uma emoção, uma leitura, uma pregação, um retiro. E' o trabalho preparatório, a base do ato de vontade. A inteligência intervém; depois de se concentrar, volve-se de alguma sorte para a vontade e propõe-lhe ir adiante, mostrando-lhe, para isso, os motivos que o reclamam e o permitem.

2º Executar.

E' dar o primeiro passo, aquêle que custa; é atirar-se à água bravamente, é levantar âncora. Ai é preciso uma fôrça mais intensa, um ímpeto. Por isso, é menos fácil, é mesmo difficil em certos casos. Succede que a razão propõe à vontade decisões a que esta fica oposta. E' preciso sabedoria para preparar essa decisão; mas, para a execução, é a energia que se impõe.

Certas pessoas só sabem hesitar e tergiversar. Nunca dizem: Quero! mas sempre: Eu quisera! Mesmo quando o momento de agir é chegado, continuam a querer e a não querer. Como a vida delas se expõe a ficar vazia!

3º Perseverar.

Eis-nos chegados ao ponto culminante. E' aqui que os bravos continuam a andar e que os fracos se furtam. Coitados! ergueram-se obstáculos que não eram previstos, contradições, censuras, críticas, que sei? Seguiu-se o cansaço, a tristeza, o tédio; então, em face das dificuldades a superar e dos obstáculos a vencer, os ânimos falharam!

Sim, há obstáculos à perseverança. E' a luz que mingua, vê-se menos bem a meta a atingir; são as recordações que empalidecem, é o esquecimento das graças recebidas e das resoluções tomadas; são inquietações que surgem, depois é a vontade que pára, hesita e cambaleia. E, no entanto, apesar de tudo, fôra mister avançar sempre.

A perseverança é a marca de um espírito superior, de um coração generoso, de um caráter fortemente temperado, e também de uma profunda sabedoria. E' a virtude dos fortes e a virtude dos humildes; seja a vossa.

III. Como se chega a querer.

Penetrando mais adentro neste estudo, vejamos como se pode chegar a possuir uma energia tenaz e a formar uma vontade agente. Os meios não faltam.

1º Viver dia por dia.

E não no futuro, que não nos pertence. Quando tomamos uma resolução, às vêzes paramos, interditos, com êste pensamento lancinante: poderia eu praticar esta resolução um mês, um ano, minha vida tôda?... E isso faz surgir diante dos olhos uma enorme montanha de dificuldades a vencer, uma multidão de sacrifícios a fazer. Cada um tomado à parte não é nada, mas a acumulação faz dêles algo de assustador. Vivei, pois, o dia que Deus vos dá; a cada dia basta a sua pena. Deus estará convosco amanhã como está hoje. Sim, Deus lá estará com sua graça; que lá estejais também com a vossa vontade.

2º Atos.

Sim, atos! Como foi que aprendestes a ler? lendo; a escrever? escrevendo; a andar? andando. Como aprendereis a querer? querendo! E' simples, mas é regular e é fatal. Um hábito se cria e se suprime pela repetição ou pela supressão dos atos. Um ato produz outro, e, quando volta a miúdo, acaba por dar à vontade uma fôrça invencível. Mas para isso é preciso querer, e querer muito tempo!

A vossa vontade é uma faculdade que traz em si o princípio do seu crescimento e da sua plenitude. Atos repetidos geram uma facilidade que depressa vira hábito. Pedi à gotinha de água que cave a rocha, e ela o fará. E haveríeis de querer que a repetição freqüente e contínua de atos de vontade não acabasse por fortalecer e formar em vós essa faculdade? Ora! Tentai, e vereis! Talvez chegueis

ao ponto de dizer esta palavra, tão poderosa, de um grande general: "*Se é possível, está feito; se é impossível, há de fazer-se!*"

3º Vencer-se.

Certas almas mais valentes exercitam-se em querer tomando como obrigação triunfar de cada obstáculo que encontram. Tentai-o, pois, também, forçai-vos a fazer sempre o que tendes medo de fazer. Se há alguns a quem o perigo atrai, uns há também a quem as dificuldades estimulam e que querem ter a glória e o prazer de vencê-las!

Alguém disse: "*O termo impossível não é francês*".

Esta fórmula, aplicável também a outros, não pode ser admitida em sentido absoluto. Mormente em questões de ordem material, há obstáculos que persistem insuportáveis! por mais que se queira, não se é senhor, nem dos elementos, nem dos homens.

Digamos, pois, nós, quando se tratar das coisas espirituais: *O termo impossível não é cristão!* Isto será verdade! Todos os socorros humanos poderão faltar-nos. Mas Deus nunca faltará aos que querem lutar e vencer-se para irem a Êle.

4º Habituar-se a fazer com freqüência pequenos sacrifícios.

Os grandes sacrifícios, os atos heróicos geralmente custam pouco. Para isso basta uma chama de entusiasmo, uma chicotada dada na natureza; não é isso que é difícil! Mas a série obscura das pequenas renúncias cotidianas que têm aparência de nada e que se erigem a cada instante do dia diante da vontade, que nos mantém incessantemente em alerta, eis o que custa e eis o que é preciso fazer.

O sacrifício (diz o Pe. Gratry) é antes de tudo "o ato livre de uma vontade amante e corajosa que consente em sair de si para ir a Deus. O sacrifício consente em preferir Deus a tudo".

Que definição! que palavras! como são fortes e cheias de seiva! Gravai-as para vosso maior bem, e que a vossa vontade, animada pelo amor, sustentada pela coragem, vos arranque freqüentemente de vós mesma lançando-vos nos bra-

ços de Deus, através dos obstáculos e mesmo dos sofrimentos.

Como o nota o Pe. de Ravignan, "há na existência horas em que, se não formos um herói, nos tornamos menos que um homem". Porém, quando o hábito de triunfar de si não está formado, pode-se achar na natureza debilitada, numa vontade vacilante, a energia necessária para se elevar de um salto ao heroísmo ou mesmo simplesmente àquilo que sai do ordinário?

Certos instantes da vida às vezes são decisivos, e de um ato pode depender a nossa eternidade.

Sumamente importa, pois, que vos apliqueis a praticar a imolação, a vos vencer nas pequenas coisas, a fim de fazê-lo desassombrada e nobremente no dia em que Deus vos pedir uma maior prova de amor.

Não passeis um só dia sem oferecer a Deus dois ou três pequenos sacrifícios que sejam. Obrigai-vos a marcar o número dêles. Não suspeitais não somente a força e a energia que esse pequeno exercício vos dará com o correr do tempo, mas ainda a alegria que êle vos reserva. Alegria de cumprilos, alegria de inscrevê-los, alegria sobretudo de oferecê-los a Deus Nosso Senhor! Dai, menina, dai cada dia alguma coisa ao anjo do sacrifício, pois êle também dá; e o que êle dá é tão bom! se soubésseis!...

Um menino de terra de missão ouvira o missionário explicar o que é um sacrifício. Essa idéia germinou-lhe no coração puro e generoso, e, após dois meses, êle chegou a fazer mais de trezentos sacrifícios por semana.

Admirado e querendo armar-lhe uma cilada, o missionário pediu designar-lhe por escrito os sacrifícios que êle fazia de costume. E o menino voltou com uma longa lista cujo resumo era êste:

— De manhã, quando toca o *Angelus*, levanto-me de um salto, como se tivesse uma serpente na cama.

— Quando tenho muita fome e meu estômago fala, eu digo a êle: "Cala-te, meu estômago, espera". E espero até ter fome demais.

— Quando me dão para comer alguma coisa de que eu gosto muito, eu como pouco.

— Se é alguma coisa de que eu gosto pouco, como muito.

— Quando um camarada me diz: “Eu sou melhor do que tu, mais belo, mais inteligente do que tu”, eu digo a êle: “Tens razão, meu irmão”.

— Se êle me bate, eu não lhe bato, mas me digo: “Seja por Deus Nosso Senhor”.

— Quando passo perto dos homens que contam as novidades, quereria parar para escutar, mas vou-me embora bem depressa.

— Quando passo pela sua cabana, Padre, bem quereria entrar para lhe beijar a mão, pois gosto muito do Sr. Mas digo: “Cala-te, meu coração!”, e não entro.

— Quando estou em sua casa, bem quisera remexer as suas caixas para ver as belas coisas da Europa, mas não o faço.

— Bem quisera olhar-me no seu espelhinho, mas não o faço.

— Quando o Sr. me oferecer açúcar, eu lhe digo: “Obrigado, meu Padre, não gosto”. Mas, no fundo, bem que eu quisera tê-lo!... etc.

Eis aí os sacrifícios que pôde imaginar um cristãozinho das brenhas. A candura com que êles são expostos talvez vos faça sorrir; mas sentireis também que êles vos oferecem um bellissimo exemplo!

IV. O que fortifica a vontade: As resoluções.

1º O que é uma resolução.

A resolução é um ato essencialmente humano, que consiste em prever e em querer. Sem êle, a vida se afunda nos hábitos maus ou rotineiros, flutua aos ventos móveis das emoções; a pessoa já não vive, deixa-se viver; a existência é vazia e sem consistência; tem-se a impressão de um não sei quê de triste, de incoerente, que vai até ao absurdo.

Após um retiro, após uma boa confissão, a pessoa às vêzes está no caso de verificar que errou o caminho. A vontade, então, deve intervir e dar o golpe de direção que mudará esta. Eis o que é a resolução.

2º Devem-se tomar resoluções preciosas.

Quer dizer preparadas, estudadas, especificadas e bem nítidas. Uma criança surpreendida no ato de cometer uma falta dirá espontaneamente à mãe: "Mamãe, eu não faço mais, vou ser bonzinho..."

Não vos basta prometer a Deus que sereis boa, que não pecareis mais! Fórmulas brilhantes, bôlhas de sabão que estouram no ar.

A resolução que tomardes deve ser "resolvida" de antemão, isto é, vista em vós mesma, nas vossas faltas, nas vossas imperfeições, nas vossas fraquezas, e querida, por conseguinte, conforme tal necessidade ou tal utilidade particular.

Nada de esbatido, de vago, de superficial, de geral; mas algo de preciso, de realizável, de prático, de bem oportuno, adaptando-se ao estado atual de vossa alma.

Descei à minúcia, virai a questão sob diversas faces, estuda-a bem, aplicai-vos a resolução como um remédio a uma ferida; tomai um caminho preparado e traçado antecipadamente; do contrário desgarrar-vos-eis no inútil ou, mais provavelmente, não chegareis a nenhum esforço ou resultado prático.

Seja a vossa resolução luminosa, raciocinada, apoiada em motivos numerosos e fortes, nas recordações do passado, nas previsões do futuro, enquadrada, entrelaçada na consciência, associada a imagens vivas, a emoções quentes, e enterrada na realidade mais concreta e mais precisa. É preciso pôr o tiro no alvo e dizer: "Farei tal coisa, de tal modo, em tais circunstâncias e por tais meios". Quando a pessoa mantém todos estes elementos sob a luz do próprio espírito e os ata juntos com um desses "Quero" calmos e fortes que soam na alma como um tiro de canhão, a resolução é tomada "resolvida", e será das que acertam (Antonino Eymieu).

3º Tomar apenas uma resolução de cada vez.

Os antigos diziam: "*Tenho medo do homem que lê só um livro*". E por que isso? porque ele acabava por possuí-lo a fundo. Tende uma única resolução, fazei convergir para esse escopo único tôdas as vossas forças, tôdas as vossas fa-

culdades, ao invés de espalhá-las em diversas direções, e certamente chegareis a um belo resultado.

Durante trinta anos S. Vicente de Paulo teve uma única resolução: tornar-se humilde! S. Francisco de Sales só tomou uma única durante a vida toda: ser manso. Que vitória foi a deles! E nós, pobres pigmeus ao lado desses grandes santos, se não obtivermos resultado em oito dias, devemos desanimar?

Em vez de têmos essa idéia fixa, clara, luminosa, de um escopo único a atingir, facilmente nos comprazemos em fazer *coleções de resoluções*, em mudá-las a miúdo, a cada retiro, todo dia mesmo. E' pouco sensato! ninguém se torna humilde num mês, nem mesmo num ano! Escolhei, pois, cuidadosamente a vossa resolução, seja ela bem especificada e definida, e depois guardai-a por toda a vossa vida, se preciso!

4º Relembra-la todos os dias.

Uma vez tomada a resolução, mister se fará vo-la lembrar todos os dias. Do contrário, depressa a esqueceréis, pois mesmo uma memória feliz sobre outros pontos pode achar-se frágil a este respeito, quando o desejo do progresso espiritual não está presente para excitá-la.

Pela manhã, de preferência depois da comunhão, pensai na vossa resolução, e prometei a Deus ser fiel a ela *sòmente por hoje*.

Chegada à noite, no exame de consciência, vêde se faltastes a ela, e de que maneira. Bem mais, obrigai-vos a ter um pequeno "carnet" no qual anoteis tanto as vossas vitórias como as vossas derrotas. Esta prática não é a do maior número, mas é recomendada por autoridades muito respeitáveis, e certamente é prova de um fervor pouco comum. Prestando assim conta a vós mesma, facilitareis a vossa tarefa para a reforma a operar em vós, bem como para o progresso constante na virtude.

5º Nunca desanimar por causa das próprias infidelidades.

Um autor faz a este respeito as considerações seguintes: "Gosta-se muito de repetir a palavra da Escritura: *O justo peca sete vêzes por dia*. Por demais se descursa, porém,

acrescentar o que segue: *e sete vêzcs se levanta*. Nisto, precisamente, é que êle é justo. Quanto mais, nas suas sete quedas êle é homem, o homem mendaz e pecador de que fala o profeta, que mente a si mesmo e a quem a própria fraqueza trai a cada instante. Tende para convosco mesma essa paciência que consiste em se levantar após cada queda, em recommear sempre sem nunca desanimar. Frágeis como sois, ó donzelas, propensas por temperamento a escapar tão facilmente a vós mesmas, se ao primeiro passo em falso na trilha da perfeição tiverdes de desesperar e de voltar atrás, está tudo perdido! Ao contrário, se fizerdes da virtude cristã a justa idéia de que ela é um perpétuo recommear da vida perfeita neste mundo, que é uma contínua conversão a Deus e ao bem, está tudo salvo!”

Contai, pois, com desfalecimentos, persuadi-vos de que, sem uma graça especial de Deus, não podeis ser fiéis à vossa resolução ao ponto de nunca tropeçardes; não: prevede recaídas, é sensato, é humano, e nunca esqueçais esta palavra profunda: *“Os santos só se tornaram santos porque tiveram a coragem de recommear todos os dias”*.

Acima da perseverança que não cai nunca, dizia Mons. d'Hulst, há a perseverança que se levanta sempre”. Ainda quando a vossa existência devesse consumir-se nos esforços de um reerguimento perpétuo, ficai firme! Felizes os que se levantam sempre!

V. O que debilita a vontade.

Há em vós como que dois entes; a miúdo verificais que um quereria subir, o outro descer; um tende para o bem, o outro vos impele ao mal.

Com efeito, qual a alma que não possa repetir a palavra de S. Paulo: “Não faço o bem que quero, e faço o mal que odeio”?

A nossa vontade sofreu rudemente o choque do pecado original. Essa rainha, por mais que dê ordens às faculdades subalternas, nem sempre é obedecida!

Vejamos, pois, quais são essas fôrças opostas e quase sempre em revolta; conheçamo-las bem, vejamos onde está o mal. Mais fácil será então dar-lhes remédio.

1º A fraqueza de caráter.

Não são raras as almas que, semelhantes ao vidro, que se quebra por um nada, à cêra que se derrete, ao caniço que se dobra, não têm mais essa fôrça de resistênciã que caracteriza a virilidade! Elas não são capazes de esforço algum, tomam resoluções sem jamais as porem em prática, o menor obstáculo as detém, uma contradição desconcerta-as! Não gostam da luta e evitam-na, sabendo bem que são vencidas de antemão. Por mais que a vontade dê ordens, estas só chegam atenuadas, e quase nunca se executam.

O que distingue êsses caracteres fracos é a indecisão. Eles não sabem querer!

2º A moleza.

Na alma mole, apática, tudo parece dormir, é a vida vegetativa. Ela vive ao sabor das circunstâncias, balançada em todos os sentidos sem sequer pensar em reagir. Tudo lhe custa. Tomar uma iniciativa é para ela um lance dramático. Com mais forte razão não irá ela longe se, sob a chicotada de uma emoção, se decidir a agir!

3º A inconstância.

Aqui é a mudança perpétua; nada de seguido, nada que se ligue, uma vida sem ossatura. A iniciação é freqüente, o esforço mesmo se produz, mas tudo isso é passageiro e não dura. Tomar-se-ão resoluções, começar-se-á mesmo a praticá-las, mas a impressão de amanhã carregará com a da véspera, e a pessoa recairá na mesma nulidade. O que lhe falta sobretudo é saber perseverar.

Essa alma fará bem em meditar estas palavras de Bossuet: "Deve-se ser santo a fundo, manter-se sob os olhos de Deus, fazer tudo unicamente para Aquêlê que sonda o fundo dos corações, e só pensar em lhe agradar. Mas não é o bastante: é preciso ainda perseverar nesse estado. Uma virtude passageira não é digna de Jesus Cristo. A prova do verdadeiro cristão é a perseverança".

4° *O medo do esforço.*

Outros, em compensação, teriam um caráter mais firme, teriam arrôjo, nobres paixões e generosos desejos; mas... têm medo! sim, têm medo! Medo das dificuldades, medo do esforço, medo do obstáculo, medo da opinião dos homens, medo de tudo, medo de um nada! e esse temor tão desprezível susta-os! ou, ainda, é o respeito humano, treme-se diante de um sorriso, de um gracejo, e, antes que confessar esse sentimento que desonra, a pessoa entrincheira-se por trás desta desculpa mentirosa: "Não posso!"

5° *A impressionabilidade.*

Há almas que, semelhantes às fôlhas da mimosa pudica, são de uma impressionabilidade mórbida. Por um nada os nervos se exasperam, a pessoa sai dos gonzos, esquece-se de si, perde a calma, torna-se fantasista, exagera tudo, passa pela vida como por "uma viagem ao luar num cavalo espantado que se empina a cada moita!" Nessas condições, como chegar, não digo a querer, pois uma decisão se toma depressa, mas a querer longo tempo? Não é essa uma das doenças do nosso tempo? E' a ruína da vida moral, que necessita absolutamente de fixidez e de apoios permanentes.

6° *A falta de convicções.*

Como é triste a verificação que fazia o coronel Pâqueron, dizendo: "Nossos pais eram fortes e invencíveis porque tinham menos idéias flutuantes do que nós, e mais crenças. A vida dêles era apoiada em princípios imutáveis, as rajadas da fortuna ou dos acontecimentos passavam sôbre ela sem abalá-la. Hoje, desprendidos de Deus e reduzidos às nossas próprias misérias, somos ao mesmo tempo vaidosos e medrosos; começamos faustosamente e acabamos miseravelmente. O menor sôpro derruba-nos e carrega-nos. Tenhamos, pois, princípios, convicções, e não separemos o nosso coração, nem dos nossos dogmas, nem das nossas esperanças, nem dos nossos deveres; são os três grandes apegos da vida".

Tende, pois, também, convicções profundas. Meditai a miúdo as grandes verdades da Fé, elas produzirão em vós emoções que facilmente se traduzirão em atos. Então podereis dizer facilmente êsse “*Posso!*”, êsse “*Quero!*” que tantos outros nem sequer ousam murmurar.

7º A paixão ou o instinto.

A paixão, que facilmente vira instinto se a deixarmos crescer e enveredar por um mau caminho, é para a vontade livre o que a noite é para o dia.

A vontade refletida torna a alma senhora dos seus atos; o instinto cego, atormentado, às vêzes fatal, só consegue criar escravos!

“O instinto vai como o impelem, ao sabor da ocasião que se apresenta, das circunstâncias que o despertam, dos hábitos que o determinam, dos apetites que o açoitam; vai de um fôlego, sem discussão, sem escolha, sem previsão, ao acaso das piores consequências... O mesmo resultado têm tôdas as paixões que o prazer atiča.

A tôdas as razões de sacudir o jugo, obtemos a mesma resposta: “E’ mais forte do que eu” (A. Eymieu).

Para debilitar uma vontade, nada como colocá-la sob a tutela de uma paixão má. Não se é mais senhor de si, a gente não se possui mais, é reduzido à servidão!

Sem dúvida, sob o aguilhão do prazer que solicita, a pessoa será impulsiva, brutal mesmo; mas, quanto a resistir, confessará vergonhosamente que já não tem mais força para isso.

De tudo o que precede, uma conclusão se impõe. Se de-veras quereis ter um caráter, ter e afirmar a vossa vontade, mister se fará saberdes vencer-vos, fazer esforço, lutar, aceitar e, se preciso, provocar o sofrimento; só assim é que podereis conquistar e possuir a vós mesma.

Sem êsse esforço leal e constantemente repetido, já não sereis “alguém”, mas sim “alguma coisa” de abúlico, de inerte, de aniquilado, que se deixa conduzir, que só sabe capitular, que não conta e com quem nunca se poderá contar. Quando a mola é quebrada, já não se sabe mais querer.

Coragem, pois! Assim como a Holanda soube conquistar o seu território ao mar lutando dia por dia, pé por pé, assim também pelo esforço cotidiano, vigoroso, é que podereis conquistar a vossa vontade sobre a vossa natureza mole e movediça. Quando se *quer* deveras uma coisa, sempre se consegue; tudo está, porém, em decidir-se a *querer!*

Quando, em 1809, o emissário da Revolução pedia a Pio VII que abdicasse, o manso Pontífice deu esta altiva resposta: "Não podemos; não devemos; não queremos".

Em face da tentação que vos espreita, quando vierem as horas em que o mal atrai, sabei também só opor uma nobre atitude.

VI. O que mata a vontade: O desânimo.

1º E' uma falta de fé.

A bondade e a justiça de Deus são desconhecidas pela alma desanimada. Esta diminui a primeira e exagera a maneira como a segunda se exerce. Melhor é reter de memória estas palavras de Bossuet: "Se a justiça e a bondade são os dois braços de Deus, a bondade é o braço direito, é sempre ela que começa!"

Desanimar é desconfiar de Deus, da sua palavra, das suas promessas, da sua bondade, da sua misericórdia, da sua própria justiça, e sobretudo da sua paternal providência. E' bem, pois, como uma falta de fé. "Como somos injustos! diz o venerável Padre Libermann. Um cego confia num cãozinho que o guia a tôda parte aonde êle quer ir, e o homem segue-o aonde êle vai. E nós, miseráveis que somos, mais miseráveis do que os cegos de nascença, temos um guia tão grande, tão clarividente e tão cheio de ternura, e não queremos confiar n'Ele!"

2º E' uma falta de conhecimento de si.

Quando, com juízo assentado, sólido, a gente, se estudou bem, não pode deixar de reconhecer, sem hesitar, a fraqueza da nossa pobre natureza, e forçosamente verifica que o pecado original introduziu nela graves desordens. Que há, pois, de admirar em que a fraqueza seja fraca? Só o con-

trário é que poderia surpreender. Devemo-nos dizer com convicção profunda: Nada sou, nada posso, nada valho. Engole-se bem esta pílula e digere-se de olhos fechados. Se ela é amarga ao orgulho, faz bem, pois nos torna mais humilde e nos faz ver bem mais claro.

3º *E' uma falta de reflexão.*

A donzela cristã que *quer* lutar não deve cessar de notar e de recordar que tem diante de si três inimigos: o mundo, o demônio e a carne.

O mundo, cuja atmosfera é malsã, nauseabunda, e que "deslustra com a sua poeira os corações mesmo mais religiosos". O demônio, que, mesmo decaído, ficou sendo anjo; donde resulta que, se Deus o deixasse fazer, êle seria capaz de pulverizar o universo. Enfim, a carne, isto é, os sentidos que o pecado original ofendeu, o ser todo em que as paixões às vêzes refervem como a lava de um vulcão.

Como quereis que a vossa pobre vontadezinha, franzina e raquítica qual flor de inverno, resista, sem nunca desfalecer, a inimigos tão poderosos? Ela pode ser vitoriosa, mas com a condição de se apoiar com humilde confiança em Deus, que é só quem a pode sustentar e lhe assegurar forças: isso deve bastar para afastar do vosso coração toda vida capaz de deprimi-lo.

4º *E' uma falta de humanidade.*

Ou, se preferirdes... um verdadeiro orgulho.

"O desânimo é o amor-próprio desiludido, de uma alma que contava consigo mesma e que se aflige com a sua fraqueza, que enrubesce vendo-se vil e desprezível. Há um segredo despeito de orgulho em toda alma desanimada!" (Audreau). Isto é profundamente verdadeiro. E é talvez aquilo que dificilmente a gente confessa a si mesmo! No entanto, a miséria humana é tão patente, que ao menos deveríamos ter o bom senso de reconhecê-la. Mas custa. Como? Eu? Eu? eu pude a tal ponto ser infiel às minhas resoluções, cair em semelhante falta? Que dirá meu confessor quando eu lhe confessar esta queda?

Eial menina, calma! Um pouco mais de humildade certamente vos salvaria, mas o orgulho nunca!

5º E' uma falta de confiança em Deus.

Não pode Êle fazer de vós o que fêz de tantos outros que creram, que quizeram e que deixaram a graça agir? Quantos pecadores se tornaram santos! Job dizia: "*Mesmo se Êle me matasse, eu ainda esperaria em Deus*". E vós, não sabeis ter confiança, acreditai piamente que com isso lhe causais a maior dor, que o feris no coração. Não pensais em que Judas pecou mais desesperando do que traindo o Mestre? Se Ale tivesse vindo lançar-se-lhe aos pés, Jesus lhe teria perdoado. Quem desanima se condena e se perde.

6º E' uma covardia.

O termo parece-vos duro; mas não é severo demais. O próprio S. Tomás assinala a covardia como uma das grandes causas do desânimo.

Tôda alma desanimada tem medo. Medo do esforço, medo do sacrificio, medo da opinião dos homens. Se tivéssemos a coragem ferrada no coração, se não teméssemos incomodar-nos, privar-nos, sacudir-nos, vencer-nos, sofrer, agir e ir ao escopo apesar de todos os obstáculos, conservaríamos intactas a fôrça e a firmeza cristãs.

7º E' uma tolice.

O desânimo é uma enorme tolice. Desanimar porque nos achamos covarde; desanimar, tirarmo-nos a coragem por não a têmos bastante! E' difficil ser menos lógico. Esquecemo-nos de que é melhor cometer uma falta, mesmo enorme, do que cometer duas. Ora, comete-se sempre ao menos mais uma quando se desanima; porque desanimar é uma, e é tornar extremamente fáceis e mesmo inevitáveis muitas outras iguais àquelas que se deplora (*Le gouvernement de soi-même*, A. Eymieu, p. 174).

8º E' o caminho mais curto para ir para o inferno.

Vêde como tudo se encadeia: começa-se pelo tédio e pelo aborrecimento, que róem a alma. Quando alguém tem êsse

tédio das coisas de Deus, naturalmente volta-se para os prazeres. Que é que impele à procura das loucas alegrias do mundo essa multidão que a elas vêdes correr? Não é somente "o inexorável tédio que faz o fundo de tôda alma humana", mas é um tédio especial, que vem do fato de não se ter mais gôsto pelas coisas de Deus. Quando se começa a morder os prazeres proibidos, quer-se sempre mais. Um primeiro ato acarreta outro... e logo é o hábito, a necessidade intensa, quase necessária, e que se exaspera cada vez mais. Nestas condições, não se pensa mais em Deus nem na própria alma. Foge-se de si mesmo, tem-se medo de entrar na própria consciência, pois se teme encontrar aí o olhar inexorável a que Caim fugia por tôda parte e que o perseguia até no túmulo. Sucedendo-se as quedas, a graça desprezada, contrariada, expulsa, não torna mais, Deus se cala... e a pessoa finalmente cai na impenitência final.

Em resumo, pois, o desânimo é a desconfiança de Deus, a dúvida das suas bondades, uma espécie de negação da divindade. Por êle, desfigura-se o Criador emprestando-lhe, a nosso respeito, sentimentos indiferentes, baixos, indignos de um Pai.

O desânimo é o princípio do desespero, essa última e mais terrível expressão do orgulho! E' o pecado de Judas, o pecado de Caim. Uma alma desanimada é como uma máquina de molas distendidas ou quebradas, a custo capaz de se arrastar, já quase não produzindo senão arrancos estéreis ou sobressaltos destruidores.

Precisareis, pois, de *coragem* para lutar contra o desânimo se êle se apresentar; porque, convém confessar, os casos desta terrível e dolorosa doença não são raros. Coragem, pois. "Desde quando é que as pessoas desanimam na França, dizia o Pe. Etourneau em Notre-Dame, crendo em Deus e tendo vinte anos?"

Lutai! Caireis, talvez; mas, na vida espiritual, enquanto se quer lutar nunca se é vencido.

Oh! que bela página de heroísmo foi escrita durante a guerra! Se êles estivessem desanimados, êles, no meio do

mais horrendo cataclismo, no seio de sofrimentos indizíveis, a pátria estaria perdida. Imitai-os!

Para terminar, lede esta bela página de René Bazin:

Um dia assistia eu a uma lição de catecismo dada a uma centena de meninos numa paróquia de Paris. O bairro era pobre, a igreja também. No momento em que eu entrava, o vigário contava a traição de Judas, que vendeu seu Mestre. E terminou a sua narração por estas palavras: "Judas foi prêsá de desespero e enforcou-se".

Logo, entre os meninos, um dos mais moços se ergueu, trepou no banco e fêz sinal de que queria falar.

— Não estou interrogando você, disse o padre. Mas que idéia tem?

Os cem garotos estavam virados para o lado do camarada. Mas êste, não intimidado, muito seguro, porque ouvia falar o seu coração, respondeu: "Eu me enforcaria no pesçoço do bom Jesus".

Alguns dos pequenos riram da idéia; porém a maioria compreendeu melhor, e êles sentiram o coração prestes a chorar.

Estas considerações bastarão para fazer compreender a loucura do desânimo, êsse eterno estribilho e essa única desculpa de uma alma fraca que se compraz na imobilidade ou que vegeta numa incúria covarde! Eia, "de pé os mortos! De pé as almas lânguidas! De pé os anêmicos, os fracos e os deprimidos! Jesus vos olha, toma a sua cruz e caminha na vossa frente, segui-o! E, se tendes mêdo, "lançai-vos nos seus braços, êle não os abrirá para vos deixar cair!" (S. Agostinho).

PARTE II.
VIRTUDES DA DONZELA.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

CAPITULO I

VIRTUDES QUE TORNAM A ALMA BELA.

I. A humildade.

1º O que é a humildade.

“A humildade, diz Lacordaire, não consiste em ocultarmos os nossos talentos e as nossas virtudes, em nos julgarmos pior ou mais medíocre do que somos, mas em reconhecermos claramente o que nos falta e em não nos enlevamos com o que temos; em suma, é o respeito da verdade”. E’ a franqueza e a lealdade de uma alma que quer que a verdade seja conhecida, e que triunfe mesmo se êsse triunfo deve confundi-la.

A humildade dá uma noção verdadeira de Deus, dos outros e de nós mesmo, apreciando cada um pelo seu justo valor e dando-lhe de todo modo o que lhe é devido. Mas essa virtude tão bela, tão oportuna, tão razoável, encontra grandes dificuldades na nossa natureza viciada e pede um poderoso concurso da graça.

Ela é qualquer coisa de tão grande, de tão heróico, que os próprios Apóstolos tiveram grande dificuldade em aprendê-la. Depois de seguirem três anos inteiros o Filho de Deus e de com Êle aprenderem, depois de terem sob os olhos seus exemplos de profundo abaixamento, êles ainda disputavam entre si para saber a quem era que cabia o primeiro lugar entre êles.

A humildade, diz também S. Bernardo, “é uma virtude pela qual a gente se conhece e se despreza”. Mas por que então encontramos tão poucas almas humildes? E’ que poucas se conhecem; e não se conhecem porque não têm a

coragem de fazer essa introspecção de si mesmas que as convenceria da sua miséria ou do seu nada.

Quando a gente se estuda a fundo, se quiser ser sincero chega a fazer uma tríplice verificação:

Nada sou!
Nada posso!
Nada valho!

E' tudo! E' duro! E' verdade!

2º Motivos de ser humilde.

a) *Deus só dá sua graça aos humildes.* — Há um fato que domina tôda a vida espiritual: sem a graça nada podemos fazer. Ora, Deus afirmou que só dá a sua graça aos humildes e resiste aos soberbos; donde mister se faz concluir que a humildade nos é absolutamente indispensável.

b) *Nas nossas relações com Deus, não passamos de pobres mendigos.* — A nossa dependência d'Ele é absoluta. Se à vossa porta se apresentasse um mendigo orgulhoso, pedindo esmola com ar soberbo, que faríeis? Fechar-lhe-íeis assim a vossa porta como o vosso coração. Deus age do mesmo modo. Quando vê vir a Ele uma alma enroupada numa dignidade que não é a sua, Ele volta a cabeça, não escuta, deixa essa alma orgulhosa à sua impotência... e ela cai.

c) *A humildade é a raiz de tôdas as virtudes.* — Sem ela: *Nenhuma fé:* é preciso ser humilde para se curvar, sem a menor dúvida, perante a autoridade de Deus que, sempre verídica, impõe para crer coisas que excedem o alcance da nossa inteligência.

Nenhuma esperança: inspirando-se no orgulho, a gente pensa facilmente não precisar de nada, nem de ninguém; é preciso crer no seu próprio nada, na sua total impotência, para se volver para Deus e tudo esperar das suas promessas e da sua bondade.

Nenhuma caridade: num coração soberbo só achamos desdém, egoísmo, empáfia, insolência, violência, arrogância e vaidade; o amor de Deus e do próximo é excluído dêle.

Nenhuma pureza. Diz a Escritura: "*Ninguém pode permanecer puro sem um dom especial de Deus*". Ora, se Deus

resiste aos soberbos, como poderá a alma orgulhosa, deixada às suas próprias forças, vencer as tentações?

O vício impuro é a punição habitual do orgulho.

Nenhum zelo: para querer fazer o bem e aplicar-se a isso, é preciso ainda a graça, e Deus só a concederá àquele que se humilha. Os grandes santos foram todos humildes. O lugar deles na história está em relação com a sua humildade. Basta ler a vida de S. Vicente de Paulo para se convencer disto.

d) *A humildade é uma fonte de força.* — Quando uma alma está bem vazia de si mesma, Deus a enche com seu poder. É esta a explicação da força dos santos. Eles consentiram em não ser nada, e por isso Aquêle que é tudo veio a êles e, por êles, operou maravilhas.

Deus só se quer servir de instrumentos bem humildes, bem maleáveis, pequenos e fracos, a fim de que a Sua glória resplandeça. Vêde Santa Genoveva ou Santa Joana d'Arc; mais perto de vós, S. Teresa do Menino Jesus! S. Bernadete, a venerável Catarina Labouré e tantas outras que a piedade venera! Que exemplos frisantes de pequenas almas bem humildes, bem simples, com as quais Deus fez grandes coisas!

No officio da SS. Virgem, a liturgia põe nos lábios de Maria estas graciosas palavras: "*Porque eu era pequenina, agradei ao Altíssimo*". Se quiserdes agradar a Deus, sêde humilde, fazei-vos também *pequenina* diante d'Ele. Não podemos esquecer a advertência de Jesus:

"Se não fordes semelhantes a uma criancinha, não entrareis no Reino dos Céus".

e) *O vosso ser:* misto de grandeza e de baixeza, de força e de fraqueza, de predicados e de defeitos.

Não tenho nada de meu, que me pertença como próprio: meu espírito, meu corpo, minha alma, minhas qualidades, tudo recebi de Deus.

Nosso Senhor dizia um dia a uma santa: "Eu sou Aquêle que sou; e tu és aquela que não é!"

Há cem anos, onde estáveis? Daqui a cem anos, onde estareis? Quem então ainda pensará em vós? Tereis passado

como uma sombra, como a nau que fende as ondas e de que, em breve, não mais se vê o rastro.

Vosso corpo? "lama coberta de neve", diz um santo! Três dias após a morte, êle se torna o pasto dos vermes, um objeto de abjeção que se deve, bem depressa, confiar à terra.

Vossa alma? Criada à imagem de Deus, ela é bela por natureza; mas o pecado original privou-a das suas magnificas prerrogativas.

Sem dúvida, o Batismo lhe trouxe os esplendores da graça divina, mas, depois, que fizestes dêsse dom tão precioso? Rainha exilada, vossa alma não tem caído às vêzes na triste condição de uma escrava?

Vosso coração? E' talvez o que tendes de melhor, mas que fazeis dêle? A quem o dais?... Que lugar nêle ocupa Deus?...

Vossa consciência? Ah! se ela pudesse falar! Tão jovem e, quiçá, já tão culpada!

José de Maistrê dizia: "Não sei o que pode ser a consciência de um celerado, mas é medonha a de um homem honesto!" Dir-se-ia que, descoberta pela visão da simples tendência que nos leva ao mal, êle se recusasse a lhe considerar a realidade numa alma culpada.

f) *Vossos pecados.* — Quanto aos vossos pecados passados, conheceis-lhes o número? a gravidade? Se o vosso anjo vos pusesse sob os olhos o "livro das vossas confissões", não teríeis de corar? E, quanto ao futuro, podeis responder por vós? "Não há pecado cometido por um homem que não possa ser cometido por outro, se a mão que fêz o homem não estiver lá para preservá-lo!" Êste pensamento de S. Agostinho tem com que fazer curvar as cabeças mais altas.

g) *Exemplo de um Deus que se humilha.* — O' alma orgulhosa, deixa, de uma vez, de lado tôdas as frioleiras da tua vaidade e da tua pretensa grandeza! Ou, antes, não! faze-te bela, grande, soberba, orna-te, enfeita-te de tôdas as qualidades morais e físicas, faze-te tão orgulhosa e vaidosa quanto o és em certas horas, e olha!

Olha essa criancinha que chora em cima de um molho de palha, numa manjedoura de animais, no meio de um estábulo. Essa criança é Deus, o único Deus verdadeiro! Olha e lembra-te!

Vê esse jovem que trabalha na modesta oficina de um carpinteiro de aldeia, que cepilha pranchas, que conserta charruas e outros instrumentos de lavoura. Esse jovem é Deus! Olha e lembra-te!

Considera esse homem rodeado de alguns discípulos, perto de uma mesa; êle cingiu os rins e, de joelhos ante um dêles, lava-lhe os pés. Este, um horrível traidor, é Judas, e aquêle que lava os pés é Jesus. Olha e lembra-te!

Contempla esse condenado de quem mofam, a quem insultam, a quem flagelam. Escarram-lhe no rosto, enfiam-lhe espinhos na cabeça, conduzem-no de tribunal a tribunal; condenam-no à morte; cravam-no, enfim, numa cruz, como um escravo, como um salteador, como um ladrão! Esse que assim morre é Deus! E' o autor da vida e a própria inocência! Olha e lembra-te!

Vem ainda a esta igrejinha, avança até o altar, fita o tabernáculo, olha para esse cibório e vê essa hóstiazinha. Jesus está lá. Abaixa-se, oculta-se, vela-se, aniquila-se sob as aparências de uma partícula de pão... Olha e lembra-te!

Sim, essa criança, esse jovem, esse homem, esse crucificado, esse prisioneiro da hóstia, é Jesus, é o teu Deus! Deus se humilha, e tu te exaltas. Ele faz tudo o que pode para não parecer o que é; tu fazes tudo o que podes para pareceres o que não és!

3º Meios de se tornar humilde.

a) Antes de tudo, deveis convercer-vos bem de que o orgulho perde as almas e a humildade as salva. De vez em quando é preciso meditar neste assunto tão grave. Nós não decidimos eficazmente a nossa vontade senão depois de têmos conseguido dar-nos convicções fortes.

b) Nunca faleis de vós, nem bem, nem mal. Bem, é fatuidade; mal, às vêzes é um artifício para atrair elogios.

c) Não ligueis importância aos juízos humanos; nada é mais falso, mais vazio, mais vão, mais mutável! A multidão gritava “*hosana!*” no dia de Ramos, e cinco dias depois o “*Crucificai-o!*” é que se fazia ouvir.

d) Se vos suceder uma humilhação merecida, humilhai-vos sem pejo: E’ sempre belo e grande reconhecer os próprios erros. Se ela fôr imerecida, pensai em Jesus *que se calava* quando seus inimigos o acusavam falsamente.

e) Pela manhã, refleti nas ocasiões que podereis ter para praticar a humildade, e não passeis um só dia sem produzir ao menos um ato dela, interior ou exterior, mormente exterior. Aí, como em tudo, só pela multiplicação dos atos é que chegareis a um resultado.

f) Tomai como virtude favorita a humildade. Se preciso, reduzi a ela as vossas outras resoluções, e pedi-a a Deus até importuná-lo.

g) No vosso vestir, sêde simples e modesta. Lícito vos é andar bem preparada, com certa elegância mesmo, se o quiserdes, isso é da vossa idade. Mas não ostenteis enfeites extravagantes, e nunca mereçais esta maliciosa apóstrofe atraída um dia por uma mulher “coquette”: “Oh! habitante de um grande vestido, como sois pequena na realidade!”

h) Ponde-vos ao pé de Deus Nosso Senhor, como uma criança pequenina, ou mesmo como um *mendigozinho* que pede, que ama e que espera. Este não ignora que nada lhe é devido, mas sabe que seu pai lá está e lhe dará tudo de que êle precisar.

i) Dizei muitas vêzes, como Maria: “*Eis aqui a escrava do Senhor*”, e fazei tudo o que Êle vos pedir! Que grandeza, apesar da vossa pequenez, o serdes escrava de um Deus!

j) Orai! orai! Só Deus pode ajudar-vos a adquirir essa virtude que tanto repugna à nossa natureza. Tende a miúdo nos lábios esta bela oração jaculatória: “*Jesus, manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao vosso*”.

Alimentai em vós o desejo ardente, a paixão de vos tornardes humilde! Não vos contenteis com a convicção ou mesmo com a aceitação alegre da vossa própria baixezal aproveitai tôdas as ocasiões para fazer uma sincera confissão dela.

Não faltam almas que são humildes na solidão, no seu genuflexório; elas reconhecem o seu nada, a sua baixaza! Estão convictas desta! Mas aí daquele que compartilhasse ostensivamente a convicção delas!... E' séria essa humildade? é profunda?

E, quando a luta fôr dura, meditai esta palavra que Nosso Senhor disse a uma santa: "Minha filha, no inferno há muitas virgens, mas não há uma só alma humilde!"

II. A pureza.

1.º Beleza desta virtude.

a) "*Bem-aventurados os corações puros!*" — A gente se sente imediatamente empolgado por esta palavra. Só um Deus podia usar semelhante linguagem. Ouvindo estas palavras divinas, a alma delicada sente em si a necessidade de realizar essa bem-aventurança. Ver a Deus! sim, ver a Deus de algum modo, mesmo desde este mundo! e é essa a recompensa prometida aos que são puros!

"Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus".

Como dizer a beleza dessa virtude celestial que, semelhante ao lírio branco, embalsama os que a possuem e espalha em volta dêles um perfume indefinível?

Ela é bela! porque dá à fisionomia um não sei quê que cativa, que atrai, que subjuga, que faz nascer uma simpatia respeitosa.

E' bela! O próprio Deus sente-lhe o encanto. Ele chama a alma pura sua "*Amiga*": "*Sois toda bela, ó minha bem-amada, e em vós não há mancha!*" Chama-a "*sua Espôsa*": "*Vem, minha Espôsa, vem, serás coroada!*"

E' bela! Jesus quis achá-la na terra. Aparecendo na terra, enveredou por uma trilha de humilhação e de opróbrios; mas, do começo ao fim, arrogou-se, como uma compensação, a pureza que sempre o cercou.

Assim, para se encarnar, Ele prepara para si um tabernáculo; Maria lá está! Ele não a deixa antes da idade de trinta anos... e ainda assim será só para encontrar outra

alma pura: S. João! E essas duas almas virgens seguiu-lo-ão até ao pé da cruz. Quando êle quiser morrer, quando tudo lhe faltar, até mesmo a consolação de se sentir objeto das complacências de seu Pai, nos seus derradeiros instantes, a pureza estará e ficará perto dêle!

E' bela! E' a virtude trazida por Jesus! Só Êle podia fazê-la florescer nos lódos humanos. Semeou-a na terra e, depois, legiões de virgens vieram embalsamar o nosso exílio.

E' bela! No céu tem ela um lugar à parte. As almas virgens, diz o Apocalipse, "seguem o Cordeiro aonde quer que êle vá!" E S. João contempla a legião delas triunfante, cantando um cântico novo que ninguém mais pode aprender.

E' bela! A própria impiedade não pode deixar de aplaudi-la. Quantos remorsos, quantas tristezas a vista da pureza não lança no coração das vítimas do prazer! E, enquanto o mundo repele com desprêzo aquelas a quem poluiu, olha com olhos de inveja as nobres almas que atravessam a lama sem se macularem.

b) *E' a virtude mais bem recompensada!* E isso não sómente no céu, mas já na terra.

Ela dá ao semblante uma modéstia serena que tem qualquer coisa de angélico.

Dá ao olhar uma limpidez encantadora.

Dá à fisionomia um esplendor que irradia, põe o mais bello brilho numa fronte jovem; supre assim os esquecimentos da natureza, e reveste a pessoa de uma beleza especial que faz pensar no céu.

Dá ao coração uma ternura, uma chama sagrada que só ela pode alimentar. Que dedicação, que sensibilidade num coração puro!

Dá à vontade um poder notável pela luta contínua que exige. Quando conseguimos vencer-nos a nós mesmo, são fáceis as outras vitórias.

Dá à vontade um poder tanto maior quanto, vivendo numa luta contínua, ela haure aí uma energia viril só conhecida dos que souberam vencer-se a si mesmos.

Dá à inteligência esses remígio, esses olhares de águia que confundem. "*Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus*".

Dá ao próprio corpo, cujas energias conserva, êsse vigor especial cuja causa Ricardo Coração de Leão assim explicava aos Sarracenos admirados: "Sou forte porque sou puro".

Enfim, *dá a liberdade e a alegria*.

A liberdade, porque um coração mordido pelo vício carrega grilhões; êsses grilhões podem ser floridos, mas nem por isso deixam de fazer um escravo.

A alegria também, porque, quando se cede à paixão má, acaba-se por ficar triste, tremer e desanimar.

A pureza, que não se adquire senão por uma série de lutas vitoriosas, dilata o coração e dá-lhe um alegre surto.

O vício quebra as asas; a virtude fá-las abrir-se, trazendo arrôjo e confiança.

Conservai, pois, filha, a todo custo, apesar de tudo, apesar das lutas e quiçá das agonias do coração, essa virtude tão preciosa, êsse "*encanto desconhecido de que ninguém se defende*".

Na Idade Média dizia-se: "Deus só fêz duas coisas perfeitadas neste mundo: a rosa quando é fresca, e a donzela quando é pura!"

Não percais êsse encanto único, êle não se torna a achar mais! Se o corpo se torna o senhor, ainda que só um instante, é a subversão da ordem moral. A todo custo evitai situar-vos entre os sêres descoroados!

c) *E' uma virtude angélica*. Com esta diferença, entretanto, que aquilo que os anjos são por natureza, a alma pura o é por virtude. Os anjos não têm lutas a sustentar, ao passo que vós só vos conservareis pura com a condição de serdes vitoriosa no combate.

d) *E' um triunfo*. *Triunfo da Fé*; porquanto a luta nas obscuridades da terra só é sustentada pela esperança das recompensas futuras.

Triunfo do amor. Do amor de Deus primeiro, do qual as almas puras são "jóias"; do amor humano também, pois só os corações puros sabem amar. O amor repousa-lhes no fundo da alma como uma gôta de orvalho no cálice de uma flor; a alma tem o brilho, o perfume e a preciosa virtude dessa gôta de orvalho.

2º As tentações contra a pureza.

Se esta virtude é bela, é também particularmente atacada. O mundo e o demônio se aliam, mobilizando contra ela tôdas as suas potências e tôdas as suas seduções.

Homero nos conta que, tendo Ulisses de passar por perto do local onde cantavam as sereias *semeadoras de morte*, quis que o amarrassem ao mastro da sua nau, e mandou pôr cêra nos ouvidos dos seus marujos, para os impedir de ouvir as vozes pèrfidas que atraem para os abismos.

Vós, jovem cristã, agarrai-vos à Cruz de Jesus e, quando vier a tentação, haurireis na cruz a fôrça para resistir e a coragem para vencer. Porque tereis de lutar! a tentação aí está que vos espreita e vos espera.

Sobre este assunto tão delicado, universalmente prático e ao mesmo tempo tão grave, precisais de idéias bem claras. Nessas horas críticas produz-se, geralmente, um emaranhado de pensamentos, de desejos, de lutas, de êxitos, de desfalecimentos, em que os sentidos, a imaginação, o coração, a vontade intervêm alternativamente; nesse labirinto aparentemente inextricável de atividades interiores convergentes ou opostas, muitos não sabem como se orientar, como se julgar, como conservar ou retomar a serenidade interior.

Em lendo estas linhas, e mais tarde quando a tentação vier agitar-vos, pairai pois acima dêsse campo de batalha íntimo; vereis melhor o papel que nêle desempenha a vontade, e o que deve ser pôsto à conta da consciêcia nesses múltiplos assaltos.

a) *Não vos admireis das tentações.* — Raras são as almas que escapam a essa humilhante tortura; é como que uma inexorável necessidade. Coisa curiosa; temos vergonha de confessar essas misérias; imaginamos que os outros nunca tiveram de sentir essas dentadaç dolorosas, e que basta sermos assaltado por uma tentação para ficarmos manchado! Mas não! tôda criatura humana é tentada, os anjos o foram no Paraíso, o próprio Jesus o foi por três vêzes (de fora sòmente).

Escutai S. Paulo:

“Infeliz homem que sou, quem me livrará dêste corpo de morte? Com mêdo de que a grandeza das minhas revelações não me ensoberbecesse, foi-me dado o estímulo da carne, o anjo de Satã esbofeteou-me!”

E S. Agostinho:

“O’ volúpia infernal, de ti vêm quase todos os males que enchem o mundo!”

Falando das lutas que teve de sustentar no momento da sua conversão, diz ainda êle:

“Minhas velhas paixões comprimiam-se em volta de mim, pegavam-me pela minha veste de carne, e procuravam arrastar-me ao mal!...

Ah! quem é então que não tem a sua veste de carne, êsse manto de chumbo, essa túnica de fogo?

E S. Jerônimo, que se condenara a viver nos desertos, é ai perseguido pelas imagens voluptuosas da cidade de Roma; vê-as projetarem-se nas paredes da gruta onde, no ardor da luta, êle se mortificava batendo no peito com uma pedra!

Como então vos admirardes de que a tentação vos aflija também? Não! as pobres misérias ambulantes dêste mundo farão bem em evitar esta loucura de um amor-próprio ferido.

b) *Não vos perturbeis nas tentações.* — Ficai calma! Quando o demônio pode lançar a perturbação num coração, aproveita-se disso para redobrar seus assaltos. Mons. de Ségur escrevia a uma alma atormentada:

“Despreza essas imaginações más que tomas falsamente por pensamentos culpados; o pecado dos maus pensamentos não consiste em ter na mente o pensamento do mal, mas em se representar voluntariamente ações más como as fazendo e tomando nelas um prazer voluntário. Tôdas essas faíscas que o demônio te espalha diante dos olhos são simples fogos fátuos com que não te debes incomodar”.

E, depois, que é que prova a sanha do demônio senão que o vosso adversário ainda não ganhou nada?

Não se assedia uma cidade tomada! não se ataca um inimigo que se rende! tôda derrota põe fim à luta, e a paz, uma triste paz, é adquirida pelos vencidos!

Demais, não esqueçais que não é só a vós que o demônio ataca; o próprio Jesus Cristo que êle persegue em vós!

Tal como sois, só desprezo podeis inspirar a êsse gênio infernal; não se vê por que razão lhe poderíeis inspirar ódio!

Sim, é a Deus que êle ataca em vós! Deus Pai, de quem sois a imagem e a filha; Jesus, que é e se diz vosso irmão; o Espírito Santo, de quem sois o templo! Eis o que lhe provoca a inveja, a cólera e o ódio. Assim sendo, acreditais que Deus possa desinteressar-se de uma causa que se tornou a sua? pode Êle ficar impassível, indiferente a uma luta que sustentais por Êle?

Ah! se êste pensamento vos estivesse bem presente na hora da tentação, nunca seríeis vencida nem ficaríeis perturbada!

"Há muito mais gente conosco do que com êles", dizia Eliseu ao seu servo espantado de ver um exército inteiro em perseguição do seu amo. E o discípulo do profeta viu então a montanha coberta de cavaleiros celestes e de carros de fogo.

Durante a tentação, o céu inteiro está convosco, invisível mas real! Que força então! porque, "*Se Deus está conosco, quem estará contra nós?*"

c) *Não vos queixeis nas tentações.* — A calma pode deixar brotar virtudes franzinas, magras, delicadas, que a menor borrasca carrega. Os grandes choques e as grandes lutas robustecem a alma e forjam o caráter. As almas que não têm às vêzes sobressaltos não são, comumente, grandes almas. Na Escritura há sobre isto palavras bem consoladoras:

"*O Senhor vos tenta para saber se o amais de todo coração!*" (Dt 13, 3). E estoura: "*Porque eras agradável a Deus, necessário se fazia que a tentação viesse experimentar-te!*" (Tob 12, 13).

Depois disso, como nos queixarmos? Aliás, se o demônio se encarna contra vós, é bom sinal, não se ataca um morto!

d) *Muitas vêzes a tentação é um grande bem.* — 1º, Tor-na-vos aguerrida; 2º, dá-vos ensejo de provar a Deus o vosso amor; 3º, leva-vos a fazer sacrifícios; 4º, torna-vos, enfim, mais humilde e fortalece-vos na virtude. E' como um pé de vento que faz cair os galhos mortos e arraiga ainda

mais a árvore vigorosa. Demais, tôda resistência é um ato de vontade, de fé, de esperança e de amor.

e) *Sentir não é consentir.*

Diz S. Francisco de Sales: “E’ preciso ter grande coragem nas tentações, e não se julgar vencido enquanto elas desagradarem; porque sentir não é consentir, e pode a gente senti-las embora elas desagradem”.

No ser humano, uma “fera” está como no seu covil. Evoque a imaginação um objeto que lhe apraza, e ela salta em cima e se deleita com êle. Dai êsses desvios, êsses movimentos involuntários de que não somos responsáveis. Tudo isso se produz automaticamente, como uma mola que se solta.

f) *Nosso coração é como um espelho*, diz S. Francisco de Sales.

O vidro do espelho representa ingênuamente a coisa que a êle está oposta, mas essa coisa não está no espelho. O mesmo se dá com o nosso coração. E’ um espelho onde o diabo pode representar tudo o que há de mais infame, mas só a nossa vontade é que pode abrir a porta e nêle fazer entrar essas execrações. Faça, pois, o diabo tantas caretas quantas quizer, forme diante do vosso coração as imagens mais horrendas, tudo isso não vos torna culpado.

g) *Mas a minha tentação durou muito tempo*, direis vós. Que importa! devesse ela durar a nossa vida tôda, nem por isso seria um pecado. Há santos que foram tentados até à morte sem trégua e sem repouso.

h) *Receio ter consentido.* — “O consentimento, diz S. Francisco de Sales, presume uma aquiescência da alma tão plena e uma determinação tão absoluta, que eu não quisera pôr o pecado capital senão numa aceitação da vontade que não deixa após si dúvida alguma. Enquanto a tentação vos desagradar, nada há a temer; porquanto, por que é que ela vos desagrada, senão porque não a quereis?”

i) *Quando é que há pecado mortal?* — Quanto a saber e a decidir por vós mesma, na dúvida, se pecastes gravemente ou não, isso às vêzes pode-vos ser impossível, e a investigação inquieta a êste respeito nunca é oportuna.

Para uma alma que não é escrupulosa, uma dúvida verdadeira supõe ter havido uma negligência bastante notável, de que é preciso pedir perdão a Deus, sem repisar mais nisso. Para uma alma habitualmente piedosa, a dúvida exclui o consentimento formal e deliberado, e portanto também o pecado mortal; porquanto, nessa alma, o consentimento que produzisse o pecado mortal não passaria despercebido.

“Em muitos casos, diz Santo Agostinho, é difficilimo, e *mesmo perigoso*, procurar *esse* discernimento”.

S. Tomás e S. Afonso de Ligório usam da mesma linguagem.

Aí ainda, escutemos S. Francisco de Sales:

“Quando não sabemos discernir se somos culpados, devemos-nos humilhar, pedir mais luz para outra vez, e esquecer inteiramente o que se passou; porque uma curiosa e solícita investigação vem do amor-próprio. Demais, à fôrça de querermos investigar *se, como e até onde* havemos consentido, tornamos a tentação ainda mais perigosa, alimentando-a quando não mais deveríamos pensar nela”.

3º Remédios para as tentações.

Os Santos foram tentados e não se queixavam. Resistiam. Se, após algumas escaramuças, vos declarais fatigada, achando a luta dura demais e demasiado longa, é que nunca comprehendestes esta palavra tão enérgica do apóstolo: “*Na vossa luta contra o pecado ainda não resististes até o sangue!*”

Sob a dentada das tentações, sabeis o que faziam os santos? Flagelavam-se, dilaceravam-se com cilícios e pontas de ferro, mergulhavam-se em tanques gelados, rolavam-se nos espinhos ou em carvões ardentes!

Eis aí, consoante a história, a que grau de heroísmo levavam êles a luta contra tentações terríveis. Deus não vos pede mortificações semelhantes. Pelo menos podeis reconhecer que o que Ele reclama da vossa fidelidade é bem pouca coisa em face de tais combates. Sucede, ainda, que esse pouco não se deve regateá-lo, e que o perigo aí está sempre para exigi-lo. Se importa não aumentá-lo exagerando-o,

também não se deve desconhecê-lo ao ponto de descurar os meios de vencê-lo.

O inimigo aí está; ronda incessantemente para empolgar a prêsa que cobiça. O esforço humano é insuficiente para triunfar dêle sòzinho, a vitória só de Deus pode vir.

Quais são, pois, nessa luta, os meios a que deveis recorrer e que, com o auxílio divino sempre oferecido, assegurarão a derrota do inimigo?

a) *Pedir a Deus.* — Sem o amparo especial da sua graça não se pode conservar a pureza. Esta virtude, mais ainda do que outras, está acima das puras fôrças humanas. Por isso é preciso pedi-la Aquele em quem tudo podemos quando Èle nos vem fortificar.

Durante a tentação, esquecer-se de rezar é parecer-se com o soldado que vai para o combate sem armas. Quanto mais tentada vos sentirdes, tanto mais deveis rezar. Se a criança cai, é porque recusa a mão do pai; se o cristão sucumbe, é porque não rezou. Ninguém é jamais vencido, senão por sua culpa.

— “Minha graça te basta”, dizia Deus a S. Paulo, e esta palavra Èle repete a todos os que são tentados.

E, no entanto, muitas almas, ao invés de recorrerem instintivamente a essa arma soberana, deixam-na cair por causa da sua perturbação!

b) *Vigiar os próprios olhares.* — Como Jeremias falando das horrendas calamidades da sua nação, a respeito dos males que a vista ocasiona, tem-se repetido muitas vêzes que “a morte entrou pelas janelas”. Esta figura é muito expressiva, mas S. Agostinho nos assinala o mesmo perigo de maneira mais direta. Escreve êle: “Aquêle que não pode guardar os olhos não poderá guardar o coração. O olhar produz o pensamento, que pode provocar o desejo, o consentimento, o hábito, a necessidade e a morte”. Isto ajuda a compreender a reflexão de um homem que tinha ficado cego: “Perdi meus dois maiores inimigos!”

A beleza atrai antes de emocionar, solicita os olhos. Holofernes foi prêso pelos olhos em contemplando a beleza de Judite, David foi perdido por um olhar...

Mas para que invocar testemunhos? Interrogai a vossa consciência... Acaso a mor parte das vossas tentações não foram provocadas por um olhar imprudente?

c) *Conservar uma grande calma.* — Quando sentirdes vir o ataque, ficai bem na posse de vós mesma e nada exagereis. Sobretudo, não vos perturbeis! Lembrai-vos, então, de que Deus vos vê e vos protege, de que Ele não permitirá que sejais tentada acima das vossas fôrças, e, com rápido movimento do coração, recorrei a Ele com confiança, a fim de lhe atrairdes o socorro. Ele é o Deus da paz; então, sobretudo, ficai bem em paz, pensando em que Ele a isto vos convida por êste doce incentivo: “Eu estou contigo, sou eu, fica sem receio!”

d) *Mudar de ocupação,* de lugar se possível, sair, distrair-se, criar uma diversão qualquer, ou então fixar com mais intensidade a atenção na ocupação presente. Será essa uma forma de resistência. E S. Tiago disse: “*Resisti ao demônio, e vê-lo-eis fugir*”.

e) *Fugir da ocasião.* — A única fôrça humana, na circunstância, é ter mêdo de si. A beira do precipício, recuar é avançar.

Escutai S. Francisco de Assis: “Eu sei o que deveria fazer, mas não sei o que faria, se estivesse exposto à ocasião!...”

E haverieis de ir, vós, deliberadamente lá onde sabeis que o perigo vos espera, vos ameaça?

f) *Não brinqueis com a tentação.* — Não se brinca com o fogo. Não podeis ficar indiferente ante o aparecimento da imaginação que acarretaria a idéia maléfica. Ceder um pouco é enfraquecer-se a si mesma, não é enfraquecer a tentação. Mister se faz, pois, sem se perturbar, enxotar o mau pensamento assim que se apresenta. Se o deixarmos penetrar sem reagirmos suficientemente, aos poucos êle desce ao coração, opera no organismo, causando nêle uma moleza deprimente; e, se, mormente por causa de faltas precedentes, êle aí achar terreno propício, pode então ser preciso um rude trabalho para expulsá-lo!

Diz o Pe. Antonino Eymieu: "E' mais fácil afastar o primeiro pensamento do que lhe suprimir as conseqüências. E' mais fácil não semear a glande do que arrancar o carvalho.

"A idéia é o desfiladeiro por onde passa tudo o que entra na nossa consciência; é, pois, ai que cumpre estabelecer o contrôle e, se preciso, oferecer batalha. E' o ponto estratégico a ocupar para ficar senhor de si".

O inimigo pede-vos apenas um segundo de atenção, insinua que tem só uma palavra a vos dizer; mas essa palavra seria a faísca numa fogueira, quiçá numa pólvora. Atenção! e sêde intratável para com êle desde o inicio...

Alfred de Musset, que foi um grande depravado, escreveu êstes versos lapidares:

"Le cœur de l'homme vierge est un vase profond;
 "Lorsque la première eau qu'on y verse est impure,
 "La mer y passerait sans laver la souillure,
 "Car l'abîme est immense, et la tache est au fond".

O coração do homem virgem é um vaso profundo;
 Quando a primeira água nêle vertida é de lôdo,
 O mar passaria nêle sem o lavar de todo,
 Pois imenso é o abismo e a mancha está no fundo.

Vigilância, pois! que não penetre em vós "a água impura!" há tarefas cuja última marca e cuja influência funesta sôbre a vida nunca se podem suprimir, mesmo quando foram apagadas pela misericórdia divina!

g) *A humildade.* — A tentação é uma humilhação. Aceite-mo-la de bom grado, ela nos fará bem.

A êste respeito, eis os graciosos conselhos de S. Teresa do Menino Jesus:

"A cada nova ocasião de combate comporta-me como brava: sabendo que é uma covardia o bater-se em duelo, viro as costas ao meu adversário sem nunca o olhar de frente. Por que procurardes colocar-vos acima da tentação? Passai por baixo, mui simplesmente. E' bom para as grandes almas voar acima das nuvens, quando ronca a tempestade; quanto a nós, temos apenas que suportar pacientemente os agua-

ceiros. Tanto melhor se ficarmos um pouco molhados, enxugar-nos-emos em seguida ao sol do amor”.

Desde que o demônio enganou nossos primeiros pais por estas palavras: “Sereis como deuses”, um orgulho instintivo faz o fundo de tôda natureza humana.

“Nós crescemos numa adoração inconsciente de nós mesmos, e fazemos fumegar diante do nosso próprio ídolo um incenso que nos cega. Por isso, aos poucos Deus se retira... depois se vinga entregando-nos às enfermidades da nossa própria carne.

A impureza é o castigo providencial do orgulho, como, contrariamente, a pureza é a flor natural da humildade.

Pode-se, pois, estabelecer “uma inegável correlação entre a humildade e a pureza” (Tissier).

Há uma vaidade tola, um desejo de agradar, uma necessidade de aparecer e de se fazer notar, que podem arrastar a donzela a certas leviandades, e mesmo mais longe...

Menina, sede bem humilde, e permaneceréis sempre bem pura. Em compensação, se sentirdes em vós o orgulho, tremel...

Alguém perguntava ao demônio, que falava pela bôca de um possesso, por que era que êle nunca tentava uma alma de virtude exemplar. E êle respondeu: “Ela é orgulhosa demais da sua pureza para que eu lhe perturbe o orgulho!...”

h) *A alegria*. — Oh! sim! a alegria, porque um caráter alegre, ou que procura sê-lo por virtude, é mais apto que outro para a luta.

Os tristes são e serão sempre uns tristes santos. A tristeza habitual oferece um campo incrível à tentação. Se essa tristeza, qualquer que lhe seja a causa, não fôr combatida, se fôr alimentada, se fôr cultivada, a alma não tem mais impulsos, um nada pode fazê-la soçobrar.

Tende, pois, e alimentai em vós a todo transe essa santa alegria de que falaremos mais adiante. Ela é uma fôrça, um dever; “nascida, um dia, do sorriso de Deus”, ela enflora a vida e fàcilmente se torna um poder incrível.

i) *Conservar a confiança* apesar de tudo, mesmo se a tentação devesse ser longa e dolorosa! Porque: 1° *Deus cir-*

cunscreve o terreno da luta. A vossa liberdade permanecerá sempre inviolável e inviolada. Pode o demônio bater à porta de uma alma, só penetra nela se ela o deixar entrar. 2º *Deus fiscaliza as operações;* como assegura o apóstolo, podeis estar firmemente convencida de que Deus não vos deixará tentar além das vossas fôrças, e a sua graça corresponderá sempre ao grau da tentação. 3º *Ele vos protege* pelos seus anjos e especialmente pela Rainha dos anjos, e finalmente Ele próprio intervém.

Lembraí-vos sempre de que, atacando-vos, o demônio tem mais em vista Deus. E' a obra da Redenção que êle quer destruir atraindo-vos ao pecado. Deus deve, pois, a si mesmo defender-vos.

j) *Desprezar a tentação.* — Um teólogo dá o conselho seguinte:

Por que não opor mui simplesmente às provocações dessas mûscas importunas a indiferença do asco e do desdém? Eis aí um bom remédio: *a indiferença, o desprezo.* Deixai passar, sem atentar nela, a onda de espuma lodosa que a corrente da vida arrasta. Nada vale tanto como esta atitude. O demônio é todo orgulho. O seu maior suplício será a humilhação pela qual uma criatura humana o esmagará com seu desprezo. Quando uma gôta de água vos salta na roupa ou uma mûsca vos vem ao rosto, não tendes essas cóleras, êsses desesperos, essas angústias que acompanhavam às vêzes a resistência às tentações. Enxugais a água com um reverso de mão, enxotais tranqüilamente a mûsca, e está acabado.

S. Francisco de Sales dá o mesmo conselho: "Combater um inimigo é sinal de que se faz caso dos seus ataques e da sua fôrça; mas, quando o desdenhamos, sinal é de que o temos por vencido. Para o diabo, nada o enxota tanto como o desprezo, pois o seu orgulho não pode sofrer ser desprezado. Êle persegue os que temem e foge dos que o desprezam".

Fazei grande caso dêste conselho, que pode ser dos mais úteis quando a tentação fôr facilmente superável. E' êsse um meio muito prático, quer de fazer cessar o ataque, quer de

não vos expordes a lhe agravar a intensidade. Porque, se a gente se ocupa da tentação e, sobretudo, se com ela se preocupa de maneira excessiva, ela redobra, ao passo que o vigor da resistência se enfraquece.

Aplicai-vos, entretanto, a só empregar *esse* meio seriamente e com oportunidade. E' mister precatar-se de confundir-lo com uma espécie de apatia, de indiferença ou de displicência, que produziriam como que fatalmente uma triste derrota, ou que já poderiam constituir o consentimento culposo, por falta de resistência positiva no caso de perigo sério.

Além disso, cumpre notar que as tentações impuras podem às vezes apresentar um caráter de violência que as tornam bem penosas em certas horas, nas quais a alma fica como que afogada num oceano de trevas; ela sente, por assim dizer, a lama subir a tal ponto, que só a extrema ponta da alma sobrenada, podendo dar asilo à vontade que resiste e que não quer ser vencida.

"A vossa liberdade, diz Mons. Gay, está nesse ponto. Esse cimo tem a saliência requerida para que o doure o sol divino, tem a extensão suficiente para que Jesus ponha nêlo o pé".

Nesse caso, a tentação já não é mais a môsca importuna que um gesto pode enxotar, é uma verdadeira tempestade. Só Jesus poderá reconduzir a calma à vossa alma. Cai, pois, de joelhos aos pés dêsse divino Salvador, orai-lhe com fé, com essa confiança que o toca mais do que tudo, e logo sentireis a pobre barquinha da vossa alma flutuar na calma e na tranqüilidade.

4º O perigo das más leituras.

Na vossa idade, gosta-se de ler. A inteligência que desperta tem sêde de saber. Uma multidão de problemas se propõem que ela quereria aprofundar. Atenção!

a) *Ler é comer.* — A leitura é o alimento do vosso espírito, que assimila as idéias, as imagens e os relatos, da mesma maneira que o corpo assimila o alimento que toma.

Se o alimento é bom, o corpo passa bem. Se é mau, o corpo pode adoecer com êle e às vêzes morrer. Vossas leituras produzirão em vós efeitos semelhantes.

b) *Uma leitura sempre deixa vestígios.* — Do mesmo modo que a água das fontes conserva um residuo dos terrenos por onde passou, assim também todo livro que lerdes trará à vossa vida moral um conjunto de impressões e de disposições especiais. “Não há um só de nós, diz Paul Bourget, que, descendo ao fundo da consciência, não reconheça que não teria sido inteiramente o mesmo se não tivesse lido tal ou tal livro”.

A leitura de um livro piedoso converteu Agostinho e Inácio. Porém muitas vêzes também um livro é que tem pervertido tantas almas a princípio bem dispostas. E, em face de uma ação má, de um crime, quantas vêzes não se pode dizer: Procurai o livro! Sim, quantas mōças que caem poderiam agitar, acima do abismo em que a sua honra soçobra, o mau livro, o romance, o folhetim que foi a sua perda!

Um psicólogo, Proal, no seu livro “Crimes e suicídios”, escreveu esta frase lapidar: “Os maiores benfeitores e os maiores malfeitores da humanidade são os livros”.

c) *Que se deve pensar do romance?* — Na vossa idade, não querieis ler livros que se apresentassem abertamente como ímpios ou imorais; deter-vos-ia um certo pudor natural.

Mas o romance! Que atração, que encanto, que fascinação êle exerce sôbre vós! Não há romance sem enrêdo, sem paixão, reside nisso todo o seu interêsse; e é justamente isso que fascina e seduz. Êsses livros surpreendem tanto mais facilmente a imaginação e o coração quanto a finalidade dêles parece bastante moral e a conclusão não má, às vêzes mesmo séria. O vosso inimigo é êsse!

E escutai por quê:

1. *O romance exalta a imaginação.* — Entretanto, esta “louca” não precisa disso para fazer loucuras.

Todos êsses quadros apaixonados, essas descrições fantásticas conduzem-vos ao país dos sonhos e das quimeras. Depois de ler histórias em que vibraram de maneira doentia tôdas as molas da sensibilidade, em que a imaginação se

superexcitou sem o contrôlo da razão, em que o coração se entregou a todo um mundo de emoções factícias e fica como que hipnotizado, a pessoa não se pertence mais. Fica sob a influência mórbida dessa poderosa rêde de imagens e sentimentos que substituem, na consciência, o conjunto ordinário e razoável das idéias e sentimentos pessoais. E, um pouco como que acordando de um sono hipnótico, a pessoa sente-se deslocada. A alma fatigada experimenta um desencanto e um mal-estar indefiníveis; não chega mais a fazer o acôrdo entre o mundo imaginário em que acaba de viver de maneira intensa e que continua a retê-la, e o mundo real onde, apesar de tudo, lhe cumpre retomar o curso da sua vida normal.

2. *O romance perverte a inteligência.* — Sempre se acaba por esposar as idéias dos livros que se lêem freqüentemente. Sem desconfiar, o espírito assimila tôdas as opiniões, paixões, sentimentos do livro que êle devora. Chega-se assim a envenenar a inteligência, a fazê-la amar a mentira e o êrro que ela já não sabe mais discernir. Breve são as trevas que caem, e a noite faz a sua obra.

Quereis, a êste respeito, o conselho autorizado de *Fénelon*? “Uma donzela, cheia do maravilhoso que a encantou nas suas leituras, fica admirada de não achar, no mundo que a cerca, personagens que se pareçam com os seus heróis. Queria viver como essas princesas imaginárias que nos livros são sempre encantadoras, sempre adoradas. Que desgosto, para ela, o descer do heroísmo para as mais baixas minúcias da casa! E, por isso, que desprezo pelas pessoas que a cercam!...” A jovem ledora de romances encerra-se na sua torre de marfim, onde quer representar o papel da *incompreendida*! Quando sai dela, não sabe mais senão ser pesada aos outros como o é a si mesma.

3. *O romance devasta o coração.* — Tôda essa literatura age à feição do veneno. Entorpece, seca e mata as mais belas manifestações da delicadeza e da inocência. Embota as energias sadias da sensibilidade e acaba por tornar a pessoa incapaz de amar normalmente. A emoção, que se compraz em permanecer estéril, estanca as fontes do afeto

verdadeiro, da bondade que se dá, da compaixão ávida de aliviar. Além disso, devastações íntimas vêm geralmente romper esse coração ontem tão puro, um verme roedor lá está nêle. Breve, será a queda... a queda de um anjo!

4. *Objeções.* — Direis talvez:

Há romances honestos. — E' verdade; mas os santos vos diriam dêles como dos cogumelos: "*Os melhores nada valem*", pelo menos para uma alma sã.

Um diretor dava a regra seguinte: Não leiais os romances maus; não leiais os bons romances; lede sòmente os melhores, e ainda assim em pequena dose.

Há romances para môças. — René Bazin, que entendia disso, vos responde: "Esse gênero de romance conduz os autores a afetações cuja mentira as próprias colegiais adivinham, visto que os não relêem: porque as môças de vinte anos desdenham os livros que elas devoraram ao sair do colégio. Não sabem o que é a vida, mas sabem que a vida não está nessas contrafações ilícitas, e sentem que foram enganadas. O romance para môças não passa de um acidente feliz numa literatura que não é feita para elas".

5. "*A mim essas leituras não fazem nada*", dirá uma incorrigível leitora de romances! E' falso! E' fatal que tais leituras vos façam alguma coisa; e, se não o percebeis, é que a vossa sensibilidade se embotou tristemente!

O romance revolve idéias à flor dos sentidos; em vez de as dar de maneira didática, expondo-as sòzinhas, *encarna-as* num personagem, fazendo-as assim andar, viver, falar; move-as numa série de pessoas e de gestos diferentes que lhes formam uma moldura; aduz episódios dramáticos em que a imaginação e o coração são vivamente empolgados, e então são diálogos inflamados em que tôdas as paixões cantam as suas gamas conturbadoras...

E haveríeis de querer que essas idéias, tornadas em aparência tão ricas e tão complexas, não vos façam nada! Aí a psicologia e o bom senso protestam! e, se dizeis isso seriamente, é que poderíeis ser ingênua no sentido menos amável do termo.

Uma mulher nunca lerá um romance sem ter mais ou menos a idéia de vivê-lo. E isto basta para condenar de antemão essas produções literárias. Elas fazem sempre alguma coisa que não é o bem.

6. *Isso é muito severo*, direis vós? Sim, é verdade! Porém, muito especialmente neste terreno, é preciso sê-lo.

Quando a gente vê um Jean-Jacques Rousseau escrever, falando de um de seus livros: "A mulher que o ler é uma mulher perdida. Jamais à môça casta se permitiu ler êsse romance"; quando ouvimos um René Bazin dizer: "Eu não permito nem sequer a minhas filhas ler meus romances", confessai que isso faz refletir!

Não se trata aqui dos romances grosseiros, daqueles a que Luís Veillot alude quando escreve: "O punhal mais agudo, o veneno mais ativo e mais duradouro é a pena em mãos sujas!"

Mesmo nos romances honestos não tendes nada a ganhar, e talvez muito tenhais a perder.

Sem dúvida, algumas naturezas mais felizes, mais bem temperadas, mais bem formadas, algumas donzelas de alma já virilizada pela educação ou pela experiência do seu meio, poderão, sem grande inconveniente, ler essas espécies de romances. Mas aqui era preciso dar uma regra geral aplicável ao conjunto dos casos, e não a uma exceção. Grava bem em que consiste essa regra, e não procureis outra para vós, porquanto também vós tendes necessidade de ser severa para convosco mesma, e isso na medida em que vos propondes ser séria.

5° *As armas para o combate.*

Nessa luta gigantesca, que, para algumas, é de todos os dias, tendes armas poderosas que, se o quiserdes, vos podem dar a vitória. Vejamos quais são essas armas.

a) *A mortificação.* — "*Se eu afigo meu corpo, êle me mata*, dizia S. Francisco de Sales; *se o atormento, soffro*". E no entanto, bem forçoso é atormentá-lo! A luta está em tôda parte, é uma condição da vida cristã! Os olhos são ávidos de ver, é preciso saber fechá-los; os ouvidos são

ávidos de ouvir, é preciso às vêzes privá-los de ouvir! os sentidos são ávidos de sensações, necessário se torna recusar-lhes essas sensações; o coração tem sede de amor... mister se faz detê-lo, parti-lo, pisá-lo quando o objeto desse amor não é o que deve ser! E tudo isso não se faz sem sofrer. Pensai bem nisto: há alguma coisa que deve morrer em vós; e essa alguma coisa é a vossa má natureza com tôdas as suas cobiças.

A cada hora, a cada minuto, importa saber sacrificar, repelir, resistir, arrancar, e, se preciso, imolar! E' aos poucos que o rio conduz ao mar a pobre flor que nêle deixaram cair; é aos poucos também que o prazer leva ao pecado o coração que por êle se deixou encantar ou adormecer; com mais forte razão, é igualmente aos poucos, por uma longa série de atos freqüentemente renovados, que podeis tornar a subir a corrente violenta capaz de vos arrastar! E' preciso, pois, morrer a si, porquanto, segundo a palavra tão forte do Pe. Ravignan, "*Só os mortos é que vivem*". Essa virtude da pureza, que brota no meio dos espinhos da mortificação, não floresce *na terra dos que vivem na moleza*.

b) *A vigilância*. — Mais acima foi dito como se deve velar sôbre os próprios olhos. Este têrmo vigilância, aqui, dirige-se ao vosso coração. Não o deixeis "tomar"... Sede sempre senhora dêle. Um coração seduzido é cego e surdo; tão surdo mesmo, que às vêzes só o trovão da justiça de Deus poderá despertá-lo. Começa-se por uma amizade tôda pura, platônica e sossegada; pouco a pouco os sentidos se intrometem, e, depois de começar pelo espírito, acaba-se pela carne.

c) *A sagrada Comunhão*. — O Concílio de Trento chama a Eucaristia *o remédio da concupiscência*.

E, de fato, poderá ser fácil permanecer puro se não se comunga? Ao contrário, como não sentir em si a íntima necessidade de mais pureza, quando a gente se aproxima com freqüência de Jesus, quando se impregna da sua divindade? Deus e o mal são absolutamente opostos; aproximar-se de um é necessariamente fugir do outro.

O próprio Voltaire, o impio Voltaire, compreendeu esse papel da Comunhão nas almas. Nas Questões sobre a Enciclopédia, t. IV, êle escreveu:

“A imaginação é subjugada, a alma fica santa e enternecida, mal se respira, fica-se desprendido de todo bem terreno, fica-se unido com Deus, êle está em nossa carne e em nosso sangue. Quem ousará, quem poderá, depois disso, cometer uma só falta, e sequer conceber-lhe o pensamento? Era impossível imaginar um mistério que retivesse os homens mais fortemente na virtude”.

Eis aí um precioso fruto que podeis esperar da Eucaristia: ela vos purificará forçando-vos, pelo contacto habitual com a divindade, a ficar pura.

Mas há outra facêta da questão.

Importa pensar, sobretudo, na ação imediata e profunda do sacramento que age por si mesmo, sem que se tenha diretamente consciência disso. Essa operação divina traduz-se por um aumento da graça santificante, pela graça particular ligada ao sacramento, por outras graças atuais como luzes, fôrças, impulsos, eflúvios divinos, suaves consolações. Todos êstes dons trazem à alma uma renovação de vida, uma recuperação de saúde espiritual. E sob a constante influência dêles a alma torna-se cada vez mais pura, as paixões se acalmam, o fogo da concupiscência se apaga, temos mais ardor para a luta, Deus está presente em nós, e, quando Êle está em nós, não sabemos capitular.

Diz o Pe. Coubé: “As vêzes, pela comunhão, Cristo faz calar a tempestade das paixões; e a alma voga docemente como num lago límpido. E’ agradável, mas é raro. As mais das vêzes, êle dá a ela, como a S. Pedro, o poder de andar sobre as águas, sobre o pélagos das suas paixões movediças, sem se afundar nêle. E’ assustador, mas é mais meritório e mais glorioso. Mas, para assim vencer a tempestade, é preciso ter Jesus na barca, e para o ter é preciso embarcá-lo conosco pela comunhão freqüente”.

Um pobre soldado que ia para Verdun, na primeira Grande Guerra, dizia ao seu capelão, a quem pedia permissão para comungar: “Preciso ter a Deus no meu coração para

galgar até lá em cima". Vós também, menina, ponde a Deus no vosso coração, ponde-o amiúde, todos os dias, e então podereis afrontar impunemente os assaltos mais furiosos do inimigo, e vos elevareis acima de todos os perigos.

d) *Uma devoção filial à Virgem Maria.* — Maria não é somente a Virgem, a Imaculada, a Mãe puríssima e sem mácula, mas é também a mulher que esmagou a cabeça da serpente. Levantando os olhos para êsse ideal de pureza e de inocência, vossa alma sacudida pelas ondas da tentação haurirá nêle um amor ardente da alvura virginal; e, à vista de Maria, ouvindo-lhe o nome, Satanás fugirá envergonhado, lembrando-se da sua primeira derrota. "*Seguindo a Maria, diz S. Bernardo, não vos podeis transviar; rezando a ela, não podeis desesperar; pensando nela não vos podeis perder. Enquanto ela vos amparar, não caireis; enquanto vos defender, nada tereis a temer; enquanto vos proteger, não vos perdereis*".

6º No abismo.

Do fundo do abismo em que caiu, uma alma levanta os olhos ao céu; mas, ainda não sabendo *querer*, não tendo fôrça para quebrar os seus grilhões, debate-se no pélogo em que se afunda! Que dizer a essa pobre alma caída? Que tudo está perdido? Que é tarde demais? Não!

Seria enganá-la, e seria burlar o amor inefável de Deus que a atrai, que a chama, que a espera e a excita a uma corajosa confiança.

Como o filho pródigo, exclame ela também: "Levantar-me-ei e voltarei para junto de meu Pai!"

Se estas linhas caírem sob os olhos de alguma dessas almas, eis o que ela fará bem em meditar, em compreender, para enveredar sem hesitação e bravamente pelo caminho do retôrno:

a) *Considerai a vossa dolorosa miséria.* — Jesus não vos diz mais nada! vós errais no vácuo, num túmulo! No início, tivestes sobressaltos, revoltas, veleidades de conversão; mas os gritos da paixão, tímidos a princípio, viraram exigências brutais, vossos desejos maus são como rugidos de fera esfaimada.

Infeliz! a vossa paixão é degradante, é dolorosa, não pode ser saciada! Acreditastes achar a felicidade, mas o prazer não gera a felicidade, e, por sob essas exterioridades aliantes, por sob essas flôres de volúpia que foi que achastes? o tédio, o enjôo, o remorso! Oh! Como é grande a vossa miséria, mas confiança e coragem mesmo assim!

b) *Deus vos espera.* — Assim como o pai do pródigo ia com freqüência à estrada, espreitando a volta do filho, assim também Deus, de quem fugistes, vos espera igualmente na estrada da conversão.

Sois infeliz, sois miserável, estais chorosa e quase sem esperança; mas Ele é misericordioso, é a misericórdia, é o amor que, por vós, se imolou. Ele é esse Jesus que disse: “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores”.

Ele é esse Salvador que disse: “Haverá mais alegria no céu por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não necessitam de penitência”.

Ele é esse Jesus que, vendo o arrependimento de uma mulher infeliz, para quem os escribas e os Fariseus não tinham ousado esperar dêle senão a condenação, disse a ela com coração compassivo: “Nem eu também vos condeno; ide, e não pequeis mais!”

Levantai-vos, pois, e voltai a vosso Pai. Ele ai está que vos espera... lançai-vos aos seus pés; quando alguém está aos pés dêle, está bem perto do seu coração.

c) *Ide a Ele!* — Porém mostrais os vossos andrajos sórdidos, as vossas nódoas hediondas, para fazerdes compreender que não ousais comparecer assim perante o Deus de toda pureza. Ide então primeiro “mostrar-vos ao sacerdote”. Um sacerdote de Jesus, que tem o espírito e o coração de seu Mestre, nunca vos repelirá.

Ao contrário, esse homem, cuja missão (êle bem sabe disto) é principalmente continuar Jesus na terra, saberá compadecer-se das fraquezas das almas, das suas misérias, dos males que lhes causaram a perda. Compreender-vos-á, seu coração se abrirá ao vosso infortúnio; êle vos levantará, vos confortará, vos perdoará.

Pelo seu ministério, a vossa veste de inocência ser-vos-á

restituída, e então já não temereis ir, confiante e penitente, aos pés dêsse Deus que vos abre os braços.

d) *Estando vosso coração preso, tornai-o livre!*

Coisa dura e difícil, certamente! Mas, se o quiserdes, a graça que vos solicita continuará a sua obra salutar. Começai quebrando generosamente os laços que vos retêm, subtraindo-vos, arrancando-vos a essa funesta escravidão de que não cessastes de corar. Fugi, pois, da ocasião de pecado; esquecei o passado e sobretudo o objeto até aqui demasiado caro ao vosso coração e que vos perde em se perdendo por vós; afastai até o pensamento dêle, e destruí tudo o que vos possa evocar a sua lembrança.

Com êsse regime, a paixão cairá pouco a pouco, como um fogo que se apaga à mingua de alimento.

e) *Não desanimeis depois das recaídas.* — A conversão, a extirpação completa de um vício passado a hábito, não é negócio de um dia. Talvez que, mau grado as vossas resoluções generosas, ainda torneis a cair. O inimigo vencido voltará à carga, vossas paixões adormecidas despertarão; amanhã a luta recomeçará mais viva, mais terrível! Sentireis pesar duramente sobre vós o pêso esmagador do hábito criado pelas vossas faltas. Mas, avante! e nunca desanimeis! Conservai a vossa vontade orientada para o bem, e, apesar de tudo, de desgostos, aborrecimentos, lassidões, recaídas, sim, *apesar de tudo*, recomeçai a luta com a mesma calma, a mesma confiança e o mesmo amor. "*Encarregai-vos de esperar*, dizia S. Francisco de Sales, *e eu me encarrego de todo o resto*".

f) *Amai mais.* — Mons. Gay escreveu estas palavras consoladoras: "Quem sabe se, perante Deus, êsses anos deplorados não se tornarão mais belos, mais florescentes, mais preciosos pela penitência do que o teriam sido pela inocência? Não se poderia lastimar-vos de terdes pecado como Madalena, se como ela chorardes. Se no passado atraçoastes o amor, sentireis uma necessidade premente de amar mais no futuro". Há soldados que, depois de cederem pé, voltam à luta e batem-se como leões! Nunca se perdoam o seu desfalecimento, e querem merecer que êle lhes seja perdoado.

Sem dúvida, uma alma inocente é mais bela; porém uma alma generosa que, levantando-se das suas quedas, quer amar mais, pode obter que Jesus diga dela com complacência: "Muito lhe é perdoado porque ela muito amou!" Pode mesmo, às vèzes, tornar-se mais apta às grandes dedicações, porque a sua vontade está armada de salutares resoluções, e o seu coração foi lavrado e fecundado por grandes remorsos.

III. A simplicidade.

Um dia os Apóstolos discutiam para saber qual dêles teria o primeiro lugar no reino dos céus. Tomando então uma criança, Nosso Senhor colocou-a no meio dêles, e depois disse: "*Em verdade vos digo, se não vos fizerdes semelhantes a esta criança, não entrareis no reino dos céus!*" Que é que mais notamos na criança? Não é a candura, a simplicidade? Ela não tem nenhuma astúcia, diz o que pensa, acredita o que lhe dizem, anda simplesmente, francamente, direitinho. Eis aí o vosso modelo.

1º O que é a simplicidade.

Poder-se-ia defini-la: uma virtude pela qual se vai direito a Deus, direito à verdade, direito ao dever.

a) *Ir direito a Deus.* — Quer dizer não ver em tudo senão a sua santa vontade, sem se preocupar com o juízo dos homens. Tudo por Deus! Ele é o princípio e o fim das nossas ações; deve-se viver como se houvesse só Ele e nós neste mundo. A alma simples vai a Deus "direito como uma bala de canhão".

b) *Ir direito à verdade.* — Como Nosso Senhor nos ensina quando nos recomenda falarmos assim: "*Isto é, isto não é, tudo o que se acrescenta vem do Mau*", deveríeis ter a tal ponto essa franqueza, que a vossa palavra equivallesse a um juramento! E' tão belo achar uma pessoa bem franca e ler-lhe tôda a alma no olhar claro e límpido!

c) *Ir direito ao dever.* — E' sacrificar tudo por Ele. O dever é uma coisa sagrada, é a senhal! Deve-se ir a êle através de tudo, e lançar-se nêle com tôda a alma, com todo o

coração, mesmo se o sofrimento ou a dor deverem achar-se no caminho.

d) *A alma simples* é aberta, leal, cândida; faz-se amar por todos e em tôda parte, porquanto, segundo o pensamento de S. Vicente de Paulo, ela não usa nem de finura, nem de astúcia, age simplesmente e fala sinceramente, mesmo observando a discrição que a prudência exige.

A alma simples é cheia de clarividência e de limpidez; vê depressa e vê claro. Não suspeitando nem os artificios nem as astúcias, desconcerta-os, dissipa-os, e passa através, forte da sua retidão e da sua franqueza.

A alma simples faz a sua obra arredidamente, desdenhosa do louvor e do arruído, como a roseira que produz sua flor, ao sol sem dúvida, mas longe do mundo e dos seus tumultos.

A alma simples vive tranqüila e calma, como o ribeiro no seu leito, deslizando ao longo das ribas; vê-se o céu mirar-se-lhe nas águas. Já não houve, com efeito, quem dissesse ser a simplicidade filha da inocência? Ela é também irmã da caridade.

Sêde, pois, simples:

1. *Nos pensamentos*, indo direito ao fim, sem colear, sem procurar enganar os outros nem enganar a vós mesma.

2. *Nas palavras*, só dizendo o que tiverdes no coração, e coisa alguma que seja contrária a Deus ou ao próximo, evitando também o que possa enaltecer-vos.

3. *Para com Deus*: Ide a Êle com um coração desinteressado, que se compraza em amá-lo sobretudo por Êle mesmo; fazei passar êste motivo à frente de outros que sejam bons, licitos e até mesmo recomendados; mostrai-lhe, porém, a disposição que pressupõe sempre êste pedido do Pai-Nosso: "Seja feita a vossa vontade!"

4. *Para com o próximo*. Há uma simplicidade ingênua que não é virtude e que atrai as zombarias; a boa simplicidade, que será a vossa, é acompanhada de discernimento e de juízo, mostra-se para com todos franca, sincera, leal, forte de tôda a fôrça da verdade, mas nunca esquecendo uma reserva digna.

Mormente nos nossos dias, certas pessoas vêem na sim-

plicidade uma virtude de superfetação, que parece constrangê-las e mesmo diminuí-las. Que erro! “*Se teu olho é simples, disse o Mestre, todo o teu corpo será luminoso*”. Essa virtude porá luz na vossa vida; ela implica a ascensão calma e tranqüila da alma para a verdade e para o bem, e mesmo se não se tem a fôrça de praticá-la, não se pode deixar de admirá-la nos outros.

e) *Vantagens que essa virtude proporciona.* — Eis, pois, uma alma simples, reta; ela tem só uma visão, só um olhar, só uma intenção, só um desejo, só um escopo: Deus e a sua vontade, isto é, o Dever! Não tem dois modos de pensar nem de agir; fala como pensa, o seu procedimento é o mesmo em tôda parte e sempre. A sua fé é simples, sem raciocínio nem hesitação. A sua esperança é simples: ela se abandona à divina Providência como uma criança nas mãos de seu pai. Seu amor é simples: ela refere tudo a Deus, amorosamente, cândidamente. Não diz: “Que pensarão os homens?”, mas sim: “Que pensará Deus?”

Como é bela essa alma! como é boa! como é grande!

1. *Deus a ama;* porque “é com os simples que êle gosta de conversar”, a tal ponto que Jesus, no Evangelho, agradece abertamente a seu Pai o lhes haver revelado a sua doutrina, a êles os “pequenos”, de preferência aos sábios e aos prudentes do século.

2. *Tôda gente a ama;* porque mesmo as naturezas mais falsas são subjugadas pela reta e nobre simplicidade, cujo encanto arrebatava e atrai.

3. *Ela é cheia de segurança;* porque há nela confiança, coragem, tranqüilidade, intrepidez. Ela segue seu caminho bem direito, sem temer coisa alguma; ao passo que a alma que vai por caminhos oblíquos tem sempre mêdo de ser descoberta, de se ver reconhecida e desprezada.

4. *E' feliz.* Uma alma simples recebe muitas graças e luzes; vai à verdade, ao bem, ao dever, fàcilmente, nobremente, com tôdas as veras. E, quando Deus a chama a Si, ela morre como viveu, simplesmente.

2º Os inimigos da simplicidade.

a) *A vaidade.* — E' êste um inimigo perigoso das jovens. Cativa-as por suas bagatelas, torna-as inaptas para as mais nobres aspirações, e desvia do bem, não raro do dever, aquelas que a ela se deixam arrastar.

Muito poucas almas se elevam até ao orgulho, a maior parte vegeta numa tôla e ôca vaidade. Comprazem-se em si mesmas, nos seus talentos, nas suas qualidades. Achamo-las em adoração perpétua diante da sua pessoinha, enquanto uma garridice não raro requintada as impele a agradar aos outros.

Alphonse Karr disse: "Para muitas mulheres, a religião consiste em ir à missa no domingo para mostrar o vestido e criticar os vestidos das outras". Esta reflexão mordaz não parecerá injusta a tôdas.

Beleza, vestidos, talentos, "toilettes", tudo isso bem pouco é. Infelizmente essas "vaidades" se tornam com frequência preocupações estorvantes, que perseguem a donzela até aos pés dos altares.

Quanta pequenez há; pois, nessa procura exagerada do enfeite! que falta de simplicidade também!

Tomai uma bela rosa que desabrocha no meio de um canteiro, e, a pretêxto de torná-la ainda mais bela, guarnecei-a de fitas, de lantejoulas, e vertei-lhe na corola um perfume precioso. Que tereis feito?... tereis estragado uma coisa bem fresca, e lhe tereis tirado a sua verdadeira beleza.

Aplicai a comparação a vós mesma.

Em plena juventude, nessa hora matinal da vossa vida em que ainda tendes tôdas as frescuras da primavera, buscar fora o exagêro de certos ornamentos não é confessar que as graças recebidas da natureza não vos bastam? não é querer tomar emprestado à arte garridices que vos afeiam, e muitas vêzes cair numa extravagância ridícula?

Deixai a rosa florescer e embalsamar o jardim; e vós, tende a simplicidade de ficar sendo vós mesma.

b) *A mentira.* — Uma coisa está no direito de impressionar um observador atento: a honestidade mais elementar impede de pagar uma compra com moeda falsa, corar-se-ia

disso; e entretanto por um nada, nas relações sociais, dar-se-á a mentira em lugar da verdade. Não é o caso de repetir a palavra célebre: "A palavra foi dada ao homem para lhe disfarçar o pensamento"?

Um prelado escreve:

"O que prova o quanto a mentira é feia é não haver nada de que se tenha vergonha em igual grau. A confusão suprema consiste em ser pegado em flagrante delito de mentira. A mentira é o pecado dos fracos, dos que, para se safarem do embaraço, para se defenderem ou se vingarem, só têm esse processo hipócrita, injusto, caviloso, essa tenebrosa covardia equívoca, oblíqua, que rasteja na sombra, que se mascara e abusa da confiança de um próximo por demais leal para suspeitar tal baixeza e não se deixar enganar. Deixai para outras almas menos corajosas, e menos delicadas do que as vossas, tôdas as "mentiras de necessidade", mentiras alegres ou officiosas que, ao mal que se faz em enganar o próximo, acrescentam o mal não menor de enganar a própria consciência. E' dar prova de um caráter bem pequeno o não ter a coragem daquilo que se pensa, ou daquilo que se quer, ou daquilo que se faz. E' coisa baixa e vil, quando se fala, não ousar fazê-lo conformemente ao próprio pensamento... Nunca uma jovem pode enveredar pela trilha da desonra a não ser pisando antes a verdade. Aquêlê que é bastante degradado para mentir, por isso mesmo é capaz de tôdas as vilanias. Determinando-o o temor dos homens a fazer, por sua mentira, injúria à verdade, à sua consciência e a Deus, doravante nada mais pode retê-lo no declive do mal, de vez que êle achou meios de escapar aos homens com desprezar a Deus, a consciência e a verdade!"

Estremecei, pois, a verdade, a lealdade, a franqueza e a simplicidade. Não tendes medo de dizer sim, se é sim, e não, se é não; a menos que, sem o deixardes parecer nem trairdes uma justa reserva, necessário se torne saberdes guardar para vós o vosso pensamento.

A limpidez das vossas palavras será, ordinariamente, o melhor testemunho da limpidez do vosso coração aos olhos de Deus.

Há a *mentira vaidosa*, inspirada pelo desejo de se pôr logo na frente para atrair a atenção dos outros.

Há a *mentira gabola*, em que a pessoa inventa relatos nos quais, naturalmente, dá a si o lugar de honra.

Há a *mentira interesseira*, tão depressa achada por quem quer desculpar-se, escusar-se ou sair do embaraço para evitar uma humilhação ou uma punição.

Há, enfim, a *mentira pernicioso*, que procura positivamente prejudicar os outros.

Isso são vulnerações da retidão da consciência e da retidão moral, que é uma das primeiras formas da honestidade.

Quando não puderdes dizer tôda a verdade, jamais digais coisa alguma que lhe seja contrário.

Lembrai-vos sempre de quê:

1º A mentira é a arma dos fracos; a criança a ela recorre espontâneamente quando acredita poder com isso evitar algum aborrecimento.

2º A mentira vos tornaria desprezível, porque é uma vilania.

3º Ser pegado em flagrante delito de mentira é uma das piores humilhações que vos possam suceder.

4º Sois filha d'Aquele que disse: "A Verdade sou eu!" Quanto ao demônio, deram-lhe o nome de pai da mentira!

c) A *hipocrisia*. Dizer de alguém que é hipócrita é fazer-lhe a injúria mais cruenta. Vimos, mais acima, o quanto a mentira é aviltante. Pela hipocrisia mente-se de maneira particularmente odiosa, pois se oculta a própria malícia, que se coloreia de tôdas as aparências da virtude. Onde quer que ela reine, tudo é falso. Em vendo uma donzela escrava dêsse vicio, diríeis uma santinha; mas devassai os mil estratagemas de que ela se serve para enganar, que achareis? uma alma baixa, vil, má, um sepulcro caiado!

Esquadrinhai bem os folhos e os refolhos da vossa consciência, e vêde se não tendes nada dêsse mal; do contrário, mister seria extirpar-lhe até o último germe, pois êle só vos cobre de uma virtude de empréstimo para não deixar perceber o vosso orgulho!

Aos olhos de todos pareci, pois, o que sois na realidade. Tende a franqueza de mostrar-vos tal qual sois! Não podeis enganar a Deus; quanto ao próximo, não o enganareis muito tempo. Olham-vos, sois encantadora; reviram-vos, pers-

crutam-vos, sois horrível! Pareceis-vos com essas águas tranqüilas que a gente mal sente correrem, mas que escondem profundezas onde a gente se afoga! Não; rasgai essa máscara vós mesma, se não quizerdes que Deus venha fazê-lo com mão forte, ou que sobrevenha um incidente que ostente aos olhos de todos a vossa alma negra e os vossos vícios floridos.

d) *Môça "modern style"*. — Um môço muito mundano respondia a uma senhora que lhe propunha em casamento uma jovem "estilo moderno": "Só me casarei com uma mulher que seja mui simplesmente mulher".

Não faltam môças atormentadas pelo desejo extravagante de serem "modernas", de serem "do seu tempo"! Palavras ridículas, fórmulas ôcas, frases sonoras, que mal encobrem uma tendência para a insubordinação, para a frivolidade, para a dissipação, para o gênero "garçonniér".

Acaso não se ouve nos nossos dias umas doudivanas vos dizerem francamente: "Tenho vinte anos, quero trabalhar com minhas mãos, mas não como se ensina às môças! Cozinhar, fazer doces, cuidar da casa! Não! não! Quero viver livre e fazer meu caminho na vida como um homem! Eu não quero me casar; porque casar é ser escrava, e eu sou livre!...

Pobres loucas! ao invés de partirdes para a conquista dos "direitos da mulher", tão decepcionantes, senão mais, do que os direitos do homem, reivindicai para vós o direito de servir e de vos dedicardes. Foi para isso que Deus criou a mulher espôsa e mãe!

CAPITULO II

VIRTUDES QUE TORNAM A ALMA BOA.

I. A caridade.

A. O QUE ESSA VIRTUDE MANDA.

1º O amor do próximo.

a) *O Testamento do Mestre.*

Na véspera da sua morte, num testamento supremo, Jesus pronunciou estas palavras, que iam subverter o mundo: "*Meus filhinhos, dou-vos um mandamento novo, e é que vos ameis uns aos outros como eu vos amei*".

1. *E' um mandamento.* — Quer dizer, é qualquer coisa que se impõe à nossa vontade. Não é um simples conselho, mas uma ordem, que se não pode burlar sem de algum modo desconhecer o próprio título de cristão.

Amarás o teu próximo! Jesus insiste nisto com frequência no seu Evangelho, como numa regra a que liga importância suprema.

2. *E' um mandamento novo.* — Jesus veio impô-lo à terra. A lei de talião: "Ólho por ólho, dente por dente", estava inscrita na antiga Lei. Jesus, porém, nos diz: "Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam". Era, realmente, uma novidade que só um Deus podia pedir ao egoísmo humano. E Ele foi tão bem sucedido nisso, que alguns anos após a sua morte os pagãos diziam dos cristãos: "Vêde como êles se amam!..."

3. *E' o mandamento de Jesus.* — O mandamento d'Ele! Ele lhe reclama a glória, dá a força para êle. Quer que o

cumprimento dessa ordem, vinda d'Ele, seja o "*sinal especial pelo qual se reconhecerão os seus verdadeiros discípulos*".

4. *E' um mandamento universal*: quer dizer que todo ser humano, amigo ou inimigo, tem, por ordem de Deus, direito ao nosso amor. Jesus não fêz exceção, não temos nós o direito de fazê-la.

5. *E' o mandamento supremo*. — Para lhe dar mais fôrça, Deus o uniu àquele pelo qual nos ordena amarmos a Ele mesmo, e, dêsses dois mandamentos, faz um único. *Este mandamento*, diz Ele, *é semelhante ao primeiro*. Ele coloca êsses dois amôres num mesmo plano, estreitamente ligados um ao outro. Dá a êsses dois preceitos o mesmo rigor, a mesma extensão, a mesma recompensa. E no entanto!...

O' maravilhosa invenção de um Deus que quer forçar os homens a se amarem como irmãos! Ele os cobre, por assim dizer, da sua pessoa sagrada, eleva-os todos até Ele, declara-os seus filhos, estreita-os ao seu coração e promete considerar como feito a Ele mesmo o que fôr feito *ao mais pequeno dos seus*.

b) *Medida dêsse amor*.

1. *Devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos*. — Que medida! E é Jesus quem no-la impõe! — Medida fundada na natureza dêsse próximo, que é a nossa, pela qual o chamamos também nosso "semelhante"; fundada, além disso, na fé que nos mostra nêle a imagem, o inimigo, o filho de Deus, remido pelo mesmo Salvador e chamado, como nós, à mesma felicidade eterna. Ora, como é que nós nos amamos?

Amamo-nos no nosso corpo, amemos o próximo no seu, respeitando-o, tomando cuidado dêle, da sua saúde, compadecendo-nos das suas enfermidades e aplicando-nos a aliviá-las.

Amamo-nos no nosso caráter, regozijando-nos com as nossas qualidades, às vêzes mesmo até com os nossos defeitos; saibamos ser justos para com o do próximo, e, quando houver lugar, suportá-lo.

Amamo-nos no nosso coração, queremos que nos amem; amemos nossos irmãos. Queremos que os outros comparti-

lhem os nossos sentimentos, e especialmente que se alegrem ou se entristeçam conosco; alegremo-nos com os que se alegrem e choremos com os que choram.

Amamo-nos na nossa reputação: respeitemos a do próximo, estimemo-lo, nunca falemos mal dêle, e apliquemo-nos a salientar, a louvar o que é em favor dêle.

Amamo-nos na nossa alma, e devemos amá-la, mormente conservando-lhe, aumentando-lhe por todos os meios possíveis o bem inapreciável da amizade de Deus; amemos também a alma de nossos irmãos e trabalhemos com zêlo pela salvação dela.

E' assim que, verdadeiramente, poderemos dizer que amamos o próximo como a nós mesmos.

2. *Devemos amá-lo como Jesus o amou.* — Esta segunda regra da caridade é mais perfeita ainda do que a primeira. E' o próprio Jesus quem no-lo dá: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei!* Ora, como foi que Êle nos amou? O presépio, a cruz, a Eucaristia aí estão para nos dizer. A nossa fraqueza não é capaz de atingir êsse grau de amor; saibamos ao menos, inspirar-nos nêle e procurar imitá-lo. Apliquemo-nos a fazer o bem, a prestar serviço; não hesitemos em incomodar-nos, em nos dedicarmos, em nos sacrificarmos, se preciso fôr, por nossos irmãos.

E não se deve supor que êsse amor do próximo seja facultativo. S. João diz: "Nós sabemos que passamos da morte à vida, porque amamos nossos irmãos. Aquêle que não ama fica na morte".

S. Vicente de Paulo, êsse sublime herói da caridade, indica-nos o meio de chegarmos a êsse amor: "Amemos a Deus nos nossos semelhantes, diz êle, mas seja à custa dos nossos braços, seja com o suor dos nossos rostos". Esta palavra é reveladora; mostra que o verdadeiro amor do próximo deve ser generoso, ativo, aplicado todo a procurar as ocasiões de fazer bem.

Amemos a Deus nos nossos semelhantes. — Quer dizer, não amemos o próximo por nós mesmos, para essa satisfação pessoal que achamos em amar o que é belo ou bom e o que nos agrada; nem por êle só, pois em si mesmo êle

nem sempre é amável, e pode atrair o nosso afeto por motivos que nem sempre são segundo Deus. Devemos amá-lo porque Deus o manda, porque, de certo modo, Jesus se escarna em cada um de nossos irmãos.

2º O perdão das injúrias.

a) *Exemplo divino.* — “Meu Pai, perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem!” Quem diz isso? Um Deus! E de quem fala? Dos seus algozes! Precisávamos dêsse exemplo sublime para melhor admitirmos e praticarmos o perdão das injúrias. Nada é mais duro à natureza humana. Há heroísmo no perdão; e numa doce palavra dita a um inimigo fazemos o maior e o mais glorioso dos sacrifícios.

Ante uma injúria, um insulto, um mau procedimento, mormente se palavras e atos se sucedem em séries, manifestando desestima ou aversão, o amor-próprio vexado, o coração magoado, se agastam. Se escutássemos os conselhos da natureza corrompida, procuraríamos vingar-nos, ou, no mínimo, recusar-nos-lamos a amar. Mas o ódio não é cristão. S. Paulo nos lembra a reserva assim feita pelo próprio Deus: “A mim a vingança; eu é que retribuirei!” Depois acrescenta: “Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; assim agindo, amontoar-lhe-ás carvões ardentes sobre a cabeça. Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal pelo bem”.

Perdoar! que têrmo divino! “Quando sofre, o homem ameaça e amaldiçoa; se tem alguma grandeza da alma, contenta-se com esquecer; mas o perdão é fruto celeste que só se aclimou de veras ao pé da cruz” (Tissier).

Quem, pois, perdoa neste mundo?

A sociedade? não pode.

O mundo? não sabe.

A opinião? nada mais cruel!

Só o bom cristão aprende a perdoar! E por aí é que se julgará da vitalidade do cristianismo nêle! se êle não perdoa, não tem o direito de se dizer discípulo d’Aquele que pregou o perdão, que mostrou a indispensável necessidade dêste para todos, e que deu dêle tão evidentes lições na sua vida e na sua morte.

b) *Cabe a vós escolher.* — Duas dívidas estão em presença: o que deveis a Deus e o que o próximo vos deve. Ofendestes a Deus, e o próximo vos ofende. Entre essas duas dívidas há uma imensa desproporção.

E, no entanto, se perdoardes ao próximo, Deus vos perdoará. *“Ser-vos-á perdoado na medida em que houverdes perdoado”*. Deus o disse, e a sua palavra não engana.

Aliás, não lembrais a Ele, cada dia, a sua promessa? *Perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores.* Eis as palavras que tendes incessantemente nos lábios. A vós, pois, cabe escolher. Nas vossas mãos estão o perdão das vossas culpas e a salvação da vossa alma. Se perdoardes, ser-vos-á perdoado, e se não quizerdes perdoar, também não haverá perdão para vós. Ai! talvez preciseis tanto de que vos perdoem um dia! Pensai nisto; sereis tratadas como aos outros houverdes tratado. Escolhei.

Nas vossas relações com as pessoas que vos magoam, sêde pois como aquela árvore da Índia que comunica o seu aroma ao machado que a abate. Sêde como a violetazinha: quando a esmagam ela só revela a sua presença espalhando o seu perfume.

Quando vos melindrarem, vingai-vos amando mais.

A grande guerra formiga de fatos sublimes em que a alma dos nossos soldados soube elevar-se a cumiadas heróicas.

Tal aquêlê cirurgião que, ajoelhado junto a um oficial alemão ferido, o viu pegar de um revólver e atirar-lhe enquanto êle o pensava. Por felicidade, êle errou o tiro. Então, desviando a cabeça, o cirurgião lhe disse: “Não se faça de criança!”, e continuou a tratá-lo!...

Não podeis ler sem emoção a história seguinte (“Canhe-nhos de uma Enfermeira”, p. 132, nº 189):

O ósculo no inimigo moribundo. — Uma patrulha francesa descobriu numa mata quatro Alemães gravemente feridos que lá estavam sem alimento, abandonados, esperando a morte. Os Franceses pararam e deram suas provisões. Três dos feridos reanimaram-se. Atiravam-se sôbre o pão. Bebiam com avidez. Mas o quarto, com um sinal, recusou. Não falava mais. Por um gesto exprimiu que nada mais

se podia em favor dêle. E ficou imóvel, deitado no seu sangue, morto.

O Francês mais moço, um soldado de vinte anos, olhava para êle, muito triste por não lhe poder dar coisa alguma. Talvez imaginasse a sensação de solidão infinita que aquêlê desesperado sentia. Então, não sabendo o que fazer, e não imaginando nada de melhor, aproximou-se docemente dêle, ajoelhou-se e deu um beijo na fronte molhada do soldado inimigo. O contacto da face imberbe, dos lábios frescos, acarretaram como que uma sombra de sorriso no rosto do moribundo.

B. O QUE A CARIDADE PROIBE.

1º Proibe o juizo temerário.

a) *Natureza do juizo temerário.* — E' formular, sem nenhum fundamento sério, um juizo desfavorável sobre os atos e palavras do próximo. Somos facilmente levados a estabelecer, no nosso fôro intimo, uma espécie de tribunal pelo qual cada um passa alternativamente, sem motivo, sem convocação, sem advogado, sem contrôle; e, as mais das vêzes, o veredicto exarado é mal informado, temerário, mau, sem apelação.

O julgamento só a Deus pertence, e a quem recebe delegação divina. Só Êle pode sondar os rins e os corações. Quem vos dá autoridade para julgar o procedimento dos outros? Quem vos dá competência? Conheceis as intenções secretas daqueles a quem assim condenais? Não! e no entanto nós julgamos ato contínuo, por alto, uma causa cujos autos ignoramos.

E' mais seguro comparecer com os próprios pecados perante Deus, do que com as próprias virtudes perante os homens. Raros são os que escapam aos juizos temerários dêsses tribunais íntimos; rarissimos, também, os que resistem à tentação de formulá-los.

Há uma espécie de incredulidade maligna que impelle facilmente os homens a interpretar qualquer ato no sentido mais interesseiro, mais mesquinho, às vêzes mais vil e mais baixo!

E êsse vício, tornado mania, tende a estragar e a romper a nossa vida social.

As vêzes é preciso lutar para não sofrer a influência maligna dessa espécie de suspeita universal, cega, que se deflagra de maneira mecânica, que ataca todos e não poupa mais ninguém!

b) *O que falta no juízo temerário.* — Nesse juízo faltam sempre três coisas que fazem com que êle não seja justo:

1. Falta a autoridade. Essa autoridade, é de vós mesma que a tendes? Foi de Deus que a recebestes? Não. Dos outros? Não. Portanto, não julgueis.

2. Falta-lhe clarividência. Vossos olhos são fracos demais para poderem ler nas consciências e nos corações! Julgais pelas aparências, por conjecturas, por verossimilhanças, por ouvir dizer, por boatos. Não é loucura?

3. Falta-lhe retidão. Deus julga segundo a verdade; porém, as mais das vêzes, o homem julga conforme as suas disposições particulares, que nem sempre são o que deveriam ser.

E', pois, pecar contra a prudência, contra a caridade e contra a justiça.

Aí estão coisas de que é bom nos lembrarmos quando tentados a julgar os outros. S. Teresa do Menino Jesus dizia a êste respeito: Não sejamos juízes de paz, mas anjos de paz!

c) *O que há em todo juízo temerário.* — Quando analisamos a fundo êsse ato, ficamos admirados das malícias que êle abriga. Em todo juízo temerário há:

1. *Uma certa baixeza da alma.* — O juízo temerário traz sempre o cunho de quem o faz. Quando se está com icterícia vê-se tudo amarelo. Um ladrão facilmente vê ladrões por tôda parte. De boa mente se oneram os outros com as fraquezas que se percebem em si próprios. Uma alma virtuosa não pensa no mal, e, se o vê, desculpa-o.

2. *A antipatia.* — Coisa estranha! Façam o que fizerem aquêles a quem amamos, tudo está perfeito. Ao contrário, tudo é achado censurável naqueles que nos são antipáticos. Façam o que fizerem, êles serão sempre mal julgados.

3. *Uma grande leviandade.* — Julga-se por aparências, com espírito falseado ou prevenido, colocando-se de pontos de vista pessoais e incompletos, sem se ter dado o trabalho de estudar com imparcialidade, nem o fundo das coisas, nem as circunstâncias, sobretudo sem conhecer a intenção da pessoa, a quem se julga. Que leviandade! E como, nessas condições, julgar sãmente?

4. *Uma falta de bom-senso.* — Quando somos razoável, dizemo-nos que, comumente, o juízo dos outros não nos afeta; e também que, para julgar, fôra mister ter em mãos tôdas as peças do processo, e não apenas simples aparências.

5. *Uma falta de coração.* — Deus vos ordena amardes o vosso próximo como a vós mesma. Se alguém ousasse atacar na vossa presença os vossos atos, as vossas palavras, especialmente as vossas intenções, que ardoroso advogado serleis em vossa própria causa! Agi do mesmo modo para com os outros, mesmo contra vossas próprias prevenções. Se o vosso coração é bom, êle próprio vo-lo dirá.

6. *Uma falta de justiça.* — Viola-se o direito que o próximo tem de ver a sua reputação respeitada *mesmo na nossa própria estima*, e causa-se-lhe um dano sensível.

d) *Não julgueis, e não sereis julgados.* — E' a promessa de Jesus Cristo. Renunciai, pois, a êsse hábito detestável de julgar tão levemente os outros. E' uma ação má. Qual não seria a vossa vergonha se, no juízo final, os vossos juízos temerários, quais negros fantasmas, vos viessem acusar!

"A alma do nosso próximo, diz S. Francisco de Sales, é a árvore do bem e do mal: é proibido tocar nela para julgá-la, sob pena de ser castigado. Olhemos o próximo com olhos simples e afetuosos, sem esmiuçar o que êle faz".

No momento da morte, um jovem religioso respondia ao superior admirado da sua calma: "Nunca julguei ninguém e não serei julgado, é a promessa do próprio Deus. E eis por que aguardo sem mêdo a hora do trânsito". Possais vós ter esta segurança nos vossos últimos momentos.

e) *Piedade para com os pobres pecadores.* — S. Francisco de Sales dizia: "Breve não haverá mais senão Deus

Nosso Senhor e eu para amar os pecadores". Af sobretudo, devemos deixar a Deus o cuidado de julgar. Pecadores nós próprios, com que direito atirariamos a pedra nos outros por causa das suas faltas?

Eis a este respeito os fortes pensamentos do Pe. Monsabré:

"Licito nos é indignarmo-nos contra o vicio e o crime; mas seja humildemente, isto é, sem fazer transbordar a nossa indignação sobre os viciosos e os criminosos. Porquanto, se quisermos olhar atentamente no fundo da nossa natureza decaída, descobriremos aí as cobiças de onde procedem todos os crimes, e breve estaremos convencidos de que em todo homem há o estífo de um celerado! Se, pois, formos tentados a dizer de alguém: E' um miserável!, lancemos um olhar franco e sincero ao fundo da nossa alma, e aí veremos feias coisas que nos deterão súbitamente; e contentar-nos-emos com dizer: Meu Deus, tende piedade de mim! O homem não tem o direito de desprezar seu semelhante. Considere-se a si mesmo, abismo de miséria e de loucura! Se caiu menos, não é por ter sido menos frágil, mas por ter sido mais bem amparado. Piedade, perdão, misericórdia para o pecador, mas não juízo desprezador! Jesus, a própria santidade, nunca desprezou ninguém. Tinha este direito, mas não usou dêle!..."

2º A caridade proibe a maledicência.

a) *Natureza desse vicio.* — Maldizer é dizer do próximo, sem necessidade ou sem razão suficiente, um mal que é verdadeiro mas que se não deve divulgar. Um pintor representou a maledicência como uma fera horrenda, com mandíbula e dentes de crocodilo e garras sangrentas que ainda seguravam pedaços de carne. A seus pés, três cadáveres: a honra, a reputação e a amizade. Depois disso, admirai-vos se se comparam os maledicentes às *sanguessugas*, que gostam do sangue corrompido, aos *abutres*, que se libram sem parar sobre os jardins floridos, e que se atiram sobre cadáveres! Desdenhando salientar as boas ações do próximo, as pessoas assim dispostas a fazer mau uso da sua língua só lhes vêem os defeitos ou os vícios, e isso só pela satis-

fação de fazerem mal ou de parecerem ao corrente das coisas.

b) *Sua malícia*. — Pela maledicência: 1º Causais dano ao próximo na sua reputação. 2º Feris a Deus num de seus filhos, pelo qual Êle quis morrer. 3º A vós mesma vos prejudicais, tornando-vos culpada de uma falta que facilmente pode tornar-se grave. Aliás, refleti bem em que, cometendo uma maledicência, 1º vós mesma pecais; 2º fazeis pecar os que vos escutam; 3º ficais responsável pelas conseqüências e pecados que a vossa maledicência produzir. Que julgamento assim vos preparais! Como se compreendem, depois disto, os juízos feitos pelos Santos! “A maledicência, diz S. Francisco de Sales, é uma espécie de assassínio”. “Aquêl que fere com a língua, diz S. João Crisóstomo, faz uma chaga mais profunda do que a faria com os dentes. Atenta contra a vossa reputação, faz-vos um mal de que nunca sarareis. Mais criminoso do que o assassino, deve êle contar com um castigo rigoroso”.

c) *Suas fontes*. — A maledicência decorre geralmente ou da leviandade de caráter ou da inveja.

Uma môça inconsiderada fala a torto e a direito, gosta de divagar, de fazer rir as companheiras, diverte-se em criticar o próximo, em lhe atacar a reputação, em lhe revelar as faltas, os defeitos... Isso faz passar o tempo, diz ela!... Que triste brinquedo!

Uma môça invejosa é ainda mais culpada, pois quer o que faz e sabe o que diz. Persuadida de que a sua reputação e a sua honra aumentarão na medida em que diminuírem a reputação e a honra do próximo, ela maldiz para se fazer valer. Fala mal da companheira que a incomoda; vingá-se... semelhante a uma víbora, morde, verte o seu veneno!...

d) *E' um pecado difundidissimo*. — Essa doença, êsse prurido de falar mal é tão sorrateiro, que se insinua até nas almas mais piedosas, que muitas vêzes nem sequer o percebem. E será menos perigoso nelas? Se elas assim pretendessem, bem grande lhes seria a ilusão! Elas prejudicam ainda mais, porque são mais facilmente acreditadas, e

porque a ferida que causam com a sua maledicência é tanto mais dolorosa quanto nada parecia anunciá-la de sua parte.

e) *Duro problema se impõe.* — Ou vós sabeis o que fazeis, ou não sabeis. No primeiro caso, mostrais uma alma má, um coração mau; no segundo, provais uma leviandade de espírito bem grande. Admitamos que, as mais das vezes, não penseis na malícia do vosso ato; nem por isso é menos verdade tratar-se de uma falta que pode tornar-se grave.

“O detrator está em abominação perante os homens”, diz a Sabedoria. Com maioria de razão pode-se dizer que o está aos olhos de Deus. Expressamente, irrefletidamente, jamais afronteis esta grave advertência!

f) *Não vos desculpeis!* — Aqui as desculpas afluem, custase a admitir que uma palavra dita levemente possa ter conseqüências tão sérias assim!

1. *Não é nada, uma palavra que voa e não pára, à qual talvez ninguém preste atenção.* Que ilusão! O dardo que lançais atravessa primeiro o coração de Deus, antes de atingir o próximo. E, assim como não podeis correr atrás de uma ave cuja gaiola abristes, assim também a vossa palavra, uma vez lançada e evolada, fará seu caminho, não mais podereis recolhê-la.

2. *Não é nada, isso entra por um ouvido e sai pelo outro.* — Sim, mas isso passa também pelo coração, que, facilmente, se compraz nisso e não esquece. Há corações para quem o mal que se diz dos outros é doce e refrigerante; bebem-no, deleitam-se com êle, prometem guardar segredo, e depois se apressam a publicá-lo por tôda parte.

3. *Prometeram-me segredo.* — E acreditais nisso? Antes de ser comunicado, só de vós dependia o vosso segredo; muito menos certo é ser êle respeitado quando o houverdes revelado.

Um segredo confiado é um fardo tão pesado! um freio tão incômodo! Um segredo guardado é vosso escravo, um segredo revelado é vosso amo.

g) *Que fazedes quando falarem mal dos outros diante de vós?* — Se ninguém os escutasse, os maldizentes deixa-

riam de falar. Os que os escutam com prazer são tão culpados como êles.

Que procedimento deveis, pois, ter quando alguém maldisser dos outros diante de vós? Há várias maneiras de manifestar a vossa reprovação.

1. Calar-vos, absterdes-vos de qualquer participação, não sorrir, não ter atitude alguma que possa ser considerada como uma aprovação.

2. Desviar os golpes dados no próximo, levando jeitosamente a conversação para outro terreno.

3. Dizer bem daqueles a quem atacam, fazer-lhes sobressair as qualidades ou as virtudes.

4. Se a coisa fôr possível, tende em conta esta palavra de Lacordaire: "A liberdade de sair é a primeira das liberdades; ai daquele que não a possui!"

5. Se a isso vos autorizar a vossa posição, impõe silêncio. E' melhor melindrar uma má língua do que deixá-la dilacerar diante de vós a reputação do próximo.

6. Quando se fala mal de alguém, levantai alguma dúvida que possa atenuar o golpe, desculpai a intenção, manifestai compaixão pelo acusado, exigi que se reconheça a insuficiência de um "dizem" e que se sinta a necessidade de não prescindir de provas. Será pôr o maledicente em grande embarço, porque as mais das vêzes todos os boatos que circulam têm fontes impossiveis de achar.

"Pensai nisto, escrevia o Pe. Lacordaire: toda palavra tem seu livro, e tudo o que na terra não se escreve pela mão dos homens, é escrito no céu pela mão dos anjos. Cada dia, a cada instante, o inexorável buril da justiça divina recolhe o hálito dos vossos lábios, e grava-o, para vossa glória ou para vossa vergonha, nas tábuas da immortalidade".

h) *Dificuldade de reparar o mal causado pela maledicência.* — Todo mal cometido deve ser reparado; exige-o a justiça na medida e pela maneira como a isso se pode chegar.

Porém, por mais que nos apliquemos a isso, a mancha feita na reputação alheia será difícil de apagar. Por mais que se tomem tôdas as precauções possíveis para curar a ferida feita pela maledicência, os outros só se lembrarão do

mal que foi dito, e tomarão vossas desculpas, vossas atenuações, vossas retratações mesmo, como cerimônias ou afirmações interesseiras.

Aliás, como se fazer o maldizente ouvir por todos? como impor silêncio aos que ouviram e que espalham a maledicência que êle lançou? A chaga fica, as más opiniões são conservadas; e, se é verdade que a consciência tem o direito de se tranqüilizar quando se faz o possível para apagar o mal, pelo menos tôda causa de tristeza estará longe de cessar, sem falar do rancor que a pessoa lesada conservará talvez por longo tempo.

3º *A caridade proibe a calúnia.*

a) *Natureza da calúnia.* — Escrevendo para jovens cristãs, a gente hesita em falar da calúnia. E, no entanto, é preciso. Não somente sucede fazer a maledicência resvalar facilmente, quase inevitavelmente, para êsse vício medonho, mas ainda, sob o impulso de um rancor, pode a pessoa quase deliberadamente vingar-se caluniando!

Caluniar é formular sôbre alguém acusações falsas, ou atribuir-lhe um mal que êle não cometeu. Para isso é preciso ter uma alma bem negra! Se se não deve contar dos outros o mal real que se conhece, com maioria de razão não se podem inventar fatos mentirosos, acusar falsamente o próximo. Isto é indesculpável e francamente maligno. O caluniador não poderá dizer que se enganou, que o enganaram, que agiu levianamente; a necessidade em que êle se acha de inventar a sua calúnia obriga-o a refletir bem antes de falar.

b) *A sua malícia:* 1º A calúnia é culpada na sua fonte, que é o ódio ou a inveja; 2º A essa primeira maldade acrescenta ela a malícia de uma mentira que poderá ter para a vítima conseqüências excessivamente graves. 3º Enfim, a calúnia é, não raro, irreparável, pois dificilmente a pessoa se resignará a desmentir o que afirmou com tanta segurança. Para isso seria preciso uma humildade que muitos não têm. E depois, uma vez lançada, a calúnia faz o seu caminho de maneira fulminante.

Bem o descreveu Beaumarchais:

"A principio, um *rumor* leve, raspando o solo, qual andorinha antes da tempestade, "pianíssimo", murmura e corre e semeia, correndo, o seu *rumor* empeçonhado. Tal bôca o recolhe, e "piano piano" vo-lo insinua ao ouvido jeitosamente. O mal está feito, germina, rasteja, caminha, e, "rinforzando", de bôca em bôca vai adiante; depois, de repente, vêdes a calúnia erguer-se, silvar, enfundar-se, crescer. Arroja-se, alça o vôo, redemoinha, cospe, arrasta, explode, tropeja e torna-se um grito geral, um côro universal. Que diabo resistiria a ela?..."

Nunca digais, como certas pessoas ingênuas, ao ouvirdes uma calúnia: "Não há fumaça sem fogo!" Ao contrário, crede que o mal pode fâcilmente inventar-se. E tomai como lema o lema de S. Francisco de Sales: "*Para acreditar no bem, um testemunho me basta; preciso de cem para acreditar no mal*".

4º A caridade proibe a inveja.

a) *O que é a inveja.* — O que a caracteriza é um *amor-próprio* violento que aspira a ter tudo em detrimento dos outros; um *egoísmo* que não quer repartir com ninguém; um *desejo ardente* de ser amado de maneira exclusiva; um *sofrimento secreto* à vista da felicidade de outrem, ou uma alegria maligna com suas desditas, enfim uma *paixão* imoderada das distinções, das preferências e das atenções.

Um crítico pretendeu que tôdas as mulheres são mais ou menos invejosas. Sem dúvida é exagerado. Porém, mesmo assim, cumpre tomar cuidado com certos movimentos instintivos que poderiam surdir das profundezas da má natureza. Parecem bastante raras as almas femininas que não trazem em si o germe odioso dêsse vício. Um grande coração deve elevar-se acima das vilanias de uma paixão tão mesquinha e tão degradante.

Para conceber mais vivo horror dela, examinai as devastações que ela causa, assim na alma que ela tiraniza como nas outras a quem persegue.

b) *Suas devastações.* — A invejosa não tem mais nem alegria nem prazer: dir-se-ia que um véu fúnebre a circunda;

ela sofre com a sua própria desgraça e com a felicidade dos outros.

A invejosa julga sempre ver ironia no olhar das pessoas, a quem detesta; escuta incessantemente, para surpreender palavras malévolas nos lábios de outrem. Vigia as amigas para ver se o afeto delas é sincero; não tolera provas de benevolência cuja melhor parte não seja para ela.

A invejosa sofre uma verdadeira tortura moral, que não lhe traz nada... a não ser novos sofrimentos. As outras paixões têm uma certa satisfação momentânea; a inveja é um fogo devorador que arde e rói o coração e não proporciona nenhum gozo.

A invejosa sente que se rebaixa pelo seu vício; mas se cegará a ponto de jamais querer confessá-lo, e mesmo de censurá-lo seriamente a si mesma! Para se curar, medite ela, pois, estas palavras de La Bruyère: "*A inveja, que muitas vezes não passa de indigência de espírito, denota muito mais a pobreza do coração*".

A inveja, enfim, é malvada e facilmente se torna feroz. As mentiras mais odiosas não a fazem recuar; a sua alegria é ver sofrer e fazer sofrer os outros. Não se pode compará-la melhor do que com o demônio, cuja inveja para com os homens vai até ao ódio.

E não acrediteis que esse vício odioso não seja gravíssimo:

"Ele se oculta sob o manto da zombaria, da mentira, de um interesse hipócrita, de conselhos falazes, de indiscrições comprometedoras, de perguntas insidiosas, de exageros tolos, de ingerências culpadas, de informações superficiais ou notoriamente falsificadas, e de muitas outras maldades que se perpetram com um sorriso ou com um suspiro, agitando o leque, às vezes mesmo entre duas dezenas de têrço" (Henri Lasserre).

c) *Por que se deve combatê-la:*

1. *Ela transtorna o coração:* O nosso coração foi criado por Deus para amar o bem e odiar o mal. Ora, a inveja odeia o bem do próximo e aplaude o mal. E' o contrário da ordem estabelecida por Deus!

2. *Transtorna a inteligência e o juízo.* — A pessoa invejosa não sabe ver coisa alguma sob a luz requerida; desarrazoa, e mostra-se sempre má quando se trata de julgar quem não tem as suas simpatias.

Acusa primeiro as ações; se alguém as justificar, achará ela sempre alguma coisa a redizer, como aquela raposa que achava as uvas “verdes demais”!

3. *Transtorna a alma.* — A invejosa tem em si como que uma serpente que a devora. E’ por isso que Job chama êsse pecado “a podridão dos ossos”!

4. *Transtornou o céu.* — Foi por inveja que Lúcifer, tendo tido a revelação do mistério da Encarnação, recusou submeter-se ao Homem-Deus e exclamou: Não obedecerei!

5. *Transtornou a terra.* — Por invejar a felicidade de nossos primeiros pais foi que o demônio veio tentá-los! Por causa da sua inveja foi que “a morte entrou na terra”!

Preserve-vos Deus para todo o sempre dêste vício, menina de coração bom e puro! S. João Crisóstomo cognomina-o de “a sarna da alma”... Sabeis que a representam sob os traços de uma mulher idosa, de olhos lívidos, de rosto pálido e emagrecido, arrimando-se a um bordão espinhoso, enquanto se vê uma serpente devorar-lhe o coração. Basta dizer-vos isto, para vo-la fazer detestar! Aliás, bem sabeis como vós mesma a detestais nos outros!

5° A caridade proibe o escândalo.

a) *Natureza do escândalo.* — E’ uma palavra ou uma ação que fornece ao próximo ensejo de ofender a Deus. Tanto o zêlo é útil arrastando ao bem, tanto o escândalo é mau pelas ruínas que amontoa.

Jesus mostrou-se cheio de bondade para com os pecadores; mas reserva aos escandalosos os seus anátemas mais fulminantes: “*Ai daquele por quem vem o escândalo!...*” “*Ai do mundo por causa dos seus escândalos!...*”

Uma centelha basta para pegar fogo numa cidade; basta um mau exemplo, uma ocasião proporcionada a uma alma, para causar nela devastações medonhas. O escândalo, qual frecha envenenada, penetra-a profundamente e mata-a. Que

terrível responsabilidade! Jesus morreu para salvar as almas, e pelo convite ou pela excitação ao mal ousa-se perdê-las! Não é a obra do demônio, oposta à Deus?

b) *Sua malícia.* — O escandaloso faz um mal imenso 1º *a Deus*, tornando inútil o sangue que Ele derramou, atacando a inocência de almas por quem Ele quis morrer; 2º *ao próximo*, induzindo-o ao mal, à condenação; 3º *a si mesmo*, porque o escandaloso se torna culpado de uma falta grave e atrai a maldição de Deus.

Consoante um grave autor, o escandaloso é:

1. *O assassino de seus irmãos.* — Se alguém vos sugerisse embeber um punhal no seio de uma pessoa amiga, recuaríeis de espanto; mas, notai bem, uma arma mata apenas o corpo, ao passo que o escândalo ataca a alma e se expõe a perdê-la por toda a eternidade. Essa alma assim perdida clamará vingança ao céu.

2. *O preposto do demônio.* — Efetivamente, êle faz o ofício do demônio, de quem é o instrumento. O diabo encarna-se, oculta-se nêle, tomando emprestada sua língua, suas mãos, seus membros, para inocular o veneno nas almas. O escandaloso acabará por desaparecer; mas a alma por êle perdida ainda poderá perder uma multidão de outras. E' o caso de Lutero, de Calvino, de Voltaire e de tantos outros.

3. *O destruidor da obra de Jesus Cristo.* — Jesus viera à terra "*para procurar e salvar o que estava perdido*"; o escandaloso perde o que Jesus viera salvar. Jesus veio à terra "*para que tenhamos a vida*"; o escandaloso semeia a morte. Jesus veio para nos abrir o céu, o escandaloso abre o inferno.

Por isso, já ninguém se admira de ouvir o Filho de Deus pronunciar esta terrível sentença contra os que são ocasião de escândalo para seus irmãos: "*Se alguém escandalizar a mais pequena destas crianças, melhor fôra para êle que lhe amarrassem ao pescoço uma mó de moinho e o atirassem no fundo do mar*".

"Ditosos, diz Lacordaire, os que não fazem vítimas! Raros serão os que se apresentarão no juízo de Deus sem terem perdido alguém!" Êste pensamento faz estremecer...

S. Joana d'Arc dizia aos seus juizes: "Nunca matei um homem!" Crime ainda maior é matar uma alma! E, quando, do alto da fogueira, essa santa heroína viu aparecer o indigno bispo que a condenara, lançou-lhe esta palavra terrível: "Bispo, eu morro por vossa causa!"

As almas que tivésseis a desgraça de escandalizar poderiam um dia erguer-se no juízo de Deus e clamar-vos também: "Eu morro por vossa causa!"

II. A bondade.

a) *Sua natureza.* — Ei-la explicada por dois grandes corações: "A bondade, diz Lacordaire, é essa virtude que não consulta o interesse, que não espera pela ordem do dever, que não precisa ser solicitada, mas que se curva tanto mais para um objeto quanto mais pobre, mais miserável e mais abandonado êle é. Na bondade, além do dom de si mesmo, há uma maneira de se dar, um encanto que disfarça o benefício, uma transparência que permite ver o coração e amá-lo, um não sei quê de simples, de doce, de amável, que atrai o homem todo e que ao próprio espetáculo do gênio prefere o espetáculo da bondade. A bondade é o que mais se assemelha a Deus e o que mais desarma os homens".

"A bondade, diz o Pe. Faber, é o transbordamento de si nos outros; pode-se ser caridoso, compassivo, delicado, sem ter êsse perfume de amabilidade e de delicadeza que constitui a bondade".

E' tão belo ser bom! O simples têrmo já é uma alegria, uma luz. Isso repousa, acalma a alma e lança o coração na alegria e no devotamento.

A bondade é um bálsamo que cura e um perfume que deleita. E' a virtude sorridente e suave, que se exala da alma e atrai para ela. E' tão bom saber que a gente pode aproximar-se de alguém sem receio, e, ao contrário, seria tão duro ter de se perguntar como se abeirar dêle!

b) *Frutos que ela proporciona.* — Uma flor tão bela deve produzir frutos saborosos.

Quereis ser feliz? Sêde boa! — Joubert diz: "A felicidade é sentir a própria alma boa". Quando a gente se dá, e quando consigo dá felicidade aos outros, como ser infeliz?

Quereis ser amada? Sêde boa! — O coração que se abre, a alma que se oferece, o rosto onde se lê a bondade chamam o amor. Têm como que um imã que atrai os corações encantados.

Quereis fazer o bem? Sêde boa! — A ciência é fria, a virtude pode ser austera, mas a bondade subjuga os corações e condu-los a Deus. Se sonhais ser apóstola, começai por ser boa, e fareis uma bela colheita de almas. Quando o coração é ganho, a alma não está longe de capitular.

Muito poucos apóstolos tiveram, no seu ministério, êxitos tão grandes como o doce bispo de Genebra. O que atraía nêle era a sua bondade. E eis aqui a maneira como êle praticava essa virtude:

Diz êle: “Eu recebia cada um com semblante gracioso, escutava a todos tão tranqüilamente, por tanto tempo quanto cada um queria, como se só isso tivesse a fazer. Fazia-me dobrável aos outros, procurando, não fazer os outros irem a mim, mas sim eu mesmo ir aos outros. Em tôda a minha vida, só uma vez me zanguiei, e disso me arrependi sempre. Meu Deus! se há que pecar em algum excesso, seja em excesso de doçura. — Depois, tenho o coração feito como as árvores que dão o bálsamo: quanto mais as dilaceram, tanto mais elas dão o seu perfume; quanto mais me afligiam, tanto mais eu amava. Doce e suavemente, estas duas palavras quisera eu fôsem inscritas em todos os meus atos e em tôdas as minhas palavras. Pouco e bom, pouco e doce, pouco e constantemente, eu nada mais exigia, nem de mim, nem dos outros”.

c) *Caracteres da bondade.* — Esta virtude supõe uma multidão de outras que lhe fazem um cortêjo rçgio.

1. *A bondade é doce.* — Uma pessoa boa tem a acollida encantadora, o semblante aberto, um perpétuo sorriso e palavras atraentes. Com ela a gente está à vontade; exala-se dela um não sei quê que agrada, que encanta e que seduz.

2. *A bondade é humilde.* — Para ser bom é preciso saber quebrar a própria natureza, o amor-próprio, sair de si mesmo e esquecer-se de si. A alma em que floresce essa virtude soube vencer-se a si mesma! Após esta bela vitória,

compreende-se o poder e a influência que ela pode ter sobre os outros.

3. *A bondade é indulgente.* — O coração bom está sempre pronto a desculpar os outros, a perdoar, a prodigalizar a todos os eflúvios da sua misericórdia.

4. *A bondade é engenhosa.* — Como o diz um pio autor:

“Ela adivinha o que pode dar prazer ou pesar; compreende o que convém dizer, o que convém fazer; dissimula as faltas ou tenta repará-las; suporta os defeitos que não são incuráveis, e nem sequer aparenta percebê-los”.

5. *A bondade é compassiva.* — Ela faz facilmente sua esta palavra de um filósofo: “*Vivei para os outros*”. Vê ou adivinha as dores alheias; sabe escutar-lhe as queixas, chorar com os que choram, numa palavra, sabe “compadecer-se”.

6. *A bondade é alegre.* — A alma boa está sempre alegre. Tem esse sorriso particular que às vezes adivinhamos ser heróico. E’ a alegria por dever. Tem como que duas estrélas nos olhos. Faz sempre sol na sua frente. Por onde quer que ela passe, deixa um raio de luz, um aroma; é como que o sorriso de Deus.

Enfim, se quisermos olhar mais de perto nisto, a alma *verdadeiramente* boa, *sempre* boa, boa *com todos*, já entrou muito avante na trilha da perfeição. O que fazia o Pe. Faber dizer: “*Uma pessoa sempre boa é santa ou virá a sê-lo em breve*”.

d) *Prática da bondade.* — “*Quando Deus criou o coração do homem, pôs nêle primeiro a bondade*”, diz Bossuet.

A bondade é, pois, a primeira e mais tocante manifestação de Deus na alma humana, que Êle quis criar à sua imagem e semelhança. Deus, que pôs no nosso coração a bondade, também não se chama “o bom Deus”? Êste apelativo familiar e sublime, que sai do coração do homem, da criança, do velho, deve impressionar sobretudo a vós, donzela cristã, a quem Êle deu uma delicadeza mais profunda, um coração mais terno e mais propenso que outros a comover-se.

A Escritura tem uma palavra deliciosa: “*Onde quer que não haja mulher, ouve-se o gemido do pobre!*” Vós tendes

uma propensão tãda natural para ser boa; não é o coração que domina em vós? A vossa bondade tem como que "antenas de uma sensibilidade requintada, que vibram à vizinhança da dor". Já que esta virtude vos é tão natural, desenvolvei-a em vós. Ela será a medida da vossa fôrça e do poder que podereis exercer. Eis aqui como deveis pô-la em prática:

1. *Sêde boa nos pensamentos.* — Todo ato traduz uma idéia, é a realização dêle. Para fazer o bem, é preciso primeiro tê-lo previsto. Deveis, pois, ter pensamentos de bondade para com todos, e, com êste fito, aplicar-vos a pensar nos outros. Isto é mais difícil do que se pensaria à primeira vista, porque a maior parte dos nossos pensamentos convergem instintivamente para o nosso "eu".

2. *Sêde boa nas palavras.* — E' tão doce, tão confortador ouvir uma palavra saída do coração! Às vêzes basta uma palavra doce, amistosa, para curar um coração ferido, para reanimar uma alma desfalecente. As boas palavras são como anjinhos de caridade, mensageiros celestes, que vão de uma alma à outra para animar, curar, consolar, arrastar para o bem. Uma boa palavra pode converter uma alma.

Oh! se se soubesse o poder que tem uma pessoa quando possui um bom coração e o faz passar às suas relações diárias com aquêles que lhe vivem perto! Faz-se amar em tãda parte, por todos, e, desde que é amada, é onipotente.

Cumprê também evitar fazer espírito à custa dos outros. "Se tendes espírito, diz Luís Veuillot, tomai cuidado com êle; se não o tendes, não pretendais tê-lo". O espirituoso gane, remexe-se, mordica, se enfuna!... E, resultado: fere, e às vêzes também mata! porque certas línguas são talhadas "como navalha aguda" (Sl 50, 1-4). Cortam, retalham, e matam o próximo na sua reputação. O espírito é um foguete que brilha, mas que não pode nem iluminar as almas nem aquecer os corações.

3. *Finalmente, sêde boa nas ações.* — E' a cada instante do dia, com todos, seja qual fôr o vosso estado da alma, que a vossa bondade deve irradiar à volta de vós. Semeai alegria, tende o sorriso franco e límpido da alma pura e

amante, servi-vos de vossas *mãos* para ajudar os outros, da vossa *palavra* para ampará-los, do vosso *espírito* para esclarecê-los, dos vossos *bens*, se os tiverdes, para os socorrer, da vossa *influência* para os proteger, do vosso *coação*, enfim, para os amar.

Cultivai, pois, menina, essa virtude da bondade. Por ela é que sereis grande. Ela é que vos ganhará o coração do próximo e o de Deus.

III. A alegria.

Acharam-se estas palavras no "carnet" de um soldado da Juventude Católica:

- Nada a não ser sol na alma, mesmo na bruma;
- Nada a não ser alegria, mesmo na desgraça;
- Nada a não serem festas sublimes, mesmo na morte!

Era com estes pensamentos no coração que eles lá se iam morrer, todos aquêles jovens, todos aquêles valentes. Eles tinham por palavra de ordem "o Sorriso", e, consoante a sua fórmula, mesmo no seio dos sofrimentos "não faziam d'êles sofrimentos". Tinham o sorriso nos lábios, um sorriso franco, mesmo em rostos de criança.

Essa alegria, que está um pouco no nosso temperamento nacional, deve reinar no fundo da alma do verdadeiro cristão.

No cristianismo tudo respira alegria: sua doutrina, seu culto, sua vida.

A alma do cristão parece feita de um sôpro de alegria. Conservou qualquer coisa dos ecos de Belém, e os cânticos dos anjos nunca são exilados do seu céu.

E' uma alegria de caráter especial, que é fruto da renúncia e do sacrifício.

Todo cristão deveria ser alegre! Todos eles precisariam de uma fé e de fogo que saiba ver belo, ver grande, ver luminoso!

Deveriam cantar sempre, como a ave que gorjeia incessantemente, mesmo no meio de uma moita de espinhos!

Falando das virtudes que tornam a alma boa, não se pode, pois, esquecer a alegria; porquanto nunca somos tão bom como quando somos alegre, e nunca somos tão alegre como quando somos bom.

a) *A alegria é um dever*, porque é uma conseqüência rigorosa da nossa fé, das promessas que Deus nos fez, das esperanças que temos no coração, do amor infinito que Deus nos dedica, das graças sem número que Ele nos prodigaliza, e do maravilhoso destino que nos está preparado.

“Ser alegre é ter compreendido o seu batismo, é fazer justiça a Deus, é publicar que o jugo d’Ele é suave, é pregar o seu santo Evangelho, é também o melhor caminho para progredir na santidade!” (Mons. Gay).

Possais também vos acrescentar sempre para vós mesma este motivo que S. Francisco de Sales dava a S. Joana de Chantal: “Por coisa alguma no mundo quereríeis ofender a Deus; é pois o bastante para viverdes feliz”.

b) *A alegria é uma virtude*. — Talvez acheis que o que se vos pede é coisa muito simples!

Ser alegre entre os dez e os vinte anos é coisa tão natural! Não é esse o mais belo momento da vida? Nessa idade a gente ama depressa, depressa é amado, não duvida de nada, semeia e colhe sorrisos que parecem florescer sob os nossos passos. E’ verdade!

Mas a alegria de que aqui se trata não é apenas algo de natural, o desabrochar espontâneo de um temperamento já feito. Não. Trata-se de uma virtude! E quem diz virtude diz necessariamente esforço e violência a fazer a si mesmo.

E’ fácil ser alegre de vez em quando, com os parentes, com os amigos, com os que nos amam, com os que nos aprazem ou a quem aprazemos. Sim, é fácil ser alegre nas suas horas.

Mas ser alegre *sempre, em toda parte, de todo modo, com todos*; ser alegre quando o coração sofre; ter sol no semblante quando a dor nos confrange, esquecer-se a si mesmo para levar aos outros a amável carícia de uma alegria calma e doce, ou a esmola de um sorriso quando só se tivesse vontade de fechar-se para chorar, isso exige uma força da alma não comum. Pode-se dizer que esta alegria é uma virtude ou, antes, um ramalhete de virtudes!

c) *Males causados pela tristeza*. — Se se tratasse daquela a que S. Paulo chama “tristeza segundo Deus”, cau-

sada por um arrependimento salutar das faltas que havemos cometido, deveríamos desejá-la. Mas é da outra que se trata, daquela que o mesmo apóstolo denomina a "tristeza segundo o mundo". Esta é como uma ferrugem espiritual, um mal-estar, uma fraqueza moral que predispõe a todo mal e que pode mesmo "produzir a morte".

Com ela, não mais impulso, não mais disposição, não mais verdadeira vida. A pessoa deixa-se arrastar a uma ladeira desolada, ao longo de um caminho árido, deserto, merencório, sem verdor e sem perfume. Daí cai numa indiferença tristonha, cheia de entorpecimento e de estupor. É uma doença de languidez que aniquila as almas mais bem temperadas. Num coração triste, faz escuro, faz negro, faz frio.

"A tristeza, diz S. Francisco de Sales, é como um duro inverno que ceifa tôda a beleza da terra e entorpece tudo; porque tira a suavidade da alma e a torna tôda entrevada".

Ademais, a tristeza não é da vossa idade. Sem aprová-la, compreendê-la-lamos num velho mais ou menos abatido pelos abalos da vida. Mas aos vinte anos deveis ser uma flor que alegre a vista, e não um cipreste sombrio. Que motivo louvável teríeis para entrar nisso a que alguém chamou a confraria dos "salgueiros-chorões"? Quando a gente vê uma môça triste, muitas vêzes tem o direito de se perguntar se ela está bem no seu dever...

Aliás, conhece-se uma árvore pelos frutos:

Ora, sabeis quais são os frutos da tristeza?

- A alma é empolada com Deus e retraída com o próximo;
- O espírito é invadido, às vêzes submergido pelas dúvidas;
- A imaginação é assediada por fantasmas perigosos que ela não tem nem o pensamento nem a fôrça de repelir;
- É ainda a languidez, o desânimo, a inércia e a esterilidade.

— Enfim, depois de ser o suplício da vida, a tristeza faz a pessoa escorregar insensivelmente em declives fatais!

Alguém disse: "Nada tão triste como a tristeza!" Nada também mais deprimente, mais funesto para a alma, mais mortal.

d) *A verdadeira alegria*. — Lede estas belas reflexões de um filósofo cristão sôbre a verdadeira alegria:

“A alegria é a confiança de uma vida harmoniosa. Não trepida, é calma; não fatiga, repousa; não destrói, dilata; não passa num relâmpago, prolonga-se como um dia de verão; não vem dos sentidos, dos nervos, vem da alma; enche-a aos poucos, como uma fonte que lhe jorra das profundezas; e é pela superabundância que ela invade os sentidos, como uma bacia que trasvasa pelas bordas” (Ey-mieu, *Le gouvernement de soi-même*, p. 275).

e) *A falsa alegria.* — Ao lado dessa alegria verdadeira e sadia há outra que o mundo vos prometerá e a que êle chama: o prazer! Ai! que tristeza esta alegria! Se ela não faz mais do que roçar pelos sentidos, como poderia descer à alma?

Atirai uma pedra num grande poço; não fareis com isso mais do que lhe calcular a profundidade pelo tempo que a pedra levar a cair e pelo barulho que fizer em tocando a água. Pois bem! assim como uma pedra não pode encher um abismo, os prazeres do mundo jamais satisfarão um coração talhado sôbre o infinito. Por mais que mendigueis essa alegria, essa felicidade junto às criaturas, tôdas elas vos responderão como a S. Agostinho:

“Busca acima de nós!”

Debalde as “vitimas” do prazer ostentarão uma alegria ruidosa e tentarão simular sorrisos; falta-lhes Deus! êsse Deus que, prolongando-a, alegre a juventude das almas. E, se forem sinceros, êsses infelizes acabarão por confessar como confessava Alfred de Musset:

“Por mais que o coração minta, a ferida está no fundo”. Menina, sêde boa cristã e amai muito a Deus, está nisso o segrêdo da alegria!

Isso é que vos dará:

“O riso franco, sincero, jovial,

“Que põe sùbitamente pérolas nos lábios”.

f) *A alegria é uma força.* — Alguém disse que a alegria é “a atmosfera das almas heróicas”. E' verdade. Para se dedicar é preciso ser alegre. A alegria proporciona arrôjo, dá asas em todos os empreendimentos de piedade e de apostolado. Nada se quer, nada se pode quando o coração se deixa entorpecer por uma sombria tristeza. “*Lá se iam êles*

alegres", diz a Escritura dos apóstolos que acabavam de ser flagelados pelo amor de Jesus. Realmente, como abater essas almas heróicas, em que a alegria (que é o fruto do Espírito Santo) habita permanentemente?

g) *A alegria é um apostolado.* — "Não há o estôfo de um santo numa alma melancólica. A alegria é como um missionário que prega a Deus, fazendo-o amar" (Pe. Faber). Palavra profunda! Que doce apostolado o do sorriso! Ilumina, aquece, subjuga, e às vêzes força os outros a dizerem baixinho, corando: "Eu não sou bastante puro para ter êsse sorriso". Sim, donzelas piedosas, o vosso sorriso encanta, atrai, repousa, induz à confiança, ao amor do dever. Parece dizer, e ninguém se engana nisso: "Vêde, sou feliz porque amo muito a Deus! Amai-o também vós, e conhecereis a felicidade". A piedade é tão mal compreendida, as pessoas timbram tanto em considerar a Deus como um Ente severo, que deveis provar a vós o contrário. Quando a alegria baixar em vós, ide bem depressa fazer provisão dela perto de Jesus, ide comungar, e o vosso coração novamente se expandirá.

E depois, se ainda quizerdes outro meio de recuperar a alegria um instante perdida, fazei o bem, fazei entes felizes ao redor de vós. Êste meio é infalível.

Reflexo de uma boa consciência, irradiação de uma bela alma, a alegria é, pois, a isca dos pecadores e uma apologia abreviada da religião.

h) *Meio de possuir sempre a alegria.* — E' simples, mas supõe uma fé viva e um ardente amor de Deus.

Assim o resume o Pe. de Ponlevoy:

"E' preciso estar sempre contente com Deus em tudo.

"E' preciso alegrar-se com tudo em Deus.

"E' preciso ver-se a si mesmo com otimismo e suportar-se".

Êstes três conselhos são muito práticos. Quando sabemos ver a Deus nas pessoas que nos rodeiam e em todos os acontecimentos da vida, depressa chegamos a dizer não sòmente o "*fiat*" da resignação, mas também o "*obrigado*" do amor.

Quando se vê tudo pelo lado boni, quando se sabe tomar as pessoas e as coisas pelo direito e não pelo avêss, pode-se guardar uma alegria interior que se reflete exterior-

mente. E esse lado belo que se deve ver sempre, é “o lado de Deus”.

Enfim, se a gente se vê a si mesmo com otimismo, se sabe suportar-se, estimular-se, excitar-se ao bem, à alegria de qualquer modo, ao dever sempre, alimenta assim a própria coragem, e acha a verdadeira fonte do êxito, do progresso, e mesmo da felicidade.

André Besson explica-nos tudo isso nesta página deliciosa:

— “Irmãzinha, donde vem que sorris sempre, na tristeza e na ventura, nas horas calmas como nos dias de tédio? Acima dos nossos gritos de sofrimento lanças o teu canto de toutinegra; quando nós choramos, a simples vista de ti é um raio de esperança, e no entanto tu apenas sorris, não ris!

— A alegria ruidosa não é a alegria. Vem de fora. A alegria é Deus que fala em nós.

— Irmãzinha, por que é que estás sempre alegre? E, no entanto, muitas vêzes sofres. Já te vi chorando ao pé do leito de nossa irmã morta, mas teus olhos sorriam mesmo assim.

— Tudo o que Deus faz é bem feito. Os dons que Ele nos retoma, Ele no-los guarda lá em cima. Fica sendo sempre para nós o Bom Deus.

— Mas sofrer é bem duro às vêzes.

— Sofrer não é nada, o que a gente sofre já passou. Sofrer por Deus é uma recompensa; feliz quem puder merecê-la.

— Por que é que bendizes a Deus quando Ele te faz sofrer?

— E' que o amo.

— Irmãzinha, e que será amanhã? se amanhã fôr muito sombrio?

— Amanhã será o que Deus quiser.

— Qual é então a receita para conservar a alegria?

— Amar, rezar e trabalhar.

— E qual é a divisa?

— Querer o que Deus quer!”

VIRTUDES QUE TORNAM A ALMA FORTE.

I. A obediência.

1º A obediência aos olhos da razão.

Ides talvez admirar-vos de que, à testa das virtudes que tornam a alma forte, se coloque a obediência! Muitas vèzes, mormente na juventude, o tèrmo obediência faz mêdo! Confundem-no com a servidão, e só se sonha com uma coisa: fazer a própria vontade na mais completa independência! A obediência, entretanto, não é uma submissão cega e maquinal a um poder tirânico, não; consiste no fato de inclinar livremente a própria vontade perante uma autoridade superior. E, como tôda autoridade vem de Deus, em última análise obedecer é inclinar-se perante o próprio Deus!

“Assim compreendida, a obediência, longe de acorrentar a vontade, liberta-a; longe de enfraquecê-la, fortalece-a abrandando-a e aumentando-lhe as energias. Ela não faz de nós meninos grandes, mas homens, visto que desenvolve aquilo que é o sinal distintivo da virilidade: a vontade! A grande preocupação daquele que quer chegar a uma vida viril é libertar-se de tôdas as tiranias. E’ pois, submetendo-se desde a juventude à rude disciplina da obediência que êle chegará à liberdade” (Pe. Vuillermet).

A gôsto ou a contragosto, deveis obedecer. “*Aquêle que não obedece ao leme obedecerá ao escolho*”, diz um provérbio bretão. Obedecereis ou a Deus ou aos vossos instintos! Sereis sujeita à lei do bem ou à lei do mal. Neste último caso, acreditando ser livre sereis escrava; ao passo que, submetendo a vossa vontade àqueles que o céu vos dá para conduzir, tereis a “liberdade dos filhos de Deus”. A Escri-

tura tem uma palavra profundíssima: “O homem obediente poderá narrar suas vitórias”.

Para alcançar vitórias, é preciso ser forte. A obediência dá-nos essa fôrça.

Tendes, pois, de escolher: sereis ou a bússola que se dirige sempre para o Norte, ou a ventoinha que gira ao sabor dos ventos.

Não há nada como essa virtude para formar e forjar a vontade. Se a obediência fôr inteligente e ativa, conscienciosa e pronta, nobre e alegre, dar-vos-á um caráter indomável e uma alma de granito. Um autor moderno escreveu:

“Nada tempera a vontade como obedecer; porque obedecer é durissimo para a vontade refletida, e é preciso um grande exercicio de vontade para ser dócil. Por isso os mais obedientes no dever são os mais indomáveis na resistência quando a resistência se torna um dever” (Yves Le Querdec).

2º A obediência aos olhos da Fé.

a) *O exemplo de Jesus Cristo.* — Temos um Mestre que, querendo arrastar seus discipulos por um caminho difficil, quis trilhá-lo primeiro, e que assim se deu o direito de convidá-los a segui-lo.

Ora, *Jesus fêz-se obediente até à morte, e morte da Cruz!* O que faz S. Bernardo dizer: “Cinza orgulhosa (e essa cinza orgulhosa somos nós), cora de vergonha! Deus se humilha, e tu te exaltas! Deus submete-se aos homens, e tu, misero inseto de um dia, queres dominar teus semelhantes e tomar o lugar do Criador!”

Entremos mais adentro nesse mistério de um Deus feito obediente para nos ensinar a obedecer.

Jesus obedeceu na terra a José e a Maria.

Jesus, durante a paixão, obedeceu aos seus algozes.

Jesus, retornado ao céu, ainda quer obedecer; e na Eucaristia tornou-se o obediente perpétuo.

Ele obedece em tudo: fazem d’Ele o que querem, põem-no num cibório, no ostensório, dão-no aos fiéis, carregam-no; Ele se deixa manejar como uma coisa inerte.

Obedece a todos: a todos os sacerdotes que estão na terra, e obedecer-lhes-á, a todos, até o fim do mundo. Obedece até mesmo aos sacrílegos, como teria obedecido a Judas.

Obedece em tôda parte: no universo inteiro, por sob as abóbadas das soberbas catedrais como sob o humilde teto de uma cabana de selvagem. A sua obediência é vasta como o mundo. Ele segue o seu sacerdote aonde quer que êle vá.

Obedece sempre: condenou-se à obediência até o fim dos tempos. Uma hora antes do fim do mundo, antes da terrível audiência a que se assentará para julgar o universo, êle aí ainda estará para obedecer, se um sacerdote quiser consagrar e fazê-lo descer ao altar.

b) *O ensino da fé.* — Esta virtude fornece luzes maravilhosamente úteis sôbre o motivo da nossa obediência; ensina a não verdes na pessoa que vos manda uma simples criatura, mas o próprio Deus.

Inclinar-vos perante o vosso semelhante seria indigno de vós; o que é requerido é que, submetendo-vos a êle, honreis a autoridade de que êle é puramente depositário e que lhe vem do Senhor Soberano.

O Padre Monsabré escreveu:

“Fazemos avultar a autoridade quando, pelo pensamento, a aproximamos da fonte eterna, e quando não perdemos de vista o divino contrôle que deve regulá-la. Rebaixamo-la quando imaginamos que senhor é só aquêle que manda, e que o seu querer é a razão suprema que justifica todos os mandamentos. Fazemo-la avultar quando fazemos ver nela Deus, rebaixamo-la quando nela mostramos só o homem”.

Tereis de obedecer não somente aos mandamentos de Deus e da Igreja, mas a vossos pais, aos vossos mestres e mestras, ao vosso confessor e a todos aquêles que representarem junto a vós a autoridade divina. Pensai em Jesus, de quem o Evangelho diz: “*E Ihes era submisso*”. Nestas cinco palavras resume o livro sagrado tôda a vida de Cristo no período que decorreu entre a infância e a vida pública, isto é, trinta anos! Um Deus era sujeito às criaturas!... E vós, criatura, sêde pois sujeita àqueles que Deus investiu da sua autoridade. Tende o culto da obediência; obedeci inteira-

mente, prontamente, alegremente! Nunca julgueis os vossos superiores! Diz S. Jerônimo: “Quem foi que vos estabeleceu juiz, acusador e executor da autoridade? Deixai aos olhos o cuidado de ver e às mãos o cuidado de agir”. A Irmã Catarina Labouré, quando ouvia em tórno de si criticarem a autoridade, dizia: “Não toqueis nos superiores, é sagrado!”

c) *Benefícios da obediência.* — Eis ai, pois, tão bela e tão grande aos olhos do cristão, essa virtude tão depreciada pelo mundo!

Ela não sòmente atrai a flux a graça divina, mas, além disso, dá:

1. *Uma segurança absoluta;* o superior pode enganar-se mandando, mas nós nunca nos enganamos, nunca nos perdemos obedecendo, quando visivelmente nada a isso se opõe.

2. *Uma libertação completa;* ela nos liberta das nossas próprias vontades, tantas vêzes enfêrmas e inconsideradas, e dá-nos a verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

3. *Uma direção* que podemos seguir sem receio, certos de que o caminho da obediência só a Deus pode conduzir.

4. *Uma fôrça indomável,* pois robustece a vontade, condensa as energias, ativa e dirige as faculdades. A torrente das montanhas, deixada a si mesma, pode devastar as planícies; captada, canalizada, torna-se uma fôrça motriz que produz maravilhas.

Quando se sabe obedecer bem, tem-se em si, além da sua própria fôrça, a própria fôrça de Deus.

Essa disciplina incessante forja a vontade, que se abrande e se torna capaz dos maiores sacrificios. Quando a gente obedece a Deus que dá uma ordem, ou ao superior, seja qual fôr, que a transmite, a nossa fraqueza nada mais tem a ver conosco, é lá com Êle, conosco é obedecer.

O caminho da obediência é duro, austero, mas conduz à virtude, leva ao céu. A alma verdadeiramente obediente é vitoriosa das suas paixões, senhora da sua vontade e triunfadora de si mesma. Por isso pode “narrar suas vitórias”, multiplicando-as incessantemente.

II. A generosidade.

E' uma virtude altiva e corajosa, que imprime à vontade a força de *resistir*, de *sofrer* e de *agir* segundo o dever, segundo a fé e segundo Deus. Apesar das provações, das dificuldades, dos perigos, dos desânimos, ela segue seu caminho sem se deixar abater, sem desanimar, sem tremer; à maneira do sol, que segue o seu caminho acima das tempestades e que só desaparece à tarde para iluminar outros céus e renascer no dia seguinte.

O Pe. de Ravignan escrevia: "*Quero assinalar-me no serviço de Nosso Senhor, distinguir-me para sua glória e para seu serviço*". Tende, também vós, esta altiva paixão. Tendes recebido tanto de Deus, sêde agradecida! Vós, que sois delicada com todos, sêde-o sobretudo com Nosso Senhor: "*Que devia eu fazer por vós que não tenha feito?*", diz-vos Êle... Não poderíamos também dizer-vos: "*Quanta coisa poderíeis ter feito por Deus e não fizestes!...*"?

A generosidade pode às vêzes ser ajudada, sustentada por um temperamento feliz, por uma sensibilidade maior, pelas graças trazidas por uma vocação de escolha, mas antes de tudo é uma virtude que pede esforços, renúncias e lutas.

a) *Sêde generosa e forte no cumprimento do dever cotidiano*. — Sê-lo-eis fàcilmente um dia, uma semana; mas todos os dias, até à morte, dura muito! E' preciso uma grande soma de energia para assim saber vencer-se sempre. No fundo basta para isso ver em cada um dos acontecimentos que formam a trama habitual da vossa vida a mão de Deus e a santa vontade! Por que é que não tendes a força de cumprir assim êsse dever monótono, e às vêzes tão duro, que se impõe a vós cada manhã? E' porque a idéia de Deus está ausente do vosso coração. Se pensásseis em que é Êle quem vos chama e vos envia ao vosso dever, seríeis mais corajosa!

Ora, êsse dever só raramente vos pede esforços heróicos, as mais das vêzes é modesto, porém exige de vós uma renúncia de tôdas as horas. E' mister aceitá-lo alegremente, e servir a Deus sem ruído, sem brilho, sem murmuração, sem desfalecimento.

É fácil ser generoso nesse minuto “deslumbrante e breve”, nesse “relâmpago que vale a eternidade”, em que o entusiasmo vos soergue acima de vós mesma e vos esconde sob um véu de glória o horror do sacrifício, lançando-vos cegamente na trilha soberba que se abre diante de vós.

Mas ser fiel ao dever cotidiano, durante a longa série dos dias que passam um após outro, pardacentos, monótonos, pesados, frios como os dias de inverno, de um inverno que não traria de novo a primavera, eis aí a verdadeira generosidade cristã.

Ainda quando tivésseis de ver despegar-se de vós, pedaço por pedaço, tudo o que faz a vossa alegria ou a vossa razão de viver, juventude, saúde, afetos, “chances” de felicidade, sonhos de futuro, persisti, resisti, ficai firme, ainda quanto tivésseis de morrer nesse pôsto que Deus vos deu, e, se preciso fôr, “morrer longo tempo”.

Sereis, talvez, admirável sem o saberdes, heroína modesta da oficina ou do lar; mas a vossa abnegação e os vossos sofrimentos terão atraído sobre vós, senão o olhar dos homens, certamente os olhares de Deus.

b) *Sêde generosa e forte nos sofrimentos físicos e morais.*
— A vida é cheia d'êles, não os evitareis. No Calvário havia três crucificados, um inocente e dois culpados. Jesus era inocente e sofria por amor de nós. E vós, que haveis pecado, quereríeis não sofrer? Os dois ladrões eram culpados, mas um sofreu bem e salvou-se, ao passo que o outro sofreu mal e não obteve a mesma promessa do Salvador.

Em face da dor, uns se enrijam num estoicismo brutal e declaram que não sofrem. Orgulho! Outros murmuram e dizem: “Que fiz eu a Deus para que Ele assim me faça sofrer?” O Cura d'Ars lhes responde: “Infelizes, vós O crucificastes, e Ele, que tinha feito?”

O cristão compreende a sublime beleza do sofrimento, aceita-a, não só em silêncio, com resignação e coragem, mas com amor.

Ide vós mais longe, ensaiai sorrir ao sofrimento. Tirar-lhe-eis assim uma boa parte do seu amargor, e agradareis a Deus. S. Joana d'Arc, ferida, dizia: “Não me lastimeis! não é sangue que corre, é glória!” Dizei também, nos vossos

sofrimentos pequenos ou grandes: Não me lastimeis, é por Deus que eu sofro! O sofrimento depura, engrandece, vem de Deus, a Ele nos conduz ou reconduz.

E se, em certas horas, vos revém este pensamento lancinante que circula tanto entre os que têm pouca fé: "Por que será que Deus, que é bom, me faz assim sofrer?", compreendi bem o que segue.

1. A dor é um instrumento divino que forja nossas almas.

2. A dor é inseparável do amor; não se pode amar sem sofrer, mormente sabendo como se deve expiar.

3. O próprio Jesus, o Inocente, descido do céu para vir salvar seus "irmãos" culpados, quis aturar os mais terríveis suplícios, por quê?...

4. Maria, a doce e bela criatura, a sublime Mãe de Deus, também sofreu tanto, que a Igreja a chama "Rainha dos mártires". Ora, compreendeis por que foi que Jesus, que amava Maria tanto quanto um filho pode amar sua mãe (e quanto mais Ele, que era Deus), permitiu que ela tivesse de sofrer tanto?... Por que foi que Ele quis fazer de sua mãe a "mãe das dores"?...

Meditai estes fortes pensamentos nos dias em que não compreenderdes o "porquê do sofrimento".

c) *Sêde generosa e forte mesmo depois de vossas quedas.*

— Podem ocorrer quedas na vida. A nossa existência não se passa em cair e levantar-se? Sabei, pois, levantar-vos sempre, levantar-vos imediatamente, apesar da humilhação da derrota, e repor-vos imediatamente em forma para afrontar novos combates. Quando uma falta vos abater e morderdes o pó, sereis tentada a dizer como Paulo, após a sua queda no caminho de Damasco: "Que quereis que eu faça?" Uma voz respondeu-lhe: "Levanta-te"... "Levanta-te e anda", diz o anjo ao profeta Elias. Ele se levantou, e andou até à montanha do Senhor. Não vos deixeis, pois, entorpecer pelas quedas, pelas tentações, por tôdas essas misérias inevitáveis aos pobres seres frágeis dêste mundo. Levantai-vos e andai!

Se sois uma triste vítima do respeito humano, quebrai vossos grilhões, alçai a frente, reerguei-vos, levantai-vos e andai!

Se sois uma alma desanimada ou adormecida à beira da estrada, acordai, levantai-vos e andai!

Se sois uma cristã de água de rosas, sêde-o da água do batismo, regenerada no sangue de um Deus, levantai-vos e andai!

Se sois uma cristã intermitente ou incompleta, que tentais satisfazer, a um tempo, a Deus e ao mundo, não vos esqueçais de que não se pode servir a dois senhores. Jesus vos chama, ide a Ele, levantai-vos e andai!

Se sois como aquêlê pobre paralítico que “não tinha ninguém para mergulhá-lo na piscina”, tendes um Deus feito homem que vem a vós e que vos quer curar: deixai-o mergulhar-vos na piscina do sofrimento, e depois ide, levantai-vos e andai!

Se sois como Lázaro, se a vossa pobre alma está morta, então, sobretudo, compreendi esta palavra tornada célebre: “De pé, mortos! de pé!” Sai do túmulo do pecado! Jesus aí está, pertinho de vós, e vos chama para quebrar as ataduras que retêm cativa a vossa alma. Sai do túmulo da morte, ressuscitai, de pé, levantai-vos e andai!

Um pequeno ferido dizia, impaciente de voltar ao combate: “Um ferimento é como a sopa, faz crescer!”... Poderéis ser ferida na luta pela virtude. Mas, se quiserdes, êsse ferimento vos fará crescer com a condição de saberdes ser humilde e generosa.

III. A ufanía cristã.

1º Vosso título de glória: Sois cristã.

Vosso título de glória? Sim. Esquecendo o seu nome de família, os primeiros fiéis tomavam o nome de *Cristão*; tal aquêlê mártir que respondia ao seu juiz: *Cristão é meu nome, católico é meu sobrenome*. Era êsse o nome de família dêles, o seu título de glória e de nobreza. E vós, jovem cristã, já pensastes bem nessa grandeza? Talvez tenhais cantado muitas vêzes, sem prestar bastante atenção: “Sou cristão, essa é minha glória!”

Procurai compreender quanta ufanía na frente e quanto orgulho no coração vos põe êsse título de cristã. “Eu qui-

sera, diz Luis Veuillot, que vissem em nós a alegria, a ufania, a ebriedade, o orgulho de ser cristão. Não prejudica a humildade pessoal o gloriar-se de ser filho de Deus!”

Nesta consideração haurireis sempre, se nela vos detiverdes, uma renovação de força para a luta, e, quando o tentador se apresentar com suas iscas vergonhosas, estareis prontos a lhe opor a vossa dignidade, dizendo-lhe: “Sou muito grande e nascida para maiores coisas!”

Ante a tumba de Luis XIV, Massillon exclamava: “Só Deus é grande!” Muito antes dêle, Tertuliano já dissera: “No mundo inteiro, não há nada maior do que o cristão!” No seu tempo, entretanto, havia um César... um terrível imperador que se fazia adorar!

M. Olier dizia que um cristão é “outro Jesus Cristo vivendo neste mundo”! Que ideal! Quão pouco numerosos são, porém, os que realizam e vivem esta sublime definição!

Entretanto, o Sacramento da regeneração nos dá como que uma marca de Jesus Cristo em nos fazendo seus membros místicos. Por menor que seja um espelho, nêle vemos, não obstante, o sol! Assim também, em nós deve-se notar a imagem, a semelhança do Salvador, porque “o cristão é outro Cristo”!

Porém a maioria dos cristãos esquece a sua grandeza e os deveres que ela lhes impõe!

Quem, pois, despertará essas almas entorpecidas? quem, pois, lhes dará, com a consciência da sua dignidade, a coragem de viver a sua fé? Não se compreendem mais as fortes máximas do Evangelho; desnaturam-nas, amesquinham-nas, e, ao invés de se dobrar às exigências delas, procuram dobrá-las às suas próprias, aos seus próprios caprichos.

Ao lado dessa massa sem nome, sem vigor, sem convicções, achamos cristãos que se julgam melhores do que os outros. Êstes acumulam as devoções, os objetos de piedade e as práticas exteriores. E’ a religião de grande número de mulheres. Mas ai, ainda, falta o fundo! Do cristianismo rejeita-se o espírito, a renúncia, as virtudes. E’ como que uma nova maneira de ser cristão, mais cômoda, sem dúvida, porém quão distanciada do Evangelho!

Por isso, bem razão tinha Luís Veuillot em escrever: "O maior serviço a prestar aos incrédulos é fazer que os cristãos sejam cristãos. Se êsse pequeno número de fiéis, homens e mulheres, que freqüentam assiduamente as igrejas, fôsses verdadeiramente o que deveriam ser, tivessem a ciência, o amor, o zêlo do Evangelho, êsse pequeno número bastaria para transformar o mundo".

Um amigo de Ozanam dizia: "*Orgulho-me tanto de ser cristão, que receio ser obrigado a confessar-me disso*". Orgulhai-vos vós ainda mais, se possível, e de tal nunca vos confesseis.

A grande dignidade do cristão, observa o abade Pergeline, é um mistério; porém mistério ainda maior é haver cristãos que se pejam da sua glória. São reis, e fazem tudo o que podem para passar como escravos. São deuses, e fazem-se animais. Se, apontando-os, se diz: "São cristãos, têm nas veias o sangue de um Deus", êles coram e baixam a cabeça como sob o pêso de uma insuperável confusão; mas, se se diz: São incrédulos, livres-pensadores, da raça dêsse Voltaire a quem o poeta tão bem chamou "Êsse macaco de gênio, ao homem enviado em missão pelo diabo", então êles se formalizam todos, são felizes!

E' êsse um mistério que se deve procurar esclarecer.

2º O respeito humano.

Um grande pregador moderno exclamava: "Há uns que, sem serem nem ameaçados nem seduzidos, contra tôda convicção pessoal renegam o seu Deus. Não se acham, nem em presença dos satélites de Getsêmani, nem em face dos trinta dinheiros de Judas, e no entanto mentem, fogem.

"Fazem o sinal da cruz dos mártires tremendo. Ficam vossos olhando para Deus. Sobem ao calvário com passo desengonçado e tímido. Envergonham-se de ser cristãos, ficam confusos de ser virtuosos e honestos.

"Escondem-se para ir à igreja; Deus é para êles uma relação comprometedora. Quando preciso, êles revestem a pele do lobo e uivam com a voz mal exercitada. E sobre essas almas feitas por Deus o riso de Voltaire tem mais influência do que as lágrimas de Jesus Cristo.

“Êles coram do Evangelho. Não compreendem que a honra de ser fiel cresce na medida em que o número dos fiéis diminui, que a suprema glória consiste em ser o único a ficar de pé sôbre ruínas, e que o mais abjeto não é aquêle que zomba daquilo que adora!”

Que doença estranha estas palavras revelam! Desgraçadamente, ela invade todos os meios da sociedade! Nem sequer se pode dizer que as donzelas cristãs estejam sempre isentas dela! Envergonhar-se de seus parentes, de seu pai, de sua mãe, parecer-lhes-ia, com tôda razão, um opróbrío sem nome. E essa ou aquela achará muito simples, quase natural, envergonhar-se do seu Deus!

A custo se julgará ela culpada de haver faltado à missa por estar num meio indiferente; não se julgará diminuída por ter infringido a abstinência da sexta-feira da quaresma, a pretêxto de fazer como tôda gente; sorrirá ante gracejos que atacam as suas crenças mais sagradas; irá, talvez, confessar-se depois de ter troçado a confissão; abandonará suas comunhões por ter percebido um sorriso zombeteiro... Onde está então a ufania cristã numa alma capaz de tôdas estas capitulações?

a) *Natureza do respeito humano.* — Respeito humano, que quer dizer? A quem é que se respeita? A si? Não, a gente se avilta. Aos outros? Não, rasteja-se-lhes aos pés. — A Deus? Não, cora-se dêle. A quem, pois? Seja lá como fôr, não há nada de humano nessa covardia. Procuremos compreender mesmo assim.

O respeito humano é o respeito das coisas humanas colocado acima do respeito das coisas divinas; é a preferência dada ao homem sôbre Deus. Nós somos criaturas que deveriam respeitar seu Criador, súditos que deveriam respeitar seu rei e seu senhor, filhos que deveriam respeitar seu pai, réus que deveriam ao menos respeitar seu juiz, se não quiserem enternecê-lo. Pois bem, não! Embora Deus seja tudo isso, embora nos ponha incessantemente sob os olhos o instrumento do suplício que suportou para nos salvar, tudo isso não vale!

Um sorriso... uma palavra... um gesto... e uns pusilâ-

nimes renegam a Deus, ou pelo menos não ousam mais servi-lo.

Começa-se por ter vergonha de Deus, do bem, da virtude, do dever, de tudo o que há de mais belo e de mais nobre; depois disso, cai-se no mal, não por convicção, mas por medo... E, se esse medo aperta mais, se o respeito humano devora a alma, ainda se vai mais longe, vai-se até à jactância do mal, até o ponto de se gabar e de se gloriar de faltas que se não cometeram. Que loucura! Isso é o que foi chamado "a covardia da gente honesta", que causa quase tanto mal como a sanha dos maus, de que ela faz a força! As pessoas querem fazer-se perdoar por serem católicas, sem perceberem que, assim querendo respeitar a opinião dos outros, fazem desprezar a sua!

b) *E' uma doença especial aos católicos.* — Triste asserção esta, mas profundamente justa. Eis o que a êste respeito diz Ernesto Hello:

"Quanto mais falsa é a religião que se professa, tanto menos se cora dela; quanto mais o homem se gaba de ser espírito forte, tanto mais curva a cabeça sob o culto, contanto que o culto seja falso. Nada mais verdadeiro. Tire um cristão o chapéu ao passar pela frente de uma igreja, e vereis o rictus dos sectários. Mas serão lágrimas de enternecimento que lhes arrancará o quadro de um maometano prostrado na calçada e fazendo públicamente suas abluções. Só da verdade e da virtude é que se tem vergonha neste mundo. E aí está por que êsse sentimento absurdo de desprezo do bem e de respeito do mal, a que chamamos o respeito humano, só pelos católicos é experimentado. E' estranho, mas é assim".

c) *E' uma escravidão.*— A pessoa rasteja aos pés da gente a quem despreza e por quem se faz desprezar. Não ousa fazer um ato de religião sem lhes pedir licença. Pensai, pois! tanto melhor para Deus! Como diz o poeta: "Um ridículo a mim? eu preferiria um crime". Escravo! Escravo! Envergonha-te, sim, dos teus ferros imbecis! tu te deixas tirar por pessoas que te desprezam; permites que algemem a tua dignidade, a tua fé, a tua alma; consentes em ser assim troçado, ridicularizado. Então não tens mais se-

não que te pôr de joelhos diante de todos e dizer: Não é culpa minha se sou cristão! para vos dar prazer, sê-lo-ei pouco, pouquíssimo!... o menos possível! tão pouco quanto nada; mas, por favor, nada de sorriso zombeteiro! não posso suportá-lo!

d) *E' uma loucura.* — Compreende-se que a pessoa se envergonhe de uma ação má, de uma falta; mas de um ato de virtude, de um ato de religião, de uma boa e nobre ação, não é insensato?

Compreende-se que se core de entreter relações com pessoas desonradas, com tarados, ladrões, venais, traidores; mas corar de suas relações com Deus, o Senhor, o Criador, o Pai, o Redentor, o Rei dos reis, Aquêlê que julgará os vivos e os mortos, não é insensato?

Compreende-se que se core de ser filho de um homem degradado; mas de ser filhos de Deus, de ser os herdeiros do céu, "deuses em flor", não é insensato?

E, querendo assim agradar aos outros, corre-se o risco de perder para sempre o que se tem de maior, de mais precioso, de mais sagrado. Oh! loucura!

e) *E' uma covardia.* — Quando está só ou em companhia de pessoas que pensam como êle, o escravo do respeito humano canta ufanamente: "*Sou cristão, esta é a minha glória!*", e é sincero. Depois, noutro meio em que a religião é mal vista, êle aparenta cantar baixinho: "*Sou cristão, eis a minha vergonha!*"

O respeito humano tem um único móbil: *o medo*. Quer queira quer não, êsse triste escravo não tem outra desculpa; não poderá senão gaguejar vergonhosamente: "Tive medo". *Mêdo de quem?* de quem? do Senhor Fulano? da Senhora Sicrana?... de uma sabichona qualquer, de um imbecil a quem desprezais, de uma companheira de quem enrubesceríeis de ser amiga? Como? ter mêdo das pessoas a quem se despreza?

Dos espíritos levianos, dos cépticos do dogma, dos evadidos da moral, dos tarados, dos tratantes! Sim, a espada terrível que fura tantas couraças e curva tantas frentes é o riso do tolo ou a zombaria de um canalha. E ao passo que

outrora, perante o procônsul onipotente que dizia: "Sacrifica ou morre", o cristão respondia: "Escolho a morte", agora, perante o desavergonhado audacioso, forte da sua insolência e do seu vício, e que diz: "Sacrifica, ou rirei de ti", o jovem cristão (é cristão que se deve dizer?) responde: "Sacrifico". Sacrifico Deus, minha alma, minha eternidade (Rouziç).

f) *E' uma ingratidão odiosa.* — O Filho de Deus, do alto do Céu, vendo o homem culpado condenado à morte, fêz-se criança, viveu, trabalhou, sofreu, morreu por nós, crucificado como um ladrão num patíbulo infame... E nós, remidos ao preço do seu sangue, teríamos a impudente ingratidão de nos envergonhar d'Ele? E' de fazer chorar.

Como no tempo da paixão do Salvador, haverá sempre uma triste canalha que estará aí para insultar a Cristo! Ao lado dessa canalha que ulula e que moteja, e que ainda crucificaria Nosso Senhor se êle voltasse à terra, haverá sempre Marias, Madalenas, Joões; mas, também, quantos não haveria ainda que o negariam como Pedro!

g) *E' o caminho do inferno.* — Morreu êsse eterno tremedor, êsse vencido, que curvava a cabeça a cada sôpro que passa, e que na terra parecia dizer sempre: "Não conheço êsse homem". E *êsse homem*, êsse homem-Deus, de que êle se pejou, está aí, diante dêle, com a Cruz na mão, com o olhar cheio de cólera: e é Êle que o vai julgar. Que será êsse julgamento?... O Evangelho o ensina: "*Envergonhar-me-ei perante meu Pai daquele que se tiver envergonhado de mim perante os homens*". E' a palavra do juiz, a causa está decidida de antemão, a sentença não deixa dúvida, o réu será condenado.

Que cena! Êsse cativo trêmulo, que, com ar alheado, tenta vagamente mostrar como escusa êsses grilhões que êle arrasta ainda e que o acusam; e Cristo, tão bom, tão manso, obrigado a punir e a condenar! Eis aí o fim dessa medonha comédia, começada pelo mêdo e que termina pela eterna punição do covarde que enrubesceu, do soldado pérfido que traiçou seu senhor.

Um selvicolazinho era tão feliz, tão ufano de ser cristão, que, tornado à sua aldeia onde vivia no meio dos pagãos,

para mostrar bem que lhes não compartilhava os erros quis traçar uma cruz no peito com o sabre do pai. Quase morreu. Mas, ao missionário, comovido com essa fôrça de alma num menino, êle respondeu: "Veja, padre; a cruz que o Sr. me tinha dado era tão pequena que não se via; hoje, com esta cruz grande que eu trago no meu corpo, tôda gente compreende que eu sou cristão!..."

Tende a cruz sôbre vós! trouxe-a ufanamente ao pescoço, como broche, como quizerdes, mas que seja vista! E' o sinal do cristão.

Obrigado a abandonar uma aldeia onde resistia um contra seis, o valente coronel Driant recuava com seus caçadores. Mas ia recuando de frente para o inimigo. E como um soldado lhe perguntasse por que andava assim, êle lhe deu esta resposta: "Não quero seja dito que Driant foi morto por uma bala nas costas!"

Vós também, jovem cristã, tende essa altiva e desassombada valentia!

No meio de vós, as escravas do respeito humano são pouco numerosas, e as que são piedosas e puras sentem a necessidade de ser cristãs em tôda a seiva dêste robusto têrmo!

Honra a vós, Filha de Deus! Já não é mais a hora em que se podia praticar a própria fé na calma; para a Igreja, aqui como em muitas outras partes, a hora do combate parece soada.

Pois bem! tanto melhor! sim, tanto melhor para vós! isso vos ajudará a ser mais valente!

E, se ouvirdes a meiga voz de Jesus repetir esta palavra queixosa: "Busquei um consolador e não achei", oh! então dissei-lhe do fundo de vossa alma, com a certeza de serdes ouvida por Êle: "O' Mestre, se procurais uma alma que vos console, aqui estou!... aqui estou!"

PARTE III.
AMIGOS E INIMIGOS DA DONZELA.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

CAPITULO I

VOSSOS AMIGOS.

L. Jesus.

Tristes, abatidos, dois homens deixavam Jerusalém e, no esplendor de uma tarde do Oriente, caminhavam para Emaús. Falavam entre si dos acontecimentos que acabavam de desenrolar-se na cidade, daquele Jesus que êles tinham crido ser Deus, mas a quem a morte vencera como aos outros. Estavam tristes, desanimados, tinham perdido a esperança. O seu sonho ruíra.

E eis que um desconhecido se lhes junta, pergunta-lhes o objeto do seu colóquio, e lhes entra tão bem na intimidade, que êles acabam por lhe confessar o seu tormento e a derrocada das suas esperanças.

Então êsse desconhecido lhes explica as Escrituras e, citando as profecias, prova-lhes que Cristo devia sofrer, morrer e ressuscitar ao terceiro dia.

Enquanto êle fala, o coração dos dois viandantes reanima-se, a chama prestes a extinguir-se recomeça a brilhar, um calor ardente penetra-os, e à noite êles têm a dita de reconhecerem Jesus por ocasião da fração do pão.

* * *

Falai, pois, ainda, ó Jesus, falai-nos como faláveis aos discípulos no caminho de Emaús; sim, falai, pois os nossos corações também têm necessidade de esperança.

.....
Ora, eis o que Jesus diz: "Fui prometido ao mundo logo após a culpa. De época em época, lembrei a minha promessa, e o povo escolhido que me esperava sabia antecipadamente o que concernia ao meu nascimento, à minha vida, à minha paixão, à minha morte e ressurreição.

“Acaso *Jacob*, antes de morrer, não anunciou a seu filho *Judá* que o cetro não sairia da sua casa antes de vir *Aquê* que devia vir?

“Acaso *David*, nos seus hinos soberbos, não cantou a minha vinda, os meus sofrimentos, a minha morte e ressurreição, e o meu reino eterno?

“Porventura *Isaias* não esboçou os principais traços da minha fisionomia e não anunciou que eu nasceria de uma Virgem?

“Enfim, *Daniel* não precisou a data exata da minha vinda? A estrêla não era esperada pelos Magos? e não os guiou até ao presépio onde eu nascera?

“Relê tôdas as profecias: que outro, que não um Deus, podia assim, vários séculos antes, escrever a sua própria história e predizer as circunstâncias particulares da sua vida e morte?

“Finalmente, eu vim à hora querida por meu Pai; realizei as profecias, nasci de uma Virgem em Belém, onde os pastores e os Magos vieram adorar-me.

“Desde o meu nascimento, tive que fugir dos que já me queriam matar, e após os anos de exílio ocultei-me em Nazaré, onde, durante trinta anos, no silêncio e na obscuridade, trabalhei, obedecendo às minhas criaturas.

“Depois comecei a procurar os meus apóstolos, e com êles preguei minha doutrina através da Judéa, fazendo germinar os milagres sob meus passos.

“Nada resistia à minha palavra; eu restituía o ouvido aos surdos, a vista aos cegos, a saúde aos enfermos e a vida aos mortos.

“A natureza era-me submissa, reconhecendo em mim o seu Autor. Os pães multiplicavam-se nas minhas mãos, a água convertia-se em vinho, e, quando eu quis morrer, a terra tremeu, o sol eclipsou-se de espanto e fenderam-se os rochedos.

“Porque eu morri como anunciara. Porém, três dias depois, glorioso e triunfante quebrei a pedra do sepulcro e resuscitei para tornar a subir a meu Pai.

“Depois que eu apareci na terra, o mundo dividiu-se em dois campos: os que vieram a mim e os que me desconhe-

ceram e me perseguiram. Quer queiram quer não, eu me impoñho de tal sorte à humanidade, que os homens têm de tomar partido pró ou contra mim, amar-me ou odiar-me, pois sou Deus.

“Sim, sou Deus, disse-o, provei-o, e provo-o ainda todos os dias; e, se às vêzes a dúvida vier a se infiltrar no teu coração, escuta e compreende.

* * *

“Acaso um homem, por mais poderoso que fôsse, poderia ter impoſto o jugo da pureza à humanidade de então, ávida de gozos, sedenta de volúpias, divinizadora das paixões mais vis?

“Porventura um homem, por mais poderoso que fôsse, poderia ter dito à orgulhosa razão: “Eis aqui dogmas que não comprehendes, eis mistérios, crê nêles sôbre a minha palavra”?

“Poderia um simples homem erguer-se perante César triunfante e dizer-lhe mostrando um escravo: “César, olha, êste escravo perante Deus é tão grande como tu”?

“Acaso um homem teria ousado dizer à humanidade inquieta e conturbada: “*O caminho, sou eu! A verdade, sou eu! A vida, sou eu!*”?...

“Teria, enfim, um homem podido, como eu, tomar doze pobres barqueiros colhidos no seio da plebe, pôr-lhes uma cruz na mão e dizer-lhes: “Ide através do mundo, fareis adorar um Judeu crucificado; não tendes nem dinheiro, nem crédito, nem eloquência, nem ciência, nem nada! Mas ireis, por todo o universo, pregar a minha doutrina e fazer adorar a cruz em que eu morri...”?

“Sereis aprisionados, flagelados, perseguidos, enxotados, odiados; matar-vos-ão todos. Depois de vós, outros virão que morrerão como vós, às centenas, aos milhares, aos milhões.

“E, quando a impiedade estiver fatigada de matar os meus fiéis, quando a terra tiver bebido êsses rios de sangue, então a minha religião se levantará sôbre o mundo como um sol, e o universo inteiro achar-se-á cristão.

“Tudo isso eu fiz! E agora, lembra-te da palavra profética que um dia me caiu dos lábios: *“Quando eu fôr elevado da terra (quer dizer, crucificado), atrairei tudo a mim...”*”

“Sobe comigo ao Calvário e olha. Sim, olha! O mundo inteiro me conhece, e tudo o que o universo tem contado de belos gênios, de almas grandes, santas e puras, todos os melhores entre os filhos dos homens têm vindo beijar e adorar a minha cruz.

“Sim, olha comigo, revolve a história dos séculos e a vida das nações! Êsses apóstolos, essas virgens, êsses mártires, êsses santos, êsses heróis, êsses grandes homens, êsses sábios, essa plêiade de corações sublimes que formam o escol do gênero humano, têm vivido de mim, têm vivido para mim, e para a glória de meu nome têm morrido em grande número.

“Olha! acaso a Europa tôda, isto é, a parte mais experiente do mundo; acaso a América quase inteira não são o meu reino? E que vácuo imenso, apavorante, se eu agora viesse a desaparecer da vida dêsses milhões de homens!

“Olha, eu tenho um exército de 75.000 apóstolos, que lá se vão através das terras pagãs, a pregar o meu Evangelho, a fazer conhecer o meu nome, a viver uma vida crucificante, não pedindo como recompensa senão a graça de derramarem o seu sangue por mim!

“Olha! Mas não é o bastante! filha, eu sou teu Pai; cristã, eu sou o teu Deus! de joelhos!”

Lede agora a bela página de Lacordaire:

“Há um homem cujo túmulo é guardado pelo amor; há um homem cujo sepulcro é não somente glorioso, porém amado. Há um homem cujas cinzas, após dezoito séculos, não esfriaram, e que cada dia renasce no pensamento de uma multidão incontável de homens... Há um homem morto e sepultado cujo sono e cujo despertar são espiados; um homem cada uma de cujas palavras vibra ainda e produz mais do que o amor: produz virtudes que frutificam no amor. Há um homem pregado, há séculos, num patíbulo, e êsse homem milhares de adoradores o despregam cada dia do trono do seu suplício, põem-se de joelhos diante dêle, prostrando-se o mais baixo que podem sem se envergonharem

disto, e aí, no chão, beijam-lhe com indizível ardor os pés sangrentos. Há um homem flagelado, morto, crucificado, que uma inenarrável paixão ressuscita da morte e da infâmia. Há um homem perseguido no seu suplício e no seu túmulo por um ódio inextinguível, e que, pedindo apóstolos e mártires a tôda a posteridade que se levanta, acha apóstolos e mártires no seio de tôdas as gerações. Há um homem, enfim, e o único que tenha fundado seu amor na terra; e êsse homem sois vós, ó Jesus, vós que vos dignastes batizar-me, ungir-me, sagrar-me no vosso amor, e cujo simples nome, neste momento, me abre as entranhas e delas arranca êste acento que me conturba a mim mesmo e que eu não conhecia!”

Como, nessa moldura grandiosa, a figura de Cristo se destaca bela e irresistível! Por mais que a esquivemos, ela torna sempre. Reencontramo-la por tôda parte, ela enche o mundo! E enche-o de tal sorte que, se suprimissem do universo todos os vestígios que êle aí deixou, vestígios nas artes, no pensamento, na civilização, nos costumes, na vida, nas almas e nos corações, se se destruíssem todos os hospitais, tôdas as obras geradas pelo seu amor, todos os santos que ela criou, tôdas as igrejas e todos os menores vestígios multiplicados por vinte séculos de cristianismo; e, se, cumprida essa tarefa, contemplássemos tôdas essas ruínas amontoadas, não poderíamos olhar sem espanto o vazio que faria através dos séculos essa simples cruz de menos no mundo.

E depois, escutai ainda. Mais do que tôdas as afirmações e provas, há um fato que se impõe e que perturbava o próprio Napoleão no seu rochedo de S. Helena: Jesus foi o único homem que conseguiu fazer-se amar depois da morte. Por certo, grandes gênios, grandes generais, têm podido hipnotizar o seu século, e arrastar após si milhões de homens. Um olhar dêles bastava para subjugar as multidões. Mas êles morreram, e a sua influência extinguiu-se-lhes às portas do túmulo. Jesus também morreu, mas permanece vivo no meio do mundo; e, mesmo após vinte séculos, ainda é amado. Amam-no com ternura, com paixão; milhares, milhões de almas vivem d'Êle, para Êle; e a maior alegria delas seria derramar seu sangue por êsse amigo divino que fascina sem-

pre. Respondendo ao amor, o ódio também aí está que vela e que persegue, a Ele, nos seus fiéis e adoradores.

Ora, um homem que, após vinte séculos, ainda recebe essa triunfal homenagem do amor do mundo e também êsse infernal tributo de ódio, êsse homem não é um homem. Só um Deus pode operar êsse prodígio.

“No momento em que tantos incrédulos anunciam que a Igreja está morrendo, e em que lhe cantam a morte cada manhã por qualquer coisa, cada um dos dias da nossa fugitiva existência continua a ser contado a partir do dia em que Jesus Cristo apareceu na terra.

“Quando a lembrança aniversária dos principais acontecimentos da sua vida é trazida novamente pelo correr do tempo, todo trabalho pára, os arestos da justiça são suspensos, e os nossos santuários se enchem, como outrora, de uma multidão que se inclina ao nome de Jesus Cristo.

“Debalde a ciência e a fôrça, unindo as mãos, riscam-lhe o nome das leis, apagam-se dos livros e o arrancam do frontispício dos monumentos. Trabalho perdido! No canto das veredas solitárias, no fundo dos tugúrios, sôbre as campas silenciosas, dois paus postos em cruz ainda falam dêle. E, mesmo se o seu sinal sagrado não mais se elevasse por tôda parte, acima das habitações dos homens, guardar-lhe-íamos na lembrança a imagem amada para com ela assinalarmos a frente nas horas mais dramáticas da vida. Quer o adorem, quer o combatam, não se passa sôbre esta terra sem encontrar Jesus Cristo!” (Mons. Tissier).

Êsse sinal da cruz tornou-se tão universal, que durante a guerra de 1914 viram-se Búlgaros render-se às nossas tropas fazendo-o, querendo com isso mostrar que eram cristãos, isto é, irmãos! Também não se viram as mulheres do povo persignar-se diante dos feridos que passavam? Jesus entrou demais nos nossos costumes, nada o fará mais sair dêles!

O' menina, de joelhos ante essa meiga e divina figura!... Que Jesus não seja para vós um estranho, mas um amigo, um pai, um irmão; penetre vossa vida tôda, e que no vosso semblante calmo, puro, radiante, se veja uma alma cheia do seu Deus.

Um garotinho que a mãe levantava diante da porta de um vagão de trem sanitário, ficou um pouco admirado diante de todos aquêles desconhecidos. De repente, porém, seu rosto se ilumina, e depois, apontando para um crucifixo pregado no tabique, êle exclamou: "Olhe, mamãe, veja, aqui "tem" um Jesus!"

1º Jesus Cristo é nosso amigo.

S. Jerônimo disse: "Um amigo é difícil de procurar, difícil de descobrir e difícil de conservar". Ora, em Jesus tendes um amigo que se acha facilmente, que se descobre em tôda parte e que se conserva por tanto tempo quanto não o expulsarem do próprio coração; e que, mesmo expulso, bate à porta dêsse coração para nêle tornar a entrar. Sim, Jesus Cristo é vosso amigo. E que amigo!

E' o mais belo dos seres. — Vós, a quem uma pobre beleza terrena fascina, deixai-vos empolgar por êsse amor divino.

E' o mais rico dos seres. — A vós, mesquinha e pequena criatura de um dia, Êle vos oferece tesouros infinitos... A sua própria cruz é um tesouro.

E' o mais amante dos seres. — Amou-vos de tôda eternidade... quis morrer por vós; e, do alto da sua cruz sangrenta, inclina para vós a fronte coroada de espinhos e vos clama: "*Minha filha, que devia eu fazer por ti que não haja feito?*" Respondei.

E' o amigo mais fiel. — Êle, nunca vos trairá, mesmo se o trairdes. E, se num dia de loucura vos sucedesse expulsá-lo do vosso coração, êle se iria devagar, pesaroso, voltando a cabeça e dizendo: Talvez ela ainda me chame!

E' o amigo mais indulgente. — Perdoa sempre! mesmo as maiores indelicadezas, mesmo o esquecimento, mesmo o abandono, mesmo o perjúrio, mesmo a traição.

E' o amigo mais compassivo. — Se Êle quis chorar na terra, foi para nos mostrar que, conhecendo bem as dores da vida, saberá melhor consolá-las.

Enfim, é um amigo todo-poderoso, que saberá defender-vos contra os vossos inimigos e, se preciso, contra vós mesma.

Por isto, bem compreendemos aquêlê santo religioso que, no ardor do seu amor, dizia:

“Quando me aparece a face adorada de Jesus, por que êsse doce estremecimento que me mareja súbitamente os olhos, que me agita o coração desatinado, que me lança no sacrifício para lhe comprazer, e que às vêzes me faz desejar morrer para me parecer com Êle? Por que, no seu Evangelho, tantas páginas palpitantes? Por que, na sua vida, tantos episódios que fazem chorar? Por que, na sua lembrança, essa virtude que embala o sofrimento? Por que, no seu simples nome, êsse sabor que passa como mel nos meus lábios e como uma carícia do céu na minha alma fatigada? Há filhos que fazem chorar sua mãe para irem fazer-se matar por Êle nos extremos do mundo; contemplamo-lo até ao êxtase, respeitamo-lo até à adoração, amamo-lo até à loucura” (Pe. Caussette).

2º *Jesus Cristo é nosso Salvador.*

Quando um amigo nos presta um serviço, não sabemos o que fazer para lhe demonstrar o nosso reconhecimento.

Concede-se uma menção especial aos que se dedicam pelos outros; e, se alguém sofresse por nós, saberíamos provar-lhe o nosso amor!

E Jesus então? Rei do céu e da terra, Êle viu a humanidade culpada condenada à morte; tomado de piedade, fêz-se homem para poder morrer, Êle que é a vida; e por sua morte nos remiu! Que seria de nós se Êle não nos houvesse salvo?

“Por nós e por cada um de nós, como se fôramos sós no mundo, Êle tudo sacrificou: *a liberdade*, deixando-se gartotar como um malfeitor; *a honra*, consentindo em ser tratado como um insensato; *a reputação*, querendo passar por um celerado mais vil do que Barrabás; *o corpo*, suportando os açoites da flagelação, os espinhos da coroação, os cravos da crucificação; *a alma*, entregando-a às angústias da agonia e ao desamparo de seu Pai; *a vida*, enfim, morrendo por nós” — (Vendepitte).

Depois disso, não está Êle no direito de nos dizer: “*Meu filho, que devia eu fazer por ti que não haja feito?*”

Um vil animal tem apêgo ao amo que lhe dá um bocado

de pão e um afago. E nós, amamos a Jesus Cristo? Depois dessa prova de amor incrível, incompreensível, que nos será então preciso para lhe concedermos a nossa? Mas não! olhamos para o nosso crucifixo, e muitas vêzes êle nada diz aos corações distraídos!

3º *Jesus Cristo é nossa vida.*

Ele mesmo disse: *"Eu vim para que êles tenham a vida e a tenham em abundância!"*

S. Paulo nos declara que *"Êle é a cabeça de um corpo do qual somos os membros"*. E êsse apóstolo vivia tanto da vida de seu Mestre, que podia exclaimar: *"Não sou eu quem vive, é Jesus Cristo quem vive em mim"*.

De fato, a uma alma que tem a vida da graça, o Filho de Deus, segundo a sua promessa, *vem e faz nela sua morada.*

Essa vida divina foi-nos inoculada no batismo, no qual fomos enxertados em Jesus Cristo; é selada pela confirmação, renovada incessantemente pelo sacramento da Penitência, alimentada pela Sagrada Eucaristia, desenvolvida pelos outros sacramentos, que são como que outros tantos canais pelos quais ela se derrama; faz-nos, enfim, *participar da natureza divina*" (a expressão é de S. Pedro), esperando que após a morte nos vamos mergulhar no grande oceano da Divindade, no céu, onde ela achará a sua plenitude.

E nós pensamos nisso? Se o Filho de Deus vive em nós, que ventura! mas também que deveres isso nos impõe! Somos os membros de Jesus Cristo! "Noblesse oblige!" não o esqueçamos! e lembremo-nos desta palavra de S. Gregório Nazianzeno: "Só merece o título de cristão aquêle que exprime na sua vida a vida de Jesus Cristo".

4º *Jesus Cristo é nosso Rei.*

Os Judeus gritavam: *"Não queremos que êle reine sobre nós!..."* Vós, filha, considerai o vosso Rei *que vem a vós cheio de doçura!* E' um rei onipotente e boníssimo, um rei generoso e sempre vencedor! E' o rei da razão, o rei do nosso coração, o rei da nossa vontade.

E' o Rei da nossa razão. — Por mais pequena, por mais fumaçante que seja, a nossa razão necessita de certeza e de uma resposta peremptória a estas grandes perguntas que ela faz: "Quem sou eu? Para onde vou?..." Os homens explicar-vos-ão seus sistemas... Cada século tem o seu, que todos se destróem uns aos outros. Só Jesus se impõe e vos diz: "Crê! crê, porque sou eu que afirmo, repousa a tua razão na palavra de um Deus". E a nossa razão, feliz, se acalma, pois viu claramente a verdade, fica tranqüila porque tem a fé.

E' o Rei do nosso coração. — Para reinar soberanamente num coração humano, é preciso mostrar-lhe um amor soberano, sem medida. Jesus aparece-nos sangrento, na cruz, e nos clama: Eu morri por ti, podes exigir mais?

Para reinar sôbre um coração humano, é preciso ser capaz de perdoar sempre. Abri o Evangelho. Jesus perdoa a todos, com uma delicadeza, um tato infinitos. Perdoa à mulher adúltera, a Madalena, ao bom ladrão, a S. Pedro, aos seus algozes: teria perdoado a Judas se êste tivesse vindo lançar-se-lhe aos pés; Êle nos diz que haverá grande festa no céu quando um pecador se converter. Não é amor tudo isto? Se o vosso coração não está satisfeito, que então vos será preciso?

E' o Rei da nossa vontade. — A nossa vontade, tão fraca, tão vacilante, necessita de um senhor. Ela não aceitará um tirano, rebelar-se-ia; mas se curva e se dobra ante um senhor amado. Êsse senhor é Jesus; Êle nos impõe a sua vontade pelos seus mandamentos, mas ao lado disso, dá a fôrça para cumpri-los. Muito mais, anda na nossa frente. Do seu presépio, prega-nos a pobreza. Do seu estábulo de Nazaré, clama-nos: "Humilhai-vos!" Do alto da sua cruz faz-nos compreender que é preciso sofrer para ir ao céu. Sim, é um Senhor amado, um Senhor adorado. Que fôrça Êle dá à nossa vontade quando O deixamos agir em nós!

O' Jesus, amigo divino, terno e compassivo, amigo de todos os dias que às vêzes esquecemos na alegria e que a dor nos lembra, reinai sôbre mim! Reinai sôbre a minha

razão para iluminá-la, sôbre o meu coração para purificá-lo, reinai sôbre a minha vontade para que ela se apegue à vossa e, apoiada em vós, não desfaleça no caminho.

5º Sigamo-lo!

Jesus dirige-se para o Calvário. A volta dêle, uma horda feroz de soldados, de fâmulos, de algozes, um populacho em delírio insulta-o. Algumas mulheres piedosas o seguem, acompanham Maria, a Mãe inconsolável, a Mãe das Dores!... Uma Mãe que vai ver o filho morrer!

Na curva de uma rua, Verônica lá está que aguarda o lúgubre cortejo. Mal avista Jesus, cujo rosto está coberto de escarros, poeira, suor e sangue, fende a multidão, atravessa as filas dos soldados admirados, e, aproximando-se dêle, enxuga "aquêlo rosto desfigurado, aquela Augusta face que enleva todos os santos!" E, cumprida a piedosa tarefa, recolhe-se à sua casa, levando as feições de Jesus impressas no seu véu!

O' jovem cristã que lerdas estas linhas, dizei, oh dizei! por que não haveríeis de ser também *uma Verônica*? Como ela, segui Jesus, não sômente até à Ceia, mas pela estrada sangrenta do dever e da renúncia cotidiana. Segui-o com fé, com ânimo! Vêde Verônica! não tem mêdo de nada! não se ocupa com aquêles que a cercam, com os conselhos demasiado humanos que a prudência lhe podia sugerir; passa através da multidão, dos criados, dos soldados, dos algozes; vai a Jesus através de tudo... O mundo talvez pare e vos olhe, suspenso. Mas vós, segui o vosso caminho, confiante, corajosa, invencível, levando sôbre o vosso coração, como aquela santa mulher, a imagem do vosso Deus crucificado.

Nosso Senhor repete-vos ainda esta melancólica palavra da Escritura: "*Busquei um consolador e não achei!*" Olhai vós Jesus bem em face, e, com o coração cheio de alegria e de um ardor vibrante, dizei-lhe mui simplesmente: "Mestre, buscais alguém que vos ame?... Aqui estou eu!"

De pé, pois, ó jovem cristã, ide para Jesus. Vai, filha de Deus, vai!

Vai ao presépio, e acharás Jesus menino; e, diante do mulho de palha em que Êle repousa e onde chora, aprenderás a humildade.

Vai a Nazaré, e verás Jesus adolescente que era submisso a José e a Maria, e aprenderás a obediência... Verás o Filho de Deus passar trinta anos de sua vida a aplainar tábuas, e compreenderás que o trabalho foi abençoado por Jesus.

Vai após Êle nas suas excursões apostólicas, e compreenderás que não te basta, a ti, salvars a tua alma, mas deverás, em certo tempo, responder pela alma de teus irmãos...

Vai à Ceia, repousa sôbre o Coração de Jesus o teu coração fatigado, exausto, desalentado talvez; e, após essas carícias divinas, que são tuas, cada manhã, se o quizeres, ouvirás uma voz doce mostrar-te ao longe o Calvário, isto é, a luta, o sacrifício, e dizer-te: "*Surgite, eamus*", Levanta-te, vai!... Vai trabalhar, vai sofrer, vai lutar, vai às almas, vai, filha de Deus, vai!

Em Bonn, um professor ia operar um camponês acometido de um câncer na língua. Numerosos alunos comprimiam-se em tórno do mestre.

O eminente cirurgião advertiu o infeliz de que, na melhor das hipóteses, deveria êle resignar-se ao pensamento de perder a fala. E lhe disse:

— Se o Sr. tem algum desejo a exprimir, faça-o agora. Pense bem que é a última palavra que pronunciará na sua vida. Depois da operação, ficará mudo.

Todos aguardavam ansiosos.

O campônio curvou um instante a cabeça, e súbitamente lhe saíram dos lábios estas palavras:

"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!"

II. Maria.

1º O culto de Maria.

Dominando a nossa vida, há uma imagem venerada que embala e que consola, que acalma e que sorri sempre! Estrêla do nosso céu, Maria é também o amor dos nossos corações. E êsse amor não pode ser um amor qualquer; será

terno, confiante, filial, cândido, ingênuo, ou não será amor. Maria não deve ser para nós somente a Rainha do Céu e da terra, a criatura sublime que habita "nos confins da divindade"; é sobretudo a Mãe; e, por que não dizê-lo também com Olier? Ela é nossa Dama e nossa Senhora. Nela é que haurimos o ideal que nos fascina, a fôrça que viriliza nossas almas e que as tempera. Sim, ela é para nós um ideal de pureza, de beleza, de ternura. Atraí-nos, embalá-nos, encanta-nos, sorri-nos, consola-nos. Não somos seus servos, mas seus filhos, seus cavaleiros!

Como exprimir em linguagem humana o amor ardente e terno que devemos dedicar a Maria? Não é um fruto vulgar da rotina. Maria não é, para nossas almas, a padroeira dourada que brilha nos pendões, nem essa fisionomia mais ou menos banal que imagens "soi-disant" piedosas difundem um pouco por tôda parte! Não! amamos nela êsse ideal de pureza, de beleza e de fôrça, a Rainha a um tempo muito longínqua e muito próxima, Aquela a quem a liturgia prodigaliza os elogios entusiastas e os epítetos mais carinhosos. Maria? Ela é tudo para nós, a irmã grande, a consoladora, a Mãe de todos os dias!

Maria? E' para nós o arco-íris no meio das nuvens negras, a rosa nos dias de primavera, a jóia de Deus, a arrebatadora dos corações, a flor das virgens, nossa irmã, nossa mãe, a rosa em flor do paraíso, a beleza do céu, o domingo dos corações, o doce sorriso de Deus!

O homem é como a hera; precisa agarrar-se. Pobres herazinhas que somos, isolados às vêzes tristemente na vida, nós procuramos um apoio. Temos um: é o coração de uma Mãe. Por isso, quando dizemos êsse nome de Maria, tão doce, tão puro, tão santamente gracioso, um raio de sol vem alegrar-nos a alma, e é com ventura que lhe repetimos esta prece de um grande santo: "*O' Rosa do meu coração, sê para mim uma Mãe!*"

Como amava a Maria aquêle missionário martirizado na Conchinchina, que escrevia:

"O' Maria, onde estaria eu se não fôsses tu? A cada passo de minha vida reencontro-te, ó amiga, ó mãe, ó doce anjo custódio! Tua mão me conduz suavemente para um fim mise-

ricordioso. Se eu tropeço, me sustentas; se caio, me levantas; e, se eu me extravio, me reconduzes. És boa para todos, mas para mim és um milagre de ternura". E, no dia em que pela primeira vez pôs o pé naquela terra que lhe ia beber o sangue, êsse futuro mártir exclamava cheio de alegria: "Neste dia, neste solo onde venho exaurir-me e morrer, como do alto de uma fogueira ou de uma cruz, ofereço-me a vós, ó meu Deus, pelas doces mãos da Imaculada Maria, como vossa vítima. O' Maria, tratai-me como uma mãe trata o filho, mas também como uma rainha trata o seu soldado".

Eis aí como se deve amar Maria.

E êsse amor ardente é também muito alegre; Maria não é a *causa da nossa alegria*? E por que haveríamos de ser tristes a serviço de tão doce Rainha? Pensando em Maria, o nosso coração se dilata e se expande. Sabemo-la bela e grande; "a filha amimada de Deus"; tudo o que ela quer, obtém; e nós é que beneficiamos sem medida dos favores que sua prece implora e que a nossa pobreza recebe.

Sabemos que, por mais bela e por maior que seja, Ela não desdenha abaixar-se para nós, pobres degredados neste vale de lágrimas. Sabemos, ainda, que não podemos amá-la em vão, que seu amor a nós excede infinitamente o que nós temos a Ela. Enfim, a experiência aí está que no-la mostra incessantemente vigilante e dulcíssima à volta de nós; tão boa Mãe que melhor não pode ser, tão terna que em presença dos seus benefícios o nosso coração se comove! Basta a sua simples lembrança para sentirmos como que um perfume que embalsama tôda a nossa vida, e uma *causa de alegria* que nos traz o sorriso aos lábios, mesmo quando nossos olhos choraram.

Um olhar deitado sôbre a sua imagem basta para acalmar o sofrimento: no nosso firmamento, êsse arco-íres brilha sempre, apesar dos ventos, apesar da procela; basta pensar nela, e faz sol no nosso coração!

Mas, para chegarmos a isto não nos devemos contentar com um culto frio, átono e esmorecido. Quando "compreendemos" Maria, ao menos tanto quanto podemos compreendê-la, a alma fica cheia de uma devoção suave, e pensamos

n'Ela naturalmente, instintivamente, como um filho pensa em sua mãe.

E lhe cantamos então:

Sêde-nos causa de alegria, ó Rainha, ó Virgem, ó Mãe.

E essa alegria tranqüila, haurimo-la na visão branca e misteriosa, tôda iluminada de amor e de pureza, que, conservando-se entre a terra, que ela abençoa, e o céu, que ela abre, derrama sôbre nós os raios da bondade benfazeja.

Eis aí, Filha de Maria, como deveis amar vossa Mãe! Porque, se não a amardes, vós, quem então a amarás? Não sois obrigada a isso de maneira mais íntima? Sois da sua grei escolhida e, melhor do que outras, deveis compreender!

A vossa existência deve ser dominada, iluminada, transfigurada por uma visão que será o vosso farol no caminho da vida. Essa visão, é Marial

— *Visão celestial.* — Maria é a Mãe de Deus, e seu trono é lá em cima, no céu, acima dos anjos! Ela é a Filha do Pai, a Mãe do Filho, a **Espôsa** do Espírito Santo.

Visão virginal. — Com efeito, pode-se-lhe evocar o nome sem pensar imediatamente numa pureza que não é da terra, num perfume penetrante que embalsama e que parece vir do céu, numa aparição sorridente que, pairando graciosa acima dos lódos da terra, atrai, arrebatada a alma para Deus?

Visão de bondade maternal. — Maria é Virgem, mas o homem vê nela principalmente a Mãe! Aquela que é boa, doce e terna, Aquela que sofreu e chorou, Aquela que encanta e que consola, Aquela que quer conduzir-nos a Jesus.

Visão de força. — Essa criatura sublime foi heróica: sofreu o mais tremendo dos martírios. Não somente esmagou a cabeça da serpente, mas alcançou a palma da vitória, venceu a dor, venceu a morte...

Eis aí o que é Marial Mãe de Deus, ela é tôda-poderosa; Mãe dos homens, é boníssima; como não a amarmos? Somos seus filhos. Que razão para esperar que sôbre o seu coração de Mãe a Filha da terra encontrará êsse divino Filho de Maria com quem Ela reina dos Céus!

2º Do berço ao túmulo.

A devoção à Mãe de Deus não é um simples ornato, um embelezamento, uma poesia do cristianismo, nem mesmo um socorro de que nos podemos servir a nosso gosto, mas sim parte integrante da religião! Deus quis vir a nós por Maria, por Ela é que devemos retornar a Ele!

A devoção a Maria é o "termômetro da nossa vida espiritual"; porquanto, como diz um autor:

"Assim como, para vos assegurardes da vida de uma pessoa, procurais aprender-lhe as pulsações do coração, assim também, para saberdes se uma alma ainda vive, procurai se o nome da SS. Virgem lhe é indiferente ou a faz palpitar!"

Mas a uma filha de Maria êstes dados gerais não bastam. E' preciso mostrar-lhe, tomando-a do berço ao túmulo e seguindo-a na vida, até que ponto são benéficos para ela os raios de luz que caem da *Estrêla da manhã*.

a) Lembrai-vos das horas tão doces da vossa *primeira infância*, quando vossa mãe, feliz, vos sorria, vos embalava em seus braços. Mal a vossa inteligência começava a se abrir, ouvistes murmurar o doce nome de Maria. À noite, no berço, pela manhã ao despertar, uma imagem da Virgem apresenta-vos o Menino Jesus nos braços de sua Mãe, e desde então começáveis a compreender que Jesus era vosso irmão e Maria vossa Mãe do Céu. Coisa curiosa! Então não recebíeis dessa outra Mãe os benefícios e os carinhos que vos prodigalizava aquela cujo meigo semblante se inclinava sôbre o vosso berço. No entanto, apesar do vosso inconsciente egoísmo de criança, que então quase só ama em proporção daquilo que se lhe dá, aceitáveis naturalmente essa idéia de que tínheis no céu uma segunda Mãe que também vos amava. E viam-vos sorrir a Maria, beijá-la, e às vêzes estender-lhe vossas mãozinhas, como que para lhe pedir que ela vos carregasse também nos braços.

b) A *criança cresceu*, tem doze anos, vai fazer a sua primeira comunhão. E' na igreja da aldeia, ou na grande catedral, no meio dos cantos, do tremeluzir das velas, nos vapores azuis do incenso, cândida no vosso vestido branco,

fôstes, com as vossas companheiras, lançar-vos aos pés de Maria, para lhe recitardes o ato de consagração! Talvez mesmo tenha sido a vossa vizinha que, no meio do silêncio impressionante da igreja, fêz ouvir as palavras tão doces e tão belas, em que, num transporte de alegria e de amor, dáveis o vosso coração a Maria.

Pobre menina, ainda não conheceis a vida! mas como fizestes bem em dar à Virgem vossa alma, vosso coração e vossas dores! Vossa alma? Ela a engrandecerá! Vosso coração? Ela o purificará! Vossas dores? ah! haveis de tê-las! Haverá dias em que elas se abaterão sôbre vós com o ruído das grandes águas! Mas não penseis ainda nas dores futuras. Deus lá estará! e a mão maternal, carinhosa e tão doce que vos sustenta hoje, reencontrá-la-eis em tôda parte, no vosso caminho, igualmente terna, igualmente maternal.

c) A *jovem* está em plena flor, em plena seiva, em plena juventude. Nessa idade tão cálida, o coração não se dá, parece oferecer-se, e ante vossos olhos, como num doce sonho, divisais uma série ininterrupta de alegrias calmas e tranquilas, que parecem sorrir-vos e a que, instintivamente, estendereis os braços. A vossa vontade é pronta e generosa, a vossa imaginação abre as asas, e o vosso coração é tão grande que transborda.

E' a *hora das tentações*, a hora das lutas, a hora da crise! E' a hora das tempestades, em que tantas barquinhas soçobram! E é sobretudo então, filha, o momento de olhardes para a vossa estrêla, Maria, a *Estrêla do mar*. Sabeis que cada dia, talvez, tereis de por um ato de vontade impor silêncio aos surdos impulsos dos sentidos, de dissipar imaginações más, de tomar vosso coração com ambas as mãos para impedi-lo de ir lá para onde a paixão o atrai. Nessa luta, haveis mister de um sustentáculo, precisais de fôrças, precisais de um ideal que vos fascine e que faça contrapêso aos arrebatamentos da natureza viciada! Êsse sustentáculo, êsse ideal, é Maria! Com ela, ficareis pura; sem ela, arriacar-vos-eis muito a soçobrar! Na hora da tentação, lançai-vos a seus pés, lançai-vos em seus braços! ai o demônio não irá perseguir-vos!

d) Algumas das que lerem estas linhas terão ouvido ou ouvirão o chamado de Deus. Esse chamado, tão doce quando fala pela primeira vez, faz-se em seguida mais vibrante e mais forte; "a idéia" do início torna-se uma grande voz, que faz no coração da eleita como que um ruído de trovão, e essa voz possante, obsessora, imperiosa, irresistível, clama: "Vem, deixa tudo e segue-me".

Então, desejosa de assentar a sua resolução, a futura religiosa recolhe-se, pois a hora é grave, e vai lançar-se aos pés de Maria. Aí, no segrêdo de um altar, é que se vai passar o drama — pois é um drama — que fixará a orientação da sua vida.

Ei-la, essa a quem Deus chama: tem vinte anos, seu coração se abre aos sonhos da mocidade, ela é sincera, franca consigo mesma, e, sòzinha, na igreja deserta, diante de sua divina Mãe, com a fronte nas mãos, reza... pensa.

Seu coração sente necessidade de amor, de felicidade, de liberdade... Ela ama tanto seus pais, sobretudo sua mãe!... tem ao redor de si corações amigos aos quais seria bom arrimar-se para atravessar a vida. Ela ama sua casa, sua família, sua igreja, suas obras... A tudo isso terá ela que dizer adeus. E, depois de assim despojar-se, que achará? Que é que lhe reserva essa vida religiosa a que ela aspira? Alegrias, sem dúvida, mas também sofrimentos, renúncias. Os votos de pobreza, de castidade, de obediência são rudes arenas onde os combates são duros.

Talvez a sua vocação a chame a deixar até mesmo sua pátria e a partir para bem longe, para levar aos negros, aos chineses, aos pagãos suas delicadezas infinitas de mulher e a sua dedicação de "irmã". Talvez seja também a morte lá, no exílio voluntário, numa terra selvagem, longe de tudo o que ela amou.

Em face de semelhante alternativa... pensando bem o que vai deixar e o que a espera, será que ela não está no direito de sentir frio no coração e de ouvir esse pobre coração murmurar, bramir, chorar, como para se recusar à imolação total que exigem dêle?...

O processo está instruído; a jovem examinou tudo. Em

face desse cálice amargo, ela sofre... seu pobre coração agoniza...

E agora, vêde-a que se levanta. Seus olhos úmidos fixam-se em Maria, como se esperasse dela a resposta que deve decidir da sua sorte. Um instante após sorri, enxuga as lágrimas, e a calma renasce-lhe nas feições trans-tornadas. A borrasca passou, o sol voltou, alumando ruínas... mas, do meio dessas ruínas acumuladas no seu coração por uma vontade férrea, ergue-se, altivo, o belo Ilrio da sua vocação.

Que se passou então? A jovem, animada por um olhar de sua Mãe do Céu, tomou com ambas as mãos o coração que fugia; curvou-o sob o jugo da sua vontade vitoriosa, e agora pisa-o, imola-o e oferece-o de novo a Maria, sangrento, fortemente, mas vencido.

e) *A jovem tem um desejo imenso de fazer bem. A visão das almas que se perdem em redor dela impele-a a dedicar-se. Ela semeará a boa semente, prodigalizará suas preces, seus conselhos, suas instâncias, suas lágrimas! As vezes, a alma visada pelo seu zelo converter-se-á e cairá como um fruto maduro! As mais das vezes resistirá. A jovem apóstola compreenderá em breve que é preciso ser "dois" para converter, e que, enquanto a graça não vem em socorro do pobre instrumento humano, este último se vê obrigado a confessar com S. Pedro: "Mestre, trabalhamos a noite toda sem nada apanharmos!" Então, instintivamente, como a criança que se volve para a mãe em face de uma tarefa demasiado dura, a jovem cristã dirigir-se-á Aquela que é a dispensadora das graças, e lhe dirá: Mãe, ajudai-me, sem vós nada posso!*

Tomará, pois, o seu têrço, a que o célebre doutor Récamier chamava "o guizo do céu", e desfiará tantas Ave-Marias, que Maria se deixará sensibilizar e concederá a conversão desejada. Porém ela não rezará sem confiança, porá na sua oração uma insistência infantil e cândida, à qual nada resiste. Falará como aquêlê devoto servo de Maria:

"Escutai, minha Mãe, é preciso que me concedais a graça que eu vos peço; do contrário, que hão de dizer de vós? Que não pudestes atender-me? Ninguém acreditará nisto.

Que não quisesdes? Qual! vós, minha Mãe, não quereis atender a vosso filho? Seria inaudito! E havereis de comprometer a esse ponto a vossa reputação? Pensai nisto!"

Que sublime audácia nesta prece! — Uma alma que ama de veras a Maria compreendê-la-á. E' que Maria não é só a "Boa Mãe", é também a Chefa, a Rainha, Aquela que continua o grande trabalho de Deus no mundo. E' a luz que ilumina os apóstolos, o amor que os abrsa, a palavra que os torna eloqüentes, às vèzes mesmo o poder pelo qual elles fazem milagres. E' por isso que, segundo a lógica do plano divino, ella é proclamada "Rainha dos Apóstolos".

f) *Eis os dias penosos do sofrimento.* Quem é que, na vida, não tem de sofrer? Seja qual fôr a vossa vocação, penas e dores vos aguardam! Espôsa, mãe de família, religiosa, não escapareis à dura lei que faz que tôda criatura gema na terra. Quando a dor estender sôbre vós suas asas sombrias, quando o vosso coração estiver angustiado, não ireis instintivamente lançar-vos aos pés d'Aquella que foi "Mãe", d'Aquella que chorou o seu Jesus?

E como se chora bem aos pés de Maria! e, quando a gente lhe conta suas penas, levanta-se menos triste, com o coração aliviado de um grande peso. As consolações humanas são desbotadas e frias; mas, nas que Maria prodigaliza a seus filhos, que doçura e que bálsamo! Ella vos dirá talvez: Minha filha, choras? eu também chorei! Sofres? eu sou a Rainha dos Mártires! O Filho de Deus era meu filho; e, se a dor não fôsse a mensageira do Céu, se não fôsse redentora, acreditas então que Elle me tivesse feito sofrer tanto? Nenhuma criatura humana sofreu tanto como eu! Não te queixes, pois, se meu divino Filho te envia dores; é porque Elle quer que tua alma seja maior e mais bela.

Tomai-a como modelo nos vossos dias de sofrimento. Vêde-a ao pé da Cruz, de pé, pálida, porém mais forte do que a morte! A sua dor cruciante não faz ouvir nenhum grito! Primeira flor dos mártires, ella se ergue ao pé da cruz de seu Filho crucificado, para nos ensinar a bem sofrer. Que modelo e que ideal! Virgem, com seu coração de uma delicadeza infinita, aprimorada ainda pela vizinhança da divini-

dade, tão frágil, tão delicada mas tão forte! Mãe dolorosa entre tôdas as mães, ela chora, mas fica de pé; *Stabat!* A seus pés, aprendei a sofrer!

g) *Veio a noite*, vistes pouco a pouco vossas fôrças trairvos, e, não fôsse o ardor interior de uma alma e de um coração que não querem envelhecer, o vosso pobre corpo fatigado não mais resistiria de pé. E' o fim que se aproxima.

Mui naturalmente, no declínio da vida, a alma piedosa, a Filha de Maria (pois não se é Filha de Maria só até os vinte anos, mas até à morte) senta-se à beira da estrada, e, à medida que os anos decorridos lhe tornam a passar diante dos olhos como as vagas de uma torrente que se escoa, ela reflete, interroga-se, pensa, sonha! Sua alma está calma e serena. Ela não tem as melancólicas desesperanças de um Lamennais que exclamava:

“Sentado sôbre a rocha árida, ao pé de uma velha árvore despojada, olho a nuvem que passa, e quisera passar com ela, e ser levado como ela para as regiões para onde a impele a tempestade”.

Não, a alma dela, ao contrário, é radiosa. A alegria enche-lhe o coração.

Não é a nuvem que passa que lhe atrai os últimos olhares, mas uma doce e calma visão, afagada pelo seu sonho, êsse ideal de beleza, êsse coração de misericórdia, o astro da sua vida, a sua Rainha, o seu Anjo tutelar, a sua Mãe, Maria! E seu olhar avista a *Estrêla da Manhã*, cujo doce brilho derramou a flux na sua vida raios de alegria, de misericórdia e de amor... Estrêla que a conduziu desde o berço, que a seguiu pela estrada da vida e que parece parar, pois o seu túmulo vai-se abrir!

Sim, nessa hora terrível e angustiada, a Filha de Maria verá a imagem de sua Mãe aparecer-lhe mais doce e mais consoladora que nunca. Tantas vêzes ela lhe disse: “*Rogai por nós na hora da nossa morte*”, que não duvido de que sua Mãe do céu tenha vindo para buscá-la e conduzi-la ao céu.

Quando soar a hora da morte, a Filha de Maria será cheia de indizível confiança! Sem dúvida, por ser fraca, ela caiu

algumas vezes no caminho; mas sempre uma mão maternal veio levantá-la. Ela trabalhou, sofreu, chorou! Trabalhou, agora espera o seu salário; sofreu, é o sêlo do perdão! E depois foi apóstolo, converteu almas à volta de si, e sabe que *salvar uma alma é predestinar a sua*. Enfim, amou a sua Mãezinha do céu com tôda a sua alma. E agora, que a morte chega, Maria desce a ela, doce e risonha, estendendo-lhe os braços.

Então, tal como sua mãe da terra vinha, outrora, vê-la no berço e tomá-la nos braços para adormecê-la, assim também à Virgem descerá do céu para sua filha que vai morrer. Enquanto a agonia lhe sacode o pobre corpo alquebrado, a Filha de Maria sentirá como um amplexo maternal envolver-lhe a cabeça moribunda, expirará alegre, murmurando o vosso nome, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!

3º A Virgem Mãe.

A Virgem Mãe, que nome! Só o cristianismo, só uma religião divina podia possuir êste prodígio! Só um Deus podia fazer êsse milagre. Maria é Imaculada! é Virgem! é Mãe!

Paremos um instante para contemplar Maria sob êste duplo titulo, com êsse duplo privilégio de Virgem Imaculada e de Mãe.

E' Imaculada! Êste é o seu nome; ela se dignou dizê-lo à cândida menina que lho perguntava ao pé das rochas de Massabielle! Notai que ela não disse: "*Eu sou imaculada*", mas sim "*Eu sou a Imaculada Conceição*". E' o seu titulo, o seu nome próprio, como na Escritura Deus quis revelar o seu a Moisés: "*Eu sou Aquêle que sou*".

E' Imaculada! Como tal, apareceu ela ao mundo no seu esplendor celeste... Em Lourdes, a vidente avistou-a... an-gélica criatura, no côncavo do rochedo, com o pé sôbre a roseira brava florida; trazia uma veste branca, servia-lhe de cinto um pedaço de céu azul, as mãos lhe estavam postas sôbre o peito, e seu olhar elevava-se para os céus.

E' Imaculada! Essa visão tão nobre, há séculos que asse-dia o coração daquilo que a humanidade tem conhecido de

maior, de mais belo, de mais puro!... Ela tomou posse do coração cândido da virgem, do coração férvido do adolescente, do coração valente do homem, do coração não raro dolorido das mães, e do coração quase arrefecido dos velhos.

E' Imaculada! Devia sê-lo, pois Satanás não podia pôr o seu estigma vergonhoso sôbre aquela que Deus escolhera para Mãe de seu Filho; porque então o Baixíssimo poderia ter dito escarnecendo o Altíssimo: "Ah! Tua Mãe, eu a tive antes de ti! Olha! a fronte dela está marcada com o meu sinal! E' minha escrava! Como tôdas as filhas de Eva, ela trará o estigma do pecado!" Não, Deus não podia submeter sua Mãe a essa vergonha, a êsse opróbrio. Maria esmagou a cabeça da serpente. E, quando assentou o seu pé virginal sôbre o corpo do monstro, Satanás compreendeu que ela era "*Aquela que lhe devia esmagar a cabeça*".

E' Imaculada! Seus filhos da terra, ai! não são como Ela! Por certo, êles bem o sentem! A peçonha original envenenou-lhes a natureza decaída. Para ficarem puros, êles têm de lutar e de vencer-se. Por isso, com que melancólica doçura, pobres filhos de um dia, do seio da sua fraqueza não levantavam êles os olhos para a Mãe puríssima, para a Imaculada Maria! Só a pensamento dela pode purificá-los; a lembrança dela afasta as tentações que os assediam, e não raras vêzes o seu nome basta para lhes dar a vitória.

Ela é Mãe! E' nossa Mãe! Sim, somos filhos de Maria, e o nosso presépio, o nosso, foi ao pé da cruz. As môças, sobretudo, têm tanta necessidade de ter ao pé de si um coração materno! Quantas se perdem porque sua mãe lá não está mais! Quantas que não teriam sido "filhas pródigas" se tivessem tido uma mãe para guiá-las e preservá-las! Que felicidade! ter uma mãe para guiá-las e preservá-las! Que felicidade! ter uma mãe na terra e outra no céu! Bem se pode dizer que vossa mãe do céu vos ama infinitamente mais do que aquela que vos estreita nos braços na terra! Maria é vossa irmã maior, é sempre sob as feições de uma môça que a representam, e as suas virtudes são sempre as que deveis praticar. Amai-a, pois, ternamente como a uma boa mãe, e imitai-a como a uma irmã mais velha.

Uma donzela que não ama Maria não terá medo de se lançar num triste isolamento? Não sabe a que perigos se expõe? Ao contrário, aquela cujo coração é tomado por esse amor celeste, por esse amor forte e vencedor, não mais está só nas lutas da vida; sente que uma mãe invisível está sempre lá para protegê-la.

Seja, porém, o vosso amor confiante, terno ingênuo mesmo, falai a Maria não como a uma grande Dama que avistásseis num trono, rodeada de anjos, perdida nos esplendores dos céus; não: fazei como a Irmã Catarina Labouré, que, durante a aparição¹ de Maria, se adiantou, pôs-se de joelhos junto dela, e lhe pousou graciosamente as mãos sobre os joelhos. Por que não terdes para com Maria estes sentimentos de criança? Isso vos é tão fácil, tão natural! Nesta maneira de amar a Maria, de associá-la a todos os atos da vossa existência, haurireis uma alegria bem doce, e, quando preciso, uma força que não suspeitais! Em certos dias pode-se ter medo de ir a Jesus. Conhece-se bem a palavra de S. Agostinho: "*Temes a Deus? pois lança-te-lhe nos braços*". Mas às vezes a gente não ousa. Uma certa timidez retém os impulsos do coração. Pode porém alguém deveras ter medo de uma mãe?

Temos tanta necessidade de uma mãe! — A história seguinte, tirada do *Ideal* de setembro de 1911, terminará bem estas reflexões. Sabereis tirar-lhe a moral e pô-la em prática. Podemos separar-nos de nossa mãe da terra, ela desaparece um dia; porém Maria aí está sempre, e sem Ela não podemos passar!

Um dia, conta-nos um vigário dos subúrbios de Paris, notei uma ovelha estranha misturada ao rebanho do meu catecismo. Aquela figurinha pálida e apoucada, que se insinuara na ponta do último banco, não me era totalmente desconhecida; minha memória lembrou-me logo que o intruso era filho do contra-mestre da fábrica, homem de opiniões violentas e exaltadas, orador de clube, inimigo de padres, etc. Aliás, o pequeno parecia deslocado no santo lugar. Olhava para todos os lados e tinha uma atitude cons-

1) Essa aparição teve lugar a 27 de novembro de 1830 na capela das Irmãs de Caridade, 160, rue du Bac, Paris.

trangida na extremidade do seu banco. Não aparentei reparar na presença d'ele, mas, após acabar de interrogar os meus meninos, fui a elle e fi-lo levantar. Elle segurava um gorro na mão e olhava-me com grandes olhos tristes. As suas roupas belas e bem feitas careciam de frescor. Ao vê-las, adivinhou-se que não as preparara uma mãe.

— Vais à escola, — disse-lhe eu, — já ouviste falar de Deus Nosso Senhor? — Silêncio, gesto vago e indiferente.

— Da Santissima Virgem? — O pequeno levantou a fronte e súbitamente o semblante se lhe animou.

— Ouvi, — disse-me elle baixinho, misteriosamente. — Ouvi dizer que os meninos do catecismo têm uma Mãe, a SS. Virgem. Foi por isso que eu vim... — E grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces, enquanto elle acrescentava: "Eu preciso tanto de uma mãe!"

Esse grito comoveu-me. Assim que meus alunos saíram, voltei ao pequeno estranho, e lhe disse: "Vem cá, vou-te levar à tua Mãe". — Elle me deitou um olhar profundo. "Aquela que substituirá tua mãe", continuei. E conduzi-o ao branco altar que as Filhas de Maria ornamentam com desvelo piedoso. Quando o menino avistou a santa imagem coroada do diadema de ouro, rodeada de flôres e iluminada pelo reflexo dos vitrais, exclamou de mãos postas: "Ahl lá está ela! Como é bela! O Sr. acha que ela quererá me tomar por seu filho? Olhe, ela tem outro nos braços. Talvez não precise de mim; e eu, se o Sr. soubesse! Preciso muito de uma mãe... ainda mais depois que estou doente..." — E estás doente, meu filho? — Elle tocou o lado esquerdo. — Tenho uma dor aqui, não grande, mas não posso brincar ou correr com os outros, então o médico proibiu que eu fôsse à escola. Sou infeliz sôzinho em casa. Papai me quer muito bem, mas está sempre fora de casa. Disseram-me que os meninos que vêm aqui acham uma mãe muito boa e tôda-poderosa, eu então fugi e vim cá.

Eis aí mais um dos vossos benefcios, ó boa Mãe, pensei eu. Obrigado por me terdes trazido esta cara alminha, que perceria na ignorância, e cuja voz, talvez em breve, se misturará aos concertos dos anjos.

E elle repetia inquieto: "O Sr. acha que a Santa Virgem quererá saber de mim? — Sem dúvida, meu amigo, mas é preciso fazer como os meninos que aqui vêm, e aprenderes o teu catecismo".

Pus-lhe um catecismo nas mãos, e êle disse: "Obrigado, Sr., não deixo de o ler".

Leu-o, aprendeu-o, mas a morte fazia lentamente a sua obra. Pouco tempo depois de fazer a primeira comunhão, êle morreu como um santo, e foi encontrar-se com sua Mãe no céu.

4º Têrço e medalha.

A Filha de Maria tem muitos meios de provar seu amor a sua Mãe; para não alongar, falaremos apenas de dois: o têrço e a medalha.

Não se compreende uma Filha de Maria sem o têrço. Êste faz parte integrante dos seus exercícios de piedade, e o dia em que ela não o recitar deverá parecer-lhe triste como um dia sem sol! Ela o trará sempre consigo, rezá-lo-á na igreja, na rua, nos bondes, em tôda parte; à noite, o seu último pensamento será para Maria, pois ela adormecerá de têrço na mão. E' a sua arma própria; nunca se separará dela, e dela se servirá sobretudo quando a luta fôr mais viva.

No dia em que uma Filha de Maria abandona o seu têrço, isso é mau sinal; outro amor que não o da Virgem terá vindo tomar posse do seu coração. Não se pode servir a dois senhores!...

Lembrai-vos de que o têrço é também o termômetro da vida espiritual; não se pode rezá-lo bem sem ficar fervoroso, e no dia em que êle é rezado seja como fôr, como uma penitência, é que o reinado de Maria foi pôsto em xeque no coração. Enfim, quando o vosso têrço dormir numa caixinha ou numa gaveta do vosso quarto, então haverá em vós coisas de que tereis de corar e que não quereríeis confessar a vossa mãe.

O sacerdote treme pela alma que lhe diz: "Eu não rezo mais o meu têrço". E' a primeira oração que se abandona.

Quem é que não conhece a bela história seguinte contada por Mons. Dupanloup? Diz êle:

"Eu tinha o costume de nunca deixar meus meninos fazerem a primeira comunhão sem lhes recomendar rezarem ao menos uma Ave-Maria por dia. Ora, um dia me chamaram

para junto do leito de uma jovem moribunda; tinha ela vinte anos; rica, brilhante, mãe havia alguns dias, feliz no meio de tôdas as felicidades presentes e dos seus sonhos de futuro, ela ia morrer.

“Eu não pude deixar de lhe dizer: “O’ minha filha, que desgraça!” E ela, com acento inexprimível... ainda fico comovido ao me lembrar, ao reencontrar esse acento de uma voz que me ficou tão cara... ela me disse: “Então o Sr. não acredita que eu vá para o céu? — Minha filha, respondi eu, tenho grande esperança. — E eu, replicou ela, estou certa. — Disse-lhe eu então: E que é que lhe dá essa certeza? — E ela me disse: E’ um conselho que o Sr. me deu dantes. — E’ que conselho é esse? — Quando eu fiz minha Primeira Comunhão, o Sr. nos recomendou que rezássemos todos os dias a *Ave-Maria* e a rezássemos bem. Eu a tenho rezado todos os dias, e mesmo, de quatro anos para cá, nem um só dia deixei de rezar meu têrço inteiro. E é isso que faz com que eu esteja segura de ir para o céu. — Mas como? perguntei-lhe eu. — Ao que, ela acrescentou com gravidade: E’ que eu não posso crer, e é este um pensamento que não me deixa desde que eu adoeci, não posso crer que de quatro anos para cá eu tenha dito cinqüenta vêzes por dia à SS. Virgem: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”, e que neste momento, em que eu vou morrer, ela não esteja junto de mim. Ela está aqui, estou certa; ela roga por mim, e é ela quem vai me introduzir no Céu”.

Eis aí o que me disse essa môça, e eu vi então um espetáculo que nada poderia retrair, uma morte verdadeiramente celestial. Vi uma terna e frágil criatura, arrancada na flor da idade a tudo o que faz amar a vida, deixando na terra um pai, um marido de quem era adorada e a quem adorava, um pobre filhinho, penhor tão desejado e tão caro, deixando tudo isso não sem lágrimas, mas com serenidade radiosa, consolando os velhos pais, abençoando o filhinho, animando o pobre marido; e, no meio desses laços que se partiam, de todos aquêles abraços que debalde tentavam retê-la, vendo só o Céu, falando só do Céu, e sendo o seu último suspiro um sorriso à glória eterna... E’ indelével para mim esta recordação”.

E não receeis a monotonia dessa oração. “As palavras que os lábios pronunciam protegem e sustentam as meditações

sucessivas sôbre os mistérios; o pensamento orante deserta-as ao mesmo tempo que as segue, ultrapassa-as ao mesmo tempo que delas se impregna. Essa oração, que parece verbal, é a mais espiritual de tôdas; essa oração, que parece escrava, é a mais emancipada de tôdas; essa oração, que parece rudimentar, é a mais contemplativa e pode tornar-se a mais pessoal de tôdas.

Para corroborar estas asserções de G. Goyau, eis agora os belos pensamentos do Cônego Coubé:

“À palavra têrço, os cétricos reclamam: Para que essa repetição monótona da Ave-Maria? A alma tem asas, deixem-na voar. Por que a aprisionarem e a condenarem a girar nesse moinho de orações?

“Esta objeção é falha de psicologia.

“E’ um fato que, quando o homem acha uma fórmula justa, precisa, adequada para exprimir um dos sentimentos profundos de sua alma, o seu entusiasmo ou a sua indignação, descansa nela, compraz-se nela, torna a ela à saciedade e verdadeiramente com razão. E a razão disto, a razão filosófica, é esta: é que, pronunciando essa fórmula, sejam quais forem o acento que êle ponha nela, a percepção que dela tenha, a emoção que sinta com ela, êle não a penetra e não a aprofunda tôda a seu gôsto, não a esgota. Destarte, justo é que torne a ela para nela achar novos aspectos da verdade, para fazer saltar dela novas centelhas. Foi isso que Lacordaire disse muito bem, com tanta elegância quanta profundidade, que o amor tem só uma palavra, e, dizendo-a sempre, nunca se repete.

“Perguntai aos soldados em marcha por que é que êles cantam dez vêzes, cem vêzes as mesmas palavras na mesma toada. Não devem êles rezear aumentar a monotonia da marcha pela do canto? Não, senhores, porque sob a simplicidade, e quiçá sob a banalidade, das palavras pode haver nesse estribilho algo de grande e de nobre, um grito de amor à pátria, uma saudação aos antepassados, um apêlo à vitória, um desafio à morte. E dez e cem vêzes a alma do soldado se evola nesse desafio, nesse apêlo, nessa saudação, nesse grito de amor.

“Por que é que o mendigo se conserva horas a fio sob a chuva e sob a neve, repetindo as mesmas palavras: Uma esmola pelo amor de Deus? E’ porque a experiência lhe

mostrou nessas palavras a fórmula mais capaz de apiedar o bom Samaritano que passa.

“Ora, depois do Pai-Nosso, que aliás associas à Ave-Maria no têrço, não há oração que, melhor do que essa humilde Ave-Maria, traduza os sentimentos mais sagrados de nossos corações. A primeira parte é a aclamação triunfal, é o entusiasmo da multidão que lança à rainha as suas bênçãos e flôres. A segunda parte é um grito plangente, é a grande angústia da humanidade que se sente condenada a morrer: Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte...”

Sem dúvida, em recitando o vosso Rosário, tereis distrações, mas desfiai-o mesmo assim, repeti, murmurai a Maria o vosso canto de amor. Suponde uma criança que vai ao campo; é domingo, ela quer colhêr flôres para a mãe, e à noite traz a esta um grande feixe de margaridas, de papoulas, de madressilvas e de mil outras plantas que terá colhido no decurso do seu passeio. Acaso a mãe, recebendo essas flôres, olhará a se elas são belas ou feias, frescas ou murchas? Umas terão a corola murcha, outras não terão talo, mas o todo formará um ramalhete através do qual a mãe verá, alegre, o coração do filho que quis obsequiá-la. Assim também Maria. Colhei para ela, ao longo do dia todo, as rosas das vossas Ave-Marias, e, vinda a noite, ofereceias a vossa Mãe do Céu. Ela não quererá “depenar” o vosso ramalhete, a pretêxto de terdes tido algumas distrações, de haverdes rezado com demasiada rapidez, talvez, que sei? Não, Maria também não verá em tôdas essas flôres, em tôdas essas Ave-Marias, senão o vosso coração de filha que a ama e que procurou obsequiá-la.

Algumas pessoas usam trazer sôbre si a fotografia daqueles que lhes são caros. Ora, a vossa medalha é como a fotografia da vossa Mãe do Céu; ela vos foi dada pelo sacerdote que vos recebeu como Filha de Maria; que lembrança inesquecível essa medalha! E’ um preservativo contra o pecado, um socorro nas tentações, e também um meio de reanimar o vosso fervor. Podereis, talvez, trazer sôbre vós muitas jóias, mas nenhuma vos deve ser tão preciosa, tão cara como a vossa medalha! E’ como que um raio de luz caído

do Céu, um sorriso de Maria gravado em metal, uma reliquia preciosa. Beijai-a com amor, sobretudo de manhã ao levantar-vos, e à noite ao deitar-vos; sejam para Maria o vosso primeiro e o vosso último sorriso. E repeti-lhe com confiança, com candura infantil: "*O' Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorreremos a vós!*" Menina, ela guiará vossos passos e vos conservará na inocência; donzela, ela vos protegerá por entre os escolhos da vida; e, até à vossa morte, ficará sôbre vós como a mais deliciosa lembrança da melhor das mães.

Em novembro de 1914, numa ambulância bem próxima do "front", chegava um rapaz de Paris com a perna varada por um estilhaço de obus; a padiola estava cheia de sangue, e êle sorria. Quando o transportaram para a mesa de operações, julgaram-se no dever de lhe tirar as roupas que o sangue lhe colara à pele. Êle sofria terrivelmente, mas vigiava o vaivém em tórno de si. Ao cabo de um momento, disse ao padioleiro: "Atenção, eu tenho uma medalha por baixo da camisa, não toquem nela!" — Deixo-a com você, meu rapaz, mas fique tranqüilo, não se enerve! — Não estou enervado, disse êle, estou apenas com a perna quebrada, vão-me pôr outra de pau branco, isto não tem importância; mas a minha medalha, se me fizerem dormir daqui a pouco, é preciso ter cuidado com ela. Ela me foi dada, no dia da partida, por minha mulher. Fazia só oito dias que estávamos casados. Ela me disse: "Veja lá, meu querido; você guardará essa medalha como lembrança minha; e a beijará tôdas as noites pensando em mim, e fará a sua oraçõzinha". Pois bem! como você sabe, eu não valho grande coisa, vivi "à la diable", mas em lembrança de minha querida mulherzinha, uma Bretã que tem uma fé de anjo, não passo um só dia sem beijar minha medalha, e se não o fizesse ficaria cheio de pena; e teria a impressão de ter cometido um pecado..."

Menina, tende também essa lembrança comovida, êsse culto da vossa medalha; não tereis, como êsse soldadinho, circunstâncias tão trágicas a atravessar, mas haverá momen-

tos na vida em que sentireis a necessidade de beijar a vossa medalha, para haurir nela a fôrça e a coragem de ficardes fiel a Deus e ao dever.

5º *Ide a Maria.*

Para terminar, eis uma página em que o autor das *Pa-lhêtas de Ouro* encaminha a Maria todos os que querem lutar. E' um grito vibrante que será o corolário do lema dêste livro: "Vai, filha de Deus, vai!"

Ide a Maria, jovens almas a quem foi dito: E' a hora da luta!, e que respondestes com o entusiasmo dos vossos vinte anos: "Prontas estamos!"

De certo, Maria é bem a Mãe meiga e amante que acaricia o filhinho às primeiras horas da vida, mas é também a inspiradora, o sustentáculo, a fôrça do adolescente que vai combater.

Seria compreender mal o culto da SS. Virgem o ver nêle uma simples satisfação a não sei que aspirações do coração. O culto de Maria, dizia um orador a um grupo de moços que fremiam impacientes por devotar-se pela causa da Igreja, o culto de Maria é o culto dos fortes, o culto dos militantes, o culto dos que caem derrubados talvez, mas não vencidos.

A primeira imagem de Maria que a Igreja expõe à nossa admiração não é a da Virgem esmagando a cabeça da serpente? E mais tarde, se os nossos olhares de crianças a vêem sorridente e feliz diante do presépio, nossos olhares de adolescentes não a vêem de pé junto à Cruz, sofrendo com seu Filho e agonizando com Jesus Cristo pela salvação dos homens?

O amor de Maria não é um amor que amolece o coração ou o estreita. — Maria é a mulher forte por excelência; com o amor, ela irradia a fôrça.

Ide, pois, a Maria, vós, soldados de Deus que estais na vigília de armas. Era diante da Virgem que os antigos cruzados oravam antes de partir. Foi diante do altar de Notre-Dame em Paris que S. Luis foi tomar a auriflama. "Quando o infame muçulmano ameaçou a liberdade da Europa," diz o abade Perreyve, foi uma imagem da Virgem que os sol-

dados de Lepanto arvoraram nos seus navios vitoriosos. E poderiam os franceses esquecer que foi ao pé de um altar dedicado a Maria que foi descoberta, como por milagre, a espada de Joana d'Arc que salvou a França, e que o estandarte da imortal mártir da grandeza nacional nunca mostrou aos ingleses desconcertados e vencidos senão a imagem da Virgem Maria?

Os bretões se batiam de tórço em volta do pescoço; era recitando-o que marchavam ao combate. Os tempos não mudaram. Animados de semelhantes sentimentos, assim têm agido todos os "cruzados modernos".

O culto de Maria foi a grande devoção de O'Connell. Pregador improvisado nos vales da verde Erin, êle sabia cativar o seu auditório falando-lhe de Maria. Foi também a devoção de Montalembert, de Donoso Córtez, de Luís Veuillot e de tantos outros. Êsses eram uns lutadores, uns valentes. Lutadores como êles, vamos beber nossas inspirações onde êles recebiam as suas.

Foi na França que foi elevado o primeiro altar a Nossa Senhora das Vitórias. E quando formos pedir a Maria a vitória, antes de tudo peçamos-lhe a fôrça nas dificuldades, nas incertezas, nas provações, a fôrça nas agonias mortais e nas derrotas aparentes, a fôrça para subir a todos os Gólgotas, para se mos esmagados, para morrer; ainda quando tivéssemos de esperar longos dias e longos anos a aurora da ressurreição, ela terá a sua hora. Para nós, cristãos, derrota alguma que na realidade não seja uma vitória; derrota perante os homens, vitória perante Deus! Dizia o Pe. Lacordaire: Há derrotas triunfantes, que porfiam com as mais belas vitórias.

Ide, pois, ao combate pela Igreja, cavaleiros de Maria. Mostre-vos a vossa bandeira Maria esmagando a cabeça da serpente; e seja a vossa divisa a de Maria ao pé da Cruz: "De pé!"

Quando, deixando a França, o missionário embaieca em Marselha, é testemunha de um fato que o comove profundamente. Chegada a hora da partida, a sirene fende o ar com seu grito lúgubre, a hélice redemoinha com estalidos de espuma, o navio larga, desliza, vai-se embora...

Ei-lo em pleno mar! Lá, a terra torna-se cada vez mais longínqua; breve se esfuma e acaba por sumir-se.

E, de pé na ponte do navio, o missionário fita com seu olhar a terra da Pátria, como se não pudesse arrancar os olhos dessa visão que acaba de desvanecer-se lá longe!...

Mas, de repente, alguma coisa fá-lo estremecer... Ele viu... um ponto, lá em baixo, um último que treme ainda, e êsse ponto brilha aos derradeiros fogos do sol poente.

E' Notre-Dame de la Garde! é "a Boa Mãe", é Maria que lá está, querendo olhar por último e abençoar seu filho que se vai embora...

.....

Ainda quando devêsseis ir bem longe no mar do mundo... ainda quando devêsseis embarcar para terras desoladas... para terras de onde não mais se vê o céu... haverá uma visão celestial que o vosso olhar verá sempre.

E' Maria! é a Boa Mãe, é a Estrêla da Manhã, é a Rainha da misericórdia...

E os últimos fogos da Esperança virão sempre iluminar essa visão do supremo amor.

INIMIGOS QUE PODEIS ENCONTRAR.

I. No mundo.

1º Que é o mundo?

O mundo é o conjunto daqueles que não conhecem a Deus, que não o servem, não o amam, que o perseguem mesmo, e que, de olhos cravados na terra, não pensam no Céu.

Para êles, só os bens dêste mundo têm algum valor; os outros, os do além, não entram em linha de conta.

A divisa dêles é aquela que os nossos santos Livros emprestam aos ímpios: "Coroemo-nos de rosas, bebamos, comamos, riamos, dancemos, porque amanhã morreremos".

E, coerentes com seus princípios, vivem êles à maneira dos animais, afagando o próprio corpo, de que fazem um idolo, sem jamais levantarem os olhos para o céu, nem pensarem na própria alma.

Não sòmente não pensam em Deus, mas o perseguem, a Êle e aos que lhe são fiéis.

A luta contra Deus é dirigida por empresários de prazeres, por certos mestres da moda, por todos os que lisonjeiam e divinizam as paixões mais brutais. Para êles o cristão é um inimigo, porque a sua vida austera e pura torna-se um espetáculo perturbador que os constrange e os condena. Para êles, Deus é um intruso, um pensamento inoportuno; a sua presença choca como a de um hóspede desagradável que se impõe sem ter sido convidado. Suportam-no, mas o detestam!

Além da luta contra Deus, vê-se nêle a luta contra os homens, um egoísmo requintado que faz que cada um abra o seu caminho como pode, com risco de semear à volta de si a dor e a ruína.

E esse meio, que forçosamente é o vosso, é cheio para vós de inimigos pérfidos.

“Passeando num jardim, diz o Pe. Monsabré, aproximei-me de uma flor para colhê-la. Uma vespa regalava-se no fundo da corola. Mas... como sucedeu isso? Não sei, não a vi, não a toquei. E, no entanto, quando retirei a mão, estava picado. Eis aí o mundo! E’ cheio de insetos malfazejos”.

E o perigo, para vós, consiste justamente em que êsses “insetos malfazejos” estão disfarçados em graciosos personagens que vêm a vós com o sorriso nos lábios, oferecendo-vos veneno oculto por baixo de flôres.

Na vossa idade, acredita-se pouco nos perigos do mundo: ficais com um ar de espanto quando vos falam de inimigos. E no entanto o inimigo existe, e é preciso conhecê-lo bem para não ser vítima dêle. Êle se chama o mundo e encarna-se numa multidão de personagens que juraram a perda de vossa alma.

Forte da vossa inexperiência, não credes nos perigos que vos espreitam. Tomai cuidado! Quando se é jovem, pode-se facilmente deixar-se deslumbrar, é a história da maripôsa atraída pela chama... deixa nesta as asas.

Escutai os conselhos de um grande orador:

“Amais porventura o mundo, as suas festas ruidosas e mesmo familiares, onde a pessoa pode fazer-se valer por uma “toilette” elegante, por essas vantagens que são o ornato de um salão?

“Mas o mundo, êste não vos ama, ou, se vos ama, é como se ama um instrumento de música, uma flor de camarim, uma veste de núpcias. Quando já não tendes idade para lhe divertir as festas, êle nem sequer se dá o trabalho de desvencilhar-se de vós como se faz com as rosas murchas; voltar-vos-á o rosto com piedade e passará a outras, que do mesmo modo desprezará. E’ tudo o que êle é e tudo o que êle pode. Não vos metais, pois, com êle, porque, se êle não dá coisa alguma, tira e desperdiça tudo o que lhe trazem.

“Não há virtude que fique intacta na alma de uma mulher mundana” (Tissier).

Tomai cuidado, menina! não vos deixeis atrair pelo mundo! Terieis duríssimas ilusões! Ele se parece com êsses objetos que, vistos de longe, enganam os olhos e seduzem a imaginação, mas que perdem todos os seus encantos mal nos aproximamos dêles e os tocamos! Não vos deixeis fascinar por essas miragens enganadoras, o despertar seria terrivelmente doloroso!

2º *O que o mundo promete sem poder dar.*

a) *A verdade.* — A nossa inteligência reclama-a, precisa dela, tem dela uma sêde inextinguível. Há almas fúteis e levianas que, à feição de Pilatos depois de perguntar “Que é a verdade?”, voltam as costas sem sequer esperarem pela resposta. O mundo promete-a, mas não a dá, porque não a tem e não a pode ter.

Nós queremos saber de onde vimos, para onde vamos e o que somos. São questões angustiantes que atormentam o espírito do homem quando êle quer refletir.

A tudo isso o mundo só responde com gracejos insulsos, com bravatas que soam falso, e com teorias que rebentam no ar como bôlhas de sabão.

Eis, porém, que no fundo de vossa alma uma voz calma e doce se faz ouvir em meio ao silêncio e vos diz: “*A verdade sou eu!*” Só um Deus pode falar assim. E êsse Deus dá à criança do catecismo uma soma de verdade que o maior sábio jamais obterá só pelos seus esforços.

b) *A liberdade.* — Por mais que a apregoe pelas paredes, o mundo que a oferece não a dará. E, no entanto, é realmente essa uma das mais belas promessas que êle faz ao coração, à alma, aos sentidos: “Vem a mim, serás livre, livre de pensar, de agir, de ler, de conhecer, de ver, de amar, livre de fazer tudo o que quizeres!” E a pobre alminha voa à conquista dêsse fantasma que foge sempre e que acaba por atraí-la a um abismo em que ela tomba! Aí, ao invés de liberdade, grilhões é que ela achará.

Na sua liturgia a Igreja tem esta bela palavra: “Servir a Deus é reinar”. Pode-se revirar esta proposição e dizer que reinar no mundo é ser escravo. Se Deus se mostrasse

aos nossos olhos tão exigente como o mundo, tão inflexível nas leis que nos impõe, tão severo em seus castigos, a piedade seria um fardo insuportável!...

Escreve a êste respeito o autor das *Palhêtas de Ouro*:

O mundo promete a liberdade, mas na realidade é a escravidão que êle reserva aos que são dêle.

Escravidão da inteligência. — Deve-se pensar, crer, afirmar como êle, do contrário êle vos repele.

Escravidão da consciência. — Devem-se aceitar as idéias dêle; desprezar, renegar as velhas crenças da família e da Igreja; e se êle não chegar até a vo-las fazer renegar, impor-vos-á o pejo do respeito humano.

Escravidão do coração. — O mundo arranca a Deus êsse pobre coração. Aos poucos, pelas suas zombarias, desapega-o das lembranças piedosas que o faziam tão feliz sob a dependência paternal de Deus; desapega-o da família, da doce e pura amizade, proporcionando-lhe gozos materiais que aos poucos o aferram a afetos degradantes.

Eis aí a liberdade que o mundo dá às suas tristes vítimas, a liberdade de carregar grilhões!...

c) *A Felicidade.* — Quem de nós não tem sêde de felicidade? O nosso coração é um faminto, e, na juventude, arrastado por solicitações que o encantam, êle se lançará perdidamente pela trilha onde espera achar seu pábulo.

A felicidade? perguntai ao mundano se jamais a encontrou no seu caminho...

Uns a procuram no dinheiro! Porém, quanto mais se tem, tanto mais se quer ter. Sofre-se para adquiri-lo, sofre-se para conservá-lo, e sempre se receia perdê-lo!

Outros buscam-na loucamente no prazer. Pobres infelizes! pesares, remorsos, lágrimas é que êles colherão!

O' donzela que o mundo atrai, por mais que apareças, que brilhes, que agrades, que eclipses as outras; por mais que colhas todos os prazeres que a tua imaginação te faz crer tão doces e que se esvaem mal a gente se aproxima dêles, acharás espinhos sob as rosas, e às vêzes... lama!

Se queres a felicidade, vive lá onde Deus te colocou; a tua felicidade não está senão no dever, e na paz dada por uma

boa consciência. Fora daí, talvez aches alguns instantes de prazer, mas não serás feliz.

Como canta um poeta cristão:

O pauvre ami, crois-moi, l'on n'est pas heureux
Lorsqu'on foule à ses pieds marbre et tapis joyeux;
Quand on a diamants, bijoux d'or, cachemires.
Esprit, grâce, fraîcheur, affectiois, sourires,
Sympathiques regards, autant qu'on en voudra...
Et qu'au fond de son cœur on sent que Dieu s'en va!...

O' pobre amigo, crê-me, ninguém é feliz
Só por pisar o mármore e o alegre tapiz!
Só por ter ricas jóias, roupas de valor,
Espírito e graça e sorrisos e frescor,
Simpáticos olhares, quantos desejar...
E dentro em o coração sentir Deus se afastar!...

Pascal também exprime isso com a sua lógica profunda:

“Os estóicos dizem: Entrai dentro de vós, lá é que está o repouso! e isso não é verdade. Os outros dirão: Sai para fora, buscai a felicidade divertindo-vos! e isso não é verdade. A felicidade não está nem em nós nem fora de nós, está em Deus!”

Sim, só Deus vos dará a felicidade, o mundo só vos reserva decepções e remorsos. Pode êle oferecer-vos o prazer, mas não a felicidade. A felicidade é cristã, o prazer não o é!

3º O mundo consoante Jesus Cristo.

Que foi que Jesus Cristo pensou do mundo? A sua doutrina a êste respeito iluminará a questão. Ora, há um fato inegável que lança sôbre êste ponto uma claridade deslumbrante.

Jesus desceu à terra. Se tivesse querido, poderia ter nascido nos degraus de um trono. Mas nasceu numa manjedoura de animais. Logo, se Êle não quis saber da riqueza, é que a riqueza nada é.

Poderia ter escolhido para mãe uma princesa, uma rainha. Mas, ao contrário, escolheu uma pobre menina desconhecida. Logo, as honras nada são, já que Êle as desdenhou.

Poderia ter vivido nos prazeres e nas alegrias do mundo. Mas nasce na humilhação, passa trinta anos de sua vida na oficina de um carpinteiro, morre como um escravo, como um celerado, numa cruz. Logo, os prazeres e as alegrias do mundo nada são, pois Êle os repeliu.

Ora, riquezas, honrarias, prazeres em graus diversos e sob diversas formas, são tudo o que o mundo estima e tudo o que promete. Concluo: ou o mundo me engana, ou então Deus é quem está no êrro!...

Jesus disse:

— *Ai do mundo por causa dos seus escândalos!*

— *Eu não rogo pelo mundo!*

Palavras terríveis! Êle rogou pelos seus algozes, mas não quis rogar pelo mundo! Amaldiçoa-o!...

Há, pois, uma oposição completa entre Jesus Cristo e o mundo. As suas duas doutrinas se combatem.

— Jesus diz: Bem-aventurados os pobres!

O mundo: Bem-aventurados os ricos!

— Jesus: Bem-aventurados os mansos!

O mundo: Bem-aventurados os violentos!

— Jesus: Perdoa aos que te fazem mal!

O mundo: Vingate!

— Jesus: Bem-aventurados os que choram!

O mundo: Bem-aventurados os que riem!

— Jesus diz: Bem-aventurados os misericordiosos!

O mundo: Bem-aventurados os fortes, os poderosos, os que se fazem temer!

— Jesus diz: Sê puro!

O mundo: Ceva as tuas paixões!

— Jesus diz: Sê pacífico!

O mundo: Domina os outros, impõe tuas idéias, tuas razões, a todos e contra todos.

O mundo contradiz Jesus Cristo; é o Anticristo! Forçoso é, pois, escolher. Não se pode servir a dois senhores. Não se pode dividir o próprio coração entre duas doutrinas tão diametralmente opostas. Mas por que vos convidarmos a escolher? Já o fizestes. Lembrai-vos das promessas do vosso batismo, renovadas no dia da primeira comunhão: "Renuncio a Satanás, às suas obras, às suas pompas, e ligo-me a Jesus para sempre". E' um juramento. Sereis perjura?

4º A corrente do mundo.

Apesar de tudo quanto sabemos do mundo, vemos famílias reputadas cristãs deixar-se levar pela corrente que arrasta, pela vaga que passa, a ponto de quase não as sabermos distinguir dessas outras famílias em que o mundo reina como senhor. E' de fazer dó!

Umás como as outras têm os seus saraus, os seus bailes, os seus jornais e revistas cuja leviandade se ostenta com impudência: vê-se nelas o mesmo luxo turbulento, quadros e objetos de arte pouquíssimo modestos; encontramos-as nos banhos de mar, nos corsos, nos museus, nos teatros, nas festas públicas.

E' o caso de nos perguntarmos se realmente não estamos sonhando, e se êsses "cristãos" degenerados conservaram alguma coisa da moral evangélica!

Tereis de lutar contra essa invasão e, no vosso meio, reagir positivamente contra os que procuram servir a dois senhores ao mesmo tempo.

E depois, tomai bem tento convosco!

Meditai estas reflexões de escritor judicioso:

"Essa juventude que a casta e doce vida do lar doméstico não retém, não aprecia mais a encantadora intimidade dos seus. Lançada em breve no meio do turbilhão, já não a distinguireis da juventude mundana. E' o mesmo temperamento doentio, nervoso, superexcitado por não sei que febre de emoções factícias e frívolas. O pecado atrai-a, ela lhe persegue a visão, o relato, senão o gôzo. Aventura-se afoitamente até às fronteiras do mal, e, confiante demais na sua fôzça, encontra-se com o vício no terreno, doravante comum, de todos os prazeres. O luxo, o enfeite fascinam-na e embriagam-na; tôdas as suas preocupações são para futilidades, indignas de um cristão. Essa juventude ainda a vemos vir às igrejas, porém aí não reza quase; vemo-la aproximar-se dos sacramentos, mas por uma espécie de rotina e de formalidade religiosa. Na sua atitude geral ela esquece e ofende o espírito do cristianismo. Poderia ser a melhor e mais edificante juventude; porém, mesmo não querendo

confessar-se mundana, o é; pretendendo-se cristã, já não o é mais. Eis a verdade”.

“Voltando do internato, escrevia uma donzela, eu gostava das festas; só sonhava com saraus, reuniões onde podia ver e ser vista; frequentava os espetáculos, lia os romances, e essa vida de dissipação, que contudo, graças a Deus, não teve consequências funestas para a minha honra, me mudou a tal ponto que eu já não me reconhecia mais. Eu não me podia suportar no seio de minha família; não amava mais ninguém, nem mesmo minha mãe!..”

Menina, tomai cuidado com o mundo, porque, segundo o testemunho de S. Teresa, “é impossível estar entre tantos animais venenosos sem ser mordido!”

II. Perigos do mundo.

1º As ocasiões perigosas.

a) *Que é a ocasião?* E' uma pessoa, uma coisa, um lugar que podem levar-nos ao mal. O mundo é cheio delas, andais nêle por entre as ciladas.

Tal pessoa é para vós uma tentação; para ela vos sentis atraída de maneira violenta e apaixonada. Alto lá!

Em tal casa sabeis que vossa virtude pode ser posta à prova; lá não vades! Alto lá!

Em tal reunião ouvistes várias vêzes certos avisos da vossa consciência que vos dizia: Toma cuidado! Alto lá!

Tal leitura frívola ou profana vos perturba e sugere-vos mil pensamentos loucos, levianos, e vos lança em devaneios que não ousaríeis contar a vossa mãe: ao fogo com êsse livro!

Imagens, quadros, estátuas podem ser para vós uma tentação: passai e não olheis!

b) *Quem ama o perigo nêle perecerá.* — Prestai atenção, borboletinha, não vades esvoaçar em tórno dêsses fogos que brilham... e que queimam!

Outros mais santos do que vós, mais fortes do que vós ai acharam a morte da alma. A ocasião perigosa é o fogo; vós sois a palha. Como queredes aproximar a palha do

fogo e pretender que ela não arda? Deus pode fazer êsse milagre uma vez, de passagem; mas não o fará sempre.

Por que foi que David caiu em dois horrendos crimes? Porque procurou a ocasião.

E, quando vemos Sansão prisioneiro, podemos esquecer Dalila?

Se S. Pedro se houvesse abtido de aquecer-se e de conversar com os soldados e as criadas do sumo pontifice, teria renegado o Mestre?

Entre vós e o abismo do pecado, só a graça de Deus será capaz de vos deter. Ora, dar-vos-á Ele essa graça se vos vir afrontar por puro gôsto a ocasião do pecado? Não se deve tentar a Deus. O pecado chama o pecado, como a vaga traz outra vaga. Se cairdes, o primeiro ato culpado produzirá outros, e vossa pobre alma se parecerá com o mar sempre agitado, onde a vaga se levanta, se quebra, torna a formar-se e se levanta ainda para se quebrar e se tornar a formar incessantemente.

2º Os divertimentos.

a) *Há uns muito bons.* — Na vossa idade, nem todo divertimento pode ser proibido. Há uns muito bons, há prazeres lícitos, alegrias que Deus abençoa. Após os vossos longos dias de trabalho, precisais recrear-vos, refazer-vos. Por entre os divertimentos da juventude, há uns belos, restauradores, vivificantes, edificantes mesmo. Êstes vos são necessários, e largamente. Entretêm em vós a alegria, e alegria é uma potência.

b) *Os do mundo são perigosos.* — Mas os prazeres e os divertimentos profanos devem ser completamente excluídos. Festas mundanas, saraus dançantes, cinemas mesmo, todos êsses meios onde os nervos são superexcitados, a imaginação superaquecida, os sentidos amimados e o coração tentado, todos êles são demasiado malsãos para uma alma que quer permanecer bela e pura. Escondem um veneno lento que penetra gôta a gôta, que perverte o espírito, seca o coração e anemiza a vontade. Um dia, fica-se surpreso de ver as forças espirituais falharem, e o primeiro turbilhão que vem carrega a alma e lança-a ao léu.

Nesses divertimentos profanos perde-se o espírito cristão; em lugar dêste, adota-se o espírito do mundo. Nêles também se perde a paz da alma e a alegria de uma boa consciência.

Eles são a isca por meio da qual o mundo atrai a si as almas de que quer fazer seus joguêtes de hoje e suas vítimas de amanhã. Murmura-lhes com sua voz de sercia: "Vem, menina, vem! Teu coração tem necessidade de amar, teus sentidos reclamam o prazer, tudo em ti quer distrair-se, dar-se e gozar. Vem! Coroar-te-ei de rosas, farei sob teus pés florescer a jovialidade, a felicidade, a alegria, a riqueza. Vem! Ouço palpitar o teu coração de vinte anos, vem conosco! vem!

Sabeis que as sereias da fábula também tinham acentos encantadores para atrair os marujos ao abismo... Atenção! há também abismos no têrmo dêsse torvelinho estonteante a que vos convida a voz carinhosa do mundo.

Renunciai, pois, de todo coração, a essas cenas que fazem enrubescer e que ofuscam uma alma piedosa, a essas palavras que magoam a virtude, a êsses cantos que amolentam o coração, a êsses devaneios que desgostam do dever presente, a todos êsses divertimentos pagãos que, por tôdas as fissuras feitas no amor dos bens superiores, fazem penetrar na alma pensamentos egoístas, covardes, sensuais.

S. Francisco de Sales dizia: "Tôdas as vêzes que os cordeirinhos deixam o aprisco e passam ao pé das moitas, deixam nelas um pouco de sua lã". Pobres cordeirinhos de Deus, realmente sois obrigadas a deixar o aprisco da família, visto que as mais das vêzes o trabalho vos chama ao mundo. Há, porém, "moitas" junto às quais não deveis passar. Deixaríeis nelas mais do que um pouco da vossa lã, deixaríeis a vossa candura, a vossa simplicidade, a vossa piedade, a vossa virtude, quiçá a vossa alma e o vosso Deus.

3º A dança.

a) *O que ela é do ponto de vista filosófico.* — Um prelado assim se exprime:

"O Espírito Santo falou justo quando chamou à dança "uma vertigem, uma loucura". Para apreciar bem essas pessoas

que têm a paixão de rodopiarem e de fazerem momices compassadas, há só que as olhar tapando os ouvidos. Lord Byron compara os valsantes a dois besouros enfiados no mesmo alfinete, em tórno do qual giram, giram, giram". Nunca, a não ser por motivos pouco definíveis, poderá a razão explicar-se que vantagem acha uma mulher sensata em fazer o exercício de uma enceradora de assoalhos, nos braços de um valsante que não é seu marido nem seu irmão".

b) *O que ela é do ponto de vista moral.* — Continua êle:

"Sabereis, jovens, como proceder quando vós mesmas tiverdes filhas grandes a vigiar. Enquanto isso, deixai-me lembrar-vos a palavra de Job: "Os filhos dos homens gostam de saltar para se alegrarem ao som dos tamborins. E, enquanto se entregam aos transportes da sua alegria, descem ao inferno".

O texto original não diz precisamente "descem", mas "escorregam e caem de repente". De fato, embora não se cometa necessariamente um pecado mortal por dançar, o diabo que marca o compasso bem sabe aonde quer conduzir os dançarinos. Êsses assoalhos encerados sôbre os quais se desliza fâcilmente são a imagem fiel do terreno perigoso em que a pessoa se acha".

Num baixo relêvo da igreja de Tinay, representa-se a degolação de S. João Batista. Vê-se nêle, de um lado, Salomé *que dança*, e do outro Satanás que toca violino. Nossos avós tinham razão. Quantas pobres môças, pelo atrativo do baile, viraram Salomés!...

c) *O que ela é aos olhos dos que vêem claro.* — Mesmo entre "as pessoas do mundo", algumas se acham que ficam impressionadas com os perigos da dança e não hesitam em desvendá-los.

Uma mulher do mundo dizia: "Uma dança me bastou para compreender o perigo dos bailes."

O impio Boyle: "A dança só pode servir para estragar o coração e para mover uma guerra perigosa à castidade".

Um célebre cortesão de Luis XIV: "Sempre achei os bailes perigosos; e o que me levou a crê-lo não foi só a minha razão, foi também a minha própria experiência. Os temperamentos mais frios nela se esquentam; e tôda essa juven-

tude que já tem tanta dificuldade em resistir às tentações interiores, não pode afrontar impunemente essas tentações exteriores. Sustento, pois, que não se deve ir ao baile quando se é cristão” (Bussy-Rabutin).

Dois heróis: Abd-el-Kader, na França, e Chamyl, na Rússia, baixaram os olhos a primeira vez que os levaram ao baile.

d) *O que ela é aos olhos da fé.* — Aqui, a doutrina dos santos é mais forte ainda, pois eles vêem em todo cristão um membro de Jesus crucificado.

S. Francisco de Sales:

“Falo-vos dos bailes, como os médicos falam dos cogumelos; os melhores não valem nada. E digo-vos, eu, que os melhores bailes não são nada bons”. Se se alegava uma conveniência ou uma necessidade, êle dizia: “Ide: mas ao dançar, pensai que, naquele momento mesmo, muitos sofrem no inferno por terem dançado. Pensai que um dia, talvez, gemereis como êles, enquanto outros dançarão como o fazeis hoje. Pensai que Nosso Senhor, Nossa Senhora, os Anjos, os Santos vos viram no baile! Ah! como lhes causastes dó, por verem o vosso coração divertido em tamanha parvoíce e atento a essa frioleira! Pensai que, enquanto lá estais, o tempo passa, a morte se aproxima; vêde, ela zomba de vós, chama-vos à sua dança, na qual os gemidos dos vossos pecados servirão de violinos e em que fareis uma simples passagem da vida para a morte.”

S. Ambrósio:

“A dança é a companheira inseparável das delicias que enervam e da volúpia que enodoa”.

E um autor moderno:

“Em todo cristão a fé vê um membro de Jesus Cristo, alimentado com a sua carne, enobrecido com o seu sangue. Com que olhos pode ela olhar êsse cristão, essa cristã requebrar-se e rodopiar em plenas pompas do diabo?

“A fé vê em todo cristão um pecador arrependido, um penitente; muito mais, um coração que está de luto por Jesus inocente, crucificado pelos seus pecados. Que pode pensar a fé em vendo essas cristãs divertir-se como umas loucas e prestar-se, ao mesmo tempo, ao divertimento de tôda sorte de pervertidos?

“Em resumo: o paraíso não foi feito para os loucos. A santidade nada tem a ver com o carnaval”.

e) *Perigo da dança.* — Se quiserdes precisões, entremos nas minúcias e vejamos os perigos que precedem, que acompanham e que seguem a dança.

1) *Antes da dança:* Vaidade, despesas excessivas, preocupações de “toilettes”, esquecimento da alma, vontade de aparecer e de eclipsar as outras, desejo de ser notada, dissipação, etc....

2) *Durante a dança:* Vaidade ainda, inveja, ciúme, olhares e contactos perturbadores, palavras levianas, pensamentos sensuais, costumes indecentes, afagos de dançarinos pouco virtuosos, excitação nervosa fatal ao domínio de si, etc.

“Essa atmosfera aquecida e saturada de perfumes, essa música apaixonada que enleva e dá não sei que vertigem langorosa, êsses vestidos que despem mais do que vestem, e em que o pudor é mais ferido do que protegido por essas vãs coberturas que não velam nada, essas conversações mundanas e não raro mui levianas, não são nada de molde a alimentar o espírito cristão. Verdadeiramente, não é possível que a modéstia resista longo tempo a semelhantes assaltos. O desejo de aparecer e de agradar, a garridice, secretos ciúmes, mil preocupações mundanas, arrefecem o fervor, diminuem a vida interior ou a sufocam. A saúde da alma corre aí mortais perigos” (Ansault).

3) *Depois da dança:* Recordações lancinantes, lassidão da alma, desgosto, aborrecimento, vaidade satisfeita ou ciúme exasperado, devancios maus, desejos malsãos talvez...

Eis aí o conjunto das faltas que um só ato pode gerar. Tirai a conclusão.

Talvez objeteis que não cometeis nenhum pecado indo dançar! — E' bem verdade! Satanás cega-vos tão bem, que vos assemelhais a um homem que, imerso na água, dissesse: Não está chovendo! Se as danças sempre foram proibidas por causa dos perigos que nelas pode correr a virtude e da dissipação que elas geram fatalmente, que se deve pensar dessas danças modernas, tangos, foxes, etc., visivelmente inventadas por Satanás para a perda das almas?

E ver-se-á pretensas cristãs suplicarem ao seu confessor permissão para irem a êsses divertimentos funestos! Que fé a delas!

Para vos convencer de que a paixão ai tem sempre a sua grande parte, tentai separar dançarinos e dançarinas, fazer dançar homens com homens e mulheres com mulheres... a dança acabará imediatamente.

Um grande pregador do século derradeiro, que entretanto não conhecia as danças descabeladas que se ostentam nos nossos dias, escrevia estas fortes linhas: "A dança entre dois sexos é imoral, fãcilmente impudica. Tôdas essas danças que prendem, que enlaçam, que colam o dançarino com a dançarina são indecentes, incendiãrias.

"O tempo, os lugares, as "toilettes", a pintura, a mentira, a impudência, os olhares, as nudezes selvagens, a música, tudo o que se adita às reuniões dançantes, aos bailes particulares e públicos, a êsses turbilhões do inferno, tornam a dança devastadora e infernal!"

E não vos pareça isto exagerado! Há nisso um mal horrível, um flagelo devorador! Só em Paris contam-se mais de 1.400 salões de danças...

O' cristã, sem dúvida a dança pôde, algumas vêzes, ser permitida; uma dança honesta, em si não é um pecado, mas... não se vai para o céu dançando!

4º O teatro.

a) *Geralmente é imoral.* — Mesmo quando êle não fôsse (e o é com freqüência) o acionamento de uma tese contrãria aos principios de uma santa moralidade, ainda quando não se achasse nêle senão a pintura viva de costumes condenãveis, o jôgo dramãtico das paixões humanas mas arrastadoras, nem por isso o teatro deixaria de ser um divertimento dos mais perigosos para uma jovem cuidosa de não criar de propósito, para a honestidade de sua vida, perigos e inextricãveis dificuldades.

As máximas mais falsas são nêle correntemente aplaudidas, as paixões mais baixas são exaltadas, tôdas as desordens são pintadas e tôdas as fraquezas desculpadas. Nêle

ridiculariza-se por vêzes a virtude ou procura-se torná-la odiosa; em compensação, o vício muitas vêzes é coberto de flôres. As instituições mais santas, os deveres mais sagrados da família e da sociedade são nêle tratados com uma leviandade voluntária e um escandaloso desprezo. Como não haveriam tais espetáculos de ser condenados pela moral?

b) *E' uma ocasião de pecado.* — Tudo o que nêle se vê e tudo o que nêle se ouve é de natureza a levar ao mal. Os assuntos que nêle se tratam são, muitas vêzes, arriscados, os costumes que nêle se vêem, a sociedade que nêle se acotovela, aquêles cenários, aquelas luzes, aquela música, aquêles relatos apaixonados, aquêles enredos amorosos, tudo isso produz na imaginação de uma jovem, no seu organismo sensível e nervoso, uma superexcitada que cedo triunfará da sua consciência. Não se pode ir ao teatro sem voltar dêle com a mente perturbada, a vontade enervada, e os sentidos cheios de impressões molestas. Como poderia uma virtude, mesmo sólida, resistir a isso longo tempo?

“Não é verdade que o teatro fala a todos os sentidos ao mesmo tempo, fazendo-os solidários uns dos outros, aflagando-os, exaltando-os, embriagando-os por todos os artificios, arrancando-os a todo contrôle do pensamento refletido, exasperando a nossa impressionabilidade pela luz, pelo ruído, pela atmosfera superaquecida e pelo contágio da multidão?” (Eymieu).

E isso não é um perigo, um grande perigo? Esses sentidos que deveis acalmar, dominar, subjugar, coisa às vêzes difícil, irieis, de pleno gôsto e sem necessidade, conduzi-los a semelhante embriaguez?

c) *O que dêle pensaram os próprios autores.*

Alexandre Dumas, autor de tantas peças de teatro, declara: “O teatro só imoral pode ser, nêle se vêem e se dizem coisas que as jovens não devem nem olhar nem ouvir. Uma mãe prudente nunca deve ir a êle, e ainda menos a êle levar sua filha”.

Jean-Jacques Rousseau, êsse livre-pensador tristemente célebre, escreveu: “A gente se arrepia à simples idéia dos horrores com que se enfeita a cena francesa. Sustento-o, e to-

mo por testemunha o espanto dos leitores; as matanças dos gladiadores eram menos bárbaras. Nelas fazia-se correr o sangue, é verdade, mas não se manchava a imaginação com crimes que fazem fremir”.

Corneille inquietava-se muito com a responsabilidade que faziam pesar sobre ele as suas obras dramáticas, e no entanto soube dar nas suas tragédias admiráveis lições de grandeza de alma.

Racine teve os mesmos remorsos.

Quinault fez penitências severíssimas para redimir o mal que podia ter produzido pelas suas óperas.

Lulli morria sobre a cinza, gemendo à lembrança das suas composições musicais.

E no entanto todos esses autores não tinham tido uma musa desavergonhada! Essas inquietações e esses pesares dos mestres da cena dizem-nos muito sobre os perigos que nesta se encontram.

d) *Por que o teatro é tão perigoso.* — Aqui deixemos falar o grande *Bossuet*.

“O amor, esse amor profano, culpado, grosseiro, é o fundo de todas as ficções teatrais! Torcei-o a vosso talante, dourei-o à vossa fantasia, é sempre a concupiscência da carne! O espetáculo empolga os olhos: os discursos, os cantos apaixonados penetram o coração pelos ouvidos. Às vezes a corrupção vem em grandes ondas; às vezes insinua-se como que gota a gota, e, no fim, nem por isso se fica menos submerso, tem-se o mal no sangue antes que ele se declare pela febre. Debilitando-nos pouco a pouco, colocamo-nos num perigo evidente de cair, e essa grande debilitação já é um começo de queda. Tudo nele é perigoso. Acham-se nele insinuações imperceptíveis, sentimentos fracos e viciosos; nele se dá uma secreta isca a essa íntima disposição que amolenta a alma e abre o coração a todo o sensível; não se sabe bem o que se quer, mas afinal quer-se viver da vida dos sentidos” (*Máximas e Reflexões sobre a Comédia*).

Todos os dias dizeis na vossa oração: “*E não nos deixeis cair em tentação*”, e de gosto vos iríeis lançar nela por vós mesmas? Tanto valeria dizer a Deus: Meu Deus, vou-me atirar no fogo, fazei que ele não me queime! Ora, não se zomba assim de Deus.

Digam o que disserem, o teatro não é um lugar de reunião favorável para a donzela. Com efeito, faz perder o gôsto da vida séria e faz sentir desgôsto pelo recesso familiar, simples demais.

No dia seguinte ao em que uma donzela tiver ido ao teatro, podeis estar mais ou menos certo de que ela bocejará à mesa, e de que não será só de fadiga. A peça e os personagens da peça dançar-lhe-ão diante dos olhos.

Aquêlé herói, aquêlé príncipe encantador que já lhe aprazia tanto no romance, quando a sua imaginação o vestia como melhor podia, eis que ela o viu sob a luz dos lustres, na sêda e no cetim, com cabelos cacheados como nunca e com uma tez tão viva que ao pé dêle as rosas empalideciam. E êle falou, e sorriu, e, se é verdade que ela talvez não tenha vontade de tornar a encontrar o próprio ator, assaz verossímil é amar de bom grado alguém que se pareça com êle.

E' preciso, também, dizer uma palavra do *Cinema*, visto como, nos nossos dias, é 'êste o maior agente de vulgarização, de instrução pela imagem, de distração, e de desmoralização também!

De todos os divertimentos oferecidos ao povo, o Cinema é certamente um dos que mais o fascinam! E' a distração popular por excelência; as pessoas nêle se precipitam todos os dias com uma espécie de frenesi!

A sucessão de suas cenas animadas, as imagens que passam sob os olhos dos espectadores permitem-lhes fàcilmente dar o impulso à imaginação. Esta chega, às vêzes, até à sugestão, que (como vimos) pode induzir até à imitação. A crônica dos tribunais aí está para no-lo dizer. Não nos devemos, pois, admirar se, mesmo com filmes em si mesmos irrepreensíveis, o cinema muitas vêzes realiza uma verdadeira obra de desmoralização.

Servindo de ilustração viva a uma quantidade de romances nem sempre bons, o Cinema não pode deixar de influir de maneira nefasta na formação moral da juventude. A êle se pode atribuir a baixa evidente do nível moral que se traduz pelos progressos crescentes de uma lamentável indiferença por tudo o que diz respeito ao dever, à consciência e à religião.

O Cinema poderia ser uma escola de moral. Há filmes que revolvem o que na alma há de mais nobre e de mais belo, e tem havido filmes realmente bons, moralizadores, alguns até de orientação católica.

Mas o resto?... o Cinema de todos os dias!...

Menina, tomai cuidado com o filme envenenador!

5° A coqueteria.

Outro perigo do mundo consiste em levar aquelas que lhe querem agradar a se ataviarem com um luxo de vestuário extravagante, e a caírem na coqueteria, ou garridice, que é um desejo extremado de agradar pelo abuso dos enfeites. As jovens das classes mais modestas não estão isentas desta miséria!

O grande Fénelon temia muito este perigo para as jovens; por isso, no seu livro sobre a Educação, escreve:

“Nada temais tanto como a vaidade nas meninas: elas nascem com um desejo violento de agradar... aspiram à beleza e a tôdas as graças exteriores, são apaixonadas pelos adornos. Um chapéu, uma ponta de fita, um cacho de cabelos mais alto ou mais baixo, a escolha de uma côr, são para elas outros tantos negócios importantes”.

E esse defeito não se acha só numa certa sociedade, encontra-se mesmo entre as que fazem profissão de vida séria. Tôda mulher é naturalmente coquete, ou faceiteira, andaria errada negando-o. “A maioria das mulheres, diz Luis Veuilot, ficam na terra entre a graça e o pecado, que as disputam e que elas talvez sonhem conciliar. Na missa pela manhã, no baile à noite; querendo agradar e temendo agradar demais, sentindo este receio pela manhã mais do que à noite; mais dispostas, à noite, a arriscar-se a agradar demasiado do que a resolver-se, pela manhã, a não agradar absolutamente; mui fácil e mui sinceramente tocadas de arrependimento, quando percebem que agradaram demais, porém de um arrependimento que não é sem doçura e sem um pouco de vontade de recomeçar”.

Aí está, pois, uma verdade que poderá desagradar, talvez, mas que é preciso ter a coragem de afirmar. S. Ambrósio

já dizia às mulheres do seu tempo: “Vêde essas matronas que pintam o rosto porque receiam não agradar. Querem corrigir a natureza, e por isso mesmo se julgam e se condenam. Porquanto, ó mulher, que juiz mais sincero da tua fealdade teremos nós do que tu mesma que receias mostrar-te tal qual és? Se és bela, porque te disfarças? Se és feia, por que mentires aos olhos, no desejo de pareceres o que não és?”

Não se pode deixar de experimentar um profundo sentimento de tristeza pensando em que as môças passam uma porção considerável da sua existência em futilidades coquettes. Poder-se-ia crer que a côr de um vestido, a forma de um chapéu, um laço de fita se tornem negócio capital para uma cristã? E no entanto!... Sem dúvida, deve ela pensar num cuidado razoável do seu vestuário, numa certa elegância mesmo. S. Francisco de Sales quer que a sua Filotéia seja “a mais bem vestida, contanto que seja a menos pomposa e a menos afetada”. Mas, quando uma môça é verdadeiramente coquete, êsse terrível defeito estraga-lhe as mais belas qualidades e tira-lhe a sensatez, a modéstia e tôda a seriedade que deveria ter a sua existência.

Vejamos as tristes conseqüências da coqueteria.

a) *Prejudica a seriedade da vida.* — Desde que o coração está cheio dessas bagatelas, dessas futilidades, toma-lhes emprestado qualquer coisa que o torna também fútil e vazio. Aos poucos a alma assume a feição das coisas que fazem objeto dos seus pensamentos habituais. Que será da seriedade, do espírito cristão, que é um espírito de sacrifício, numa jovem constantemente ocupada com a sua “toilette”? Êsse espírito extingue-se numa inevitável moleza, conseqüência do enfraquecimento do senso moral.

b) *Faz perder um tempo considerável.* — “Tempo é dinheiro”, dizem. E’ mais do que isso, pois é a moeda com que se compra o céu. Quanto tempo perdido no penteado, no vestuário, no enfeite de um corpo tornado um ídolo! Desperdiçar-se-ão nisso horas inteiras, e, quando Deus vier solicitar alguns minutos para a oração, a jovem coquete exclamará: Como? rezar? ir à missa? ora! não tenho tempo!

c) *Leva a despesas loucas.* — Que luxo na nossa sociedade atual! Passa por ela como que um sôpro que dá vertigem! Quanto dinheiro desperdiçado no vestuário, nos enfeites! Para ter uma jóia, um vestido, uma dessas mil frivolidades com que a vaidade lhe exorna a orgulhosa pessoa, a môça não recuará ante nenhuma despesa! Por isso, quando a êsses corações roídos pelo desejo de agradar e de se fazer notar, alguém vier estender a mão em favor das obras de caridade, colherá uma resposta azêda, egoista e cruel; a coquete não recusará nada ao seu corpo, mas aos pobres, às almas que se perdem... ora!... os tempos estão tão bicudos! Pior do que isso! Muitas vêzes, para satisfazer o seu pendor, uma coquete não hesitará em arruinar a família. Em casa, será o flagelo do marido, e, por que não dizer? também dos filhos; ela nunca se julgará com meios para educar filhos, tem um trapo de pano em lugar do coração.

d) *E' uma tolice e uma aberração.*

No fundo a coqueteria tem por fim único procurar agradar. Por mais que a pessoa não o confesse a si, isto é verdade mesmo assim.

Ora, como agradar aos outros senão por meio de qualidades amáveis? E essas qualidades a pessoa as tem ou não as tem. Se as tem, não há necessidade dos socorros da arte para que elas produzam seu efeito. Se não as tem, procurará então fingi-las. Neste caso a coqueteria não passa de uma mentira vulgar.

Há mais. A arte não pode dar as qualidades morais, que, em última análise, são as únicas duradouras, as únicas amáveis, as únicas que impressionam. Saberá imitar a natureza; mas então que outra coisa senão vos emprestar uma máscara?

Não há nada que valha o natural e a simplicidade.

Suponde uma bela flor... cercai-a de fitas, derramai-lhe na corola perfumes capitosos; ficará ela mais atraente? Não! e nada mais tereis feito do que estragar uma bellissima obra de Deus!

Na primavera da vida, quando a natureza vos prodigaliza êsses encantos passageiros que nenhum artifício vos restituirá quando os houverdes perdido, querer pedir à coqueteria valorizar-vos, não é uma aberração?

e) *Ela faz rir de si.* — Sim, na frente far-vos-á a esmola de um sorriso, de um cumprimento lisonjeiro e mendaz; mas por detrás as pessoas sensatas vos apontarão com o dedo, rir-se-ão de vós, desferir-vos-ão epítetos que feririam de morte a vossa vaidade se pudésseis ouvi-los.

f) *Leva, com freqüência, ao desregramento.* — Ela é que, com a preguiça, é a provedora habitual dessa podridão social a que se chama o “demi-monde”. Rola-se naturalmente para essa ignomínia quando a paixão da “toilette” chega (e chega depressa) a dominar o cuidado da virtude e da honra.

g) *Sêde franca* e, de boa fé, ide ao fundo das coisas. Por que queredes fazer “toilette” senão para atrair os olhares? Por que queredes atrair os olhares senão para agradar, para vos fazerdes admirar, digamos o têrmo... para seduzir? Coqueteria, astúcia, eis aí, confessado ou não, o fim de todo vestuário muito rebuscado.

Se ainda só se tratasse de atrair o noivo desejado, talvez se vos pudesse desculpar. Mas quem deveras ama, quase não usa de tais meios, e muitas vêzes a coqueteria, se tende a inflamar outrem, não se preocupa lá muito com as conseqüências. A pessoa é coquete não para outrem, mas para si; quer ser notada, lisonjeada, adulada, e aqui se trata apenas das mais honestas! Essa coqueteria que força o sentimento depois de realizar o enfeite, é a mais culpada de tôdas.

Mas então a gente terá de amañhar-se mal como um macaco, e de se fazer carrancuda, amuada, insuportável?... Não, não se vos diz isto. e, depois, mesmo assim acharíeis meios de ser coquetes! Não se trata absolutamente de mau gôsto.

Não notais que as excentricidades da moda, o requinte nos vestuários, afeiam muito mais do que embelezam as que a elas se submetem? Ficai sendo, pois, aquilo que sois, e vesti-vos com simplicidade. O vestido, que deveria lembrar-vos a queda original, não deve tornar-se uma armadilha, a mais sapiente das astúcias, a mais pérfida das coqueterias, a mais vulgar das seduções.

6º O flagelo do luxo.

Justamente espantado com as proporções inauditas que o luxo assumira de meio século para então, o Papa Pio IX elevou-se com tôdas as suas fôrças contra êsse flagelo que, depois, não fêz senão aumentar as suas devastações. Em têrmos tão expressivos assinalou êle a iminência do perigo e a indeclinável necessidade de conjurá-lo, que as suas palavras são as mais sugestivas que possam ser oferecidas às mulheres e às donzelas cristãs. Eis como êle se exprimiu:

“Entre todos os males do nosso tempo, o luxo das mulheres ocupa certamente um dos primeiros lugares. O luxo é que, pelos cuidados prodigalizados ao corpo, absorve o tempo que se deveria consagrar às obras de piedade e de caridade, aos deveres da família; é êle que provoca às reuniões brilhantes, aos passeios públicos e aos espetáculos; é êle que ensina a correr de casa em casa, a pretêxto de deveres a cumprir, e a entregar-se à ociosidade, às conversas indiscretas. E’ êle que serve de alimento aos maus desejos, êle que consome os recursos que se deveriam reservar para os filhos, e tira à indigência os socorros que lhe viriam tão a propósito. E’ êle que desune os esposos e que, mais freqüentemente ainda, impede a conclusão dos casamentos. Com efeito, será fácil achar um homem que consinta em arcar com tão enorme despesa? Como dizia Tertuliano: “Ostenta-se num pequeno escrínio um imenso patrimônio. Põe-se num colar o valor de uma fortuna. Uma cabeça frágil e delicada traz sòzinha o preço de grandes florestas e de vastas moradas”. O mal vai tão longe que se sacrifica ao luxo a educação dos filhos; por êle se abandona o cuidado dos interêsses domésticos; não há mais ordem na casa; esta fica transtornada. Destarte, incorre-se a reprovação do Apóstolo, quando diz: “*Se alguém não cuida dos seus, e sobretudo dos de sua casa, renega a fé e é pior do que um infiel*”. Mas como uma cidade se compõe de famílias, uma província de cidades, um reino de províncias, a família assim estragada, corrompida, envenena com o seu contágio a sociedade inteira e prepara-lhe essas calamidades que hoje em dia nos afligem de tôdas as partes.

“Faça o céu que grande número de mulheres se unam para desviar de si mesmas, dos seus próximos e da pátria a causa de tantos males, e que, pelo seu exemplo, ensinem

as outras a relegar para longe de si tudo o que excede o cuidado de um enfeite honesto e lícito!

“Principamente faz-se mister lembrar às mulheres que, se não convém à sua reserva, procurar em qualquer lugar que seja, atrair os olhares alheios pela pompa das modas ou pela extravagância dos vestuários, — já que o fausto e o desejo de agradar aos homens estão em abominação diante do Senhor, — no templo santo isso se torna uma injúria ao Deus que nêle reside em pessoa para receber as adorações e as preces dos fiéis”.

Sim, o luxo das “toilettes”, ao ponto a que chegou nos nossos dias, constitui uma verdadeira e ridícula loucura. E a loucura não é o oposto da sabedoria?

Uma grande cristã escrevia: “Esquecemo-nos de que os anos passam. Hoje somos jovens, o mundo nos chama e nos amima; mas esse frescor, essa beleza que é tudo para nós, breve terá fenecido e desaparecerá. E dessas profusões extravagantes, dessas despesas loucas de vestuário nada mais restará!”

7º A moda.

Porém há “a moda”! dir-se-á. E, quando se pronuncia esta palavra, diz-se tudo. A moda é uma deusa, uma divindade à qual se sacrifica tudo! Por ela a pessoa torna-se escrava de um costureiro de fama; por ela, sacrifica os seus gostos, e veste-se de maneira excêntrica; por ela, veste vestidos luxuosos, berrantes, arriscados, extravagantes em excesso; por ela não cora de se parecer com as “virgens loucas”; por ela fecham-se os ouvidos aos avisos que nos vêm da Igreja, autoridade a mais sagrada que há na terra. Por ela, para “seguir a moda”, que é que se não faz?

A invasão desses vestuários indecentes tornou-se tão grande, que os Bispos se viram obrigados a publicar contra aquelas que não se pejam de arrastá-los até o templo de Deus... até o confessionário... até a Mesa santa... punições que deveriam fazer tremer uma cristã... mas que não bastam para corrigi-la disso!

No seu número de 15 de outubro de 1924, a “Revue des objections” publicou uma série de instruções do Cônego

Coubé sôbre esta questão mais do que nunca na ordem do dia. Citamos algumas passagens dela:

“Depois da guerra, um vento de loucura tem feito virar muitas cabeças. Não creio que nas épocas mais despudoradas do paganismo antigo se tenha ido jamais tão longe na libertinagem do vestir. E me pergunto se as mulheres mais desmoralizadas de Roma e de Babilônia não tinham mais recato, ao menos em público, do que certas cristãs dos nossos dias.

“A rainha Vasthi, espôsa de Assuero, que preferiu renunciar ao trono a renunciar à modéstia e ao pudor no seu afeito régio, certamente faria pena a certas emancipadas do nosso tempo e passaria aos olhos delas por uma pequena “otária”.

“A moral não é aqui a única a protestar; o bom gosto, a arte, a estética também protestam contra essas criações francamente ridículas que afeiam aquelas que as usam. Uma prova de que essas modas são horríveis é a rapidez com que passam. Há um plano diabólico concebido e executado para ridicularizar e desmoralizar a mulher; e um dos meios escolhidos para isso é a criação de modas cada vez mais cínicas.

Refleti, pois, jovem cristã, no que o dever aqui vos impõe.

Querem descristianizar a Sociedade pela família, a família pela mulher e a mulher pela sua vaidade ou pela sua fraqueza. E haveríeis de deixar a impiedade urdir a sua trama sem nada tentardes para rompê-la? E haveríeis de consentir em vestir-vos como uma pagã?

Mãos à obra, pois! Tereis de lutar! Mas não é para vos desagradar. Ah! se no circulo das vossas relações, com as jovens da vossa idade, ousásseis formar um “comité” de reação contra as modas licenciosas, que belo gesto seria o vosso! e quem poderia dizer os consoladores resultados dêle!

E não sereis capaz dêsse gesto?

8º Conselhos à jovem operária.

a) *O trabalho é uma salvaguarda.* — Jules Simon fala “dessas môças que, nas suas oficinas, sofrem tôdas as necessidades, sem darem um olhar sequer de vago desejo a êsse luxo de que só estão separadas pelo sentimento do de-

ver... importa vê-las na sua solidão, na sua santa inocência, para fazer uma idéia da verdadeira grandeza!" Eis aí um retrato da operária cristã; êle é dedicado àquelas que deverão viver essa vida de trabalho a que a maior parte das môças pobres são destinadas.

Seja na oficina, seja no escritório, seja na loja ou no recesso de vossa família, o trabalho vos espera. "Comerás o teu pão com o suor de teu rosto!" E' uma lei que pesa, duramente às vêzes, nos nossos ombros. Mas o trabalho é também uma salvaguarda. E' como o pão, nunca nos enfastiamos dêle. A desgraça de muitas jovens vem de ser estéril a sua existência! Trabalhar! o trabalho será para vós um preservativo, evitar-vos-á essas horas de melancolia e de ociosidade, de tédio e de enervamento, que geram tantos devaneios perigosos, e no meio das quais a virtude, mesmo a mais temperada, se esboroa e desagra.

"Viva a labuta!" dizia Joana d'Arc. Trabalhar é o remédio para muitos males da vida! Não aceiteis, porém, qualquer trabalho, qualquer emprêgo, antes de refletirdes bem e de pedirdes conselho! Há tantas pobres môças que, pela sua imprudência, se tornaram umas "desclassificadas"! — "Espetáculo lancinante o de todos êsses vestidos ruços, de todos êsses rostos pálidos e febris, estacionados diante das portas de estabelecimentos onde se distribuem lugares não raro tão mal remunerados. Porém perspectiva ainda mais dolorosa é a da vermos almas se lançarem assim na luta, incapazes de resistência contra as dificuldades e as paixões que redemoinham em volta delas. São menos numerosas as barcas tragadas no vasto mar, do que os naufrágios dessas vidas privadas de âncora, vagando à toa no imenso oceano social" (*Chemin d'Ombres*, p. 221).

Mas, na luta pela vida, em meio aos rigores do combate cotidiano, há certos conselhos que, seja qual fôr o vosso emprêgo, deveis ter sempre presentes à mente.

b) *Onde quer que se ache uma aglomeração de mulheres*, ail será preciso dizê-lo? as conversas as mais das vêzes são más, indecorosas! Em certas oficinas, uma jovem honesta não pode deixar de enrubescer! Ataca-se tudo: a autoridade, a religião, a virtude, o próximo. Quantas maledicências é

horrendas calúnias! mexericos, escândalos, blasfêmias, impudências indecentes, tudo aí germina como miasmas num ar viciado. E vós, se os azares da existência para aí vos conduzirem, que fareis? Uivar com os lóbos? Não! Fazê-los calar? Não o podereis! Acusá-los aos patrões? Também não! Então, pobre menina, rezai, fingi não entender, não riaes, não façais de entendida que compreende à simples meia palavra, mas mantende uma reserva digna que impõe o respeito, fazei sentir que não estais de coração e de alma com essas naturezas viciadas; o lírio floresce no meio dos espinhos, e, às vêzes, perto das cloacas germinam flôres.

c) *Amai a vossa casa, a vossa família, a vossa intimidade doméstica.* — Depois das horas pesadas e fatigantes do trabalho cotidiano, após o enervamento da oficina, do escritório, da loja, tende uma pressa infantil de ir refazer o vosso corpo e a vossa alma em casa. O humilde e doce silêncio que aí reina vos repousará da tagarelice de fora, vossos nervos se acalmarão, retomareis posse de vós mesma. Em vez de irdes procurar na rua, nos divertimentos profanos, o desfastio de que haveis mister; ao invés de vos lançardes em divertimentos custosos, perigosos, aos quais, bem inutilmente aliás, pedireis o esquecimento das preocupações da existência, às vêzes pungentes, reparai o organismo e as faculdades na calma de vosso lar doméstico. Sêde como a hera que se agarra ao grande carvalho; pode-se desprendê-la, porém ela voltará a êle e a êle se agarrará sempre; e o grande carvalho guardará e salvará a pequena hera.

d) *Se estiverdes no comércio,* tende bom gênio, sêde amável, atenciosa, solícita; sabeis dobrar-vos aos caprichos e conformar-vos com os desejos, não raro imprecisos, dos que se dirigirem a vós. Com um pouco de faro e de tacto, não tardareis a penetrar a personalidade desconhecida que tendes diante de vós. Seja sóbrio o vosso vestuário, correta a vossa atitude, amável a vossa linguagem. Cercai-vos de uma reserva graciosa que mostrará logo quem sois e o que valeis. Uma palavra, um olhar bastarão para fazer compreender a certas pessoas que se enganam tomando-vos pelo que não sois.

As relações com os outros empregados, mormente com os superiores, as primeiras caixeiras, as gerentes, os chefes de secção, serão às vèzes diffíceis, senão delicadíssimas. Quantos ciúmes, quantos melindres, quantas exigências equívocas! Que digo? Haverá mesmo às vèzes tentativas de sedução audaciosas ou hipócritas. Em tôda parte há dèsses miseráveis que não sabem ver na môça votada ao trabalho senão uma prèsa bem preparada para as suas brutais cobiças. Sabereis acolhê-los com o desprezo que êles merecem, se nem sempre puderdes impedi-los de manifestar-se.

“As vèzes, sabendo-vos conservar no vosso lugar, só vos ocupando do vosso trabalho, não procurando fazer-vos notar, ser-vos-á fácil e necessário fazer esquecer por uma atitude positiva e “tranchante” que sois jovem, quiçá encantadora. Portanto, nada de coqueteria deslocada, nada de preocupações de... companhia; sêde digna, sêde reservada, mormente com os homens. Entre os que vos rodeiam, no vosso escritório por exemplo, haverá mais de um que desejaria esboçar convosco um romance que seria para êle agradabilíssimo e para vós a fonte de muitas misérias, e de que as mais das vèzes acabaríeis por ser a vítima; vítima que primeiro se incensa, idolo que se adula um pouco de tempo, e que se quebra no dia em que êle deixou de agradar ou se tornou incômodo. Por pouco que a isso vos queirais prestar, as ocasiões de namôro, e pior ainda, são fáceis, numerosas, tentadoras, no trabalho em comum com os homens, aos quais é sempre mais difficil fazer esquecer que se é uma mulher desejável do que fazê-los lembrar disso. Rigidez excessiva não vale lá muito mais do que excessiva displicência ou familiaridade leviana; um esquivamento exagerado ou simulado não preserva mais do que uma liberdade de conduta ousada ou o hábito das palavras arriscadas e sem franqueza. Não vos esqueçais de que sois umas trabalhadoras, de que sois só isto no escritório; será afastar de vossas vidas a principal causa comum do desencanto. Sobretudo, preservareis assim os vossos corações, tão tristemente hábeis em se deixarem lograr” (*A travers les Ronces*, p. 92).

Esperai por essas misérias, por essas lutas! Pobre passarinho, um dia ou outro, o caçador infernal multiplicará no vosso caminho suas ciladas pérfidas. Mas, como diz a Escritura, *é em vão que se põe uma rêde diante daquele que tem asas.*

Sim, viveis no meio de tôdas as liberdades, postas a serviço de tôdas as tentações. Liberdade da rua e da oficina, liberdade do dia e da noite. Tendes contra vós o exemplo, a mocidade, a inexperiência, o meio, a promiscuidade, a sedução, a fraqueza, as promessas enganadoras. E' contra êstes inimigos que tereis de combater! Podereis, durante algum tempo, conservar-vos boa, graças ao instinto da honra, ao respeito da família, a êsse recato que a educação cristã vos deu. Porém há combates em que não se pode vencer sozinho... Mas também, quando se tem a Deus no coração, nunca se capitula.

e) *Ainda alguns conselhos.* — Primeiro, amai o vosso trabalho, e lhe suprimireis o labor, vos reabilitareis a vós mesma, reentrareis na graça de Deus reentrando no seu desígnio primitivo, participareis da atividade divina, que é tôda alegria e vida.

Sim, *amai a vossa profissão*, descobri nela encantos, bem que os há, e o simples pensamento de que se cumpre um dever social, de que se presta serviço à sua família, de que se participa do bem geral, de que se corresponde a uma vocação divina, dá-lhe uma beleza sem igual!

Respeitai também a vossa profissão no seu trabalho, fazendo-o do melhor modo que puderdes. Agi sempre com probidade escrupulosa, até nas minúcias mesmo modestas, mesmo invisíveis do trabalho ordenado.

Respeitai a profissão *na vossa pessoa*. Honrai-vos exercendo-a com pontualidade, com probidade, com dignidade. E' desconsiderá-la o esquecer-se de si, o degradar-se a si mesma. Os trabalhos mais humildes assumem um brilho singular quando são executados com cuidado e por pessoa digna de respeito.

E depois, se possível, uni-vos a outras, em associações de operárias que tenham por fim pôr em comum os vossos re-

cursos intelectuais, morais, profissionais e financeiros, e trabalhar assim, por êsses meios e de acôrdo, para a melhoria da vossa sorte profissional e da própria profissão.

A operária deve achar nelas uma formação moral, religiosa e profissional. Deve receber os conselhos que animam, instruem e apaziguam. Quer dizer que tais associações devem ser fundamentalmente cristãs, baseadas só nas idéias do Evangelho, e só ter por programa o programa de Jesus: *"Amai-vos uns aos outros. Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam"*.

PARTE IV.
SUSTENTACULOS DA DONZELA.

† Livros Católicos para Download



CAPITULO I

AS VIRTUDES TEOLOGAIS.

I. A Fé.

1º Por que devemos agradecer a Deus o dom da Fé.

Quando em criança, nos bancos do catecismo, recitáveis esta palavra: "Sou cristã pela graça de Deus", então não compreendíeis lá muito bem a profundidade dessas palavras! Que graça o ser cristão! ter fé!... E' esta, com efeito, a graça das graças. Há tantos que quereriam tê-la, e que não a têm, ou por a terem voluntariamente extinguido no seu coração, ou porque os raios de luz dela não chegaram até êles!

Sabeis que, da população total do globo, dois terços dos homens ainda não conhecem a Deus? E por que foi que recebestes essa graça, vós, quando milhões de outros não a receberam? Que fizestes para merecê-la? Nada!... Foi a bondade e a misericórdia de Deus que, prevenindo-vos, vos valeu essa ventura.

Pela fé tendes a resposta clara e tranqüilizadora a tôdas as questões que se erigem ante a mente humana e que a torturam quando a verdade não a vem acalmar. Quem sois? De onde vindes? Para onde ides? Que haverá depois desta vida?... Vós o sabeis, o compreendeis de maneira completa, com a maior certeza que se possa encontrar na terra. A vossa fé é fundada na própria palavra de Deus, que não pode nem se enganar nem nos enganar. Mas os outros, para quem essas questões persistem como enigmas e como mistérios conturbadores, como são para lastimar! A vós o sol de Deus ilumina. Êles, estão na sombra e na noite.

Quereis saber a dor pungente dos que não têm fé, dos que duvidam? Escutai-lhes as confissões:

— “Quando eu estava à beira do meu leito, diz A. de Musset, empurrava o ferrólho da minha porta, caía de joelhos e chorava... Era a minha oração da noite!”

E outra vítima da dúvida:

“Moi, mon âme est fêlée, et lorsqu'en ses ennuis
Elle veut, de ses chants, peupler l'air froid des nuits,
Il arrive souvent que sa voix affaiblie
Ressemble aux râlements d'un blessé qu'on oublie
Après d'un lac de sang, près d'un grand tas de morts,
Et qui meurt, sans bouger, dans d'immenses efforts”.

(Pichat).

Tenho a alma estalada, e quando, aborrecida,
Ela quer com seu canto encher as noites frias,
Sucede, não raro, a sua voz enfraquecida
Semelhar o estertor de um ferido esquecido
Junto a um lago de sangue ou a uma pilha de mortos,
E que, sem mexer-se, morre em imensos esforços.

S. Rosa escrevia a Cousin: “O’ meu amigo, como somos infelizes de sermos apenas uns pobres filósofos para quem o prolongamento da existência é uma mera esperança, um desejo ardente! Eu quisera ter as virtudes e a fé de minha mãe. Raciocinar é duvidar, e duvidar é sofrer. Como a fé, quando é forte e verdadeira, dá a felicidade! Quanta vez, no meu gabinete, peço a Deus que me levante, e sobretudo que me dê a fé!”

Se as lágrimas são o sangue do coração, haverá sangue nessas linhas!

Finalmente, Sully Prud’homme:

“Pourtant, je veux prier, je suis trop solitaire!
Voici que j’ai posé mes deux genoux en terre,
Je vous attends, Seigneur!... Seigneur!... êtes-vous là?
J’ai beau joindre les mains et le front sur la Bible,
Relire le *Credo* que ma bouche épela,
Je ne sens rien du tout devant moi! C’est horrible!”

Entanto, eu quero orar, sou solitário demais!
Eis já me ajoelhei com ambos joelhos em terra,
Por vós espero, Senhor!... Senhor!... aqui estais?
Por mais que eu ponha as mãos e que, de frente na Bíblia,
Torne a ler o *Credo* por minha bôca soletrado,
Nada, nada sinto diante de mim! E’ horrível!

Ah! vós que sugastes a fé com o leite materno, que nem sequer compreendeis se possa deixar de crer; vós que não sabeis quanto custa, às vêzes, ter a fé quando nela se quer entrar, ou reencontrá-la quando se perdeu; vós que a tendes tão plenamente na alma, que ela aí circula como o sangue nas vossas veias, se pudésseis conhecer as angústias de uma alma que avança na vida com a noite na frente e a noite por trás, não sabendo nem donde vem, nem para onde vai, nem se há alguém lá em cima nos céus!

“Que martírio o de um ser ávido de saber, que bate à porta de tôdas as escolas, que soergue os véus do futuro, que olha no fundo dos sepulcros, e que torna a entrar arquejante no fundo de sua alma, sem lhe trazer outra solução a não ser um “talvez”!” (Pe. Caussette).

Compreendi, pois, a grandeza e a sublimidade da fé! Amai-a, estremecci-a, ela é a luz da vossa vida, é o facho que vos mostra o caminho do céu. Não deixeis os ventos do século virem apagá-lo nas vossas mãos; e, sobretudo, vivei a vossa fé, sem o que ela não passará de uma pobre lâmpadazinha acesa sôbre um túmulo.

2º Vossos deveres para com a Fé.

a) *Preservai a vossa fé.* — Ela corre perigos no mundo. Pode fraquejar, pode mesmo extinguir-se. Guardai ciosamente êsse tesouro, sofre-se muito quando êle é perdido.

Desconfiai das leituras frívolas, dos jornais levianos e de tôda essa literatura piegas e insulsa, que amolenta o coração e perverte a inteligência.

Desconfiai das más companhias em que se mete a ridículo a piedade, os dogmas e tudo o que faz a glória e a vida do cristão. A principio a pessoa sorri, depois surgem dúvidas que acabam por fazer perder o senso da fé.

Conservai-vos bem pura, o vício é mortal para a crença. Quando o coração está estragado, o espirito também está bem doente.

Podereis ter contra a fé tentações que por vêzes se tornarão uma verdadeira obsessão. Humilhai-vos e orai.

A fé tem dois inimigos mortais: o orgulho de uma razão que não se quer curvar ante os mistérios de uma vida superior, mesmo quando, onde quer que ela se mova, não pode achar a última palavra de nada; e o coração mordido por uma paixão má. Então é o coração que faz mal à cabeça; é pelo *Confiteor* que se volta ao *Credo*.

b) *Alimentai a vossa fé.* — A medida que crescerdes, vossa fé deverá também crescer. Possuís o texto elementar do catecismo, não é o bastante. Isso é bom aos doze anos!

Nutri-a por leituras, por estudos, pelas vossas reflexões. Escutai àvidamente as pregações, os catecismos de perseverança. Em muitos meios, em associações próprias, tereis facilmente círculos de estudos onde podereis achar êsse alimento. Ledes muito; por que desperdiçardes vosso tempo em folhear romances ou outras pataratas?

Estudai a vossa religião, livros não vos faltam. Se não o fizerdes, sereis culpada. Uma fé que não é alimentada pela reflexão e pelo estudo pode acabar estiolando-se, vegetando e morrendo; seja como fôr, ela carece de solidez e não é lá muito capaz de se defender contra ataques hoje em dia inevitáveis, e ainda muito menos de contra êles defender os que a cercam e de quem ela pode ter o encargo.

Elisabeth Leseur escrevia a sua sobrinha:

“Fico às vêzes espantada de ver até que ponto a maioria das mulheres ignoram tudo da religião que professam. O próprio espírito da religião permanece-lhes totalmente estranho, seus dogmas tão imperecivelmente vivos parecem um pêso morto que elas trazem consigo; e a terrível estreiteza da sua visão em matéria de doutrina mostra até que ponto o coração de Cristo deixou de pulsar para elas sob o véu dos ritos e dos símbolos. Elas são essa coisa lancinante, êsse corpo desprovido de alma, a quem se chama uma mulher “praticante”, e não êsse resumo de tãda nobreza de espírito, de tãda beleza interior, de tãda atividade de alma que deveria ser “uma cristã!”

O’ vós que lerdes estas linhas, oxalá jamais pudésseis reconhecer-vos neste severo mas justissimo retrato!

c) *Vivei a vossa fé.* — A fé é em nós o que a alma é para o corpo, isto é, o princípio da nossa vida espiritual.

E' a vida da inteligência, pelas luzes da verdade que lhe dá; a vida do coração, pela caridade que nêle faz nascer; a vida das obras também, visto que santifica as mais comuns e nos torna capazes de executar as maiores e as mais difíceis.

Sendo uma verdadeira vida deve a fé ter-lhe as manifestações; mister se faz que a sintamos nas nossas palavras, nos nossos atos, em tôda a nossa conduta. Tudo em nós deve trazer-lhe o cunho. Do contrário, ela vegetará, poderá mesmo acabar por se extinguir, ou tornar-se tão longinqua, que não terá mais nenhuma influência nem sôbre as nossas determinações nem sôbre os nossos atos.

Ai! não faltam cristãos que de cristãos têm apenas o nome! que são cristãos na crença e pagãos nos costumes. Nêles a fé está adormecida!

E vós, menina, viveis verdadeiramente a vossa fé? Vêdes a Deus nos vossos semelhantes? E o vêdes em vós mesma? E o vêdes na Igreja, na palavra de Deus, na pessoa do sacerdote, nos acontecimentos felizes ou infelizes? Vêdes em tudo o lado divino das coisas? E' viver a sua fé o ver tudo assim; e, para vivê-la, é preciso com freqüência fazer atos dela.

d) *Defendei a vossa fé.* — Têm-se feito volumes de tôdas as objeções contra a religião. Estas formigam, pululam, são repisadas por tôda parte! O dogma, a moral, os sacramentos, a história, tudo passa nelas.

Diz o Pe. Monsabré: "Dois meninos jogavam dados sôbre um cartão. Aproximei-me e li: "Jôgo de ganso renovado dos Gregos"! "Renovado dos Gregos" é o que se poderia escrever sôbre a maioria das objeções contemporâneas. A incredulidade moderna tem-nas armado de floreios científicos, mas o fundo não passa de um empréstimo feito aos velhos erros que a dialética mil vêzes tem refutado.

Entretanto a Igreja espera de vós que tenhais uma fé bastante esclarecida, uma ciência bastante séria; deseja que saibais não fazer para vós uma mentalidade de vencida, que parece pedir perdão de ter fé e que se rende lastimavelmente ante a menor objeção. Sabei, quando preciso, *docemente e com firmeza* erguer-vos e dizer: "Perdão! Está en-

ganado!" E então, com a vossa pequena lógica, com a vossa facilidade tão natural da palavras, vingai a Deus dos insultos que lhe lançam e refutai essas objeções da impiedade e da estultícia! Para isso, estudai a vossa religião, lede os livros em que essas objeções são claramente refutadas, êsses livros não faltam. ' Podereis assim erigir-vos em campeã da verdade e defender a Deus quando o atacarem na vossa presença.

e) *Orgulhai-vos da vossa fé.* — Há pessoas que, em face dessa nuvem de objeções, se atormentam, e, não sabendo responder-lhes, se inquietam, se perturbam e não tardam a dizer consigo: "Se fôsse verdade!" Tende no coração um pouco dessa ufania nobre e serena que caracteriza o verdadeiro cristão, e essa certeza granítica que crê de olhos fechados, como uma criança crê em sua mãe, que crê porque Deus não pode nem ignorar a verdade nem falar contra ela.

"São numerosos os inimigos da Igreja, usam de tôdas as suas armas, usam o malho e a bigorna. Deus lhes porá um freio na bôca e os conduzirá aos abismos. Ferem-nos, agrihoam-nos, matam-nos, mas nós não morremos! O tempo enferruja e dissolve os nossos grilhões sem prejudicar a nossa invencível vida; o nosso sangue, quando derramado, afoga os algozes!" (Luís Veuillot).

Já S. João Crisóstomo dizia aos ímpios do seu tempo:

"O' homem, se declaras guerra ao homem, podes vencer, ou sucumbir; mas, quando atacas a Igreja, a esperança de vencer te é vedada, pois Deus é mais forte do que tu e do que tudo. Deus firmou, fundou, quem pois abalará a sua obra? Então não lhe conheces a fôrça? Ele olha a terra e a faz tremer! A Igreja é mais sólida do que o próprio céu! O céu e a terra passarão, mas as palavras dela não passarão! Se não crês nas palavras, crê ao menos nos fatos! Quantos tiranos tentaram esmagar a Igreja! Quantas fogueiras! Quantas feras! Quantos gládios! E tudo isso nada produziu. Onde estão agora êsses temíveis inimigos? O silêncio e o esquecimento fazem justiça dêles. E a Igreja, onde

1) Seria utilíssimo estudar a fundo uma boa apologética, por exemplo a de Vincent et Moulard (livraria Lethielleux) ou a de Cauly (livraria Poussielgue).

está? Debaixo dos nossos olhos, e mais resplandecente que o sol! Mas se, quando eram em pequeno número, os cristãos não foram vencidos, agora que o universo inteiro está cheio dessa religião santa, como poderias vencê-los?"

Os nossos próprios inimigos são forçados a confessar-se vencidos! Teodoro de Beza, um dos propagadores do protestantismo, dizia:

A Igreja é uma bigorna que tem quebrado todos os malhos!
E Voltaire:

Só o Cristianismo tem ficado de pé entre tantas vicissitudes, e, no fragor de tantas ruínas, imutável como o Deus que lhe é o autor. A verdade permanece pela eternidade, e, os fantasmas de opiniões passam como sonhos de doentes. A religião subsiste há seis mil anos, as seitas são de ontem. Sou forçado a crer e a admirar. A Igreja é um colosso que cem golpes de aríete não puderam abalar durante o espaço de dezoito séculos. E haveis de acreditar que uma pedra a deitará por terra?...

Essa pedra, essa pedrinha, é a objeção corrente e banal. Quando essa pedra vos cair aos pés, apanhai-a com um desdém soberbo e sabei, não volvé-la contra aquêle que a lançou, mas mostrar a êste que ela não é uma arma capaz de abrir brecha no bloco de aço de uma fé sólida e esclarecida. Essas objeções não golpearão as vossas convicções cristãs mais do que os cascalhos atirados pelas crianças abaterão as paredes de uma velha catedral! Mas em tôrno de vós há almas que por elas podem ser abaladas e que míseros preconceitos cegam; vá, pois, a vossa palavra esclarecê-las e salvá-las!

II. A Esperança.

1º Natureza e razões da nossa Esperança.

No céu, diz Chateaubriand, há uma potência divina, companheira assídua da religião e da virtude. Ajuda-nos a suportar a vida, embarca conosco para nos mostrar o pôrto na tempestade, igualmente doce e prestadia para o viajante célebre e para o passageiro desconhecido. Pôsto que seus olhos estejam cobertos de uma venda, seus olhares pene-

tram o futuro. Às vêzes ela segura na mão flôres nascentes, às vêzes uma taça cheia de filtro encantador. Nada lhe iguala o encanto da voz e a doçura do sorriso; quanto mais avançamos para o túmulo, tanto mais bela e brilhante ela se mostra aos mortais consolados. A Fé e a Caridade lhe dizem: "Minha Irmã". Ela se denomina a Esperança!

Alguém disse: "A confiança é a alma da coragem. E' um direito, um dever, uma necessidade. Nunca tereis uma confiança grande demais se a acompanhar a vossa boa vontade".

A Esperança é uma virtude celeste. Expande o coração, exalta a coragem e convida-nos a ir a Deus apesar de tudo, mesmo apesar das nossas faltas.

S. Paulo exclamava ufanamente: "*Scio cui credidi*", Sei em quem coloquei a minha confiança. Foi em Deus! E: "*Aquêle que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou à morte, por nós, que é que nos não dará depois de um tal dom?*" (Rom 8, 32).

Pura e nobre virtude, ela nos aproxima de Deus, prendenos a Êle, como a gente se prende àqueles cuja bondade atrai. É-nos um sustentáculo contra a tentação; apresenta-nos um bálsamo consolador nas nossas tristezas e lutos; como dizia um velho autor, faz-nos abraçar a Deus com ambos os braços, no obrigado da nossa gratidão comovida.

E por que é que esperais? Porque Deus prometeu e é fiel às suas promessas. Quando um Deus promete, não se pode duvidar dêle. Bom e onipotente, Êle pode tudo o que quer. Portanto, se lhe fazemos confiança, é que êsse sentimento é baseado na sua própria natureza. E depois, Êle não é o melhor dos pais, o mais fiel dos amigos, o mais poderoso dos protetores? Êle multiplicou, no Evangelho, doces parábolas as mais consoladoras, pois bem sabia que o homem custaria a crer na sua bondade infinita.

Ai! poucos têm a esperança tão viva no coração que nada a faça titubear! Os homens de fé não são demasiado raros; os homens de esperança o são mais! Crê-se bem, mas custasse a esperar segundo a sua fé! Deus é tão extraordinariamente bom, o que Êle promete é tão esplêndido, que a alma tôda suprêsa pára, e precisa de um verdadeiro esforço para abrir de par em par as asas da esperança.

Entretanto, que sinal de fé, que prova de amor, não se dá a Deus quando se lhe diz: "Espero em vós!"? Se estivesseis em viagem e visseis uma pobre criancinha tímida, receosa, aproximar-se de vós e dizer-vos: "Estou com medo, permiti-me viajar convosco: junto de vós não terei medo", com que alegria não lhe diríeis: "Criança, podes-te fiar em mim, tomo-te debaixo da minha proteção"! Dizer: "Meu Deus, espero em vós", é clamar-lhe do fundo do coração: Meu Deus, sois grande, sois bom, sois onipotente; eu, sou pequeno, pequenino, miserável, e por isto é que tenho confiança em vós. Como queredes que o coração de Deus não se sensibilize?

Esperai, pois, esperai ainda, esperai sempre, até o ponto de dizerdes esta palavra de Job: "*Mesmo se Deus me matasse, eu ainda esperaria nêle!*" S. Joana d'Arc lançava êste grito aos seus juizes: "Em tudo, entrego-me ao meu Deus, porque o amo de todo o meu coração". Como seríeis feliz se, em tudo e sempre, tivésseis essa sublime confiança da heróica virgem!

Já notastes qual foi a confiança de Maria Madalena? A cidade despreza-a, os transeuntes evitam-na, as mulheres arrogantes olham-na do alto da sua virtude, o povo sorri e os fariseus orgulhosos já preparam as pedras que lhe queriam atirar. Porém ela viu Jesus. Crê nêle, tem confiança nêle! Ama-o, e o seu amor fá-la afrontar o pejo! Ela vai a Jesus através de tudo, sem ver os olhares escandalizados que a seguem, nem notar a indignação orgulhosa dos convivas reunidos em volta do Mestre. Sim, ela crê, ama, espera, e é a sua esperança que a lança aos pés de Jesus.

Tende também essa confiança! Tende-a para vós, tende-a para os outros. Semeai a esperança nos corações desalentados. Que sublime missão essa de se aproximar das almas medrosas ou timoratas, das almas desesperadas, e dizer-lhes: "Levantai-vos! O Mestre ai está e vos chama!..." Levantai essas almas. Uma palavra do coração, uma palavra de incentivo reergue a planta que a borrasca curvou! Sim. Esperança sempre, esperança em tôda parte, esperança apesar de tudo, esperança de qualquer modo! Sois filha d'Aquele que disse: "*Tende confiança, eu venci o mundo!*"

2º A "Desesperança".

Raramente se chega até ao verdadeiro desespero, mas quando facilmente nos deixamos levar a faltar à confiança em Deus, a ser desconfiados a respeito da sua bondade, a embirrar, quase se poderia dizer a zangar-nos com Deus!

a) *Uns desesperam da salvação.* — Apoiam-se nesta palavra mal compreendida: "Muitos são chamados, porém poucos escolhidos". Seriam tentados a fazer como aquêlê cavaleiro da lenda que, para estar mais seguro de ser salvo, procurava encher um barril com suas lágrimas. Não se deve contestar ao pecado a sua malícia, a sua ingratidão, a sua maldade. E' o mal de Deus. E' o mal do homem. Foi êle que crucificou Jesus. Mas também, como diz a Escritura, "*Deus não recusa sua graça àquêle que faz o que pode*". Não são raros os que o mundo de antemão condena e amaldiçoa, os que a si próprios se condenam e amaldiçoam, e que, no entanto, podem salvar-se *se quiserem*.

Um santo religioso, o Pe. Fiat, dizia um dia numa de suas conferências:

"Deus povoa o seu céu como pode; mete nêle salteadores (o bom ladrão), mete nêle mulheres de má vida (Madalena). Não haveria então lugar para aquêles que, apesar das suas faltas, amam e esperam, e que, do fundo do abismo, clamam para Êle?"

E como cremos que Jesus tenha morrido por todos e que, finalmente, deixe o demônio roubar-lhe três quartas partes dessas almas por quem Êle se imolou? Neste caso Jesus ter-se-ia deixado vencer por Satanás, e não teria sido lá muito bem sucedido na obra divina pela qual viera à terra.

b) *Outros desanimam por causa da provação.* — Não vêem nela a mão de Deus, poder-se-ia dizer a assinatura! Revoltam-se como uns fracos, em vez de sofrerem generosamente como uns valentes... "Por que será que Deus me faz sofrer, dizem êles, por que é que sou ferido? Que foi que eu fiz?" Pobre alma, crucificaste-o por tuas faltas, e Êle, que foi que fêz? Um mártir de Tonquin dizia: "Nós, é por nós mesmos que sofremos; Jesus Cristo sofreu cem vêzes mais do que nós, e foi pelos outros!"

Quem quer que sejamos, teremos de sofrer, todos temos uma cruz a carregar. Mas há três boas maneiras de carregar a cruz: 1.º Em silêncio, com resignação, sem dizer nada: está bem. 2.º Com amor, à feição de Jesus, que exclamava na Ceia: "*A fim de que o mundo saiba que eu amo meu Pai, levantai-vos, saiamos daqui!*" 3.º Como Jesus ainda, com alegria! Sim, com alegria! E por que não? Quando vier a provação ou o sofrimento, dizei a Deus: *Obrigado!* Será belo, será desassombrado, será muito cristão. Será também mui filosófico. Notai-o bem, façais o que fizerdes, não evitareis essa provação. Se vos queixardes, se tomardes a coisa pelo lado mau, sofrereis ainda mais. Ao passo que, se aceitardes o sofrimento de sorriso nos lábios, aumentareis a vossa resistência, decuplicareis as vossas fôrças, e sofrereis menos.

Dizei, pois, com o bom irmão de que fala S. Vicente de Paulo: "Minha irmã a doença, é Deus que vos envia a mim, sêde bem-vinda!" Os alegres sofrem menos e curam-se mais depressa. Aceitai tudo, amai tudo, vêde em tudo a mão de Deus; não é para nos contrariar que Ele nos faz sofrer, mas é porque nos ama, porque nos quer purificar, santificar.

Um excelente sacerdote dizia:

Os antigos acusavam dos nossos sofrimentos o Destino, velho cego que, não podendo reconhecer os bons e os maus, os feria indistintamente. Nós, acreditamos que uma Providência clarividente fere os maus para adverti-los ou castigá-los, e os bons *para preservá-los e engrandecê-los!*

c) *Outros, sem saber por que, deixam-se levar ao tédio.* — Sob um céu de chumbo, o futuro parece-lhes fechado. Renan dizia numa odiosa palavra: "Só chegam a achar o segredo da vida os que acabam por abafar a tristeza e prescindir de esperança". Mas como abafar a tristeza se nada se espera? Os que não têm esperança são uns *emparedados*, sufocam; não têm outro recurso senão quebrar a cabeça nas duras paredes da prisão humana, ou, pelo gôzo sem freio e sem remorsos, fugir aos golpes da dor. Quando a gente assim se aborrece e se entedia de tudo, não há meio-têr-

mo, procura forçosamente os gozos, e gozos quaisquer positivos, imediatos, mesmo aviltantes.

Não vos deixeis invadir pelo tédio, enxotai-o logo. Sobre-tudo, êle não é da vossa idade, e para vós seria mortal. No fundo de tôda desesperança há covardia e moleza. Ide ao dever, a velas pandas, tende denôdo! tende sorriso! e, se o tédio retorna, eis aqui o remédio: fazei uma boa ação, dedicai-vos, ide aos que sofrem, e êle se dissipará.

d) *Outros desesperam por causa dos seus pecados.* — Diz o Pe. Caussade: "Pode não ser inútil o ter feito muito mal, para ser capaz de um maior bem. Atestam-no David, Madalena, Agostinho. Há na segunda inocência um encanto enternecedor que prega ao mundo confiança e misericórdia; e êsses penitentes sublimes parecem escalonados no caminho das idades para dizerem ao arrependimento tentado de desânimo: Deus é bom para os que pecaram muito, desde que saibam chorar ainda mais!"

Ah! como conhecem pouco o coração de Deus os que não cessam de pensar nas suas faltas, de ostentá-las, de salvá-las como uma nuvem, como um nevoeiro que lhes esconde a vista do céu! Obstinam-se a fazer delas um muro de separação entre Deus, que quer curá-las, e o seu amor-próprio ferido, que talvez não queira deixar-se curar!

Mons. Gay, depois de mostrar que Deus é todo amor, acrescenta:

"Dir-se-á: Há o pecado! Ai! o pecado está em tôda parte, e, em tôda parte onde está, propõe um problema, traz uma complicação, suscita um obstáculo.

"Mas, para Deus, será que há problemas? será que alguém pode embaraçar-lhe os caminhos ou lhe opor alguma barreira? Êle pára se quer, mas unicamente porque quer; e, por onde quer que lhe apraza passar, Êle passa.

"O pecado atinge a Deus neste sentido que o ofende; nunca o atinge no sentido de que o modifica. Longe de lhe modificar a essência, êle nem sequer lhe muda o que quer que seja na sua disposição primordial e fundamental para conosco, isto é, no amor que nos dedica. Assim como em face do nada a sua bondade torna-se amor, assim também em face do pecado o seu amor torna-se misericórdia, e está

dito tudo. Sim, está dito tudo; com uma única condição, todavia, e é que o pecador espere e se arrependa.

“Sim, acrescenta o mesmo autor, ainda quando fôsseis o único a ter cometido todos os pecados do gênero humano, lembrai-vos de que é um erro contra a fé crer que um pecador, qualquer que seja, se ainda vive na terra, esteja fora de condições de converter-se!”

Por isso é que o grande Agostinho escrevia, pela abundância da sua lembrança e da sua gratidão: “Que há que pode haver em nós de tão mortal que a morte de Cristo não possa curar?”

Assim, pois, pobre alma pecadora que te obstinas em duvidar dessa misericordiosa bondade, vem-te lançar aos pés de Jesus, como o filho pródigo, e verás êsse Pai de quem tens medo estreitar-te nos braços e chorar de alegria pelo teu regresso. Ele ama o pecador, lastima-o, persegue-o, quer perdoar-lhe. Por que te obstinas em recusar êsse perdão? Escuta ainda.

3º A misericórdia de Deus.

Não é tudo o não desesperar, importa esperar mesmo contra tôda esperança.

Escutai o Cura d’Ars:

“Há uns que dão a Deus um coração duro. Oh! como se enganam! Nossas culpas são grãos de areia ao lado da montanha das misericórdias de Deus”.

S. Anselmo diz a Deus:

“Senhor, sois misericordioso porque sois justo; pois justo é seiais tão bom que não possais ser concebido melhor. E, certamente, assim não seria se fôsseis bom somente recompendando, e não perdoando. Quanto perdoais, sois justo porque fazeis uma coisa que convém à vossa bondade”.

S. Tomás vai ainda mais longe. Diz êle:

“Deus é chamado justo em perdoar ao pecador, por ser justo que Ele, o Ser sumamente bom, perdoe”. E acrescenta: “A misericórdia não exclui a justiça, mas é como que uma plenitude da justiça”.

Sabeis, diz S. Bernardo, por que é que Deus não se chama o pai da justiça, e sim o pai das misericórdias? Sem

dívida, isso provém de ficar a misericórdia bem àquele que é pai; mas existe uma razão mais bela e mais profunda: *Deus acha em si as causas da sua misericórdia* e em nós as causas da sua justiça. As causas da misericórdia são infinitas como a sua bondade, porém as nossas iniquidades, por mais graves e numerosas que sejam, são limitadas; comparadas a Deus, são como uma gôta de água que vai perder-se no oceano; de um lado o infinito e do outro uma quantidade relativamente nula.

E' por isso que devemos ter nêle uma inconfundível esperança, apesar das nossas faltas, das nossas misérias, das nossas traições, das nossas covardias, apesar de tudo.

E isso O honra mais do que os transportes mais fervorosos, porque assim nós aparentamos dizer-lhe que fazemos do seu coração divino uma idéia justa, equitativa, grande como Êle!

Façamos de Deus idéias mais amáveis, não o encaremos sempre como um juiz. Isto nos daria alguma coisa de sêco, de duro, de mercenário. Olhemo-lo como um amigo, um pai. Êle mesmo no-lo ordena, pois quer que cada dia lhe digamos: "Pai Nosso", se bem que nos tenhamos de reconhecer pecadores, acrescentando: "Perdoai-nos as nossas dívidas". A êste pensamento o coração se dilata; êste sentimento de amor filial verte doçura nas nossas preces, paciência nas nossas provações, alegria nos nossos sofrimentos.

Lancemo-nos de cabeça baixa e de olhos fechados nos braços do Pai das misericórdias. Não se escapa a Deus senão lançando-se-lhe nos braços.

III. O Amor de Deus.

Nosso Senhor disse um dia a S. Pedro, por três vêzes, esta palavra: "*Pedro, amas-me?*" Se Nosso Senhor também vos fizesse a mesma pergunta: "*Minha filha, amas-me?*", que lhe responderíeis? Há tantos erros e tantos preconceitos sôbre esta questão, no entanto tão prática! Estudemo-la juntos.

Lede primeiro esta página sublime de Lacordaire:

Ansiando pelo amor durante a vida tôda, nós nunca o obtemos senão de modo bem imperfeito, que faz sangrar o

nosso coração. E, ainda quando o obtivéssemos em vida, que nos restaria dêle após a morte? Acredito, uma prece amiga segue-nos além dêste mundo, uma lembrança piedosa pronuncia ainda o nosso nome; mas breve o céu e a terra dão um passo: o esquecimento desce, o silêncio nos cobre, nenhuma praia envia mais sôbre o nosso túmulo a brisa etérea do amor. Acabou-se! Acabou-se para sempre! E tal é a história do homem no amor. Mas engano-me! Há um homem cujo túmulo o amor guarda; há um homem cujas cinzas, após dezoito séculos, não se arrefeceram, que cada dia renasce no pensamento de uma multidão incontável de homens; há um homem cujo passo uma porção considerável da humanidade retoma sem jamais se cansar, e que, por mais desaparecido que esteja, se vê seguido por essa multidão a todos os lugares da sua antiga peregrinação; há um homem morto e sepultado cujo despertar é espreitado, cada uma de cujas palavras vibra ainda e produz mais do que o amor, produz virtudes que frutificam no amor; há um homem, enfim, e o único, que tenha fundado seu amor na terra, e êsse homem sois vós, ó Jesus! Vós que vos dignastes batizar-me, sagrar-me no vosso amor e cujo simples nome, neste momento, me abre as entranhas e delas arranca êstes acentos que a mim mesmo conturbam e que eu não conhecia.

E como "pendant" desse grito de amor do grande pregador de Notre-Dame, eis aqui aquêle que brotou do coração de S. Teresa:

Acaso pensas, ó Tu, eternamente vivo, que eu te amo por causa das recompensas futuras prometidas no teu reino? pelas palmas, pelas harpas, pelas maravilhas, pelas delícias do teu Céu? Oh! não. Amo-Te porque fôste infeliz, porque passaste por tôdas as dores, porque suportaste tôdas as humilhações. Tu, Deus carregado de ferros. Tu, Deus conduzido ao suplício pelos algozes. Amo-Te porque fôste forçado a clamar ao Pai: "Por que me abandonastes?" Amo-Te mais por causa da tua agonia e da tua morte do que por causa da tua ressurreição; pois imagino que, ressuscitado, tornando a subir pelos espaços azulados, tendo o teu universo às tuas ordens, tens menos necessidade da tua serva. Mas, quando assisto à tua agonia, parece-me que retorno a regiões de mim já conhecidas, afigura-se-me que eu já contemplara outrora essa colina e essa voz inundadas da púr-

pura de teu sangue; que essa Madalena, tua santa, tua bem-amada, que lá geme, era talvez eu. Porque, no meu coração, o coração dela se lamenta; porque tôdas as lágrimas de seus olhos surdem nas minhas pálpebras, e meu desespero é tão terrível, tão profundo, que não podem existir dois desesperos semelhantes! Não, ela não te amava mais! Sei que ela é uma grande santa, e eu uma pobre mesquinha cujas ações são pouco meritórias diante de Ti; porém ela não te amava mais!

Que amor êsse, e como essa grande alma o sentia para assim descrevê-lo! Nós às vêzes nos entusiasmos por um herói de romance, e Jesus? Como Êle nos amou! Entretanto, quantos cristãos só têm a Êle um amor pálido, descorado, sem profundeza, sem delicadeza!

Se amássemos alguém, ficaríamos contentes de que êsse alguém nos amasse como nós nos contentamos de amar a Deus?... Nosso Senhor dizia um dia a S. Teresa: "*Quando os homens não quiserem mais saber de mim, eu virei buscar um refúgio no teu coração...*"

Uma menina dizia um dia ao seu confessor: "Meu Padre, entre os mandamentos de Deus há um que eu nunca pude compreender. Qual, minha filha? perguntou o padre. E' o primeiro: Um só Deus adorarás e amarás perfeitamente. Será que alguma vez minha mãe já me mandou amá-la? Acaso isso não se aprende sozinho? Quanto a mim, se Deus Nosso Senhor me proibisse amá-lo, parece-me que eu ficaria muito aborrecida e tristíssima, e o amaria, mesmo assim, às escondidas!"

As escondidas! Esta palavra é deliciosa. Mas não há de ser assim que O amareis, filha. Ireis a Êle com plena alma, com pleno coração... Amá-lo-eis com paixão, e, para vos excitardes a isto, quereis refletir na imensidade incompreensível do seu amor a vós!

1º Como Deus nos amou.

E' esta uma história sublime e profunda, incompreensível à mente humana, mas que a fé nos confirma. E esta história é tão maravilhosa, que custaríamos a crê-la se ela não tivesse sido revelada pelo próprio Deus.

Eis, pois, Deus no seu céu e o homem na terra. Entre êles... dois abismos... Deus vem à terra para procurar o homem e atraí-lo a si... O homem crucifica-o, e no entanto Deus quer o amor dêsse homem. Mistério!

Deixar os esplendores dos céus para se fazer homem a fim de que "Aquele que é" possa sofrer, da parte daqueles a quem vinha salvar, todos os furores de um ódio bárbaro, morrer ensangüentado, abandonado por todos, numa cruz infame, como um ladrão, como um salteador, como um escravo... E tudo isso... para ganhar o coração do homem! Mistério, sim, mistério insondável... Só o amor tem o segrêdo disso.

Admiremos as diversas fases desse amor, vejamos até que limites êle desceu, façamos-lhe a história. Depois disto, se o vosso coração não ficar comovido, perturbado, transtornado, é que êle é mais duro do que os rochedos; estes, ao menos, por ocasião da morte de Jesus se fenderam!...

a) *Deus desce até o ponto de se fazer nosso igual.* — Que distância entre Deus e nós! O céu e a terra... Aquêles que é e aquêles que não é... O Criador e a criatura!... Um Rei e um vermezinho! O infinito e o mísero inseto de um dia que se chama o homem! Entre Deus e nós há, pois, abismos... Ora, não podendo fazer-nos deuses como Êle, Deus fêz-se homem como nós, pois o amor supõe a semelhança e a leva em conta. Não podendo atrair-nos a Êle para fazer penetrar nas profundezas infinitas da sua natureza divina, desceu até nós nas baixezas e ignomínias da nossa natureza humana!... Então teve lugar, de algum modo, a igualdade... Deus e o homem encontraram-se e conheceram-se; o homem pôde ver a Deus sem morrer! Porque Deus se fêz criança, jovem, homem perfeito... chamou-nos "seus irmãos", deu-nos seu Pai para ser nosso pai, sua Mãe para ser nossa mãe, sua herança para ser nossa herança!... Eis aí a primeira fase, a primeira descida, o primeiro abaixamento de um Deus a querer conquistar o coração do homem... Fêz-se semelhante a êste.

b) *Deus desce até à prevenção.* — Prevenir significa, têrmo por têrmo: vir antes, vir ao encontro. Deus nos previne, quer dizer, precede-nos, chega em primeiro em face do nosso coração para mendigar o nosso amor. Habitualmente, é o menor que previne o maior, o mais fraco que aspira ao amor

do mais forte, o pobre que solicita o coração do rico. Aqui, os papéis são invertidos; é o grande, o forte, o rico que solicita o amor do pequeno, do fraco, do pobre! E' Deus que por amor previne o coração do homem. E sabeis como? Sabeis desde quando? De tóda eternidade: "*Amo-te, diz-nos Ele na Escritura, amei-te com amor eterno, e por isso é que tive pena de ti e te atrai a mim*". Sim, antes mesmo que os mundos fôsem criados, Deus vos conhecia, via vossa alma, e já a amava... Que prevenção!

c) *Deus desce até ao ponto de solicitar o nosso amor.* — Não é o bastante fazer-se nosso igual, prevenir-nos por amor; Deus faz-se mendigo, mendiga o nosso coração! Não conheceis esta palavra tão doce: "*Meu filho, dá-me o teu coração*"? Como? E' um Deus que assim fala a uma criatura? Sim, parece que lhe faltaria alguma coisa se Ele não fôsse amado por nós.

Já deveis ter visto, algumas vêzes, em imagens, Jesus batendo a uma porta, e, por debaixo, esta divisa tirada da Escritura: "Posto-me junto à porta e bato". Palavra sublime de ternura e de amor! Como um mendigo de pé à porta de uma casa, Deus aí está para nos pedir o nosso amor!... Ai! mas quantos corações lhe permanecem fechados!

Não vos sucederia, a vós, dizer-lhe: "Passai aqui não se entra, tenho gente, não há lugar para vós na hospedaria do meu coração"? E no entanto Deus quer entrar nêle. Quer o vosso amor. Por nós criou Ele os mundos, o céu, a terra; por nós fêz-se homem, morreu de morte ignominiosa; e, como se tudo isso não bastasse, criou o inferno!... Sim, "foi por amor, diz S. João Crisóstomo, que Deus criou o inferno, a fim de trazer a si, pelo temor, aquêles que o amor não conseguisse atrair!"

d) *Deus coloca-se ao nosso dispor.* — Eis uma alma cristã comum. E' boa, mas é fraca, e cai no pecado mortal. Logo vem-se lançar aos pés do padre, e levanta-se perdoada. Prometeu não mais tornar a cair, e pouco tempo depois recai. Nova acusação, novo perdão. E assim por diante... Quantas vêzes? dez, vinte, cinqüenta, cem vêzes, mil vêzes talvez, e Jesus lá está sempre para perdoar!

Deus habita numa alma por sua graça; a tentação vem

atacar essa alma, a criatura solicita a tentação; tem a fraqueza de ceder e diz implicitamente a Jesus: "Vai-te embora, prefiro a ti o meu prazer!" Jesus então se retira. Mas o remorso começa, a contrição torna a chamar Jesus, Êle volta. Para muitos cristãos, a história de sua alma será assim uma série de faltas que O farão tornar a entrar nela!... Amor tamanho não será capaz de nos arroubar e de nos confundir?

e) *Deus nos amou até o ponto de morrer por nós.* — Ainda não é suficiente ao amor divino colocar-se assim ao nosso dispor; quer-nos dar a prova suprema de amor; aquela depois da qual nada mais se pode dar neste mundo! O' alma cristã, adianta-te, vem, cai de joelhos e contempla êste homem cravado num patíbulo! Corre-lhe sangue dos pés, das mãos, da fronte e do coração entreaberto... Se lhe perguntares: "Quem és?", Êle te responderá: "Sou o teu Deus! — E por que morres? — Por causa de tuas culpas. — E por quem morres? — Por ti!"

Sim, foi por ti que Jesus quis morrer. E não digas que Êle sofreu por todos em geral, pois Êle revelou a uma santa estar pronto a morrer e a fazer-se crucificar de novo *por uma só alma.*

f) *Deus quer tornar-se nossa comida.* — E ainda não é tudo! Até aqui a história do amor de Deus a nós é bela, sublime, incrível; porém pensais: Desta vez acabou-se, Êle não pode mais provar o próprio amor. Um coração morto não fala mais, não vibra mais. Tudo findou! o amor humano não vai mais longe do que ao túmulo!

Porém Deus, Deus vai mais longe do que a morte, e o que o homem não pode fazer Êle o realiza. A prova? a Eucaristia. Êle quer tornar-se nossa comida. Não se decide a nos deixar órfãos. No momento de tornar a subir ao céu, pensa nos seus pobres filhos da terra. Que será dêles quando Êle tiver partido?... E o seu coração compassivo responde por esta sublime palavra: Ocultar-me-ei sob as aparências de um pedaço de pão, e todos os dias, se o quiserem, meus filhos poderão vir a mim, não somente para me ver, para me falar, mas para me comer. Dar-lhes-ei meu Corpo, meu Sangue, minha Alma e minha Divindade; habi-

tarei nêles, serei o seu pão, a sua comida, o seu Emanuel de todos os dias. Assim, êles terão o céu da terra, enquanto aguardam o outro. E Jesus instituiu a Eucaristia.

Eis aí a história do amor de Deus ao homem. Depois dêste quadro empolgante, a alma humana tem só uma coisa a fazer, é lançar-se de joelhos e exclamar: Meu Deus, obrigada, e perdão!

Um pobre Esquimó, convertido à última hora, pedia ao missionário repetir-lhe o nome dêsse Deus que o amara até o ponto de morrer por êle. Ouvindo-o repetir, e agarrando com as mãos moribundas o crucifixo que o Padre lhe apresentava, exclamou: "O' Jesus Cristol como lamento ter-te conhecido tão tarde! Se eu te tivesse conhecido antes, quanto te teria amado!"

Bela lição que vos dá essa pobre alma pagãl compreendi-a, vós que sempre conhecestes a Jesus!

2º *Como devemos amar a Deus.*

Mas isso não vos deve bastar. Lembrai-vos da palavra do Evangelho: "Não é o que diz: Senhor, Senhor, que entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade de meu Pai". Meditai esta outra palavra do Salvador: "Se me amais, guardai meus mandamentos". Sim, Deus deve ser amado de maneira prática, e o nosso amor a Êle deve provar-se por atos. Em que consiste, pois, a prática do amor de Deus?

a) *Amar a Deus é agir por Êle.* — Obedecer aos seus mandamentos primeiro, cumprir a sua vontade, fazer o que Êle quer. Por mais que viremos a questão sob tôdas estas formas, teremos sempre de chegar a isto: Para provar o meu amor a Deus, devo cumprir a sua divina vontade, fazer o que Êle quer e querer o que Êle faz. Luís Veuillot, que entendia disso, êle que tanto pugnara por Deus, dizia:

"Deus faz bem o que quer, e quer o que é necessário. Oh! êsses homens que querem realmente tudo o que Deus quer, como são fortes!"

Portanto, amar a Deus é fazer o que Êle quer de vós, e fazê-lo por Êle. Em seguida, se quizerdes ir ao mais perfeito, ofereci-lhe cada uma de vossas ações. Trabalho, re-

pouso, sono, comida, alegria, sofrimento, tudo por Deus. Sobretudo quando sofreis e quando o trabalho vos parece penoso, levantai o olhar para o céu e dizei a Deus com um sorriso de criança: "E' por vós!"

Importa, pois, não sòmente fazer muitos atos de amor, porém fazer todos os seus atos por amor.

b) *Amar a Deus é pensar n'Ele.* — "*Onde está o vosso tesouro, al está o vosso coração*", diz a Escritura. Não se precisa recomendar a uma mãe que pense no filho, a um amigo que pense no amigo; pensa-se mui naturalmente naqueles a quem se ama. Tirai a conclusão. Quando deveras se ama a Deus, pensa-se nêle com freqüência! Os veteranos de Napoleão amavam-no com tal amor, que, fascinados, sonhavam constantemente com êle e dêle falavam sempre! Assim também, mister se faz que ameis bastante a Deus para que instintivamente penseis n'Ele.

Perguntavam um dia a uma santa alma se ela rezava amiúde, e ela respondeu: "Quase que não passo um quarto de hora sem pensar em Deus".

Tende também, de vez em quando, uma oração jaculatória que saltará do vosso coração como um grito de amor para ir dizer a Jesus que O amais.

Enfim, gostai de repetir a miúdo o ato de caridade cuja fórmula vos é conhecida: "Meu Deus, amo-vos de todo o meu coração e acima de tôdas as coisas, porque sois infinitamente bom e amável".

Dizei estas suaves palavras devagar, com tôda a vossa alma, de todo o vosso coração, e não podreis deixar de sentir o coração de Jesus que vos responde: "Filha, eu também te amo".

c) *Amar a Deus é trabalhar pela salvação das almas.* — Quem não tem zêlo não tem amor. Não se pode amar a Deus sinceramente e desinteressar-se pela sorte de tantas almas que se perdem em tôrno de vós!

Sabe-se que Nosso Senhor morreu por elas, que as ama ao ponto de estar pronto a morrer ainda, se preciso fôra, para salvá-las! E, sabendo disto, haveríamos de ser insensíveis à eterna perdição delas?

d) *Amar a Deus, enfim, é sofrer por Ele.* — O amor prova-se por atos. E' fácil recitar fórmulas. Raros são, porém, os que se lançam cegamente, largamente, generosamente, na luta, na ação e mesmo no sofrimento. Sem sofrimento, não há amor, dizem; o amor divino não faz exceção a esta regra. Jesus provou-nos seu amor pela Cruz. Não lhe provaremos o nosso cingindo-nos a recitar orações, com ar mais ou menos convencido. Jesus estaria no direito de nos dizer: "*Meu filho, eu, não foi em palavras que te amei!*"

Imitai aquêlê jovem cristão da Abissínia que dizia a um missionário: "Padre, quando eu rezo o ato de caridade, parece-me que do alto do céu Deus Nosso Senhor deve dizer-me: Não, não é verdade, não me amas de todo o teu coração, porque ainda não sofreste nada por mim! Por isso, Padre, o Sr. há de pedir a Deus que eu seja algemado pela fé. Então poderei tomar minhas algemas, mostrá-las a Deus e dizer-lhe: "O' meu Deus, estás vendo como é bem verdade que eu te amo!"

Alguns meses depois, êle foi algemado pela fé. Do fundo da sua masmorra, escreveu ao missionário uma carta que terminava assim: "Quando eu olho para as correntes de meus pés e de minhas mãos, digo a mim: Nunca a Rainha de Sabá recebeu de Salomão braceletes tão belos quanto os meus".

Não sòmente o sacrificio mais pesado pesa menos do que o mais leve dos remorsos, mas, além disso, quando se tem um coração generoso, em presença do amor divino a alma apaixonada só tem um meio de consolar-se da sua impotência: é lançar-se no sacrificio! Então parece que ela pode, com menos indignidade, olhar para o céu, e que lá em cima um Pai lhe sorri animando-a!

Portanto, habituai-vos aos pequenos sacrificios para vos preparardes para os grandes; e, quando vier a ocasião de fazê-los, fazei-os bravamente, simplesmente, alegremente e sempre por Deus. Após o que, olhai para o vosso Crucifixo ou então fitai o céu e dizei com um sorriso confiante: "Mestre, bem vêdes que eu vos amo!"

e) *Prática do amor de Deus.* — Pensando em tudo o que os Santos fizeram para provar a Deus o seu amor, podereis

dizer que não tendes, nem ocasiões, nem saúde, nem vocação, nem coragem para lhes imitar os jejuns, as macerações, o devotamento, o zêlo, o martírio. E' verdade! Cada um recebeu dons particulares, mais ou menos salientes, mais ou menos sublimes, segundo os designios adoráveis de Deus. Vós, porém, que tendes tanto coração, poderíeis dizer: "Não posso amar?" Amar? mas é uma necessidade vossa!... Não é o coração que domina em vós? e se prodigalizais êsse tesouro a todos os que vos cercam, não sabereis amar também e sobretudo Aquêle que tanto vos amou?

Deus é a beleza suprema, e nós amamos o que é belo! E' a bondade! e nós amamos o bem, o bom! E' a misericórdia, e a misericórdia arrebatava o coração! Deus é um pai, um amigo, um protetor, um guia, um sustentáculo, um consolador, um salvador! E' tudo isso para vós! Que mais é preciso para induzir-vos a amá-lo?

Certamente já vos sucedeu, em certos dias, após uma comunhão fervorosa, durante um retiro ou em seguida a uma confissão mais bem feita, sentir-vos tão inundada de graças e de favores sobrenaturais, que procuráveis com desejo inquieto, com ardor intenso, o que poderíeis fazer para agradecer a Deus e lhe provar o vosso amor. Quando se tem um coração generoso e delicado como o vosso, sofre-se de receber sempre sem nunca dar. Pois bem! dai a Jesus! sim, dai-Lhe o vosso coração para amá-lo, a vossa alma para que Ele reine nela, a vossa vontade para que cumpra a sua santa lei e tudo o que é da Sua vontade. Dai-Lhe as melhores provas de amor, isto é, sacrificios. Depois disso, dai-Lhe... vossos pecados para que Ele vo-los perdoe. Depois, aliviada, feliz, confiante, cheia de um zêlo abrasado, lançai-vos na ação e dai-Lhe almas!

Uma menina recitava um dia, na igreja, em nome de tôdas as suas companheiras, um ato de amor de Deus. Tendo lido, bem alto, a frase seguinte: "O' meu Deus, por que não vos amei sempre?" parou, virou-se e exclamou dirigindo-se à mãe: "Mãe, isto não é verdade! a Sra. bem sabe que eu sempre amei o Bom Jesus!"

Pudésseis vós, em vossa vida tôda, repetir o grito cândido dessa menina!

CAPITULO II

OS EXERCICIOS DE PIEDADE.

A piedade é quase inata na mulher; é para ela como que uma segunda natureza.

Uma mulher irreligiosa é uma monstruosidade. Espanta, as pessoas desconfiam dela, não compreendem, perguntam até aonde pode ela ir...

Um velho autor, Pedro, o Venerável, escrevia no século XI: "Entre nós, franceses, a virgem, a espôsa e a mãe formaram a pátria pela sua piedade".

Lembrai-vos de Blandina, Genoveva, Clotilde, Branca de Castela, Joana d'Arc e tantas outras!... Eis aí bons modelos para vós. Foram elas que, pela sua piedade, formaram a pátria e plasmaram com suas doces mãos a alma mística da França.

A piedade! flor doce e perfumada, vós a tendes, ao menos nas suas habituais manifestações; mas não é o bastante, ela deve ser para vós como uma segunda seiva, como uma vida, deve exalar-se de vós como um perfume.

Vejamos, pois, primeiro o que ela é em si mesma; veremos depois como exercer-se.

I. A verdadeira piedade.

1º Que é a piedade?

S. Tomás define-a: "Uma generosa disposição da alma que nos leva a amar a Deus como a um pai, e a nos desobrigarmos de todos os nossos deveres para Lhe sermos agradável". E' o amor de Deus que remonta a sua fonte; é a ternura filial da alma que pensa em seu Pai celeste e lhe diz que o ama; é a prática das virtudes sólidas que tornam a

vida melhor e útil aos outros; é o esquecimento de si e a procura de Deus em tudo.

A piedade não habita o mundo dos belos sonhos. Aplica-se a viver na terra para nela lutar; é laboriosa, às vezes mesmo penosa, exercendo-se no meio das misérias e lutas da vida. Nosso Senhor dizia-o a S. Teresa: "A felicidade neste mundo não consiste em gozar das minhas consolações, mas em trabalhar penosamente para a minha glória e em sofrer muito".

— A sua substância é o amor filial de Deus e o amor fraternal do próximo por amor de Deus.

— A sua forma é o conjunto dos exercícios e práticas de devoção consoante o estado em que Deus nos colocou.

— A sua luz é a fé que faz ver a Deus em tudo.

— O seu escopo é a honra devida a Deus e a perfeição da nossa alma.

— A sua regra é o dever, todo o dever.

— A sua medida é a própria perfeição, isto é, a nossa semelhança cada vez mais perfeita com o nosso divino modelo, Jesus, que fazia sempre o que agradava a seu Pai.

Que distância vai desta piedade assim compreendida, desta piedade verdadeira, forte, substancial, para a piedade mundana, caprichosa, anêmica, de cristãos água de rosas! Estes fazem da religião uma questão de imaginação ou de sentimentalismo, e, inflamados no dia das consolações sensíveis, põem-se a desconfiar, a tudo abandonar, no dia em que Deus lhes retira essas consolações!

Era aludindo a essas piedades da moda, sentimentais e vazias, que Bourdaloue dizia: "Mães, fazei de vossas filhas umas cristãs, antes de as fazerdes umas devotas".

Podem-se praticar exteriormente muitos exercícios de devoção sem ter a verdadeira piedade, do mesmo modo que se podem folhear grossos livros de ciência, decorar belas fórmulas, sem possuir a verdadeira ciência. Aqui ainda as idéias claras e precisas se impõem.

2º A falsa piedade é

a) *Exterior*, formalista, farisaica. Corresponde ao estado de espírito daqueles de quem Nosso Senhor falava quando

dizia: "Este povo me honra de bôca, mas o seu coração está longe de mim". Os falsos piedosos fazem questão de meda-lhas, de escapulários, de imagens piedosas, entram em tôdas as obras e em tôdas as irmandades, sem procurarem reformar a sua conduta e cumprir estritamente o seu dever.

E' a piedade dos fariseus; estigmatizou-as o Evangelho.

b) *Pueril*, às vêzes ridícula, fazendo da religião uma série de atos que podem prestar-se à malignidade das interpretações molestas. Acredita ofender a Deus omitindo uma pequena prática particular de que fêz para si uma lei, ou, antes, uma escravidão, e passará levemente ao lado de obrigações reais de que não toma cuidado. Não compreenderá que às vêzes é preciso "deixar a Deus por Deus", isto é, deixar uma oração, uma reunião, um exercício, para ir aonde o dever e a caridade chamam. Terá por certo santo ou certa santa uma devoção mal compreendida e exclusiva, e relegará Deus a segundo plano.

c) *Mundana*. — Há ainda algumas que querem servir ao mesmo tempo a Deus e ao mundo, que procurarão avidamente os prazeres, os divertimentos e as festas, que lerão jornais e livros levianos, e que, apesar disso, quererão passar por boas cristãs, e acreditarão sê-lo. O mundo foi amaldiçoado por Jesus. Ninguém pode servir a dois senhores, há que escolher! Não se pode alojar a um tempo no próprio coração o espírito cristão e o espírito do mundo. Ou um ou outro.

d) *Sentimental*. — E aqui é preciso insistir muito, porque muitíssimas almas femininas querem *sentir* o fervor, e estão intimamente convencidas, diga-se-lhes o que se lhes disser, de que no dia em que não tiverem nenhuma doçura, nenhuma lágrima, nenhuma sensação de piedade, nenhuma efusão de coração, a sua oração é sem valor e sem merecimento perante Deus!

Eis aqui o que delas pensava S. Francisco de Sales: "A devoção não consiste na doçura, na suavidade, na consolação e na ternura sensível do coração, que nos provoca a lágrimas e a suspiros e nos dá uma certa satisfação agradável e saborosa nos nossos exercícios espirituais. Não, a devoção e isso não são a mesma coisa; porque há muitas

almas que têm dessas ternuras e consolações e que, não obstante, não deixam de ser muito viciosas, e que, por conseguinte, não têm nenhuma devoção verdadeira”.

Quanto mais forte é um amor, tanto menos necessita de provas sensíveis; parece mesmo que estas sejam uma fraqueza, pois entra nelas um apetite de gozo que é uma procura de si. O amor de sensibilidade é, por sua natureza, superficial e instável; está sujeito a tôdas as flutuações da emoção, que se esgota necessariamente pela sua própria violência.

Deus quer ser amado seriamente, com tôda a nossa alma, com tôdas as nossas forças, com todo o nosso coração. A parte sensível do nosso ser pode ser às vêzes admitida a tomar sua parte nesse amor, mas não é aí que Ele reside; a sua sede está na vontade, donde, em certas horas, mas não constantemente, Ele faz irradiar as suas alegrias até na sensibilidade. Amai, pois, a Deus por Ele e não por vós, não esperando as doçuras da piedade, a não ser que Ele mesmo julgue oportuno vo-las conceder.

3º *A verdadeira piedade é*

a) *Sólida*, isto é, fundada numa fé viva e esclarecida. Nada a perturba, nem aborrecimentos, nem desgostos, nem securas, nem tentações, nem sofrimentos. Não é uma simples tradição de família, um sonho piedoso, uma doçura poética e terna, mas um amor verdadeiro, forte, fundado em enérgicas e profundas convicções. Para ser sólida, deverá a vossa piedade proceder de um ardente amor de Deus. Não se deve amar a Deus diversamente de como Ele quer ser amado. Ora, o que Ele quer antes de tudo é que tenhamos a devoção aos seus mandamentos e aos da Igreja. Tôdas as outras devoções devem passar para depois destas!

Se a atração de uma guloseima vos faz violar o jejum, se a maledicência brota dos vossos lábios a jacto contínuo, pretenderíeis amar a Deus e ser piedosa?

Como dizia La Bruyère: “Elas são santas para todo um quarteirão, exceto para os credores, para a família e para os empregados”.

Quando alguém não observa a lei de Deus não pode dizer que O ama.

b) *Humilde*. — Ela não faz dos seus merecimentos um pedestal, pelo contrário, oculta-os. Sabe que os dois polos da santidade são a humildade e o esquecimento de si, e que devemos sair de nós mesmos para irmos a Deus. A alma que se apresenta a Ele com uma piedade orgulhosa ou simplesmente egoísta e satisfeita, arrisca-se muito a desagradar grandemente Aquele que *“exalta os humildes e humilha os soberbos”*.

c) *Amável*. — No mundo há excessiva tendência para crer que o serviço de Deus torna a pessoa triste, mal-humorada, e que a piedade exclui a alegria e a amabilidade. “Eis um perigo, diz o Padre Monsabré, êsse de tornar a piedade selvagem. A pessoa compraz-se mais em si mesma, e com a idéia de Deus o mundo causa tédio. O coração nunca está demasiadamente desprendido do mundo, mas que a piedade não vos impeça de vos prestardes aos passatempos legítimos; prestai-vos de boa mente, sim, prestai-vos, Deus vo-lo retribuirá”.

A verdadeira piedade é alegre, e a alegria no serviço de Deus é um verdadeiro apostolado. Força os mundanos a concluírem que Deus deve ser bom e seu serviço agradável, para que essa alma seja sempre tão afável e risonha.

Gravai na mente esta palavra de uma grande alma: “Os cristãos esquecem demais que devem aos outros não somente o exemplo das suas virtudes, mas também o exemplo da sua felicidade”.

d) *Zelosa*. — Ela afasta o egoísmo, dá o sentido e o amor do apostolado e a necessidade de ser piedoso não somente para si, mas também para os outros. O arcanjo S. Miguel, aparecendo a S. Joana d’Arc, disse-lhe: “Sê boa, simples e piedosa, ama a Deus, e Ele te empregará”. Que palavra! “Ama a Deus e Ele te empregará!” Ser empregada por Deus! receber d’Ele esta prova de confiança! que alegria! Importa merecê-la.

e) *Racional*. — “Deve-se trabalhar incessantemente por tornar a piedade racional e a razão piedosa”, dizia Mme.

Schwetchine; a verdadeira piedade segue nos deveres a ordem estabelecida por Deus: os preceitos primeiro, os conselhos depois; faz passar os deveres de caridade, de polidez, de conveniência à frente de certas práticas que não são essenciais.

f) *Moderada*. — Também não se sobrecarrega de práticas ou de orações, não se esquece de que Deus pede ser servido “em espirito e em verdade”, na santa liberdade que convém a seus filhos. Tôda sobrecarga de práticas e de orações é uma desordem e contraria o verdadeiro espirito do Evangelho.

“Quantas pessoas, diz o Pe. Faber, depois de tomarem um surto brilhante, não tardaram a sentir-se fatigadas e finalmente a tornar a cair na terra, embaraçadas com as suas ladainhas sucumbindo ao pêso dos seus “memorare”, sobrecarregadas de terços! Arruinaram-se pelas devoções, sem acharem a verdadeira devoção”.

Compreendi, pois, bem os caracteres da verdadeira piedade. Ao invés de ser uma mó que comprime, ela é uma fôrça, um sustentáculo, é uma vida. E’ preciso, pois, coração, mas sobretudo ação e vontade! Deus não pede que O sirvamos ao quilo ou à libra, mas de tôda a nossa alma, com tôdas as nossas fôrças, com tôdas as nossas energias, apesar dos aborrecimentos, das securas, dos tédios, apesar de tudo. E, se às vêzes pensais estar “fria” para com Ele, ide para adiante com coragem e servi-O mesmo assim!

II. A oração.

1º *Que é a oração?*

a) *E’ a adoração*, o louvor das grandezas de Deus, o agradecimento da alma, a queixa do coração que sofre. E’ o gesto da criança que se atira nos braços do pai para lhe dizer quanto o ama e confiar na sua bondade.

b) *E’ um grito do coração* para Deus. E nesse grito “há a fé, o arrependimento e o amor, Deus o ouve e é pai!” (L. Veuillot).

“O’ vós, diz o autor das *Palhêtas de ouro*, ó vós que sentis o coração comovido ao ouvirdes uma criancinha as-

sustada ou doente exclamar: “Mamãe!”, dizei se não compreendeis um pouco o que se deve passar no coração de vosso Pai do céu quando uma alma desolada e amante lhe clama: “Meu Deus!”?

O Santo Cura d’Ars diz também: “Há dois gritos no homem: o grito do anjo e o grito do animal. O grito do anjo é a oração; o grito do animal é o pecado. Os que não rezam curvam-se para a terra, como uma toupeira que procura fazer um buraco na terra para se esconder!”

c) *E’ o encontro de Deus com a alma.* — As vêzes um suspiro, um gemido escapado sem o sabermos, produzido pela necessidade, pelo temor, pelo arrependimento ou pelo amor, chama a Deus. E eis que, de repente, estamos diante d’Ele, e Ele nos diz: “Sou eu!” Que encontro! Deus parece colocar-se às ordens da sua criatura.

d) *E’ um ato de fé, de esperança e de amor.* — Que fé não é preciso para olhar a Deus na sua eternidade e, do fundo das nossas misérias, clamar-lhe: “Meu Pai!” Que doce esperança nos invade então a alma e que amor nos penetra no coração quando sabemos rezar, quando nas nossas necessidades e penas falamos a Deus como um filho fala a seu pai!

e) *E’ um mandamento.* — Jesus ensinou-nos que é preciso orar sem nunca se cansar. Censurou seus Apóstolos por não recorrerem à oração, e na hora da sua agonia lhes disse: “Vigiai e orai, para não succumbirdes à tentação”. Também sabemos que, a pedido d’Eles, Ele lhes ensinou a divina oração do Pai-Nosso. Portanto, é realmente um mandamento. Jamais o homem teria ousado por si mesmo dirigir-se a Deus para lhe bradar a sua miséria e pedir-lhe o seu socorro. Mas o Mestre no-lo ordena. Promete-nos que tudo o que pedirmos ao Pai em seu nome Ele nos concederá. Se Ele quis fazer-se o nosso Mediador, espera que as nossas orações se elevem amparadas pelas suas, em suma, que oremos com Ele e por Ele!

f) *A oração é uma necessidade.* — Tôdas as criaturas oram; as esferas do firmamento, o oceano, as montanhas, as plantas, as aves, tudo no universo fala ao seu Autor. Só o homem, rei da criação, nada lhe diz às vêzes, parecendo-

se assim, nas suas relações com Deus, com um filho que mostra má cara ao pai e finge ignorá-lo.

Em face da adversidade, o homem tem só dois meios para dar livre curso ao excesso que o sufoca: a oração e a blasfêmia; a oração que consola e a blasfêmia que irrita, que nos mergulha cada vez mais na dor e na tortura.

Sendo a oração o "lamento sagrado da humanidade", como são infelizes os que não sabem ou não podem exalar êsse lamento que os sufoca! A alma dêles não respira mais, e deixa-se levar às angústias da tristeza e do desespero.

g) *A oração é uma potência.* — Triunfa de tudo:

1º *Das paixões.* — A oração torna a natureza dócil e maleável. Deus derrama sobre ela um orvalho que apaga os fogos da concupiscência e converte êsses duros obstáculos em meios de salvação.

2º *Do demônio.* — Em certas tempestades da alma, pode a gente estar perdido se não orar. Mas o demônio é vencido antecipadamente pelos que sabem implorar o socorro divino.

3º *Da justiça de Deus.* — Vêem-se na Bíblia vários exemplos dêsse poder sublime. Querendo Deus destruir o seu povo que adorara o bezerro de ouro, Moisés suplicou-o de tal forma que lhe arrancou o perdão dos culpados. Foi por isso que Tertuliano disse: "A oração é a única fôrça perante a qual Deus se inclina!"

4º *Das leis da natureza,* porque a ela é que são concedidos os mais belos milagres.

Orar é dizer a Deus: Senhor, quando eu encontro no meu caminho um pobre inseto que meu pé poderia esmagar, parece-me que, se êsse inseto me pedisse não o pisar, eu ficaria comovido, e o seu pedido me encheria de uma imensa compaixão. Pois bem, diante de vós, ó meu Deus, eu não passo de um pobre inseto de um dia... e êsse inseto vos roga, escutai-o!

Como queres que Deus não ouça essa oração? O Cura d'Ars mostra-no-lo inclinando-se muito, muito, como um pai que se abaixa para escutar a voz do filhinho que lhe fala.

Eis aí o que é a oração! Se a compreenderdes assim, esta-

reis longe dessa banalidade rotineira que a deforma, e que faz dela não sei que formalismo em que a grandeza de Deus é desconhecida!

Realmente, que é a oração para certos cristãos?

h) *O que a oração não é.* — Uns fazem dela uma simples elocução de palavras sem alma. Não, é um *grito do coração*, essencialmente livre e desprendido de toda formalidade; nenhuma peça deve retê-lo, nenhuma rotina aprisioná-lo, deve êle ser livre e arrojarse.

Outros não vêem nela mais do que uma recitação de frases, compostas antecipadamente e que se lêem em livros especiais. Este meio às vezes é útil, mas um filho que quer falar ao pai não toma uma saudação escrita numa fôlha grande; diz-lhe: “Amo-vos”, e isto basta.

A oração não é, tão pouco, um monólogo no deserto, mas uma palavra viva e vivida. Um dueto, também, pois Deus responde sempre.

Para certas pessoas é ela algo de maquinal, uma roda que gira, fórmulas que se seguem, e sôbre isto vos objetam com o têrço... Se a oração fôsse só isso, tanto valeria depositar um fonógrafo em nosso lugar na igreja, êle poderia rezar por nós, com a condição de se lhe dar corda...

Enfim outros, a pretêxto de não terem sido atendidos no seu pedido, declaram a oração inútil e retiram-se enroupados na sua dignidade melindrada... Deus não é, entretanto, um *distribuidor automático*, que baste pôr em movimento para retirar alguma coisa!

Sim, por que exigirmos de Deus que Êle nos atenda imediatamente? Deus é grande, tem diante de si o tempo e a eternidade, e não raras vezes a sua bondade e a sua sabedoria se unem para fazer-nos esperar. Mônica pediu durante quinze anos a conversão de seu filho. Esse filho veio a ser S. Agostinho.

As vezes teríamos bem de lastimar, poderíamos talvez correr o risco de nos condenarmos se Deus atendesse imediatamente aos nossos pedidos!

Quantas vezes teríamos de nos aplicar os versos conhecidos:

*Et sans cesse ignorants de nos propres besoins
Nous demandons au ciel ce qu'il nous faut le moins.*

E geralmente, ignaros do nosso próprio bem,
Ao céu vamos pedir o que menos nos convém.

Deus sempre ouve uma prece bem feita; deixemo-lo, porém, juiz de nos dar o que nos é mais útil para a salvação.

Antes de tudo, seja a vossa oração simples, infantil, sem frases! Falai com Deus como falaríeis com vossa mãe. Isso será melhor do que tôdas as belas fórmulas que puderdes achar nos livros.

Fazei como aquêlê soldadinho que, sòzinho na igreja, estava de joelhos. — Que estás fazendo aqui? perguntou-lhe um capelão que entrava. E êle respondeu: “Não posso escrever à mamãe. Então como todos os meus negõciozinhos a Deus Nosso Senhor!”

Tende também a cândida ingenuidade daquele coroinha que, chegando atrasado, fêz uma genuflexão lenta e foi apanhar as galhetas. Como o vigário lhe lembrasse que êle devia primeiro fazer uma pequena oração, êle respondeu: — Já fiz! — Como? — Eu disse: “Bom dia, meu Deus”, e apanhei as galhetas.

E' curto, é simples, mas é bom!

2º O que se deve pensar das distrações.

A eterna queixa, o eterno estribilho de muitas almas é isto: “Estou sempre distraído”. Muitas confissões começam por estas palavras: “Acuso-me de ter tido distrações nas minhas orações”.

Que se deve pensar dessas inevitáveis misérias?

As distrações são fatigantes porque tiram tôda a doçura da devoção.

São teimosas e resistem a todos os remédios.

Desanimam tanto mais quanto, muitas vêzes, são e sempre parecem efeito da nossa culpa.

Fazem-nos incidir a um tempo na desatenção e na impaciência, e às vêzes no desânimo.

Parecem-se com êsses enxames de mûscas que esvoaçam nas noites de verão, e fatigam mais pelo zumbido do que pelas picadas.

Vejamos, pois, o que se deve pensar delas.

a) *Sua fonte*. — Deus as permite, às vêzes, para experimentar a nossa fidelidade e aumentar os nossos méritos. O demônio, por seu lado, pode fazê-las nascer, pois bem sabe que elas tendem a gerar o desgôsto, às vêzes a perturbação. As mais das vêzes, podem elas vir de nós, da nossa falta habitual de mortificação e de recolhimento. As vêzes o nosso coração está tão cheio das criaturas, que não há nêle lugar nenhum para Deus, e, quando queremos pensar n'Ele e collocar-nos em face de nós mesmos, todos êsses objetos importunos apresentados pela imaginação vagabunda preocupam-nos a ponto de não mais vermos senão a êles.

b) *São inevitáveis*. — Somos fracos, as nossas faculdades estão deterioradas pelo pecado original, e por isto essas distrações não devem admirar-nos. Não nos esqueçamos de que somos criaturas humanas e não anjos, e que muitissimas vêzes *suportamos* o que se passa em nós sem que a vontade possa preveni-lo. Ademais, às vêzes as distrações aumentam em proporção aos esforços que fazemos para afastá-las. Diz um autor:

“Se a distração voltar cem vêzes, não vos admireis da centésima mais do que da primeira, e, quando a perceberdes, tornai a pôr docemente vosso espírito na presença de Deus. Quando as mûscas picam, enxotamo-las com a mão, mas não corremos atrás delas para as matar; e, se outra volta, enxotamo-la sem nos emocionarmos nem perturbarmos. Fazemos assim também com as distrações; não corramos atrás delas, seria tempo perdido, como correr atrás das mûscas. Deixemos as distrações invadir a nossa imaginação como as mûscas o nosso quarto, e deixemo-las voar. Marchemos direito para Deus e passemos adiante, sem nos divertirmos”.

c) *Os maiores santos conheceram esta provação*:

S. Jerônimo queixava-se muito dela. S. Gregório advertenos que, na oração, o céu e o inferno estão em luta, e que, por conseguinte, não é raro vermos o demônio perse-

guir-nos então com imaginações importunas e mesmo más. S. Bernardo gemia ao pêsso de horríveis tentações que o assaltavam cada vez que êle queria concentrar-se e rezar. Enfim, e seráfica S. Teresa confessa que durante as suas orações o demônio:

“enchia-lhe a mente de coisas frívolas e de mil loucuras; brincava com ela como brincaria com uma bola. Sucedia-lhe, muitas vêzes, não poder fixar a mente durante o espaço de um Credo. Insensível ao bem e ao mal, ela ficava como um animal de carga!”

Essas aridezes duraram vinte e dois anos! E ela confessou que chegava a contar os pregos dos sapatos da Irmã que estava na frente dela! Tudo isso nunca a desanimou, nem a impediu de vir a ser uma grande santa!

d) *Grau de culpabilidade.* — Partindo do grande principio de que ninguém é culpado de uma falta senão na medida em que esta é querida e aceita, pode-se dizer que uma alma só é culpada das suas distrações na medida em que as provoca ou acolhe. Como as mais das vêzes elas se apresentam sem que as procuremos, basta não as aceitarmos e não nos comprazermos nelas.

Evidente se torna que uma distração voluntária é uma irreverência para com Deus, cuja majestade se desconhece.

Ofereci a Deus as vossas orações como lhe ofereceis tôdas as vossas ações; assim oferecidas, podeis crer que as vossas orações serão aceitas, apesar dos defeitos que nelas se insinuarem sem o saberdes. Porquanto, como diz S. Tomás:

“Há dois frutos na oração: o mérito que dela retiramos e a consolação anexa à devoção que ela gera. No tocante à devoção somos privados dela quando não prestamos atenção à oração ao recitá-la; mas, quanto ao mérito, dêste não somos privados, porque, se assim fôra, muitas orações careceriam dêle, visto quase não ser possível dizer um Pai-Nosso sem distração”.

Antes de começardes a vossa oração, recolhei-vos alguns instantes, reconduzi aos pés de Deus as vossas faculdades mais ou menos distraídas, mais ou menos errantes, e en-

tão, na solidão da vossa alma, dizei-vos: "Vou falar com Deus... vou ter uma audiência com meu Senhor, meu Criador, meu Salvador e meu Pai..." Após êsses poucos instantes de preparação, que provarão a vossa boa vontade, abri as asas da alma e evolai-vos! Sim, evolai-vos sem vos preocupardes com algumas distrações involuntárias que possam sobrevir. Fizestes o possível de vossa parte. Mais não vos pede Deus, a não ser vos corrigirdes quando notardes a necessidade disto.

III. A santa Missa.

A Missa é o Calvário, diz o Concílio de Trento. Pensamento impressionante que por demais se esquece na prática. Sim, a Missa é a reprodução real do que se passou no Calvário há dois mil anos. E', em substância, o mesmo sacrificio, a mesma imolação, embora incruenta, do mesmo Filho de Deus, Jesus Cristo.

Cada manhã Êle ainda se sacrifica por vós, oferece seu corpo e seu sangue, pede a Deus perdão para os vossos pecados, ora convosco e por vós, adorando e agradecendo.

A Missa é um encontro com Nosso Senhor. — Sim, todo dia Jesus nos marca um encontro; é a sua hora de recepção.

Para não nos faltar, Êle vem várias vêzes, desejando sempre que correspondamos ao seu apêlo. Mas as missas se sucedem... e uma multidão dêsses cristãos pelos quais Êle veio imolar-se nem sequer pensa n'Êle!

Consoante o catecismo, a missa é o sacrificio do corpo e do sangue de Jesus Cristo, oferecido a Deus pelo ministério do sacerdote, sob as espécies ou aparências do pão e do vinho.

A santa Missa é, pois, a representação do sacrificio da Cruz; é também a reprodução dêle, porque nela Jesus Cristo renova a imolação que fêz de si mesmo no Calvário, com a diferença já indicada, da qual se segue que Êle está todo sob cada uma das duas espécies consagradas.

1º O seu valor infinito.

Segundo o que ensina S. Afonso de Ligório: "Tôdas as honras que os anjos já tributaram a Deus pelas suas home-

nagens ou os homens pelas suas virtudes, penitências, jejuns, boas obras, nem sequer se aproximam da glória que proporciona a Deus uma só missa, porque as homenagens de tôdas as criaturas juntas são qualquer coisa de limitado e de finito, ao passo que a honra tributada a Deus por Jesus Cristo na Santa Missa é uma honra de valor infinito!"

Neste mundo devemos adorar a Deus, agradecer-lhe os seus benefícios, pedir-lhe perdão das nossas culpas e solicitar as suas graças. Ora, na Santa Missa, é o próprio Jesus que adora a Deus por nós, que lhe dirige por nós o agradecimento da gratidão, que lhe roga fazer-nos misericórdia e conceder-nos o seu socorro. Noutros têrmos, Êle se oferece misticamente sob as espécies sacramentais, a fim de reconhecer, por tôda a Igreja, o soberano domínio de Deus, e de nos aplicar as satisfações e os méritos da sua Paixão.

Por que será que tantos cristãos não pensam na sublimidade dêsse sacrifício? Por que será que não compreendem esta palavra sublime de Bossuet: "Nas nossas igrejas, todos os dias é Sexta-Feira Santa!" Como são belas, fortes e vivificadoras estas verdades elementares que a criança aprende nos bancos do catecismo! como é bom meditá-las amiúde!

S. Gertrudes dizia um dia a Nosso Senhor: "O meu Deus, eu quisera ter no meu coração o coração de todos os anjos e de todos os santos para vo-los oferecer". E Nosso Senhor respondeu-lhe: "Minha filha, mais glória me dareis com uma só missa; porque na missa me tendes a mim, e podeis oferecer-me a meu Pai!"

2º "Quo vadis"?

Nos dias em que, por preguiça ou por negligência, não assistis à missa, que diríeis se Jesus vos aparecesse na curva de uma rua, quando vos dirigis para as vossas ocupações? E então, como foi dito de S. Pedro, se lhe perguntásseis: "Para onde ides, Senhor?", Êle vos responderia: "Vou oferecer-me de novo por ti; sim, por ti vou-me imolar no altar; e tu, aonde vais?" Como então vos pareceriam mesquinhas as mil objeções e os vãos pretextos que servem para disfarçar a vossa preguiça, a vossa negligência e a vossa falta de fé!...

Vêm-se pessoas que empreendem grandes viagens para visitar os Lugares Santos ou fazer peregrinações; vêem-se outras que se irritam quando ouvem falar de alguma injustiça cometida contra Deus ou a religião: outras ainda se vêem que, a seu modo, repetem as belas palavras de Clóvis ao ouvir a narração da morte e crucifixão de Jesus. E essas almas, boas e mesmo piedosas, parecem ignorar que, todo dia, o Sacrifício do Calvário se renova nos nossos altares! E, com dolorosa admiração, a gente se pergunta como podem essas almas ser tão incoerentes.

Se lhes dissessem que Nosso Senhor Jesus Cristo apareceu na cidade delas, que lá recebe tôda gente, elas se precipitariam para ir vê-lo! e pela manhã, quando realmente Êle desce ao altar, elas nem se mexem para ir a Êle; só pensam nisso quando o estrito dever o exige!

3º Não tenho tempo.

Num hospital, um velho olhava chorando para uma fotografia de um de seus filhos. "Por que está chorando?" perguntou-lhe a Irmã. E, em tom doloroso, êle murmurou: "Êles não me vêm ver!" Depois, compreendendo que acabava de fazer uma censura, acrescentou com triste sorriso: "Que quer? não têm tempo!"

Há um Pai, e que Pai! que também, pensando em vós, talvez diga, com saudades de vós: "Ela não me vem ver! Eu estou aqui no altar por ela, e ela não me vem visitar!" E respondereis: "Não tenho tempo"? Não, calai-vos! Os anjos que estão em volta do tabernáculo e que ali vos substituem não saberiam o que pensar de vós!

Não tendes tempo?... E no caminho, se encontrardes uma amiga, tereis tempo para lhe consagrar. Jesus não é então vosso amigo? E se, no caminho, encontrardes alguém que vos possa ser útil, tereis tempo para lhe falar dos vossos negócios. Não pode então Jesus vos ser útil? E, no caminho, se encontrardes um espetáculo curioso, parareis para vê-lo! E Jesus que se imola, um Deus que vai sacrificar-se por vós, que espetáculo para a vossa fé cristã! E não tereis tem-

po para vos interessardes por isso? Há destas pequenas facêtas da pobre natureza humana que confrangem o coração e provocam lágrimas quando descemos até o fundo delas!

4º Como se deve assistir à Missa?

Há muitos métodos; não podemos relembrá-los todos aqui. No entanto, um dos melhores não é o que aconselha "seguir" a Missa recitando as mesmas orações que o padre? Não encontrareis outras mais belas!

Outro método aconselha vos aproximardes do altar como vos aproximariéis da cruz de Jesus, no dia da sua crucifixão, e tomar, alternativamente, os sentimentos particulares dos diversos personagens que assistiram à sua morte.

Ora, no Calvário, quem é que víamos?

Maria: a Mãe incomparável, a Virgem puríssima, a Rainha dos mártires. Ela se conservava de pé junto à cruz, unindo os seus sofrimentos aos de seu Filho.

S. João: o apóstolo bem-amado, a pureza, o amor fiel, o único dos apóstolos que seguiu Jesus até o Calvário.

Madalena: a pecadora arrependida, o amor penitente.

O Bom Ladrão: o pecador humilde e resignado que se reconhece culpado e pede perdão; a fé que vê um Deus naquele Judeu crucificado perto dêle.

Longino: o soldado cruel mas ignorante que transpassou o coração de Jesus e que acha nesse coração um refúgio.

O centurião: um gaulês, dizem, que, testemunha dos prodígios que seguiram a morte de Jesus, lhe reconhece a divindade.

Que sentimentos de contrição e de amor não teríeis tido se tivésseis assistido à morte do Filho de Deus! E ficareis insensível pensando em que na Missa Ele reproduz, por vós, a sua imolação?

Vendo uma de suas companheiras custar a vencer a repugnância ante as chagas horrendas dos soldados feridos, uma enfermeira apanha no leito um pano manchado de sangue coagulado e enegrecido, leva-o aos lábios, e depois, apresentando-o à companheira, diz-lhe: "*Toma, beija-o por tua vez, é sangue da Pátria*".

Se uma alma nobre pôde ter êste pensamento delicado ante o sangue de um pobre soldado, qual não devera ser a nossa veneração pela Missa, onde temos o sangue de um Deus! Ah! se tivéssemos fé!

IV. A sagrada Comunhão. ¹

Do fundo do Bois le Prêtre, um soldado escrevia esta palavra profunda: "Em meio às misérias da nossa rude vida, sôzinho, busquei um amigo! Achei Nosso Senhor, êle me faz companhia na minha trincheira!"

E vós também, nas lutas da vida, tendes necessidade de achar alguém que vos faça companhia, que vos compreenda, que vos ampare, que seja o confidente das vossas penas, das vossas dificuldades... Tendes Nosso Senhor. Êle é vosso, todos os dias, se o quiserdes, na sua Eucaristia. Convida-vos, chama-vos, estende-vos os braços. Oferece-vos o seu corpo, o seu sangue, a sua alma e a sua divindade, todo o seu ser.

Sim, na comunhão o corpo do cristão, por mais pobre, por mais miserável que seja, acha-se unido ao corpo de um Deus! O corpo do cristão, viciado na sua origem, degradado nas suas tendências, revoltado na sua atividade, precisa de uma intervenção santificante para permanecer puro. O corpo imaculado de Jesus traz-lhe a pureza.

O sangue de Jesus une-se, de algum modo, ao sangue daquele que comunga; faz circular nêle o seu vigor e a sua pureza; mas, sobretudo, qual orvalho benéfico ou torrente purificadora, modera o ardor das paixões e acalma o fogo da concupiscência.

A alma de Jesus, unida à nossa, ilumina-a, eleva-a, transforma-a. Invadindo o nosso ser, a sua divindade deifica-nos.

Outrora, ninguém podia ver a Deus sem morrer! Hoje, entre Deus e nós não há mais intermediário; não há mais abismo intransponível entre a majestade infinita e a baixeza infinita!

Deus dá-se a nós; faz uma coisa só com aquêle que o recebe. Tornou-se a comida de nossas almas!

1) Para mais detalhes sôbre êste assunto tão prático, ver a brochura do autor: *Levanta-te e come.*

A Comunhão é a vida. — No tempo de S. Agostinho, chamava-se à Eucaristia “a Vida”; e, em lugar de dizer como nós: “Comungou?”, dizia-se: “Recebeu a Vida?” Palavra profunda. Sem comunhão não se vive, vegeta-se; não raro se morre.

A vida não é uma comunhão ou uma união de dois seres, um dos quais absorve o outro para assimilá-lo? A pedra não come, por isso não vive. A planta, o animal, o homem vivem porque se alimentam, e no dia em que não mais tomassem alimentos morreriam.

Nossa alma também tem uma comida: é Deus. Jesus no-lo afirma:

“Eu sou o pão da vida”, diz Ele, e ainda: “Aquele que me come terá a vida em si”. Enfim: “Se não comerdes o meu corpo e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós”.

Sim, é preciso comer para viver, e nossa alma só viverá se comungar; e, quanto mais comungar, tanto mais intensa será a sua vida.

Em face das almas que, chorando, vêm lançar-se-lhe aos pés, o padre poderia repetir estas palavras de Marta: *“Senhor, se cá estivésseis, meu irmão não teria morrido!”* E essas almas morreram porque não comeram a vida!

Alguém dizia com originalidade que “para viver basta querê-lo”.

Paradoxal à primeira vista, esta palavra é aqui cheia de sentido. Com a Eucaristia ao nosso alcance, para deixar de viver é preciso voluntariamente deixar-se morrer: depois do que, pode-se repetir a palavra do profeta: *“Meu coração secou porque me esqueci de comer o meu pão!”*

Ademais, a comunhão faz-nos viver numa atmosfera sadia e reconfortante, eleva-nos ao pleno sobrenatural, transporta-nos ao divino: *“Já não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim!”* Esta palavra do Apóstolo podemos repeti-la, e essa intimidade surpreendente podemos realizá-la.

Sim, a comunhão é a vida, a verdadeira vida, a vida sobrenatural.

E’ também a Fôrça.

A Comunhão é a força. — Os pagãos da China chamam à Eucaristia “o pão da força”! Era de ver a coragem indomável dos mártires e a sua resistência no meio das torturas, o que fez procurar a fonte de tal heroísmo. Bem depressa o atribuíram a êsse “pão encantado” que os cristãos comiam tôdas as manhãs nas suas igrejas. E não se enganaram!

1º *Somos fracos*, fraquíssimos, ou, por melhor dizer, por nós mesmos nada podemos fazer! Não somos nada, não podemos nada, não valem nada. Tal é o resumo humilhante, mas verdadeiro, do nosso ser, do nosso poder e do nosso valor. Para nos convenceremos disto, basta pensarmos nas lutas, nas tentações, nas faltas já cometidas ou possíveis. E, apesar disso, o amor-próprio é tão vivo que às vezes nos surpreendemos a contar com as nossas forças.

Sobrevenha então uma borrasca imprevista, uma tentação mais violenta, e que perigo de soçobrar se uma força divina não nos vem em socorro!

2º *Jesus fortifica-nos.* Jesus aparece então como se mostrou aos apóstolos amedrontados no lago. Na pequena hóstia, vem à alma atribulada e lhe diz: “Aqui estou! Aqui está o teu Deus! Eis aqui a força! Levanta-te e come!” E, graças a essa comida divina, a calma retorna, a tempestade se aplaca, o céu, que era tão sombrio, se aclara.

Consolada, rejubilada, a alma sente então em si uma vida, um ardor novo, como que uma centelha divina que a transporta.

A comunhão reaviva, pois, as forças abatidas, e a gente recomeça a luta com uma coragem tanto mais indomável quanto se revestiu do próprio poder de Deus!

3º *Palavras de soldados.* — Durante a guerra, no “front”, as comunhões eram freqüentes e fervorosas, e os soldados deixavam falar o seu coração em frases como estas:

— Quero encher a alma de Deus antes de ir ao combate!

— Se não fôsse a comunhão, eu seria um covarde! E peço a Deus a graça de não ficar separado d'Ele mais de oito dias.

— Como querer ter falta de coragem quando se tem Jesus no coração?

— Não pode Ele fazer energia com a minha fraqueza, Ele que transforma pó no seu Ser adorável?

— Unidos da força divina recebida esta manhã, nada nos deterá!

Sentis como em tôdas essas almas uma idéia domina: a força que haurem na Sagrada Comunhão. Eles tocam com o dedo a sua completa impotência, a sua profunda miséria; mas todos êles declaram que com Deus se tornarão fortes, heróicos, sublimes, e que irão à morte de sorriso nos lábios e com a alegria no coração.

V. A visita ao Santíssimo Sacramento.

1º O Mestre aí está e te chama.

Quando Jesus chegou a Betânia depois da morte de seu amigo Lázaro, Marta veio dizer à irmã desolada: “O Mestre aí está e te chama”. Imediatamente Maria se levantou e foi ter com Êle.

Na porta das nossas igrejas dever-se-ia escrever também esta palavra: “O Mestre aí está e vos chama”. Isso daria, talvez, a muitos o pensamento de visitar Aquêle que aí reside noite e dia por amor a nós.

Muitas vêzes, sobretudo nas igrejas de aldeia, Jesus está tão só!... Êle vem para nós... e nós nem sequer vamos vê-lo... Felizmente, lá estão anjos em adoração perpétua diante dêle, substituindo os cristãos esquecediços que passam e parecem ignorar que seu Deus está ali pertinho dêles. As delícias de Jesus são estar com os filhos dos homens, e êstes não fazem suas delícias de estar com Êle... Por que não obtém Êle ao menos “o humilde testemunho de um coração agradecido, a guarda, durante alguns minutos, junto ao amigo que dá tudo, que se dá a si mesmo, e que fica sempre com seus mesquinhos amigos da terra?” (Rouzig).

2º E' uma diligência.

Assim compreendida, como é bela e consoladora essa visitinha!

A visita ao SS. Sacramento é antes de tudo uma *diligência*: porque, da vossa habitação como de qualquer outra parte, a vossa alma pode fazer-se ouvir. Ora, uma diligência tira

o seu valor do próprio fato de ser empreendida. Se é muda, diz ainda alguma coisa, e, mesmo curta, alcança sempre o seu fim.

Nada menos oficial do que essa piedosa diligência. Estais quase só, quiçá completamente só. O silêncio e a sombra envolvem-vos com o seu mistério. De tôdas as partes surgem impressões sobrenaturais que, aos poucos, vos subtraem à vida presente. Breve não mais sentireis senão dois seres vivos, dois seres íntimos reunidos: Jesus e vós.

Os ruídos de fora chegam indistintos, abafados, como o eco longínquo de outro mundo. Jesus lá está, vos vê, vos ouve, e vós também lá estais, trazendo-lhe um pouco de boa vontade com tantas pesadas misérias (Beaudenom).

3º Não tendes então uma igreja?

Jules Simon, aluno da Escola Normal, escrevia a um amigo: Na sua última carta só havia desalento. Mas, infeliz, será que você não tem uma igreja no colégio? Olhe: o ano passado eu tive momentos a passar que me fazem medo quando penso nêles. E sabe o que eu fazia? Ia à tribunazinha que fica no fundo do dormitório de baixo. Ia lá sem poder nem chorar, nem rezar, nada. Sentava-me lá, e depois, como lá ficava tranqüilo, como lá não havia gente, como lá havia um crucifixo e um tabernáculo, eu não tardava a rezar. Asseguro-lhe que nem uma só vez eu saí de lá tão infeliz como para lá tinha ido.

Essa visita ao vosso amigo divino que vos espera, ainda quando dure só alguns minutos, será sempre um ato positivo ao qual o coração de Nosso Senhor não será insensível. Não se precisa dizer muita coisa quando se ama. Quando Jesus apareceu a Madalena, só duas palavras se trocaram: "Maria!" — "Mestre!" E' tão fácil entrar na igreja e dizer a Jesus: "Senhor, eu vos amo, entrei para vos dizer de passagem um ligeiro bom-dia, abençoi-mel" E, "ainda não tereis transposto a porta da igreja, diz o Cura d'Ars, já Ele vos terá abençoado!"

4º O grande esquecido.

No seu discurso à gente de Atenas, S. Paulo lhes falava do "Deus desconhecido" cujo título êle vira inscrito no frontispício de um dos seus templos.

Ai! poder-se-ia pôr a mesma inscrição na frente das nossas igrejas...

— Ide à casa dos grandes do dia, à casa dos ricos, à casa dos poderosos, vereis lá uma multidão que se comprime... e nas nossas igrejas Jesus está só!

— Descei às ruas, às praças públicas, ainda aí vereis um povo incontável, uma multidão que vai ao seu trabalho, aos seus prazeres, aos seus negócios... e nas nossas igrejas Jesus está só!

— Subi até ao tugúrio do pobre, e vereis ao menos a mulher e os filhos junto dêste... e nas nossas igrejas Jesus está só!

— Ide até às prisões... um dia ou outro o prisioneiro é visitado por êsses anjos de caridade a que chamamos Irmãs Hospitalares ou Damas da Caridade... e nas nossas igrejas Jesus está só!

Ah! não tem Êle razão de nos dizer: "*Tornei-me um estranho entre meus irmãos*"? Sou um esquecido; êles não pensam em mim mais do que num morto!

E, com isso, vangloriamos-nos de nunca faltar às conveniências; se recebemos uma visita, apressamo-nos a retribuí-la!... Pagamos sequer a Jesus as visitas que Êle nos faz?

Um dia em que diante de uma menina de cinco anos se falava das ofensas que Nosso Senhor recebia no sacramento do seu amor, ela exclamou na intraduzível linguagem da inocência: "Pois bem! eu quero desofendê-lo!" Sublime expressão! Procurai, vós, jovem cristã, "desofender" o vosso Deus. "Busquei um consolador e não achei", diz-vos Êle...

Que alegria para Êle se quisésseis consolá-lo!

VI. O exame de consciência.

1º Penitência da inteligência.

Foi assim que o definiram, não somente porque custa muito à nossa natureza obrigarmo-nos a refletir e a passar os raios de luz de um microscópio sobre o nosso interior, como também porque êsse exame nos faz tocar com o dedo a verdade de que não valemos grande coisa, e de que imensa é a nossa miséria.

E, no entanto, é bem necessário nos conhecermos, é bem necessário, de vez em quando, acertarmos o relógio do coração, pô-lo na hora de Deus, colocarmo-nos em face de nós mesmo e ver em que pé estamos no tocante à prática do dever e das virtudes. *“Sem exame de consciência, diz um autor, em dez anos, em vinte anos, sereis o que sois hoje, não tereis um só defeito a menos, uma só virtude a mais”.*

2º Os dois jardins.

Vêde que diferença entre um jardim bem cultivado e um jardim inculto. O primeiro é belo, atraente, e oferece ao olhar uma multidão de flôres que são como outros tantos sorrisos; no outro, não há nada, nada a não serem ervas loucas, uma vegetação desordenada... Sem exame de consciência, a vossa alma será essa terra inculta, ao passo que, se vos examinardes, ela será bela, e mil flôres de virtude virão alegrar a vista dos homens e sobretudo a de Deus.

O exame de consciência é também o sacho com cujo auxílio, visitando o jardim de vossa alma, arrancareis dêle as más ervas e dareis às flôres, quer dizer às virtudes, meios de desabrocharem, de germinarem, de florescerem e de resistirem às intempéries das estações.

3º Conhece-te a ti mesma.

Os próprios filósofos pagãos recomendavam aos seus discípulos êsse conhecimento da sua vida íntima. Com maioria de razão vós, jovem cristã, deveis olhar-vos em vós mesma, entrar aí com freqüência para vos dardes conta exata do que sois e da orientação real da vossa vida.

“Conhecer-se, disse alguém, é a verdade; combater-se é o bem; vencer-se é o belo”. Mas como vos haveis de co-

nhecer se não entrais em vós mesma? se vos obstinais em viver fora de vós e em fugir à vossa própria consciência? E, se nem sequer vos conhecerdes, como podereis combater-vos e sobretudo vencer-vos? Alguém dizia: "A maior parte dos homens são tão desconhecidos para si mesmos como o são para nós as terras do centro da África!" E' uma triste verdade! mas assim não deveria ser!

4º Como fazer êsse exame?

No vosso retiro anual tomastes uma resolução. Essa resolução será o objeto do vosso exame particular. E, se quiserdes fazer bem êsse exame:

1º Fixai uma hora especial para êle, seja à noite, seja no momento da vossa visita ao SS. Sacramento, seja pela manhã após a vossa ação de graças, antes de deixardes a igreja.

2º Fazei versar o vosso exame de consciência sôbre a resolução de retiro. Mas não vos limiteis a uma simples verificação, é preciso também agir e reagir. Não basta saber, é preciso querer. O que o exame vos tiver mostrado de defeituoso, a vossa vontade deverá procurar fazê-lo desaparecer.

3º Usai, para vos ajudar, uma fôlha em que assinais a linha mestra da vossa resolução e as diversas ramificações que vos permitirão diversificá-la e fazê-la mergulhar na prática.

Exemplo: *Serei humilde*: a) nas palavras; b) nos pensamentos; c) nos atos (especificar os atos a produzir).

Serei humilde: a) com tais pessoas; b) em tal circunstância; c) não falando de mim; d) não me desculpendo; e) no vestir, etc.

Ramificai bem tôda a questão, entrai na minúcia, tende um pequeno quadro diante dos olhos; as palavras impressionam depressa quando as fitamos com atenção. Quando um caminho é traçado, seguimo-lo e chegamos ao fim; sem isso, lançamo-nos através de campos e nos transviamos.

Se tôda manhã tivésseis de fazer de novo êsse trabalho de minúcia, de especificação, não teríeis nem ânimo nem

às vèzes tempo para isso. Lede a vossa fôlha preparada de antemão... e a consciência vos responderá.

Tomai, pois, a resolução séria de examinar-vos cada dia sôbre o ponto que houverdes escolhido.

Adquirireis com isso o tríplice conhecimento de vós mesma, do próximo e de Deus.

Quanto mais vos conhecerdes, tanto mais miserável vos sentireis.

Quanto mais conhecerdes a Deus, tanto mais tereis para com Ele a confiança e o amor de um filho.

Quanto mais conhecerdes o próximo, tanto mais vos encheireis de desprezo pelo mundo e de compassiva caridade para com vossos semelhantes.

E' evidente que êste exercício só será praticado pelas almas sérias e fortes; as outras... nem sequer se preocupam com issol

Trata-se, pois, de saber se quereis fazer parte da multidão, que a gente guia na frente, sem outra ambição que a de fazê-la evitar os abismos; se sois dessas almas vulgares e átonas, incapazes de iniciativa e de progresso, que se deixam viver, carreadas pelo tempo rumo às barreiras da eternidade; ou se quereis ser do escol decidido a subir custe o que custar, que o quer e que sabe adotar os meios; o exame é um dêsses meios! Tôdas as objeções se esboroam ante os belos resultados que a experiência traz. A vós compete decidir se quereis ser bastante generosa para vos impor-des êsse pequeno exercício que requer pouco tempo, que não fatiga e que bem depressa conseguirá modificar-vos.

VII. A confissão.

1º Seus benefícios.

Se um filósofo da antiguidade viesse visitar as nossas igrejas e se, em face de um confessionário, lhe dissessem: "O homem que pecou tem só que vir aqui. Declara a sua falta em segrêdo a um sacerdote, que lhe perdoa em nome de Deus", o filósofo cairia de joelhos.

Já o proclamava David, êle que recebera o perdão divino por intermédio de um profeta: "Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor!"

E nós? nós que tantas vêzes temos pecado, nós que temos vindo pedir ao padre o perdão das nossas culpas, acaso temos agradecido bastante a Deus êsse imenso beneficio? "A confissão, diz Lamennais, foi instituída para impedir o pecado de apodrecer no coração do homem". Que palavra! Se o pecador fôsse condenado a carregar até o túmulo o fardo desonroso das suas culpas, como o forçado arrasta suas cadeias sem nunca achar alguém que possa não somente aliviá-lo, mas exonerá-lo completamente delas, que vida! que martírio! Êle poderia acabar caindo no desespero, esmagado sob o pêso dos seus remorsos.

Um ímpio tristemente célebre escreveu: "Não há, talvez, instituição mais útil. A maioria dos homens, quando caem em grandes faltas, naturalmente concebem remorsos delas. Se alguma coisa há que os console na terra, é o poderem ser reconciliados com Deus e consigo mesmos".

Quando vos suceder achar a confissão fastidiosa, dizei-vos: Que seria de mim se eu não me pudesse confessar? Que seria a minha vida se eu não pudesse entornar meu coração num coração amigo, e sobretudo se não tivesse a certeza de ser perdoada? Lembrai-vos das alegrias indizíveis que seguiram certas confissões vossas, sobretudo as confissões gerais. Que paz! Que calma! Como a gente se sente leve quando depõe êsses pesados fardos!... Dir-se-ia que a alma tem asas.

A medida que penetrardes mais adentro nesse mistério insondável da misericórdia de Deus, achareis que a confissão proporciona bens inestimáveis e produz nas almas resultados maravilhosos.

a) *Restitui os bens da alma.* — A luz, primeiro. O pecado escurecera a alma, a fumaça do mal impedia-a de ver a Deus. No confessionário, os olhos se lhe abrem, a luz volta.

Restitui a paz. "Quem foi que pecou e conservou a paz?" diz a Escritura. O remorso acompanha sempre a falta! Que

alegria, que calma, que alívio quando a gente depõe o fardo dos pecados que oprimiam o coração!

Restitui a liberdade. “Quem comete o pecado é escravo do pecado”, diz a Escritura. A confissão quebra os grilhões.

b) *Restitui os bens da eternidade.* — Restitui primeiro Deus, sua graça, sua amizade, seu céu, o direito de se chamar ainda seu filho. Faz reviver na alma as virtudes que o pecado secara, e restitui-lhe os méritos perdidos. Após a confissão, fica-se como um rico que, após a ruína, recupera a fortuna; como um rei destronado que torna a achar seu reino.

c) *Expia.* — Sim, expia a loucura do pecado, a covardia e o orgulho de que êle é o fruto. Essa expiação faz-se sobretudo pela absolvição, mas também pela acusação, que é sempre dolorosa, pelas lágrimas do arrependimento, pelo sentimento íntimo de uma contrição soberana.

d) *Purifica.* — Manchamo-nos pelo pecado; a veste da inocência está rasgada e seus farrapos estão sujos. Arrastamos conosco a vergonha dessas manchas, que Deus conhece e que coraríamos de ostentar ao olhar dos homens. A confissão restitui à alma a sua alvura primeira. Lavada no sangue do Cordeiro, ela volta a ser pura e reencontra a sua beleza.

e) *Alivia.* — Ah! sim, que alívio quando a gente se confessa! O remorso se dissipa; as inquietações, o medo de morrer em estado de pecado, a culpa que persegue como um pesadelo, tudo isso desaparece. A gente respira, sente-se feliz, sorri ante a alegria que renasce.

Um convertido da guerra de 1914, Henri Ghéon, escreve, narrando a sua confissão: “Com a cabeça nas mãos, eu falo, deixo correr a onda dos meus pecados... à medida que os confesso, êles lá se vão, deixam-me; tão logo confessados, tão logo perdoados. Sinto uma bôrra amarga, grumo por grumo, desobstruir-me o coração. Com todo êsse pêso morto, com todo êsse veneno entre as fibras, como podia êle ainda pulsar? Confiei tudo a um homem, e Deus me ouviu! Ide em paz! Tenho vinte anos de menos, vinte anos de pecado! Uma alegria desconhecida me transporta. Corro, vôo, já não sinto meu corpo!”

Pode-se pintar mais ao vivo o alívio inexprimível que a confissão proporciona ao pecador arrependido?

Mas, para frisá-lo ainda melhor, escutemos a confissão dos que, como Littré moribundo, "choram porque pecaram e porque não sabem a quem pedir perdão!"

E. Naville, teólogo do protestantismo na França, escreveu: "Quem foi que já não volveu olhares de inveja para o tribunal da Penitência? Quem foi que, na amargura do remorso, na incerteza do perdão divino, não desejou ouvir uma bôca capaz de lhe dizer com o poder de Cristo: "Vai em paz, teus pecados te são perdoados?"

E o *Reichsbote*, órgão dos pastôres protestantes alemães, escrevia em março de 1901: "A nossa Igreja está cheia de gente que precisa confessar-se, cheia de gente que suspira pela confissão. Não são só os assassinos que compram a paz da consciência ao preço da confissão de seus crimes feita aos homens; há milhares e milhares de seres humanos a quem o passado persegue qual negro fantasma. Eles queriam apagar com as lágrimas e com o sangue a mancha que enodoa o livro da sua vida; mas a consciência lhes permanece ferida, a alma lhes permanece doente; falta-lhes, para sarar, a palavra de remissão, o perdão divino transmitido pessoalmente ao pecador por um lábio humano".

Essas confissões provam melhor do que qualquer consideração a doçura e o alívio que a confissão produz. E' bom vê-lo proclamar por aquêles mesmos que a aboliram e que têm saudades dela.

f) *Fortifica*. — Depois da confissão, as ciladas do demônio são reveladas, os atrativos do mundo parecem desprezíveis, as fraquezas do coração, postas a nu, mostram a necessidade do socorro de Deus. A gente se levanta forte contra o demônio, contra si mesmo. A tentação voltará, mas seremos mais vigilantes, mais prontos em enxotá-la, e a graça, que circula de novo na alma como uma seiva divina, torna-nos fortes da própria fôrça de Deus.

A confissão é, pois, como uma tábua de salvação após o naufrágio. Se um criminoso, condenado à morte, obtivesse

o perdão confessando a sua culpa ao ouvido do juiz, haveria um só culpado que morresse no cadafalso? Al está, entretanto, o que é a confissão. O' meu Deus, obrigado! como David, "cantarei eternamente as misericórdias do Senhor!"

2° A acusação.

1) *Fazei um exame rápido e sério.* Muitos não sabem confessar-se. Em vez de se prepararem por uma boa contrição, passam quase todo o tempo a fazer um exame complicado, detalhado, minucioso, escrupuloso, e a aprender de cor uma longa lista de faltas, de defeitos e de imperfeições, que recitarão de um fôlego, atabalhoadamente, sem parar, como uma lição bem aprendida.

E' bom examinar-se; mas deve isso ser feito de maneira assaz rápida, sem estreiteza de espírito, nem escrupulo. O que é preciso trazer ao Santo Tribunal são tôdas as faltas mortais, se as temos, e as faltas veniais mais notáveis, sem nos enlamearmos numa verdadeira floresta de pecados menores, de imperfeições e de detalhes inúteis. Portanto, se só tiverdes faltas veniais, basta acusardes uma como matéria para a absolvição; mas, quanto às outras, não sois obrigada a confessá-las. Com mais forte razão não estais obrigada a fazer uma lista de acusações completa, de uma multidão de coisas em que a vossa vontade não interveio. Habitualmente, consagra-se tempo a examinar-se, e sucede a pessoa esquecer-se de se excitar à contrição.

2) *Se se trata de faltas graves, dizei-lhes o número, ao menos aproximadamente,* se o número exato vos foge à memória. Com efeito, tantas vêzes, tantos pecados. Não há nenhum dessa importância, conhecido após um exame suficiente, e não esquecido, cuja confissão possa omitir-se voluntariamente.

3) *Na acusação da espécie do pecado, sêde precisa.* — Distingui pensamentos, desejos, palavras, ações, circunstâncias que mudam a espécie. Isto é necessário para que o confessor saiba bem que pecado acusais.

4) Quando a coisa é séria, não receeis *entrar nos detalhes* que a farão conhecer melhor. Assim, se vos acusais de ter

mentido, isso pode ser em matéria leve ou grave, uma mentira de maldade, de vaidade, de fraqueza, uma mentira alegre. E' preciso que o confessor possa ler em vós como num livro aberto. Evitai, entretanto, os detalhes ociosos que alongam a confissão sem utilidade, e ainda mais os detalhes que ferem a caridade, e os que fixam a atenção, além do necessário, sobre assuntos perigosos.

5) *Acusação dos pecados veniais ou já confessados.* — A acusação das faltas veniais é facultativa. A acusação das faltas passadas já perdoadas, mortais ou veniais, é matéria suficiente para a absolvição. As tentações, as impressões, as imperfeições, os defeitos não são matéria do Sacramento, e não são atingidos pela absolvição. A confissão foi instituída para perdoar os pecados, e só há pecado num ato voluntário.

6) *Por precaução, acrescentai sempre uma falta da vida passada, se só tiverdes faltas veniais a acusar.* O que mais falta às confissões é a *contrição*. Pensando numa falta mais grave da vida passada, estais mais certa de ter uma contrição suficiente do que apenas acusando faltas leves, das quais é menos fácil excitardes em vós o pesar; assim vos expondes menos a tornar nulo o sacramento.

7) *Nunca vos acuseis do que não é pecado.* — Não se deve dizer: Tive distrações, mas enxotei-as; tive tentações, mas não consenti nelas; ouvi más palavras, porém detestei-as, etc... Seria dizer: Acuso-me de uma falta que não cometi; acuso-me de ter feito um ato de virtude.

8) *Nunca acuseis um simples defeito.* — "Padre, acuso-me de ser orgulhosa", dizeis. Isso não é claro. Orgulhosos todos somos um pouco; é um defeito. Se depois da última confissão tendes ou não feito atos positivos de orgulho, eis o que é preciso dizer.

9) *Seja humilde a vossa acusação.* — Não reciteis uma lista de pecados como uma lição decorada. Não ponhais nisso essa desenvoltura que fazia S. Francisco de Sales chorar e que o fêz dizer a um penitente que contava seus pecados como quem conta uma história: "Eu choro porque o Senhor não chora". Se tiverdes coragem, fazei uma acusação humilhante sublinhando tal perversidade que se dissimula,

tal intenção que faz enrubescer; por exemplo, se tal maldicência foi feita de maneira maldosa e bem refletida, por um motivo de baixa inveja. Tomai um banho de humilhação. E' o melhor de todos.

10) *Finalmente, seja a vossa acusação sincera na sua humildade.* — Precatai-vos de afogar a acusação humilhante debaixo de uma multidão de acusações anódinas, de suavizá-la com desculpas hábeis, de fazê-la esquecer na expressão viva de um humilde pesar que vos eleva, e sobretudo de exagerá-la visivelmente para que vos creiam humilde e não miserável. E' a humilhação que se deve procurar. Mostrar-se humilde é provocar um sentimento oposto, o da admiração (*Prática progressiva da Confissão*, p. 93).

3º O confessor.

Diz um grande pensador: "Não se sabe o que é um confessor, êsse homem amigo da alma, seu confidente, seu médico, seu mestre, sua luz, êsse homem que nos dá a paz e nos abre o céu, a quem falamos de joelhos chamando-o, como a Deus, nosso Pai. A Fé o faz verdadeiramente Deus e Pai. A confissão é uma mera expansão do arrependimento no amor.

Por que se quer ver no confessor um simples homem? Ele ocupa o lugar de Deus. No Evangelho lê-se esta palavra: "*Quem é que pode perdoar os pecados senão só Deus?*" Ide ao sacerdote, por mais pequeno, por mais humilde que seja, e êle vos perdoará as vossas faltas... Bem vêdes que no seu ministério êle não é um homem...

a) *E' um amigo que consola.* — Quando o coração sofre e um remorso o rói, tem-se uma necessidade inata de se expandir, de achar um confidente, um amigo. O confessor será para vós êsse amigo, êsse confidente. Não tenhais mêdo, êle será discreto, podeis-lhe dizer tudo. Êle deve morrer antes que revelar o seu inviolável segredo.

Ademais, achareis nêle um coração puro e uma alma forte. Falando dos confessores, diz Lacordaire: "Êles irão pela terra tôda, sob a guarda da sua virtude; penetrarão no santuário dos santuários, o santuário das almas; escutarão con-

fidências terríveis; verão tudo, saberão de tudo; mil tempestades lhes passarão sobre o coração. Esse coração persistirá de fogo pela caridade, de granito pela castidade”.

Um confessor que compreende bem a sublimidade do seu ministério terá para com os pecadores o “coração de Jesus Cristo”. Uma alma transviada será para êle uma “ovelha perdida”, o pobre “filho pródigo” que volta a seu pai. Uma mãe tem para como o filho ternuras sublimes. No Santo Tribunal o confessor é um pai; e a êle é que, indo mais longe ainda, Fénelon dizia: “O’ Pastor, dilatai vossas entranhas, sêde pai; não é o bastante, sêde mãe”.

E, aliás, vós não lhe dizeis: “Abençoai-me, Padre, porque pequei”? Se, trazendo-lhe a confissão de certas misérias, tendes mêdo de perder a estima dêle, oh! como vos enganais...! Pelas vossas confissões lhe dais a mais bela prova de confiança. Êle admira a vossa coragem, o trabalho de Deus na vossa alma; tem por vós um piedoso respeito e uma simpatia profunda, porque ao seu coração de sacerdote forneceis ensejo de vos fazer o bem para o qual Jesus vos chama.

b) *E’ um médico que cura.* — Êle também pode curar a vossa alma das duas maiores doenças morais: a cegueira do espirito e a fraqueza do coração.

Como nos confessarmos com freqüência e sèriamente, sem acabarmos por apreender claramente tôdas as perversidades morais de que nossa alma sofre? e como renovarmos a miúdo a resolução de lutar melhor, de melhor combater os nossos defeitos, sem sentirmos nosso coração e nossa vontade aguerrir-se e fortificar-se? As paixões são as doenças da alma: o vosso confessor saberá conhecê-las e, se deveras vos quizerdes deixar tratar, saberá curar-vos.

Lede êstes conselhos de S. Francisco de Sales sobre os sentimentos que devemos ter para com o nosso confessor: “Tende nêle extrema confiança misturada de santa reverência, de sorte que a reverência não diminua a confiança, e a confiança não impeça a reverência. Confiai nêle com o respeito de uma filha para com seu pai; respeitai-o com a confiança de um filho para com sua mãe. Deveis considerá-lo como o vosso anjo da guarda visível”.

4º A contrição.

a) *Sua necessidade.* — A contrição é tão indispensável que, se em certas circunstâncias se pode obter a remissão dos pecados sem exame e sem confissão, nunca se pode obtê-la sem contrição.

Uma mãe dizia no seu leito de morte: "O que me assusta são as minhas confissões feitas rotineiramente, com negligência, e sobretudo sem pesar!" Quantas confissões nulas porque a pessoa nem sequer pensou em se excitar à contrição!

Por *leviandade*, quer-se fazer a coisa depressa e valha o que valer; por *hábito*, vê-se na confissão um exercício, um dever como outro, que volta todos os oito ou quinze dias; por *tédio*, vai-se a ela sem convicção, sem fervor, e assim se chega a profanar o sangue de Jesus e a abusar desse sacramento... Deus tem punições terríveis contra os que assim profanam o sangue que Ele derramou por nós.

b) *Alguns conselhos.* — O autor da "Prática progressiva da confissão" dá a este respeito as explicações seguintes:

1º *A contrição pode ser sincera sem ser sensível.* — Não nos devemos alarmar com isto, o sensível depende da impressão, e o pesar depende só da vontade. Há certas faltas que inspiram menos horror, há naturezas que são menos capazes de comover-se; enfim, a mesma pessoa pode, conforme os dias, ser mais ou menos emocionada pelo mesmo sentimento. Pode-se, pois, lamentar verdadeiramente um pecado sem o lamentar sensivelmente.

2º *Esse elemento sensível não é, entretanto, sem valor.* — Ele traz uma intensidade particular ao pesar. Procuremos chegar a êle, mas saibamos contentar-nos com um pesar sério e calmo que transforme a nossa vontade.

3º *Não podemos ter pelo pecado a mesma dor que sentimos pelas aflições da vida:* infelicidades de família, doenças cruéis, etc... Não peçamos à nossa natureza sentir, a respeito do pecado, essas repulsas violentas e instintivas provocadas por certas dores naturais.

4º *A contrição perfeita é inspirada pelo amor de Deus: amor filial e desinteressado; a contrição imperfeita tem por*

móbil um sentimento de fé que nos comove: o temor do inferno, o desejo do céu, etc... Os pecados mortais são apagados pela absolvição, mesmo quando se tenha só a contrição imperfeita. Mesmo fora da confissão, êles são apagados pela contrição perfeita. Mas, neste último caso, devemos confessá-los mais tarde, se o pudermos. Os pecados veniais são apagados pela contrição mesmo imperfeita, sem que haja obrigação de confessá-los depois.

5º Por aí se vê *o quanto é ocioso atormentar-se tanto com esquadrihá-los minuciosamente*. Quando chegarmos a acusá-los, êles já estarão apagados, se tivermos sincera contrição dêles. Eis aí um grande alívio para as consciências; um motivo de contrição imperfeita, quando geral, apaga todos os pecados veniais, mesmo aquêles em que não pensamos. Importa, contudo, excetuar aquêles de que nos não queremos corrigir, o que constitui a afeição ao pecado venial.

c) *Que fazer quando a gente não pode confessar-se e cometeu um pecado grave?* — Pode suceder-vos, num dia de infelicidade, pecar gravemente; e talvez vos seja difícil confessar-vos imediatamente. Que fazedes então?... Aproveitai êsse momento de estupor que segue ordinariamente a falta quando a alma não está endurecida, para bem vos humilhades e fazedes um bom ato de contrição. Sobretudo, não durmais antes de vos haverdes assim reconciliado com Deus. A morte súbita não é raral... Confessar-vos-eis o mais cedo que vos fôr possível; mas, enquanto isso, fazei frequentemente e como melhor puderdes atos de contrição; êles vos arrancarão ao poder do demônio e provarão a Deus Nosso Senhor que, se fôstes fraca, desejais novamente pertencer-lhe e amá-lo.

Por que temer a confissão e fazer dela uma montanha? E' uma coisa tão bela, tão doce, tão consoladora! Que seria de nós se não a tivéssemos? A vida seria um martírio. Quando se considera a ofensa: um insulto à majestade infinita de Deus; o ofendido: o Criador do céu e da terra, nosso Redentor; o ofensor: um vil nada, um inseto de um dia, aquêle por quem Deus quis morrer e que se revolta contra a autoridade d'Ele; o castigo: o inferno eterno; a condição

formulada para o perdão: a confissão, isto é, uma palavra murmurada a um homem que deverá esquecê-la e que morrerá de preferência a revelar o seu segredo; na verdade, podia Jesus Cristo pedir menos? Uma confissão na sombra, a um homem mudo, e é tudo. Dizeis, com sincero arrependimento: "Padre, pequei", e o pecado já não existe.

Antes de partir para o assalto, um soldado escrevia à sua família: "Minhas últimas disposições já foram tomadas, esta manhã, na igreja. Agora, a grande calma está em mim. Seja feita a vontade de Deus, e viva a Pátria!"

Confessai-vos a miúdo e bem, e também podereis dizer sempre: "A grande calma está em mim!"

VIII. O retiro anual.

1º *Que é o retiro?*

a) *O retiro é uma encruzilhada em que dois caminhos se cruzam*: o que podemos ter seguido por erro, e o que doravante deveremos trilhar. O primeiro, como sentis, conduz aos abismos; o outro deixa entrever, ao longe, uma cruz e o céu. O retiro deve fazer-vos deixar o primeiro para vos fazer seguir o segundo.

b) *O retiro é uma parada na vida*. — A gente pára, repousa, examina o caminho percorrido, entrevê o caminho que resta fazer. E, durante essa parada, faz o balanço dos seus atos, como um negociante no fim do ano faz o exame dos seus negócios.

c) *O retiro é um repouso*. — Quantas almas sentem as forças diminuídas! Ail! é preciso tão pouca coisa para exauri-las! A essas almas fatigadas ecoa a palavra do Mestre: "*Vinde à solidão, para repousardes um pouco!*" E, depois dêsse repouso, elas retomam sua marcha reconfortadas.

E' o repouso do espirito cansado pelos múltiplos pensamentos e preocupações que o assediam.

E' o repouso do coração fatigado de desejos, de temor, fatigado de sofrer, às vèzes fatigado também de amar. Porque o amor, mesmo o mais puro, mormente quando Deus não o regula, acaba por causar certa perturbação.

E' o repouso da vontade, enervada pelos esforços, estafada pelas lutas, cambaleando sob o choque repetido das tentações, desalentada pelas suas inconstâncias e pela reincidência nas mesmas faltas.

E' o repouso da consciência; esta perscruta o seu passado, vê-se hesitante entre o dever e a paixão, entre a natureza e a graça; o retiro repousa-a fortificando-a.

d) *O retiro é um trabalho*. — Não entrais nêle para gozar de uma quietude beata, para esperar as doçuras de alguns eflúvios divinos ou a carícia inebriante das consolações sensíveis. Nêle deveis trabalhar. Tereis de refletir, de examinar, de dobrar-vos sôbre vós mesma, sob o olhar de Deus. E sempre custa constranger-se a êsse esfôrço! O pregador prega o retiro, e vós é que deveis fazê-lo. Deveis tomar resoluções, quebrar laços, talvez até fazer morrer alguma coisa em vós. Tereis também de orar, e com oração ardente, viva, premente, porque sem Deus nada podeis fazer.

E tudo isso reclama aplicação enérgica.

2º Qual o fim do retiro?

a) *Reparar o passado*. — A cada confissão tivestes faltas a acusar, a reparar. Mas, no recolhimento dos santos exercícios, vereis a importância de uma confissão geral ou, ao menos, de uma revista anual que vos fará conhecer melhor a vossa miséria, vos purificará e vos regenerará.

b) *Preparar o futuro*. — Não basta liquidar o passado, apagar os pegados que vieram manchar a alma; é preciso olhar mais longe e preparar o futuro por meio de resoluções apropriadas.

c) *Fazer de vós uma cristã convicta*, que pense direito, que veja claro, e que saiba querer tudo o que deve. O retiro esclarece a inteligência, fortalece a vontade, depura o coração, afasta do pecado e aproxima de Deus. “Tudo estará salvo, diz o Cardeal Guibert, se os cristãos quiserem dar, cada ano, ao menos três dias às verdades eternas!...”

d) *Fazer de vós uma apóstola*. — Antes de repartirem entre si o mundo e de irem pregar nêle o Evangelho, os apóstolos fecharam-se no Cenáculo. Após aquêles dias de ora-

ção, saíram transfigurados pelo Espírito Santo; e eles, tão covardes, tão tíbios antes, causaram admiração ao mundo pela sua vida e pela sua morte. Vós, no recolhimento desse novo cenáculo, aprendereis o dever que vos cabe de fazerdes o bem em derredor de vós.

3º Suas vantagens.

Quando feito como convém, o retiro traz sempre três vantagens: a liberdade, a alegria e a vida.

a) *A liberdade.* — Nêle se quebram todos os vínculos que podiam acorrentar a alma e impedi-la de ir a Deus. E essa liberdade é tríplice:

1) *Liberdade de uma consciência pura.* — O que ata a consciência é o pecado. Dos pecados passados fica um pendor para preferir a escravidão do demônio, ficam disposições para tornar a cair, e uma certa dificuldade em se unir a Deus. Confessando-vos bem, fazendo penitência, libertar-vos-eis dessas misérias, ou vos preservareis delas.

2) *Liberdade do coração.* — Quando o coração fica prêso, acorrentado por um amor natural demasiado forte ou por uma paixão, as suas asas ficam apesentadas, êle se torna como uma ave na gaiola. Durante um retiro podeis reabilitar-vos, retomar posse de vós mesma, quebrar a cadeia que vos prende às criaturas, e dar um grande remígio para subir mais alto.

3) *Liberdade de caráter.* — Tendes, certamente, um defeito dominante, que é para o vosso caráter a fonte de tôdas as más tendências. Os atos repetidos que êle vos faz produzir acabaram por fazer um "vinco" na vossa alma. Aí ainda precisais ver claro, romper, cortar, cercear e renovar-vos.

Quando alguém assim pode reapossar-se de si e reconquistar essas três liberdades, a alma revive e, abrindo ambas as asas, retoma o seu vôo.

b) *A alegria.* — Quando o mundano passa por diante de um convento de religiosas, diz consigo: "Pobres infelizes, como devem sofrer entre as muralhas da sua prisão!..." Se interrogarmos essas pretensas "infelizes", elas não saberão como pintar a sua alegria e felicidade. O mesmo su-

cede com o retiro; entra-se nêle sempre com um pouco de receio, e dêle sempre se sai com a alma embalsamada de uma alegria pura e celestial.

c) *A vida.* — O pecado é a morte da alma!... Purificando das faltas cometidas, o retiro restitui a vida, e uma vida plena, intensa, radiosa. Pode então a alma exclamar com o apóstolo: "*Já não sou eu que vivo, é Jesus quem vive em mim*".

4º *Conselhos para bem fazer o retiro.*

a) *Entrar nêle de todo o coração.* — Èle é uma graça de escolha que Deus vos oferece, não a desperdiceis! Quantos nunca terão a felicidade de fazê-lo!...

b) *Ter um intuito, um só,* bem especificado; perde a gente seu tempo em querer fazer tudo, corrigir tudo simultaneamente.

c) *Rezar muito.* — Nada poderíeis sem a graça e sem o socorro de Deus. Èsse socorro, pedi-o, e Jesus vo-lo concederá.

d) *Refletir muito.* — A reflexão é uma alavanca que muitas vêzes acarreta a conversão. Aquêle que achasse o segrêdo de fazer os homens refletir, por êsse mesmo fato os converteria quase todos. "*A terra está desolada, diz Jeremias, porque ninguém reflete no seu coração*".

e) *Confessai-vos o mais depressa possível.* — Não esperéis para isso o último dia. Enquanto não houverdes aliviado a vossa consciência, não tereis as luzes e o arrôjo dados pela graça do Retiro. Quando um espelho está empoeirado, limpamo-lo antes de nos mirarmos nêle; purificai vossa alma, e vereis nela mais claro, e vos sentireis mais valente.

f) *Tomar uma resolução séria.* — As resoluções são como as enguias: fáceis de apanhar, difíceis de segurar! E no entanto é preciso. O doce fervor que terá embalsamado vossa alma durante o retiro, não perdurará. Uma só coisa deve persistir: a vossa resolução.

Aproveitai, pois, essas horas benditas do Retiro, elas vos merecerão uma eternidade de ventura.

IX. A leitura meditada.

Suas vantagens, facilidade e prática.

— Meditar? refletir? eu, que durmo quando ouço os sermões dos outros? entrar em mim mesmo, eu que nunca estou em mim?

— Não compreendestes. — Escutai: Já vistes alguma vez os pássaros beberem nas bacias dos jardins? Eles tomam um gole de água, levantam a cabecinha para o céu como que para agradecer a Deus que lhes dá de beber, e tomam outro gole, até que, dessedentados, voam pelos ares. Fazei assim também.

Aproximai-vos de Deus, entrai em comunicação com Ele por uma prece, e depois pegai um livro de piedade sério e lede. . . . Ao cabo de alguns instantes, uma frase vos impressionará: deixai o livro e refleti; quando essa impressão tiver passado, lede de novo, para refletir outra vez! . . . Meditar é isto, e nada mais do que isto!

— Então é preciso ler?

— Sim, pela leitura a idéia se oferece a vós; pela reflexão, entra em vós. Sem êsse socorro não poderíeis manter vossa mente ativa.

— E então por que é que essa meditação nos aparece como uma coisa tão complicada, tão difícil?

— Porque não tendes o hábito de refletir, de concentrar-vos. Quase se poderia pôr à porta de vossa alma êste aviso: "A porteira está fora!" Realmente, nunca estais em casa! E, no entanto, nesse vosso interior Jesus habita! Quer morar nêle constantemente pela sua graça, e nêle o deixais só! E' para que torneis a entrar no vosso interior que se vos pede êsse pequeno quarto de hora de meditação cotidiana! Vossa alma vale bem isso!

Escutai o que a respeito diz um autor:

"A maioria das mças seriam verdadeiras perfeições, meninas ideais, se tivessem um pouco mais de elevação nas vistas, de sabedoria nos argumentos, de constância nas resoluções e de seriedade na piedade. A futilidade, a leviandade, a versatilidade em tudo, inclusive na devoção, são o ponto

fraco, o lado defeituoso dêsses caracteres em que, com um pouco mais de solidez e de seriedade, tudo seria não somente encantador, mas ainda admirável. Por outra parte, são tão variadas, tão constantes, tão universais as influências do mundo e do mal, que acabam por vencer as vontades mais sinceras, os princípios mais bem estabelecidos, se não se tiver o cuidado de lhes opor uma reação sobrenatural igualmente constante, uma espécie de protesto cotidiano. Tal é a obra admirável, inapreciável, resultado desse quarto de hora dado, tôda manhã, à meditação”.

Tomai, pois, a resolução de consagrar cada dia um quarto de hora a uma leitura meditada. Achareis nisso obstáculos e dificuldades, é verdade; mas superai tudo! Procurai falar a Deus simplesmente, tal como um filho fala a seu pai. S. Teresa dizia: “Deus não gosta de que, para lhe rezarmos, façamos cerimônias”. Palavra justíssima na qual fareis bem em inspirar-vos, com a vista a uma piedade sempre mais sólida.

PARTE V.
A VOCAÇÃO DA DONZELA.

† Livros Católicos para Download



CAPITULO I

A VOCAÇÃO.

1º O que é a vocação.

Neste mundo cada um tem a sua missão a cumprir, e são as mais diversas as condições em que ela se impõe. Para lhe ser fiel, é preciso isso a que se chama a *Vocação*, que é uma inclinação para uma coisa determinada, e, na ordem sobrenatural, um atrativo produzido pela graça. Com efeito, a vocação (de *vocare*, chamar) é um convite, um chamado de Deus para servi-lo num estado particular, num gênero de vida ao qual nossos gostos e aptidões nos induzem, e no qual Ele nos propicia socorros especiais para nos ajudar a operar a nossa salvação.

a) *A vocação é uma graça*, ou, antes, uma série de graças atuais, de iluminações, de inspirações sobrenaturais, sob cuja influência a alma se sente atraída para tal ou tal estado. Se a alma corresponde a essas inspirações, elas se tornam o ponto de partida de toda uma série de socorros destinados a facilitar-lhe a sua missão.

b) *Não é uma ordem, mas um chamado, um convite.* — E' uma estrela que brilha aos nossos olhos, como a dos magos, e que nos mostra o caminho pelo qual Deus deseja enveredemos para chegarmos mais seguramente a Ele.

c) *Esse chamado tem lugar de muitas maneiras.* Como o Apóstolo no caminho de Damasco, alguns são derrubados para serem mais bem esclarecidos. Porém, as mais das vezes, a vocação é uma voz que, ora doce, ora premente, se faz ouvir à alma como um eco longínquo de Deus que chama.

Há também almas que vivem longo tempo na noite das incertezas, e é tateando na sombra que elas vão em busca da sua trilha.

d) *Nada escapa à solicitude do Criador.* A própria vida do inseto é objeto dos seus desvelos, e é Ele quem dirige a marcha do astro nos céus. Sumamente razoável é, pois, que o homem seja por Ele guiado na escolha do caminho que deve seguir. Se Ele declarou no Evangelho que “*nem um cabelo da nossa cabeça cai sem a vontade do Pai celeste*”, pode deixar criaturas humanas vaguearem à toa sem uma atenção paternal que as conduza à meta que Ele lhes fixou?

Quando um engenheiro quer construir um maquinismo, não produz ao acaso tôdas as peças da sua máquina; trabalha de acôrdo com um plano. Prevê com exatidão todos os detalhes, a proporção, o lugar de cada uma. Outro tanto faz Deus pela sua Providência. Todos os homens são peças desse imenso maquinismo que é o mundo humano. Essas peças são feitas para lugares determinados, para missões precisas; cada ser humano tem, pois, a sua vocação especial.

No mundo, não se acredita bastante nesse chamado do alto.

No entanto, como diz soberbamente o Pe. Coubé:

Cada um de nós tem as suas vozes como Joana d’Arc, cada um de nós tem a sua vocação. Não somente Deus nos fixa um estado de vida em que, para O servir e nos salvar, teremos graças que não acharemos alhures, mas ainda nos encaminha para êle lentamente, como por acaso. O acaso? E há verdadeiramente acaso na terra? Veja-se um grãozinho carregado pelo vento; onde e quando o deixará o vento cair? Quando parar de soprar, dir-me-eis. Sim, mas êle parará de soprar na hora e no lugar marcado pela Providência, por cima do côncavo de um rochedo, onde o grãozinho achará um pouco de terra, um pouco de sol para germinar, se Deus quiser que êle se torne flor. Assim também as nossas vidas. Parecem colhidas por um turbilhão, mas é o espírito de amor que passa e que as leva lá para onde as esperam o raio de luz e o orvalho do céu.

e) *A vocação é o nosso negócio capital.* — Dela é que pode depender a nossa Eternidade. Sumamente importa, pois, antes de empreender a longa viagem da vida, conhecer a meta e o meio de atingi-la.

2º A vocação é um chamado de Deus.

a) *Se Ele chama, tem suas razões.* — De toda a eternidade Deus traçou o plano da sua obra de Criador. Como autor da Ordem sobrenatural, orientou esse plano geral para um plano superior em que a nossa salvação acha lugar com seus caminhos e seus meios. E, já que assim é:

— Por que temos medo das dificuldades entrevistas?

— Por que nos deixamos influenciar por outros que não pelo próprio Deus?

— Por que não nos abandonamos docemente à sua mão paternal?

— Por que não O deixamos conduzir-nos para onde Ele quer e como quer?

b) *Se Ele chama, dará suas graças.* — Toda vocação é acompanhada de luzes e de socorros segundo as dificuldades que comporta. Guardadas as devidas proporções, a vocação é como uma missão confiada a uma criatura. Chamando-a a ela, enviando-a a ela, impelindo-a, Deus deve a si mesmo o conceder-lhe o que lhe é necessário.

c) *Se Ele chama, habitualmente indicará a sua vontade.* — Atrativos naturais e sobrenaturais serão, as mais das vezes, como o sinal da sua vontade. Esses atrativos podem muito bem combater, contrariar e mesmo imolar um coração fazendo-o sacrificar as mais legítimas aspirações que a principio podiam tê-lo seduzido. E' certo, com efeito, que a graça não mata a natureza. E eis aí por que foi que custou a Joana d'Arc deixar sua mãe, suas companheiras, sua vida calma e tranqüila. Porém ela soube dizer: "Deus o manda! ainda quando eu tivesse cem pais e cem mães e fôsse filha de rei, partiria mesmo assim!"

d) *Se Ele chama, não mudará por si mesmo.* — A vocação, às vezes, é uma graça muito grande. Mormente então é coisa gratuita que não se poderia pretender.

Flor divina, pode ela em certos casos estiolar-se, fenecer na alma; porém não morre sem que o queiramos ou sem que dela nos tornemos positivamente indignos. Um nada, o

mais pequeno orvalho, uma oração, uma lágrima bastará para fazê-la reviver; porque Deus não muda, e, se não rejeitarmos os seus dons, não será Ele quem pense em no-los retirar.

3º E' pecado não seguir a própria vocação?

a) *Geralmente, não.* — A vocação não é imposta, mas proposta. Quando Jesus chamou o m^oço rico, disse-lhe apenas: "Se queres ser perfeito". Deixou-o, pois, livre de aceitar ou de recusar o seu divino convite, de segui-lo.

Esse é o caso comum, mesmo quando se trata da vocação religiosa. Esta exige os votos de pobreza, de castidade e de obediência. Ora, estas três virtudes são *de conselho e não de preceito*.

Ninguém é obrigado, sob pena de pecado, a seguir os conselhos evangélicos; só os preceitos se impõem desta maneira imperativa.

De notar é, entretanto, que, afora uma revelação formal, não se pode possuir, a respeito dos desígnios de Deus s^obre uma alma, uma certeza que exclua t^oda possibilidade de êrro, tal como se faria mister para fundamentar uma obrigação estrita. Os indícios de vocação são, comumente, assaz nítidos para que a prudência aconselhe abraçar tal trilha de preferência a tal outra, mas raramente são bastante decisivos para vedar uma outra escolha.

b) *Pode, porém, haver grande imprudência.* — Quando os sinais de vocação aparecerem bem claros, far-se-ia mal em, por covardia, recuar ante o sacrificio ou por causa das lutas necessárias. Todo o resto da vida corre grande risco de se ressentir da recusa às insinuações divinas.

"A predestinação, diz S. Agostinho, encerra e sup^oe a união de três graças de que depende a salvação: a do batismo, que a começa, a da vocação, que a continua, a da perseverança, que a remata".

São êsses, pois, como que três elos que formam uma só cadeia misteriosa, e, sendo a vocação o do meio, liga de tal forma os outros dois, que, sem ela, ninguém pode prevaler-se do primeiro nem prometer o último.

Não seguindo a sua vocação, a pessoa priva-se das graças que Deus preparara para ela. A pessoa será sempre mais ou menos como uma planta desarraigada. Deus poderá diminuir seus dons e fazer sentir à alma infiel que se dói de vê-la recusar seus convites. Ele lhe dissera: "Vem a mim por este caminho que eu te preparo. Nêle dar-te-ei graças que te ajudarão poderosamente". Se ela toma um caminho oposto, arrisca-se a não mais achar a abundância das graças que Deus lhe preparara.

Uma vocação para a perfeição é um "dom de Deus". Deus não nos força a aceitar todos os seus dons, mas, recusando-os, nós introduzimos em nossa alma uma desordem tal, que o Pe. Gratry pôde escrever a respeito: "As almas surdas à sua vocação andam tortamente a vida tôda; dir-se-ia que a graça já não chega a elas senão obliquamente, e que Deus, por assim dizer, só opera nelas com mão forçada".

Não se compromete fatalmente a própria salvação, mas torna-se essa salvação mais difícil. Nesse caso a pessoa se parece com o viajor que, ao invés de ir à sua meta pela grande estrada traçada, segura, conhecida, toma caminhos desviados, compridos, desconhecidos e perigosos.

Todavia, após uma "má rumagem", não se deve desesperar. A salvação é sempre possível, e a graça de Deus aí está sempre.

c) *Certas almas ficam indecisas.* — Elas não souberam ou não puderam solucionar de maneira peremptória a questão da sua vocação. Sem descurarem examiná-la, ou mesmo oferecendo-se para isso, obstinaram-se de encontro a uma dúvida que não ousaram esclarecer. A sua recusa, então, não foi formal, a resistência não foi completa, elas acreditaram dever esperar ainda uma luz que não veio, uma decisão que ninguém quis tomar. O tempo que passa fêz a sua obra, sobrevieram dificuldades; a inconstância humana meteu-se de permeio e, embora sempre nas trevas da dúvida, essas almas fracas acabaram por escolher uma trilha que não era a sua. No fundo, ficar-lhes-á sempre, quiçá até à morte, um sentimento confuso de certa infidelidade. Mas, não tendo sabido fixar as suas incertezas, essas almas não podem, por isso, ser abandonadas por Deus. Por que então haveriam de desanimar?

Ele lhes não fechou o seu coração, e elas têm muitas maneiras de redimir de forma completa, às vèzes até heróica, a falta de vontade e as hesitações de que se não puderam libertar.

4° *Pode-se passar sucessivamente por desejos diferentes?*

De cem môças piedosas que amam a Deus e que se acotovelam com religiosas, haverá bem umas noventa e nove que, em certas horas, acreditam ouvir o chamado de Deus para uma vida mais perfeita. Pela sua natureza entusiasta, por causa das múltiplas influências de um círculo familiar onde essa vocação era acatada, essas jovens almas lançaram-se de chôfre para as alturas a que a sua pureza as atraía; e ellas sonhando, umas com o cuidado dos pobres, com as missões longínquas, outras com o claustro e com todo o seu cortejo de sacrificios e renúncias.

Não raro a imaginação entra por muito nessas aspirações da juventude. Os sentimentos mais verdadeiros, mais belos, mais fortes germinam tão depressa numa alma pura que deixa Deus governá-la!

Dia virá, entretanto, em que elas perceberão que tudo isso não passava de um sonho, e os contornos precisos de outra vocação mais verdadeira se lhes desenharam pouco a pouco na alma. Então uma angústia virá confranger-lhes o coração! Por que foi que Deus me mostrou êsses alcantis, se não quer que eu os galgue? Por que foi que eu *sentí* um primeiro atrativo, e agora sinto outro? Por que é que todos êsses sentimentos tão nobres, tão generosos, tornam a cair como nuvens de pó que o vento levanta numa estrada larga?

Talvez seja por haver Deus querido atrair-vos a Ele de maneira mais íntima e mais terna. Ele vos colocou em face de um ideal para vos elevar, para vos enformar a alma e para vos impedir de ficardes vulgar.

Deixando essa alma tender a um fim especial que não é o seu, Deus fê-la demandar a meta geral de tôda vida santa. Mais tarde, quando Ele afastar o objetivo colimado, para lhe mostrar outro, lá estará, ajudando essa passagem difícil e velando para que ~~esses~~ aperfeiçoamentos adquiridos, em vez de se esboroarem, sejam utilizados. Nisso, Deus não

enganou essa alma. Não era a voz d'Ele que lhe murmurava aos ouvidos estas palavras mágicas: vida religiosa, doação total, imolação; Ele as deixava simplesmente sair, como vozes amigas, de tôdas as belas coisas que falam à nossa alma, de todos os nossos próprios sentimentos, que assim exprimiam o seu generoso ardor (*Prática progressiva*, p. 280).

Sim, Deus permite êsses vôos ingênuos, êsses ardores primaverais, êsses desejos vibrantes, para vos garantir contra vós mesma, contra o mundo e contra uma certa pressa natural que não seria conforme a Ele.

Permite-as para vos conservar em esferas mais elevadas e mais puras, para vos forçar a uma preparação a que, não fôra isso, não pensaríeis em recorrer, enfim para vos enriquecer de merecimentos e de graças. E, chegado o dia de fixardes a vossa escolha, sentir-vos-eis mais forte, apesar de algumas desilusões, porque vos tereis aproximado mais de Deus.

5º Como conhecer a própria vocação.

E' êste um negócio capital, para o qual tôda atenção é pouca.

Porque, quantas imprudências sôbre êste ponto! quantas pessoas que entram como cegas num gênero de vida sem se perguntarem se êle corresponde bem ao seu destino! Como é insensato seguir inspirações humanas numa obra divina!

Essas imprudências transviam a alma para longe da sua predestinação; lançam-na em deveres para os quais ela não era feita e afastam-na da senda em que a graça de Deus a esperava.

Importa, pois, sumamente conhecer a própria vocação, pois a coisa é muito grave.

Ora, nas coisas graves da vida, não se deve fazer nada sem pedir conselho. A respeito da vossa vocação, para saberdes tomar com conhecimento de causa uma decisão de que dependerá a vossa felicidade nesta vida e na outra, deveis consultar a Deus, ao vosso confessor e a vós mesma.

a) *Consultai a Deus.* — Derrubado no caminho de Damasco, S. Paulo exclamava: "Senhor, que quereis que eu faça? Tal deve ser a vossa oração, pois raras são as vocações mani-

festas; as mais das vêzes Deus nos deixa o cuidado e a honra de procurar a nossa trilha.

Quando, no meio dos desertos, amontoando as areias, o vento faz desaparecer o caminho, que faz o viajor? Levanta os olhos, interroga o céu, procura o seu caminho por entre as estrélas. Fazei como êle: procurai o vosso caminho nos céus. Há lá em cima, alguém que vo-lo pode mostrar.

b) *Consultai o vosso confessor.* — Não qualquer um confessor, mas, ordinariamente, aquêle ao qual vos dirigis habitualmente, que vos seguiu desde a vossa infância e que conhece os vossos defeitos, os vossos predicados, os vossos gostos, a vossa familia. Ele está em melhores condições do que qualquer outro para vos dar conselhos prudentes e desinteressados. Abri-lhe bem tôda a vossa alma, dizel-lhe os vossos atrativos, inclinações, dificuldades, tudo o que sabeis de vós, quer para bem, quer para mal.

E, quando tiverdes falado, esperai, deixai-o refletir. Durante êsse tempo pedi a Deus que o esclareça e vos responda pela bôca dêle.

Suponho que o vosso confessor é um homem de Deus, versado nos seus caminhos, esclarecido, sobrenatural nas suas vistas, liberto de qualquer "parti-pris" e de qualquer consideração humana.

No caso, mais raro, em que tivésseis razões para duvidar a êste respeito, conviria submeterdes vossas aspirações a um juiz *seguramente* competente e desinteressado, por exemplo por ocasião de um retiro. Não esqueçais, todavia, que o papel do confessor é de vos ajudar com seus conselhos e sua experiência, e não de vos impor uma decisão. O hábito das almas, o conhecimento dos caminhos de Deus, os olhares que êle pode mergulhar até o fundo da vossa consciência, tudo isso auxilia-o enormemente e dá um pêsso imenso aos seus conselhos. Mas, dêle, não exigais mais.

c) *Consultai a vós mesma.* — Refleti!... Estudai vossa alma, vosso coração, vossos gostos, vossas inclinações; examinai vossos atrativos e repugnâncias; perguntai-vos se tendes, quer no tocante ao corpo, quer no tocante à alma, o que vos é preciso para entrardes na vocação que vos atrai. Em linha de conta devem entrar antes de tudo as vossas

aptidões físicas e morais, porquanto, de onde quer que venha, a inaptidão para uma vocação exclui por si mesma toda probabilidade de chamado divino.

As vezes tereis vantagem em consultar vossos pais ou mesmo outras pessoas que podem ajudar-vos a conhecer a vós mesma; mas não julgueis segundo os princípios do mundo. Iluminai-vos com as luzes da fé e, cercada de todos esses meios de certeza, decidi-vos.

Fazei também a vós estas perguntas:

— *Quem é que me chama? É Deus? é a minha vaidade? é o desejo de brilhar, de me fazer notar, de ter uma posição no mundo, de imitar tal companheira?*

— *Que quereria eu ter feito na minha última hora? O pensamento da morte ilumina dura e cruamente a vida, mas à sua luz a gente se arrisca menos a enganar-se. Com semelhante "refletor" vê-se claro, vê-se longe, vê-se justo.*

— *Que aconselharia eu a uma amiga que estivesse na minha situação e viesse consultar-me?*

— *Que razões verdadeiras tenho para me inclinar para tal vocação antes que para tal outra?*

d) *Quando a dúvida persiste.* — Aqui é preciso assinalar certos casos que podem apresentar-se, penosos, angustiosos. Almas a quem a noite circunda ou a quem a dúvida atenaza, ai acharão talvez luzes ou consolações.

1º *Tendes tanta inclinação por um estado quanto por outro; na balança tudo se nivela de tal arte, que já não sabeis que partido tomar. Então deveis continuar a rezar; aguardar acontecimentos, uma resposta, um sinal que trace a vossa trilha; deveis ainda recolher-vos, e decidir-vos pelo partido que vos parecer aproximar-vos mais de Deus.*

2º *Após uma decisão seriamente tomada, após diligências feitas para entrar em religião, a pessoa não pode conseguir-lo. É o caso daquelas que acreditaram ouvir o chamado de Deus, que trataram de responder-lhe, mas a quem não quiseram receber. Ou por inaptidão, ou por dificuldades que elas não tinham previsto, o seu belo sonho rui no momento em que elas iam começar a vivê-lo!...*

As vezes também, a pessoa inicia-se na vida religiosa, en-

ceta o postulado, o noviciado mesmo, e surge um impedimento que tira tôda a esperança.

Que fazer então? pôr-se a vagar solitária e amargurada? Arrastar uma vida inútil? Não. Deus vos chamava à virgindade? Pode-se viver virgem no mundo. Deus vos chamava às doces alegrias do devotamento? Devotai-vos no século. Essa imolação de um desejo que, por mais irrealizável que seja, só morrerá convosco, contribuirá poderosamente para a vossa satisfação. A virgindade no mundo (como veremos mais adiante) também é uma vocação. Por que então considerá-la como "*à mingua de melhor*"?

O que importa antes de tudo é uma *decisão* irrevogável que vos coloque redondamente em face do futuro que se abre diante de vós.

3° *As que esperam*. A môça não procura o noivo, "espera" que a venham pedir em casamento. E as há que "esperam" muitos anos... O tempo se alonga, as môças se... prolongam... A mocidade se escoá, e, quando chegam as neves da velhice, elas ainda esperam.

Seja como fôr, quer a "espera" redunde no casamento ou... na decepção, há aí um período a passar; e esse período é crítico. Vós não estais na terra "para vos casardes", mas para ir para o céu. Assim sendo, por que vos preocupardes tanto com aquilo que não passa de uma "forma"? Deus escolhe seus caminhos e seus meios próprios.

Quando se compreendem bem estas coisas, fica-se entusiasta mesmo assim; a gente se dá todo a Deus Nosso Senhor para seguir a sua *vontade presente*, até o dia, próximo ou remoto, em que uma nova senha nos fôr dada.

CAPITULO II

O CASAMENTO.

I. Natureza do casamento.

1º O casamento aos olhos do mundo.

A maioria das môças pensam no casamento. E' muito natural, e é bom falar-lhes dêle mui simples e sèriamente, para que elas saibam bem, de antemão, a que é que se comprometem.

Madame C. Lavergne escrevia um dia a sua filha: "Espero que êstes contos te divirtam, embora mundanos. O Sr. X... scandalizou-se porque, em dez contos, há cinco em que as pessoas se casam. Êle quereria que nunca se falasse disto. O Espirito Santo não é do parecer dêle, pois se dignou de nos contar as histórias de Rebeca e de Raquel, de Tobias, de Ester, de Ruth, histórias matrimoniais se as houve!... Mas êsse bom senhor quereria que nunca se falasse diante das môças dêsse mau sacramento".

Falemos, pois, não "dêsse mau sacramento", porém dêsse grande sacramento. Se sois chamada ao casamento, bom é que tenhais sôbre êste assunto as graves noções que dêle nos dão a razão e a fé.

Um provérbio chinês diz: "O casamento é uma fortaleza sitiada; os que estão dentro quereriam sair, os que estão fora quereriam entrar".

Há uma forte ponta de exagêro e de ironia nessa definição chinesa. Vós, sobretudo, que vêdes o futuro através do prisma dos vossos entusiasmos juvenis, vós não a compreendeis. Como tão pouco compreendeis estas palavras caídas de pena de Taine:

“Os dois se estudam três semanas, brigam três anos, toleram-se trinta anos e... os filhos recomeçam. Começam pelas palavras doces, continuam pelas palavras graves e acabam pelas palavras pesadas!...”

Por que será que a pena mordaz dos críticos se tem comprazido em lançar assim o descrédito sobre esse estado que, à primeira vista, parece tão sublime? Porquanto o casamento é essencialmente a união de duas almas, de dois corações, de duas vidas, união que deve durar até à morte. E' que infelizmente, em certa sociedade, as pessoas teimam em não ver nêle mais que uma transação, uma maneira honrosa, principalmente para os homens, de pôr fim a uma vida mais ou menos desavergonhada ou a uma união com o divórcio engatilhado. Por isso, antes de vermos o que é o casamento considerado aos olhos da fé, vejamos-lhe as contrafacções, e o que êle é aos olhos do mundo.

a) *O casamento de interesse.* — Há uns que se decidem a fazer do casamento um idílio comercial, uma transação! Não se esposa uma môça, mas o dote! Os dois futuros esposos mal se viram, porém os pais viram o tabelião, e isto basta, ao que parece!

E ousa-se assim tomar como vínculo, como traço de união entre duas vidas, o dinheiro, o interesse, motivo comum de desunião entre os homens! Um coração não se compra, dá-se. Se se vende, não vale grande coisa!

Uma vez mais, em certa sociedade há excessiva tendência a considerar uma môça como um saco de moedas com uma etiquêta e um nome; faz-se a análise da “corbeille” de casamento, apalpa-se o dote e... as pessoas se pronunciam.

As vêzes, o dote é gasto depressa; resta a mulher ao marido e o marido à mulher, sem que nenhum amor venha jamais florescer nesses peitos metálicos. E' preciso um dote. Deus sabe à custa de que esforços, de que privações os pais chegaram a formá-lo. Mas, quando só se vê isso no casamento, as mais das vêzes finda-se na separação ou no divórcio, triste epilogo das uniões mal formadas.

Habitualmente, são os pais que preparam, conchavam e decidem êsses casamentos de dinheiro; e, quando o negócio está “no saco”, concluído por cima da cabeça da interessada,

êles dirão a esta: — Vais-te casar com êsse senhor; está tudo pronto. — Mas eu não o conheço! — Que importal terão tempo de se conhecer quando estiverem casados. — Mas eu não o amo! — Mas êle é rico!... e depois, cale-se! nós queremos que êsse casamento se faça! E se faz!... Dois anos depois, a fortuna está esbanjada e os cônjuges estão em instância de divórcio!... Cheques acumulados na “corbeille” não fazem a união de dois corações. O dinheiro, quando só a êle se vê, é um tirano cruel; não tarda a trazer a discórdia, o ciúme, às vêzes até o ódio, entre os dois escravos curvados a seus pés.

b) *O casamento de razão.* — O casamento de razão ou de conveniência é aquêle em que, antes de tudo, se tem em mira unir duas famílias, duas fortunas, duas situações. Bem pouco caso se faz dos sentimentos do coração, quase só a “razão” intervém.

E' mister que o casamento seja “racional”, sem dúvida, mas a razão é uma faculdade bem fria para que ordinariamente lhe seja lícito intervir sòzinha. E' preciso que o corpo esteja de acôrdo com a cabeça, ou que ao menos exista entre os dois esposos uma certa simpatia, que a vida em comum poderá talvez transformar em amor. Mas, se o coração não fala, se protesta, não se deve passar além; não se constrói uma união sôbre o egoísmo e o interêsse pessoal, e é preciso ser muito virtuoso para edificá-la unicamente sôbre o sacrifício.

c) *O casamento de paixão.* — E' se casar com o que primeiro aparece, porque agrada, porque o apetite sensual do coração inclina para êle, embora êle seja indigno e talvez mau. E' a famosa “paixão fulminante”, que, as mais das vêzes também, é uma fulminante cabeçada.

“Casar-se por paixão é embarcar-se para uma longa viagem, no forte da tempestade, com um pilôto êbrio e insensato”, diz o Pe. de la Colombière. Quando um coração é empolgado pela paixão, torna-se surdo e cego!... Por mais que se lhe faça notar a sua loucura, por mais que se lhe dêem conselhos os mais judiciosos, os mais comoventes, êle não quererá ouvir nada. Dispara, está louco! Fazei então ouvir razão a um louco!

Sob esta impressão primeira, a pessoa empresta ao objeto amado as qualidades mais belas, mais atraentes, mais transcendentes. O amor é uma febre e uma alucinação. Quando chega a um certo paroxismo, e quando os sentidos também fazem ouvir as suas reclamações ruidosas, a pessoa é capaz de tomar uma decisão irrevogável, à qual tudo deverá ceder, ante a qual os pais demasiado fracos se inclinirão, e que amanhã... arrancará soluços! Será tarde demais!

A paixão é cega, pesada e efêmera.

Cega, não considera no seu objeto senão aquilo que a lisonjeia, ocultando em sombra espessa aquilo que a contraria. Não vê, pois, bastante claro para julgar sãmente, ou só verá certas qualidades físicas que talvez dissimulem muitas deformidades morais.

Surda, impede de ouvir os conselhos da prudência, da razão e da fé. Todos os outros estão de "parti-pris", só ela tem razão, e tudo o que lhe objetam não tem valor.

Efêmera, exaure-se pela sua própria força e pelos seus excessos. Um nada fá-la nascer, um nada fá-la cair. E, quando desaparece a nuvem de incenso que cercava o ídolo, fica-se despeitado, desesperado, mas é tarde demais. Os liames contraídos sob o império do encanto, estes não cairão; doce grinalda de flôres no início, tornar-se-ão pesadas cadeias, nas quais o coração desapontado se dilacerará, sem poder conseguir quebrá-las.

Então o desencanto, o enjôo, o ódio, as censuras, as disputas sobrevêm. Parece que era outra a pessoa a quem se amava. E então põe-se na antipatia o mesmo exagêro que se pusera na admiração! E a lembrança do ideal dantes entrevisto não basta para fazer suportar a realidade presente. O coração amigo que viera fazer ouvir a voz da razão não pôde ser escutado, a pessoa chocou-se, melindrou-se. A união infeliz consumou-se. Após o que, como tôdas as outras miragens, esta se eclipsou no momento em que se julgava alcançá-la. O amor é essencialmente nômade. Muitas vêzes, já está velho ao cabo de três semanas! (Rouzig).

d) *O casamento expresso*. — Este casamento a vapor é rápidamente concluído, no ar, sem que se tenha pensado em cercar-se das precauções comuns que, entretanto, devem

intervir nesse negócio capital. — E' sobretudo o caso de môças que querem a todo transe sair do seu meio, alforriar-se da tutela da família, que procuram emancipar-se, e, para isso, se lançam sem reflexão, num amor, numa aventura que lhes reserva bem negros pesares. Não se deve precipitar assim uma ação tão gravel... O coração pode ter intuições súbitas, mas é preciso desconfiar das impressões súbitas demais e excessivamente vivas.

E' preciso dizê-lo: os maus casamentos não são raros. As vêzes as pessoas se casam com a idéia de que não terão nada a fazer a não ser o seu bel-prazer, e de que poderão libertar-se de tudo o que se afigura um obstáculo à liberdade. Nestas condições, impossível é ficar firme no meio das tentações penosas que se terão de suportar, impossível suportar as contrariedades, as dificuldades que pululam. A mulher que assim se lança na vida com semelhante inconsciência, nunca tendo compreendido a grandeza e a dignidade do Sacramento que recebeu, não pode fazer outra coisa senão cortar rente com tudo... com tudo o que a incomoda e a aborrece. E' a consciência fatal de uma união contraída fora do dever e do verdadeiro amor.

2º O casamento aos olhos da fé.

a) *E' um sacramento.* — O próprio Deus, na aurora do mundo, instituiu o casamento e presidiu à primeira união. Jesus Cristo veio juntar à grandeza dêle uma consagração particular, elevando-o à dignidade de sacramento. Deu-o mesmo como símbolo da união que existe entre Ele e a Igreja, e confere-lhe o poder de santificar os que o recebem, ao mesmo tempo que assegura a êstes os socorros sobrenaturais necessários no seu estado.

Como todos os sacramentos, êste produz graça especial. E esta graça será:

1º O aperfeiçoamento do amor natural que, apoiado em Deus, sobreviverá às ilusões e aos encantos da mocidade condenados a perecer, e aos desencantos inevitáveis que o futuro reserva. A graça prolonga o poder de amar, pois o amor de Deus que une êstes dois corações comunica-lhes algo da sua imortalidade.

2º O robustecimento da união das almas e dos corações, união de que a graça do sacramento é como que o cimento indestrutível.

3º A santificação dos esposos. A vida comum impõe-lhes deveres penosos, sacrifícios também. Para cumpri-los, eles necessitam do auxílio de Deus, e esse auxílio poderoso os tornará melhores um e outro, e mesmo um pelo outro.

b) *E' a união de duas almas.* — O Pe. Monsabré exprime isto em termos admiráveis.

“O casamento é sobretudo o encontro, através do tempo e do espaço, de duas almas que se procuram e que, tendo-se encontrado, não fazem mais senão uma só alma e devem aperfeiçoar-se uma à outra; é a penetração de duas vontades que se fortificam mutuamente, não mais fazendo senão uma só”.

c) *E' a união de dois corações.*

“Entretanto, diz Fonsegrive, absolutamente importa pronunciar o nome amor quando se quer exprimir a essência da sociedade conjugal, o seu princípio e a sua lei mais íntima. O amor é o único vínculo digno de associar duas vidas em que tudo se compartilha. Esposa-se a pessoa, e não o dote ou o nome. Ora, a pessoa é indefinível. O que a constitui, sentimo-lo, mas não o compreendemos. Só o coração tem luzes sobre este ponto.”

Necessário é, pois, amar para se dar. Mas esse amor não será fundado exclusivamente nos sentidos, do contrário será efêmero como eles. Se são dois corações que se prendem um ao outro, nada, nem o tempo nem o espaço, haverá de separá-los.

O amor cristão, essa coisa magnífica cujo belo nome, em certa sociedade, não se sabe mais respeitar, é precisamente o triunfo do coração sobre os sentidos, o laço misterioso e sagrado que une em estreita comunhão o coração dos dois esposos. E' esse inexplicável e prodigioso poder ante o qual a morte, vencida, capitula, e que faz que, a despeito das dores atrozes e das lágrimas ardentes, nossos mortos vivam conosco e nós com os nossos mortos. E que têm então os sentidos a fazer aqui? Não é justamente na medida em que eles são dominados que o amor é mais forte e mais belo?

Onde os sentidos são senhores as almas são escravas, e a escravidão da alma é a pior das calamidades (H. Colas).

Um autor moderno mostrou muito bem que este sacramento, sobrenaturalizando o amor, assegura-lhe eficazmente a delicadeza e a fixidez, porque as haure no próprio coração de Deus:

“Ele ensina ao homem que sua esposa não é uma invenção de prazer que uma fantasia chama e um mau humor repele, nem a escrava das suas moles paixões, mas a companheira íntima e sagrada de toda a sua vida, dos seus interesses, das suas alegrias, das suas penas, de todos os seus pensamentos e de todos os seus empreendimentos. Sem essa comunidade de alma não há amor, não há família. Donde vêm, nos nossos dias, após uma curta felicidade, essas alianças tão depressa rompidas, e esses lares abertos às mais vulgares traições? O espírito cristão não após o selo divino às promessas de mútua fidelidade, e o amor sem consciência e sem Deus não passa de um capricho profano que pode fazer que as pessoas se encontrem um dia, de passagem, mas que não sabe unir” (Mons. Tissier).

Cumpra, pois, que os dois corações sejam ligados por um afeto recíproco e fundado em Deus. Aquilo que não se funda em Deus não resiste; o menor vento fá-lo ruir.

Quand deux époux se sont bien longtemps adorés.
De leur passé chéri qui sur eux luit encore,
De leur jeunesse à deux un rayon tombe et dore
Comme une aube sans fin leurs fronts transfigurés.

A esposos entre si longo tempo adorados,
Do caro passado que ainda lhes reluz,
Da mocidade a dois, vem um raio de luz
Que lhes doura sem fim os rostos transfigurados.

E' bem o caso de admirar, de passagem, uma das maiores maravilhas que o cristianismo trouxe à terra: a de colocar a Deus entre dois corações que se amam. “O amor conjugal; diz Perreyve, precisa ser superelevado; necessita da graça de Deus, força misteriosa que aperfeiçoa, santifica nos corações o elemento humano, e assim, à medida que se envelhece, faz descer a natureza e subir as almas”.

3º Grandezas do casamento.

Antes de S. Paulo haver escrito: “O casamento é um grande sacramento em Cristo e na Igreja”, vira-se o próprio Jesus assistir às bodas de Caná e antecipar os seus milagres em favor de dois jovens esposos.

“E’ pela fé, diz Mons. Baunard, que tudo se sobrenaturaliza e se espiritualiza na união dos esposos. Com efeito, de que delicadas salvaguardas a religião não a cercal Que dignidade lhe não conferel Em que honestidade não a conserva! Outrora ela começava por presidir aos sponsais, e, antes de abençoar as juras solenes, abençoava as promessas. Hoje em dia, perante o altar, ela abençoa o anel de ouro que os esposos vão pôr no dedo, para que êle seja infrangível como o vínculo que os une para a vida e para a morte. Jesus lá está, como em Caná. Ele, o Espôso da Igreja, lá está como consagrador, como protetor, como modelo, dessa humanidade a quem amou como uma espôsa deve ser amada. E, entre essas duas mãos que consentem em se unir indissolúvelmente, uma mão divina desce para lhes apertar o nó e atar as alegrias do tempo às esperanças eternas”.

Para compreender ainda mais a grandeza dessa união, é bom considerar as três coisas que nela os dois esposos devem ter em vista: Deus, a família e a santificação.

a) *Deus primeiro.* — Sendo o casamento um sacramento, sinal sensível instituído por Jesus Cristo para produzir a graça e santificar as almas, uma donzela cristã deve ver no casamento a resposta ao chamado de Deus, que lhe mostra nessa vocação (pois é uma vocação e, de muito, a mais freqüente) o caminho que a deve conduzir ao céu.

Depois da virgindade, que de mais belo do que êsse sentimento que, do berço ao túmulo, une em Deus duas vidas, duas inteligências, duas vontades, duas ternuras, predestinadas a se ajudarem mutuamente, a se consolarem, a se aperfeiçoarem, a se darem a mão para atravessarem a vida como duas heras que se aferram ao tronco robusto do velho carvalho?

O casamento dá almas a Deus. Prepara-lhe um povo de adoradores. E’ uma vocação, um sacerdócio. Encerra tudo

o que de forte, de grande, de sublime contém a palavra Sacramento!

b) *A família.* — Os dois esposos que vão a Deus com o mesmo arrôjo, com o mesmo coração, de mãos dadas, devem encarar o fim fundamental do casamento, que é criar um lar, onde entes saídos d'êles mesmos virão perpetuar a raça humana, dar filhos à Igreja e herdeiros ao Céu. Êste fim primordial do casamento é o que Deus teve em mira ao instituí-lo; importa não esquecê-lo.

Querendo mostrar a beleza da família, o Pe. Félix assim fala:

“Olhai daqui êsse serzinho vivo deitado no seu berço! Eis o homem na sua primeira manhã; é a vida humana na sua aurora, e, como a frente da aurora, velada pelas sombras do crepúsculo.

“O' bela e régia flor da criação, saúdo-te! Criança encantadora em tôrno da qual julgo ver os anjos estenderem suas brancas asas para protegerem teu berço! meu olhar, contemplando-te, já interroga o teu futuro. Que virás a ser?... Oh! aquilo que te fizer a palavra que sôbre ti vai cair dos lábios de teu pai e sobretudo de tua mãe; feliz, mil vêzes feliz se, para fecundar a tua jovem alma, o céu te envia a palavra de uma santa! Oh! vêde-a lá, sob um humilde teto, essa mulher que se curva sôbre um berço e olha para aquêl meigo rosto, como o anjo da solicitude, da ternura e da dedicação! Como ela fala a êsse anjo que dorme! Que lhe diz ela com seus olhares, seus suspiros, seus carinhos, suas lágrimas, com êsse hálito poderoso que penetra até ao fundo dessa jovem inteligência, dêsse coração que se abre?

“Ah! o que essa palavra de mãe diz a essa alma criança, ignoro-o, mas o que bem sei é que sob a ação dessa palavra que traz a luz e o amor, um dia essa jovem inteligência despertará para dar a sua primeira resposta à verdade que a chama e fazer o seu primeiro aceno ao amor que a abraça.

“Ao lado da doce voz da mãe há também a palavra mais grave do pai, que penetra na alma do filho pelas vias já abertas de uma razão crescente.

“E, do concurso harmonioso dessas duas palavras, encontrando-se numa mesma alma e trazendo-lhe ecos diversos de uma mesma verdade, faz-se uma palavra completa em que

a doçura é igual à força, e cujo raio, como o do sol, leva simultaneamente à alma o calor e a luz.

“O’ pai, ó mãe, vós que recebestes do céu a missão e a honra de educar filhos, ahi não esqueçais, nunca esqueçais isto! Assim como Deus por sua palavra cria o mundo e suas maravilhas, vós criais a família com todos os seus milagres”.

c) *A santificação.* — Desde que Deus vos chama ao matrimônio, estais no direito de esperar d’Ele tôdas as graças que vos serão úteis para lhe cumprir os deveres e lhe suportar as dificuldades.

Certamente tereis “tribulações” não conhecidas pelas almas que vivem no celibato. Entretanto, nada de tudo isso impede de amar a Deus e de O servir como convém; muito antes, é a matéria dos sacrifícios que devem pagar as alegrias da terra e as alegrias do céu. A vida de uma boa esposa, de uma mãe de família é cheia de cuidados, de penas, de dificuldades que só a fé ensina a bem suportar.

Casando-se, assim, para obedecer a Deus, para fundar uma família, para criar um lar e nêle se santificar cumprindo seus deveres de esposa e de mãe, ela mostra compreender, como se deve compreendê-la, a divina beleza dêste sacramento.

Depois do sacerdócio e do estado religioso, que de mais belo há na terra do que a fundação de um lar cristão?

O casamento é sagrado na sua origem, escreve o abade Coubé, porque tem a Deus por autor. Foi Deus quem criou um para o outro os dois primeiros esposos; foi Ele o inspirador e a testemunha da união dêles.

O contrato do casamento é sagrado, pois por êle os dois cônjuges empenham mutuamente sua fé. Esse contrato é irrevogável, porquanto à vontade humana que o constitui junta-se a vontade divina que o consagra e o torna intangível.

O vínculo do casamento é sagrado: o homem não pode separar aquilo que Deus uniu. E’, pois, uma fidelidade inviolável que o casamento requer, e ela deve resistir às provações da vida comum e às tentações de fora.

A finalidade do casamento é sagrada. Primeiro, dá ela ao homem uma companheira que será o encanto e a auxiliar de sua vida. Depois, o casamento é destinado a perpetuar

a raça humana; a criatura torna-se criadora em colaboração com o Criador, causa primária e senhor da vida.

O *fruto* do casamento é sagrado; é o filho dotado de uma alma imortal, imagem de Deus, e que os pais devem gerar duas vêzes, dando-lhe, depois da vida natural, a vida intelectual e moral, e preparando-o para a vida bem-aventurada da eternidade.

O *direito social* do casamento é sagrado... Nenhuma legislação humana pode criar impedimentos ao seu exercício, nem lhe romper o contrato, nem lhe pronunciar a dissolução. O divórcio propriamente dito pode ser legal, mas é sempre ilegítimo e nulo de pleno direito.

Bem longe, pois, que o casamento seja um simples contrato pelo qual um môço e uma môça põem em comum seus títulos, suas fortunas, suas riquezas, suas vidas. O casamento é um sacramento, sim, um sacramento como o Batismo e como a Eucaristia.

“O próprio Deus intervém nêle como testemunha, como juiz e como vingador dêsse grande contrato. Devem os esposos banir para sempre para longe de si as friezas, que seriam ultrajes, os enjôos, que seriam perjúrios, e a infidelidade, que seria um sacrilégio” (Mons. Dupanloup).

4º *Provações do casamento.*

Útil é também para vós tirarmos certas ilusões perigosas, dizermos uma palavra acêrca das provações que o matrimônio vos reserva.

Sábio é Deus em vos velando os rigores do amanhã sob as côres vivas e risonhas com que a vossa imaginação coloreia os vossos doces sonhos! Sabei, entretanto, ver os espinhos escondidos por debaixo das rosas!

Bossuet escreveu: “Não há, na humanidade, dores mais cruéis do que as que estão preparadas para os melhores casamentos do mundo”. E La Rochefoucauld diz: “Há bons casamentos, mas não os há deliciosos”.

Há um fato que já se impõe à vossa atenção. Seja qual fôr o grau e a viveza do seu amor, forçosamente lhe verão

os dois esposos tombar as chamas. A poesia do início desaparecerá um dia, a juventude fenecerá com seus agrados exteriores, a paixão (se paixão há) depressa se terá acostumado à posse do seu objeto, sempre o mesmo; a vida não tardará a parecer menos rósea, tornar-se-á mais cinzenta, monótona, e a realidade aparecerá severa. E' a sorte inevitável de tudo o que é humano.

Quereis saber o quanto, dentro em alguns anos, a cena se transmuda?

Lede esta página em que Luís Veillot conta como ficou impressionado ao encontrar, quinze anos depois, dois esposos que êle conhecera nos dias do casamento.

A mulher de Henrique tinha-me visto menos. Não pôde sem um pequeno esforço lembrar-se da minha figura e do meu nome. E eu, em qualquer outra parte, lhe teria falado sem reconhecê-la. Na minha memória, ela era a fada da juventude, vestida de gaze, coroada de flôres, abeirando-se da realidade com o sorriso nos lábios, pelos caminhos verdes da primavera. Um coração que nada melindrou, olhares que nada viram de triste, um espírito que não conheceu alarmes, ouvidos que só ouviram doces palavras, mãos que só trouxeram "bouquets"; tôda a manhã, tôda a flor, tôda a promessa da vida. Assim me aparecera ela no dia do seu casamento, cristã, mulher, menina conjuntamente, harmonia de beleza, de fé, de amor, de candura; séria, porque cria; feliz, porque amava; radiosa, porque ignorava...

Depois de quinze anos, era uma espôsa envelhecida nos cuidados da casa, uma filha de luto pela mãe, uma mãe de luto pelos filhos. No seu rosto empalidecido, a torrente das lágrimas cavara mais profundo o sulco dos anos; no seu coração submetido à Cruz, ela abafava o inconsolável soluço de Raquel. Lembrei-me de que a chamávamos *Stella matutina*. Agora, pensava eu, *Mater dolorosa* é que se deve dizer!

O grande êrro de muitas môças é se lançarem na vida com o coração cheio de ilusões. Só se acredita no próprio amor; transformam-se as coisas ao sabor dos próprios desejos: não se quer ver senão um dos lados da medalha, e tôda medalha tem o seu reverso.

Entre as provações que se devem prever, citeamos:

a) *As doenças.* — Muitas vèzes as pessoas se casam sem prestar grande atenção a êste ponto, no entanto tão sério! Um ou outro, sujeito a uma doença crônica ou vítima de um acidente, pode em pouco tempo vir a ser uma carga ao revés de uma alegria, de um sustentáculo. Doente, a pessoa torna-se exigente, irascível; e, quando o outro se vê reduzido ao papel de enfermeiro, a paciência acaba por esboroar-se aos poucos.

b) *Os reverses de fortuna.* — Podem êstes ser mais ou menos graves; às vèzes o são de tal modo, que lançam na miséria. E, se o marido não pode mais trabalhar, começa-se uma série negra de dias melancólicos e sombrios.

Cedo se esquece o passado tecido de ventura, para topar com a implacável realidade. E, apesar de tudo, é preciso viver.

c) *Os sogros.* — As relações com êstes nem sempre serão muito fáceis. Uma môça deixa sua família para viver com o marido. Tudo encanta, tudo lhe sorri. Não esqueça ela, porém, que, esposando-o, entra numa nova família que não terá escolhido, cuja influência sofrerá, e com a qual terá de avir-se.

A nova família vos acolherá com o sorriso, sem dúvida, mas quanto tacto não vos será mister para penetrar sem choque nesse novo lar, junto a essa mãe cujo filho acabais de tomar! Esposais um marido e não a família dêle, é verdade, mas mesmo assim tereis de suportar essa família.

O melhor será fundar um lar só para vós. Mas, se tiverdes de viver com a vossa nova família, fazei provisão de paciência, de calma e de doçura. Precisareis disso...

d) *Os defeitos de índole.* — Com as suas qualidades, traz cada um ao lar as suas imperfeições, os seus defeitos, o seu temperamento, os seus hábitos. Em dois entes profundamente apaixonados um do outro, a revelação dos defeitos, produzida pelo comércio diário, cedo gerará uma espécie de desencanto. Haverá que praticar a tolerância mútua, que é a grande ciência de uma felicidade relativa. Só o amor cristão, haurido na graça do sacramento, dará aos esposos

fôrça para se ajudarem mútuamente a carregar o fardo da vida.

Eis aqui, a êste respeito, a opinião de uma mulher de letras, Yvonne Sarcey: "Diz-se à môça: "Casar-te-ás para seres feliz!" Não é verdade! Dever-se-ia dizer-lhe: Prepara-te durante tôda a primavera da vida para essa coisa sagrada: o casamento. Prepara e fortifica a tua vontade, para te mostrares digna dêle, pois deverás lutar sem trégua e caro comprar a tua felicidade.

"Deus, que faz bem as coisas, quis que o amor fôsse a poesia dêsse grande ato: mas não te enganes nisso. A ternura que inundará o teu coração, o paraíso que acreditarás tocar, não passa do oásis em que repousarás um instante a tua mocidade. Porquanto o casamento é a provação sublime cujas penas contarás cada dia. Mas essas penas, amas, elas te fazem mulher.

"Olha com ebriedade para o sol; não te esqueças de medir a sombra que êle te deixa. Ama teu marido pelos predicados que lhe descobriste no tempo do noivado, e depois acomoda-te com os defeitos que êle já se não dará ao trabalho de ocultar, todos os homens os têm; e é por isto que não se deve fazer dêles uns deuses" (Univ. des Annales, 1º de janeiro de 1918).

Por isso, não considereis o casamento como o meio de criar para vós uma situação, de vos dar uma certa independência, um pouco mais de liberdade; vêde-o como êle deve ser visto, isto é, como uma vida de deveres delicados, de trabalho obscuro, de tolerância mútua e de perpétua dedicação.

Não faleis demais sôbre êle entre môças, pois vos arriscais a falsear o vosso juízo; não vos deixeis levar a devaneios que vos proporcionariam cruéis desilusões; não vos impregneis de leituras romanescas, pois vos prepararíeis surpresas cruéis. Numa palavra, fazei mui sèriamente essa coisa muito séria, e preparai-vos para êsse ato que será para vós o mais capital da vossa vida.

5° O que se deve fazer antes do casamento.

Necessário se torna, pois, preparar-se para o casamento, como a gente se prepara para tudo o que quer fazer seriamente. Não bastará cumprir, no momento querido, as exigências e prescrições das leis naturais, civil e eclesiástica; há deveres que se impõem a vós desde hoje, e que vos ajudarão a cumprir melhor os que vos aguardam amanhã.

Êsses deveres, quais são?

a) *Pedir a Deus.* — Sendo o casamento, consoante a própria liturgia, “a instituição que Deus escolheu para a propagação do gênero humano”, evidente é que Deus cercará da sua solicitude a alma que lhe pede luz e socorro para conhecer a sua vocação e a ela corresponder fielmente.

Deus certamente prepara as almas umas para as outras. Há uma que Ele reservou para vós e que vos destina. Pela oração, pedi-lhe fazer-vo-la conhecer.

“Se os casamentos são inscritos no céu, diz o abade Rouzic, a oração ajudar-vos-á a soletrar, a ler essa escrita celeste, e a vos adjudicar na terra aquêlê cujo nome está junto ao vosso nas tábuas divinas”.

Portanto, rezai: 1° para saber se tendes realmente vocação para o casamento; 2° para conhecer aquêlê que o céu vos destina. Reza-se para tudo; que acontecimento maior do que aquêlê que fixará a vossa sorte na terra e que tanto pode influir para a vossa salvação?

b) *Refletir.* — Quando uma môça entra no convento, antes de lhe permitirem fazer os votos deverá ela passar por uma série de exercícios preparatórios, por provas mais ou menos longas. Só depois de madura reflexão de sua parte e da parte da Comunidade é que ela fará a sua consagração definitiva. Isso requererá ao menos dois anos.

E por que então, quando se trata de casamento, querer-se andar tão depressa? Não se trata, entretanto, de uma loteria. E' preciso refletir nisso, ver se se têm as qualidades necessárias para vir a ser uma boa espôsa e uma mãe de família. Quando assim se reflete longamente sôbre si, sôbre a própria alma, sôbre o próprio coração, sôbre as próprias aptidões físicas e morais, sôbre o próprio caráter

e sobre tôdas as obrigações que a vida a dois impõe, mister se faz examinar também a quem se quer desposar.

Como? passareis um tempo apreciável a escolher um vestido, e haveis de lançar-vos nos braços do que primeiro se apresentar de sorriso nos lábios e com flôres na mão? Sem dúvida, como diz uma velha canção, "a vida é uma viagem que só se faz bem a dois". Também é preciso que os dois viajores se entendam. Sem isso, haverá dificuldades, e não se pode dizer: Para outra vez escolherei melhor. Tão pouco podem os dois ir cada um para seu lado! Não se tem a perspectiva de, no têrmo da viagem, poder ter o prazer de dar adeus ao seu companheiro de estrada! Não, essa viagem tem um único têrmo: a morte. Até lá, se os dois não se amarem, ao menos terão de saber suportar-se.

Quantas reflexões não devem as pessoas fazer antes de se decidirem!

c) *Consultar.* — Depois de rezar e de refletir, deveis também consultar vossos pais e vosso confessor.

Quanto a vossos pais, isto se impõe. O simples respeito vo-lo ordena, e a prudência também: vossa família tem interêsse em evitar uma escolha lamentável, e a sua experiência da vida será sempre mais clarividente do que a vossa ingenuidade sentimental.

Todavia, *não vos deixeis casar!* Vossos pais, os amigos, os estranhos quererão talvez vos casar. Não assistais aos seus preparativos matrimoniais como se tratasse de outra. Tendes no capitulo voz preponderante, a única voz decisiva, e sobre vós recairão finalmente tôdas as responsabilidades e tôdas as conseqüências. Sabei, pois, mostrar-vos intratável se vos quiserem impor escolha que o vosso coração e a vossa fé não podem aceitar. Em compensação, não vos esqueçais de que raramente se vê serem bem sucedidas as uniões em que a paixão dos filhos faz violência a uma opposição paterna que não seja de puro capricho.

6° A escolha.

Cada um de vós fêz para si, mais ou menos, um "ideal". Na ingenuidade cândida dos seus sonhos, entreviu aquêla a quem dará o seu coração e a sua mão. Aqui, importa ser

claro e é permitido ser um pouco longo, pois a coisa vale a pena.

A. Cochim escreveu: "Fico espantado de pensar em que a vida inteira de um homem depende de dois ou três sins, de dois ou três nãoos, pronunciados dos dezesseis aos vinte e cinco anos!" Esse sim ou esse não, hora virá em que devereis dizê-lo, e ele vos ligará para tôda a vossa vida. A quem, pois, escolhereis? em que mão pousareis a vossa quando, em face dos altares, disserdes o "sim" sacramental que vos unirá?

Examinemos agora certas pequenas circunstâncias a que de ordinário não se dá muita atenção.

a) *Diferença de idade muito grande.* — A vida a dois requer uma certa paridade. Pode ser poético ver uma jovem planta apoiar-se numa árvore envelhecida; mas a poesia não faz a felicidade da vida.

b) *Casamento com um viúvo pai de família.* — Não esqueçais que se faz mister uma dedicação a tôda prova para amar um homem que já amou, e para educar com amor os filhos de outra mulher. Talvez sintais no coração essa dedicação; todavia, lembrai-vos de que ela deverá durar...

c) *Desconfiar dos "amigos de infância".* — Acredita-se, às vêzes, que, por terem brincado juntos quando pequeninos, por se haverem mesmo simpatizado nas horas tão graciosas mas tão ligeiras da infância, duas pessoas têm o que é preciso para viverem juntas e fundarem um lar. As vêzes pode ser, mas não sempre. Essa simpatia não basta, é preciso mais. E, depois, grandes mudanças podem ter-se operado no môço. A caserna, a vida de trabalho, a vida mundana têm uma influência por vêzes tão desastrosa! Tomai, pois, cuidado! Refleti.

d) *Intervenção dos pais.* — Em relação aos pais, que naturalmente também pensam no casamento da filha, deve esta conhecer a linha de conduta a seguir.

1) Se vossos pais quiserem forçar-vos a um casamento que não satisfaça nem a vossa fé nem o vosso coração, recusai firmemente.

2) Se elles vos quiserem impedir de fazer um casamento sério, por motivos vãos, de dinheiro por exemplo, insisti com doce firmeza, mostrai-lhes as vossas razões. E induzi-os delicadamente a dar-vos o seu consentimento.

3) Podem elles ter para si motivos superiores, imperiosos, que se imponham; examinai-os seriamente diante de Deus e, se preciso, tende a sabedoria de render-vos aos seus conselhos.

4) Em todo caso, evitai sempre e a todo custo o arrebatamento, a precipitação, a cólera, as ameaças e outros meios indelicados que só fariam excitá-los ainda mais e preparar-vos mais tarde amargos pesares.

* * *

Um ponto há, porém, para o qual é preciso atrair a vossa atenção de maneira particular.

O casamento, não o esqueçais, é um sacramento, quer dizer, uma coisa santa. Assim sendo, vós, jovem cristã, não podeis deixar de prestar uma atenção singular ao lado religioso dêsse grande ato. Enquanto o mundo pergunta: qual é o dote?, vós perguntais: Esse môço compartilha as minhas convicções religiosas?

Vejamos os diversos casos que podem apresentar-se.

1) *Se o môço é moralmente sério e cristão praticante*, e se, bem entendido, não há obstáculo pelo lado das qualidades naturais ou do caráter, ide a êle com confiança. Esse certamente vos dará a felicidade. Será pobre, talvez, mas uma fortuna não valerá tudo o que êsse coração puro e piedoso vos reserva. O vosso casamento será dêsses "que estão escritos no céu".

2) *Se êle é cristão e não pratica*. — Provavelmente será êle dêsses numerosos cristãos que só o são de nome. Podem-se, entretanto, encontrar entre elles almas retas, corações francos, que talvez não peçam mais do que achar em vós uma alma irmã, capaz de reanimar nêles o facho da fé.

Se houvesse que excluir todos os môços que não praticam, para muitas môças o casamento seria impossível. Por si mesmo, entretanto, se comprehende que neste caso a investiga-

ção sobre as qualidades morais deverá ser particularmente severa, já que a garantia religiosa falta.

3) *Se êle vos disser: Deixá-la-ei livre de praticar a sua religião, mas aviso-a desde já que não a seguirei.* — De duas uma: ou êle cumprirá a sua palavra, ou não a cumprirá.

Suponhamos que êle seja fiel aos seus compromissos. Ver-vos-á rezar, e, êle não rezará; ireis à missa, e êle vos esperará em casa ou no café; podereis falar de tudo com êle, afora daquilo que mais tendes a peito, a vida de vossa alma! Que sofrimento para vós! E que perigo também!

Pouco a pouco êle destilará em vós o seu ceticismo. Sem sequer o perceberdes, familiarizar-vos-eis com a irreligião, à fôrça de vê-la num ente amado cujo ascendente se imporá a vós. A vossa fé resistirá, espero-o, mas se arriscará a debilitar-se e a soçobrar numa semi-indiferença em que já não passareis de uma cristã diminuída e bem incompleta. Os vossos sentimentos religiosos, que recalcareis em vós mesma, acabarão por definhar, qual chama que se não alimenta mais.

E se êle não cumprisse a sua palavra? Não é esta uma hipótese a afastar; ela se realiza mais amiúde do que a primeira! — Oh! dizeis vós, eu não mudarei! — Não podereis deixar de mudar! No início êle vos deixará fazer, depois não tardará a vos explicar que é preciso pôr uma surdina na vossa devoção. Um dia êle quebrará os vidros e vos proibirá irdes à missa, vos confessardes, comungardes, mesmo pela Páscoa. Então vos revoltareis e, apesar de uma dor medonha, continuareis, às escondidas, a cumprir os vossos deveres religiosos. Mas pouco a pouco produzir-se-á em vossa alma um desmoronamento, e, não podendo mais, desprezareis a Deus para obedecer ao capricho de um homem.

4) *Se êle fôr livre-pensador e impio, e se tiver o cinismo de vos confessar a sua impiedade, a vós, jovem cristã, espero sabereis fazer-lhe compreender que êle errou a porta.*

Um homem sem princípios religiosos possuirá a primeira das virtudes conjugais, a fidelidade?

“Compreenderá o coração impio tudo o^o que há de sagrado nesse vínculo secreto que se vem atar ao pé dos altares? E,

se esse homem não crê no sacramento, se não vê no casamento mais que uma pura formalidade, que lhe importa que dois ou três homens tenham sido testemunhas da sua fé jurada?

“Os esposos cujo amor mútuo não é cimentado pela religião, jamais compreenderão “o casamento das almas”.

“Quando dois esposos não colocam em Deus o seu amor, quando não têm a mesma fé, que é que vão procurar ao pé dos altares? a maldição divina e amargas decepções” (P. Hubert).

Talvez que, apesar de tudo, com o auxílio da paixão e por causa de certos atrativos exteriores, vos digais então: “Quem sabe? trabalharei para convertê-lo e reconduzi-lo-ei a Deus”. Para isso seria preciso ser uma santa como Clotilde. E o sois? Não tenteis a Deus! Porque esse ímpio zombará da **vossa** religião e dos **vossos** escrúpulos. Um dia, ficaríeis exposta a rir **dêles** vós mesmal! Chegaríeis a ser impressionada pelas idéias **dêsse** homem a quem amais e que é **vosso** marido. E a **vossa** fé ruiria em breve como uma parede minada por surdas infiltrações. Não vos **apresseis** a considerar esta advertência como inútil; pelo contrário, ela é de molde a fazer refletir uma cristã. Sem dúvida, há livres-pensadores honrados; há muitos que ao mesmo tempo são livres vivedores. Não tardaríeis a ser metamorfoseada em mulher infeliz. Pudésseis então **sê-lo** só neste mundo!

5) *Se êle fôr de outra religião.* — A não ser por motivos extremamente graves, absteide-vos, recusai!

Esses casamentos híbridos em que não existe a comunidade de crenças não podem fazer as pessoas felizes.

Além de terdes fatalmente, no casamento, muitas ocasiões de mágoas, de discussões, de desacordos por causa da diversidade dos gênios e dos gostos, ainda quereríeis acrescentar a isso as sementes da desunião de **vossas** almas?

A vida tãda serieis condenada a não vos entenderdes com vosso marido sôbre as coisas mais graves; a não terdes paz entre vós a não ser sob a condição de nunca falardes de religião; a verdes **vossos** filhos, quando tiverem crescido, perguntar-se quem é que tem razão, se seu pai, se sua mãe. Na verdade, esse casamento poderá, em rigor, unir dois

corações, mas nunca unirá duas almas. Ora, é sobretudo pela alma que se ama deveras.

6) *Em resumo*, pois, antes de vos decidirdes a contrair uma união, consultai, refleti. Da vossa decisão dependerá a vossa felicidade neste mundo; ela repercutirá na própria eternidade. Preocupai-vos primeiro com os sentimentos religiosos do môço.

Depois da questão religiosa, estudai bem o caráter, sabeis distinguir naquele que quer unir sua vida à vossa o que é verdadeiro e natural do que é simulado, postiço e falso. As conveniências, a polidez, o desejo de agradar, uma arte profunda, muitas vêzes recobrem de encantos enganadores uma alma antipática e sêca, que vos reserva penosas desilusões pelo seu egoísmo.

Ele é simples? E' bom? E' dedicado? tudo está nisto. Se é bom, sereis feliz, pois a bondade supõe muitas outras virtudes; se é dedicado, tem coração, e o coração não engana.

7º Depois do noivado.

A vossa vocação é clara, a vossa escolha está feita, e o vosso noivo é admitido a vir fazer-vos as visitas de uso. As vossas relações com êle deverão, forçosamente, tornar-se mais íntimas. Ele já não é mais um estranho para vós. O anel que êle já vos pôs no dedo é o primeiro elo de uma cadeia de amor que vos unirá até ao túmulo.

Há então coisas que o decôro autoriza e outras que proíbe.

Tentemos ser mais precisos e dar sôbre êste assunto delgado noções que poderão esclarecer muitas almas.

1) Podeis ver vosso noivo de vez em quando, e isso para melhor vos conhecerdes. E' muito natural que vossos dois corações se abram então um ao outro e que vos participeis mutuamente os vossos projetos de futuro. Mas as conveniências, como a prudência, reprovam as conversas longas, a sós, fora da casa paterna.

2) Podeis dar-vos provas fraternais de amizade. Já não sois mais uma desconhecida para êle, e os testemunhos de afeto que uma irmã pode permitir-se com seu irmão vos são permitidos, com mais reserva no entanto.

3) Não vos esqueçais também que tôda falta tem uma repercussão fatal na existência. Pensai no futuro, não o estragueis, nem por algumas complacências culpadas vos prepareis remorsos para o resto da vida e uma diminuição da estima que por vós deve ter aquêle que amanhã será vosso espôso. Longe de ganhar, com isso o verdadeiro afeto só poderia perder.

Escreve Mons. Gibier: "Importa que, desconfiando de si mesmos e da paixão, que nunca é mais perigosa do que na véspera de se tornar legítima, os dois noivos conservem um pelo outro essa reserva cheia de respeito, que é o prelúdio e o fundamento de um amor duradouro".

4) Se o vosso noivo abandonou suas práticas religiosas, o vosso dever é concitá-lo fortemente a voltar a Deus. Tendes sôbre êle uma influência muito grande, sabeis servir-vos dela. Mais tarde, seria tarde demais.

5) Se necessário, fazei da conversão dêle, séria e integral, uma condição absoluta do seu casamento convosco. Se êle vos vir resoluta, tereis a certeza de lhe ganhar a alma ao mesmo tempo que o coração.

6) Pelo contrário, se êle é bom cristão, não deixeis de juntos rezar muito e de comungar juntos. Devemos entre-mear Deus a todos os atos da nossa vida. Nunca, mais do que nessas horas solenes, precisareis de socorro.

7) Enfim, antes de vos casardes, instruí-vos junto ao vosso confessor ou a vossos pais, mormente junto a vossa mãe, sôbre as obrigações especiais do casamento.

8º *Impedimentos de casamento.*

a) *Motivos dêsses impedimentos.* — Acreditamos fazer obra útil às nossas leitoras acrescentando aqui um rápido resumo da doutrina e da legislação da Igreja relativamente aos impedimentos do casamento. O conhecimento dêsses pontos da disciplina católica, muito importantes e ignorados, ser-lhes-á uma advertência salutar para se recusarem, desde os primeiros passos, a enveredar por caminhos onde topariam com barreiras que, se nem tôdas são absolutamente intransponíveis, pelo menos tôdas são mui sàbiamente estabelecidas.

Mesmo quando não são a expressão de uma proibição absoluta estipulada pela lei natural ou pela lei divina (casos em que não comportam nenhuma dispensa), essas proibições da Igreja são tôdas motivadas pelo bem da família, da sociedade, dos próprios esposos. Para tomar só um exemplo, é assim que a proibição dos casamentos entre parentes é uma lei fisiológica, não menos que uma lei eclesiástica: cada um sabe a que enfermidades e degenerescências ficam expostos os descendentes dessas uniões consanguíneas. Para os outros impedimentos fãcilmente se acharão motivos não menos graves. Cumpre, pois, ver no uso feito pela Igreja do pleno poder, recebido do próprio Jesus Cristo, de regular por suas leis as condições de validade do casamento cristão, não um conjunto de restrições arbitrãrias à liberdade de seus filhos, mas o efeito de uma sabedoria tôda maternal, que fecha, ante os caprichos dêles, sendas semeadas de precipícios onde, com as suas almas, correriam risco de perecer a felicidade dêles e a moralidade pública.

Tiramos esta curta exposição da obra *Educação cristã dos filhos*, pelo abade Aubert, contentando-nos com colocá-la em relação com a nova legislação eclesiástica que entrou em vigor no dia de Pentecostes de 1918.

b) *Efeitos dos impedimentos*. — Se duas pessoas se casam apesar de um impedimento *impediente*, cometem um pecado, mas ficam realmente casadas. Ao contrário, se se casam apesar de um impedimento *dirimente*, não sòmente cometem uma falta grave, mas não ficam casados aos olhos de Deus, nem têm o direito de agir como se casadas fòsem.

c) *Principais impedimentos impedièntes*. — 1) A Igreja proíbe celebrar casamento: a) antes de três publicações perante os fiéis reunidos, chamadas proclamações de banhos, e destinadas a descobrir qualquer impedimento; b) com um protestante ou com qualquer outro herege, por causa do perigo de perder a fé ou de educar os filhos na indiferença religiosa. Quando a Igreja concede dispensa dêste impedimento, exige a promessa sincera, de que *todos* os futuros filhos saídos dêsse casamento serão educados na religião católica. Ademais, sob penas severas, proíbe ela à parte católica apresentar-se perante o ministro herege.

2) *Tempo proibido*. — Assim se chama: o *Advento*, isto é, do 1º domingo do Advento até o Natal, inclusive; — a *Quaresma*, isto é, desde a Quarta-feira de Cinzas até o domingo de Páscoa inclusive. As conveniências cristãs exigem, com efeito, que êsses tempos de jejum, de mortificação e de santa tristeza não sejam perturbados por gozos profanos.

d) *Principais impedimentos dirimentes*. — 1) *Falta de consentimento livre*, proveniente ou de erro essencial sobre a pessoa, ou do *temor*, da *violência* ou do *rapto*.

2) O *vinculo* de um casamento precedente. — Exemplo: Um *divorciado* cujo cônjuge ainda está *vivo* não pode esposar outra pessoa. Se as leis civis o permitem, Deus o *prolbe*.

3) O *parentesco*. — O casamento é impossível entre parentes: a) em todos os graus em linha direta; b) até à terceira geração inclusive, em linha colateral, isto é, entre primos saídos de irmãos germanos ou de grau mais próximo; c) há também um *parentesco espiritual*: o padrinho e a madrinha de batismo ou de crisma não podem esposar o afilhado ou a afilhada.

4) A *afinidade* ou *aliança*. — Não se podem esposar nem os ascendentes ou descendentes, nem os tios, sobrinhos ou primos germanos do espôso falecido.

5) O *crime*. — Duas pessoas que voluntariamente tivessem causado a morte de um de seus cônjuges no intuito de se casarem, não poderiam fazê-lo. — Outro tanto cumpre dizer dos que fôsse culpados, juntos, de adultério, e dos quais um tivesse voluntariamente feito morrer o seu cônjuge legítimo. Do mesmo modo, uma pessoa divorciada que, em vida do legítimo cônjuge, houvesse contraído um novo casamento civil, não pode válidamente, sem dispensa, após a morte do espôso legítimo esposar perante a Igreja o cônjuge civil que tomou; semelhantemente, é o caso de duas pessoas que se prometem casamento pecando contra a fidelidade conjugal a que ao menos uma delas já está obrigada.

6) *Diferença de culto*. — Um católico não pode esposar uma pessoa não batizada, judia, maometana ou pagã.

7) Enfim, para ser válido, deve o casamento ser contraído em presença do vigário da paróquia onde êle se celebra, ou

de sacerdote delegado por êle, e ao menos perante duas testemunhas.

e) *Dispensas.* — Para alguns dêsses impedimentos a Igreja concede dispensas, mas os bons cristãos tomam como uma honra não as pedirem a não ser por motivos graves. Sabem que a Igreja só as concede com pesar, e que a esmola imposta aos que as solicitam tem por fim não deixar multiplicar êsses favores. A dispensa, com efeito, levanta realmente o óbice oposto pela Igreja à celebração do casamento, mas não faz desaparecer os inconvenientes que motivaram a proibição. Fará, por exemplo, que o casamento entre dois primos germanos seja um casamento válido perante Deus e em consciência. Mas, se as condições fisiológicas dos dois esposos consanguíneos forem tais que os filhos devam ser, um idiota, outro surdo-mudo, um terceiro epiléptico, a dispensa não impedirá essas taras de degenerescência. Importa lembrar-se de que as leis são feitas para serem observadas, e não para se obter dispensa delas.

A vós agora, filha fiel da Igreja, compete refletir e compreender tóda a extensão dos vossos deveres. Tudo está nisto, porque, quando souberdes a que é que vos comprometeis, quando vos compenetrardes do pensamento de que o casamento é indissolúvel, de que deve durar a vida tóda, sereis mais difícil e mais séria para a escolha de um marido. As vantagens de um casamento de dinheiro, aos entusiasmos efêmeros de um casamento de amor, à facilidade de um casamento de conveniência, preferireis a segurança e a doçura de um casamento cristão.

CAPITULO III

A VOCAÇÃO RELIGIOSA.

O casamento e a vida religiosa são as artérias principais da existência humana, e, como o primeiro desses estados é a fonte da raça, deve computar justamente o número mais elevado. A vocação religiosa, que está acima da vida comum como a alma está acima do corpo, e que por conseqüente é o estado mais perfeito em si e mais santo, será sempre para um escol.

Deus tem o direito de fazer para si um círculo de amigos íntimos mais dedicados, de coração mais generoso. Porém o número de almas por Ele assim escolhidas é sempre restrito, como tudo o que está acima do comum e do geral.

Na verdade, a vida religiosa é a eflorescência mais completa da vida cristã e o desenvolvimento mais especial das virtudes, tais como o desapêgo, o devotamente e a abnegação, tudo isto pelo sacrifício e pela destituição de si mesmo levados a um grau mais elevado e sobrenaturalizados pela caridade.

Retraçar-vos a excelência desta trilha é coisa supérflua, pois sois daquelas que sabem apreciar não somente a utilidade da vida ativa, mas também a importância e a grandeza da vida contemplativa. Estas duas hastes, que têm as mesmas raízes e que vivem da mesma seiva, têm cada uma sua missão particular a cumprir, mas para se reunirem na mesma meta, que é a glória de Deus e a salvação das almas.

Não há obras espirituais e materiais que o zêlo religioso não tenha atingido. Ele toma a humanidade desde a infância e segue-a até à velhice, em tôdas as fases da vida, educação moral, educação prática com tôdas as variedades de ação, com tôdas as especialidades de meios. Depois vem o

campo, tão vasto, da dedicação aos doentes, aos enfermos, leprosos, cancerosos, cegos, surdos-mudos, idiotas alienados... nada é esquecido no terreno da caridade cristã; as Irmãs de Jesus Cristo estão sempre prontas a sacrificar o seu tempo, a sua saúde, as suas alegrias, para darem aos que sofrem, aos deserdados dêste mundo um alívio para seus males.

A vida contemplativa é menos compreendida, porque muitos não se explicam facilmente como pode uma pessoa retirar-se, sepultar-se para sempre num mísero recanto de terra, entre grades e muros. O mosteiro é como uma fortaleza, cercada de baluartes, para defender e guardar a cidade das almas, e as Ordens contemplativas que nela se encerram são como que uma seleção da grande milícia religiosa.

Devemos admirá-las, estimá-las como o faz a Igreja, e, em lugar dos sentimentos de compaixão com que o mundo às vêzes as lastima, devemos ter a convicção profunda de que ai é que se acha "a melhor parte".

Mas, quer se trate das esposas que Jesus escolhe para si separando-as do mundo, quer daquelas que Ele aplica a um ministério de caridade para com o próximo, tôdas têm a grande honra, bem superior à das Vestais pagãs, de ter que entreter e reavivar incessantemente no coração a chama do amor de Cristo.

Conheceis a história daquela santinha de treze anos que se chamava Inês, que os algozes não puderam vencer, e que tão pouco as seduções conseguiram abalar. Contra a maldade, a astúcia e a lisonja ela tinha só uma arma: uma palavra. Dizia: "Eu amo a Cristo!"

Quantas donzelas, como ela, na idade mais bela da vida, na primavera da existência, no momento em que tudo parece florir e cantar no seu coração de vinte anos, quando o futuro é como um sonho em flôres, em que alegria, felicidade, prazer lhe sorriem à alma pura e amante, quantas, digo, calcam aos pés as alegrias e vaidades do mundo e dizem como S. Inês: "*Eu amo a Cristo!*"

E, por amor dêsse Cristo que lhes conquistou o coração de virgem, deixam elas tudo e O seguem! Seguem-no aos claustros, buscam-no à cabeceira dos doentes, aliviam-no no

pobre, e vão mesmo atrás d'Ele até a plagas longínquas, onde cuidarão d'Ele sob os membros ulcerados dos leprosos!

Se Deus vos chama a esta trilha real da renúncia e do sacrifício, ide a ela valentemente, alegremente. Mas, antes de entrardes nelas, refleti, pedi conselho, pois só Deus pode pedir-vos êsse sacrifício e dar-vos as graças necessárias para cumpri-lo. Aqui, nenhuma consideração humana deve intervir. Não vos contenteis com uma vocação duvidosa, indecisa, incerta; é preciso que o chamado de Deus seja positivo e claro. Se entrásseis na vida religiosa sem vocação, longo martírio seria a vossa vida.

1º Sublimidade dessa vocação.

a) *E' uma graça de escolha.* — O estado religioso é, por si mesmo, o melhor e o mais perfeito.

Diz S. Afonso de Ligório: "Quando Deus chama uma alma a uma vida mais perfeita, certamente lhe faz uma graça especial e de grandíssimo valor. E' um favor que Ele só concede a um pequeníssimo número. Oh! como é bem preferível ser chamado ao estado religioso e tornar-se um dos familiares de Deus, a ser chamado a reinar sobre os maiores reinos da terra!"

Já não sereis apenas sua filha, sua "serva", tornar-vos-eis sua Espôsa... Que título! Quando se reflete bem nisto, que grandeza!...

Se pedíssemos a uma humilde pastorinha vir ao palácio, aonde o rei a chama para fazê-la rainha, que glória para tôda a sua família!

E que alegria para essa alma eleita o sentir-se tão grande apesar da sua pequenez!... Aos olhos do mundo ela parece humilde, alguns mesmo a lastimam e parecem desdenhá-la! Mas essas que se ufanam do seu título ou do seu espôso não desconfiam que a freirinha que passa, tímida, pela rua, essa cuja vida as espanta e a quem elas prodigalizam às vezes as suas piedades desprezadoras, "também atravessa o deserto da vida apoiada ao braço de seu espôso, e êsse espôso é incontestavelmente o primeiro fidalgo do universo".

Por isso, quando Deus chama uma môça à grande honra de se consagrar a Ele, por que é que se vêem pais que

não somente não querem compreender a glória que daí res-salta sobre eles, mas fazem tudo para desviar a filha da sua trilha? Ah! como é bela a resposta cheia de fé da-quele velho general que, enquanto todos choravam por oca-sião da profissão da filha, êle dizia a um amigo admirado da sua serenidade: "Como queres que eu chore, quando eu tomo a Jesus Cristo por genro?"

"Bem-aventurado aquêle a quem escolheste", diz o Sal-mista. E S. Bernardo, comentando estas palavras, assim des-creve as vantagens da vida religiosa:

1) Preservação do pecado; porque a pessoa vive mais puramente, cai mais raramente e mais depressa se levanta.

2) Adiantamento espiritual; ela caminha com mais segu-rança, é mais cumulada das graças de Deus e repousa com mais tranqüilidade.

3) Na hora da morte, morre com mais paz e confiança, porquanto, tendo renunciado a tudo, seu coração está livre e desapegado. *Passou a vida quase tôda em estado de graça, multiplicou as confissões gerais e viveu em certa santidade.*

Nessa hora solene, a alma religiosa lembra-se das palavras de Nosso Senhor: "*Aquêle que por mim deixar seu pai e sua mãe, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna*". E' esta uma promessa formal, e Deus não engana.

Diz Mons. Gay: "Vós vos dais a Deus, e pensais que Deus se deixa vencer em generosidade? Êle, que gosta tanto de dar, como não há de ser cioso de retribuir? E que é que Êle retribui às almas religiosas? O cêntuplo! Esse cêntuplo é uma liberdade admirável, uma segurança tôda divina, uma paz inefável, uma alegria que excede tôdas as outras alegrias, uma facilidade especial para fazer o bem e adquirir méritos".

Para virdes a ser santa, há só que vos deixardes levar como uma barca lançada num rio. Recebeis incessantemente, e incessantemente podeis dar a Deus.

b) *E' um holocausto.* — A sublimidade desta vocação res-salta, sobretudo, do fato de tôda a vida de uma pessoa con-sagrada a Deus ser um ato de fé, de esperança e de amor. Ela se imolará tôda pela pobreza, pela castidade e pela

obediência. Tudo o que ela tem, tudo o que ela é, tudo o que ela possui, tudo entra no holocausto. Ela nada mais tem a dar; renuncia aos bens da terra, renuncia às alegrias do coração, aos doces e puros afetos da família, e, quando imolou tudo isso e não tem mais de seu senão a própria vontade, imola-a ainda, submetendo-a a outra, a quem obedecerá como o próprio Deus. Pode-se achar algo de mais belo do que essa renúncia total, êsse sacrifício completo? E, para Jesus, que triunfo ver pobres e serezesinhos fracos e miseráveis clamar-lhe e provar-lhe assim o seu amor!

Que oferta essa! Nós não somos nada, mas êsse nada somos nós mesmos, é aquilo que temos de mais caro. Não podemos dar mais.

A alma religiosa dá-se tôda, sem reserva e para sempre.

Está morta e viva ao mesmo tempo, morta para tudo o que é humano, viva em Deus. E não é somente o sacrifício completo e universal de todos os bens do corpo, do coração, da alma, da vontade; é, além disso, um sacrifício que se renova a cada minuto, a cada instante. E' como que um martírio lento.

Sim, como escreve S. Francisco de Sales: "Não é acaso um martírio nunca fazer a própria vontade, submeter continuamente o juízo, esfolar o coração, esvaziá-lo constantemente de tudo o que não é Deus, não viver segundo suas próprias inclinações ou disposições, mas sim segundo a vontade divina? E' êsse um martírio tanto mais excelente quando dura a vida tôda". S. Vicente de Paulo diz por seu lado: "E' uma espécie de martírio consumir-se por sua própria virtude... viver e morrer assim é ser mártir".

c) *E' um beneficio social.* — Suprimamos pelo pensamento o incontentável e heróico exército dos religiosos e das religiosas. Que vácuo se faria na nossa sociedade! Quando então compreenderá o mundo o que deve a essas que voluntariamente e por amor se fizeram as educadoras de seus filhos, as mães de seus órfãos, as irmãs dedicadas de seus velhos, as providências de seus pobres, o raio de alegria de todos os seus aflitos e também as reparadoras de todos os seus crimes?

Como é belo ver êsse exército da caridade que vai, radioso e doce, em direção a todos os sofrimentos, através dos infernos humanos! Cada uma daquelas que o compõem sonha só com aliviar algum infortúnio; sobe todos os calvários para reencontrar, sob a máscara da dor, as feições adoradas de Cristo. “Por Ele, terá ela tôdas as audácias. Afastará, com suas mãos brancas, os fariseus que sorriem e os canalhas que blasfemam. Passará através de tudo para que nenhuma cruz se erga sem que aos pés dela haja um pouco de amor”.

Como é belo o espetáculo dado ao mundo por essa revoada de almas virgens que só vivem para purificá-lo e para socorrê-lo!

A virtude sorridente que as angeliza dá-lhes arrôjo, imprudências felizes e essa audácia que só elas conhecem. “Pedi-lhes que assaltem uma barricada, que tratem de um leproso, que iluminem uma consciência negra, que procurem uma mundana, que convençam um ministro protestante, que ocultem cinquenta anos da sua vida numa enfermaria, e elas o farão. Elas podem escutar tudo porque não sabem tudo, e talvez por causa disto, consolar tudo e tudo reerguer. Não há lôdo humano ao lado do qual não as vejamos. Elas sustam, com suas mãos frágeis, armas prontas para a revolta” (René Bazin).

d) *E’ a resposta do amor divino.* — O ilustre autor dos “Monges do Ocidente” explica na sua magnífica linguagem:

“Mas quem é, pois, êsse amante invisível, morto num patíbulo há dezoito séculos e que assim atrai a si a juventude, a beleza e o amor? que aparece às almas com um brilho e um atrativo a que elas não podem resistir? que de repente se abate sobre elas e as faz sua prêsa? que toma bem viva a carne da nossa carne e se abebera do mais puro do nosso sangue? E’ um homem? Não, é um Deus. Eis o grande segredo, a chave dêsse sublime e doloroso mistério. Só um Deus pode alcançar triunfos tais e merecer tais abandonos. Êsse Jesus cuja divindade todos os dias é insultada ou negada, prova-a todos os dias, entre mil outras provas, por êsses milagres de desinterêsse e de coragem que se chamam vocações. Corações jovens e inocentes dão-se a Ele, para recompensá-lo do dom que Ele nos fêz de si mesmo, e

esse sacrificio que nos crucifica é a mera resposta do amor humano ao amor de um Deus que se fez crucificar por nós”.

e) *Bela comparação de Luis Veillot.* — “A vida religiosa é uma nau segura que nos conduz ao céu. Esse santo navio, levando o nome de Jesus Cristo por bandeira, tendo por equipagem as imitações da vida pobre e mortificada do Salvador, é atacado por numerosos e poderosos inimigos.

“Na margem, dançam à beira dos abismos aquêles a quem enervam as três concupiscências de que S. João fala. Dócil a êsses pilotos inspirados, a arca das virtudes humanas prossegue o seu caminho; os sete dons do Espirito Santo enfunam-lhe as velas, amarradas aos mastros da Fé, da Esperança e da Caridade; a Estrêla do Mar protege-a com a sua doce influência; os anjos esperam-na no pôrto. Ela avança através das procelas e das ondas em cólera, rebo-cando a frágil barca dos seculares que precisa muito do seu auxilio; recebe a seu bordo os arrependidos, os aflitos e os que querem chegar à perfeição; entre os passageiros, uns velam, outros jejuam, outros trabalham, outros rezam; por voto, êles todos são pobres, castos e obedientes!”

f) *O que a vida religiosa não é.* — Falando dos mosteiros, alguém disse um dia: “E’ preciso deixar refúgios abertos aos grandes arrependimentos e às grandes dores!” Que tolice! Não! o claustro não é o refúgio dos amôres contrariados, nem um hospital para corações amortecidos ou sensibilidades feridas.

“Acredita-se, diz Luis Veillot, que, para se consagrar inteiramente a Deus, sem outros proventos que uma veste de lã e um leito de tábua, é preciso sentir a necessidade de fugir à justiça humana, ter perdido a cabeça ou ter nascido imbecil ou mais ou menos! Não se compreende nada da sublime simplicidade do sentimento religioso, dêsse horror do mal que empolga as almas puras, dessa generosidade cavaleiresca do cristão que, à custa de tôdas as alegrias da vida, quisera poupar a Deus a dor de um só pecado!

“Não! não são as inteligências fracas, nem os corações carregados de remorsos ou possuídos pela paixão que enchem os claustros! Êsses religiosos de feitura literária só habitam os romances”.

Sem dúvida certos acontecimentos podem transtornar uma vida e cavar no coração um vácuo que só o estado religioso poderá preencher.

Porém raras, raríssimas são essas almas abatidas que vêm a Cristo no luto e nas lágrimas; a imensa maioria vem a Ele com o sorriso da inocência, com o coração puro e inviolado, e coroada de flôres.

E' bom citar aqui uma bela página de René Bazin, que mostra soberbamente o que é a vida religiosa:

“A vocação religiosa é um fato que não pode ser negado pelos que têm espírito de observação. Eles são obrigados a reconhecer que várias das almas mais puras, mais ternas, mais alegres e mais sensatas ouvem uma palavra, um pedido, contra o qual lutam mais ou menos, e que as induz aos sacrifícios mais duros: a sacrificarem a felicidade presente e, o que mais é ainda, a esperança da felicidade de amanhã e a ilusão que a duplica.

“Não se podem explicar tais vocações nem por um atractivo, pois a vocação religiosa obriga a vencer a natureza e contraria os desejos naturais mais do que os satisfaz; nem pela imaginação; nem pela educação, que pode desenvolver um sentimento, mas não dá-lo; nem sobretudo por mágoa de amor, pois a imensa maioria das môças entram no convento aos dezoito, aos vinte, vinte e dois anos, sem terem sofrido, depois de voluntariamente terem recusado casar-se, só tendo saudades, no mundo, da afetuossíssima família, de que elas serão aliás as mais fiéis filhas, embora sempre ausentes. Mesmo se se fizer intervir alguma destas causas, ela só por si não basta. A natureza não pode ser vencida senão pelo sobrenatural. Os que fizeram a experiência da vida religiosa declaram que a sua vontade foi, talvez, preparada pela natureza, mas só foi decidida pelo chamado divino e sustentada por uma fôrça superior”.

2ª Necessidade da vocação.

Se na terra cada um tem uma vocação especial, é evidente que, para ingressar na vida religiosa, que é a mais bela e a mais perfeita, mas também a mais crucificante, é preciso ter ouvido o chamado de Deus. Ir a ela *sem isso* seria cometer uma loucura; porque, como por si mesmo se impor

um fardo que não se pode carregar sem uma graça especial? E por que fazer da sua estorvante pessoa uma cruz e um obstáculo ao bem da comunidade em que se teria de viver sem lhe ter o espírito?

Esta vocação não deve ser fruto de uma imaginação entusiasta, de um ardor juvenil ou de um impulso passageiro! Não. Aqui torna-se necessário um chamado moralmente certo, é preciso ter ouvido em si a voz de Deus. Ora, Deus às vezes fala diretamente, mais a miúdo indiretamente.

a) *Diretamente.* — Ora Ele põe no coração um atrativo vivo, irresistível, pelas obras de zêlo, a necessidade de se dedicar sem medida. Ora faz nascer um desejo ardente de levar uma vida mais perfeita, tôda de pureza, de oração, de santo amor; ou então, nas horas de recolhimento, faz ecoar na alma uma voz que, a princípio doce, suave, às vezes se torna forte, premente, voz que persegue, que se ouve em tôda parte, que se não pode evitar seja qual fôr o tumulto que se faça, e que acaba por vos lançar aos pés de Cristo dizendo: "*Aqui estou, Senhor, porque me chamastes*". Então não há mais dúvida, não há mais hesitações, o caminho está clara e visivelmente traçado.

Todavia, há razão para não esquecer que nem todo atrativo interior é necessariamente de ser considerado como um chamado divino. Uma inclinação a que se não aliasse sequer a esperança das aptidões indispensáveis de corpo e de espírito, não passaria de ilusão da imaginação.

Ninguém tem vocação para uma comunidade se não está nas condições de nascimento, de saúde, de família, de educação, etc., requeridas para a admissão pelas regras dessa comunidade. Ninguém tem atração verdadeira para a vida religiosa se se recusa aos abrandamentos de índole sem os quais a vida comum se torna intolerável; se sente em si uma alma *independente*, resolvida a conservar o seu modo de agir; se é *egolsta*, entendendo de viver só para si, ou então ainda uma *sensitiva*, pretendendo fazer das suas tôlas susceptibilidades a lei sob a qual todos deverão curvar-se.

O atrativo, nestas condições, é contraditório, visto tender à vida religiosa excluindo o que a torna razoavelmente possível. A repugnância ao casamento, o próprio desejo de se

empregar nas obras exteriores de zelo e de caridade, não seriam por si mesmos indícios suficientes de vocação religiosa. A essas disposições corresponder-se-lá suficientemente pelo celibato no mundo.

Dever-se-ia então concluir que os defeitos de caráter opostos às exigências da vida comum constituem por si mesmos uma inaptidão radical para essa vida? Não, certamente não, se esses defeitos — independência, susceptibilidade, egoísmo, capricho, inconstância — ficarem em proporções moderadas, e se o esforço humano, ajudado pela graça comum, parecer dever bastar para os tornar suportáveis. Mas é preciso a intenção de dirigir seriamente o combate contra êles, e não se pode ter em vista o ceder-lhes sempre para poupar a si mesmo a pena da luta, livre de fazer, de coração leve, pesar o fardo sobre os ombros de outrem.

b) *Indiretamente.* — As vêzes o chamado de Deus não é evidente; vela-se, furta-se. Faz-se mister procurar longo tempo a própria trilha no meio das dúvidas e hesitações, até que sobrevenha um acontecimento que se torne para a alma a fonte de reflexões e de desejos que a conduzam aos pés de Jesus.

Será isso a partida de uma amiga, de uma companheira, partida que vos deixará triste e só, e que vos fará sonhar com uma vida inteiramente diversa da que pareceis ver abrir-se diante de vós. Será a morte de um pai, de uma mãe, a qual vos fará compreender que a vida reserva bem poucas alegrias, e que as alegrias do devotamento ainda são as mais doces, as mais puras e as mais belas.

Será a morte de um noivo. Desaparecido êste, afigura-se-vos que o mundo nada mais é para vós. E então, ao invés de irdes mendigar outros amôres terrenos, ficais noiva de um espôso que não morre.

Será, talvez, também uma graça especial que Deus vos fazia esperar, e que Êle vos envia com misericordiosa bondade no momento oportuno. A fim de lhe provar a vossa gratidão, jurais dar-vos tôda a Êle.

Enfim, seja qual fôr o modo indireto de que Deus se sirva para vos fazer atrair a Si, se Êle quiser fazer saberá sempre notificar-vos o seu chamado. Servir-se-á para isso dos

acontecimentos, das pessoas, de uma leitura, de uma palavra ouvida, de uma grande dor talvez, e sereis obrigada a dizer-vos: "*E' o Senhor!*"

Em geral, busca-se na vida religiosa o meio mais seguro de se santificar, de se aperfeiçoar. Certas circunstâncias podem favorecer as reflexões: o encontro de um santo sacerdote, o exemplo de uma pessoa piedosa, a narração de um missionário, a vista de algumas misérias, e sobretudo o sentimento que se tem da própria fraqueza: sente-se a grande dificuldade de resistir a certas tentações do mundo, procura-se pôr-se ao abrigo.

Mas primeiramente essa vocação custa a definir-se... não há nela nada de nítido, a pessoa quer e não quer. Deus atrai, e a vontade não é bastante forte para tomar uma decisão, ou então, após celestiais remígio, a pessoa torna a cair sobre si mesma sem saber ainda resolver coisa alguma.

Receia enganar-se e perguntar-se indefinidamente se não faria melhor em servir a Deus no mundo ou no claustro. Esta situação penosa será a vossa? Se não tendes um director que leia na vossa alma e saiba decidir por vós, ao menos lede e meditai longamente o que segue:

c) *Sinais da vocação religiosa.* — Ei-los aqui, de acôrdo com os mestres da vida espiritual:

1) *O atrativo.* — Deus costuma inclinar suavemente as almas para a vida que lhes destina. Entendamos bem que se trata aqui de atrativo sobrenatural; em religião não se vai procurar a satisfação das inclinações da natureza. Esta, é verdade, fornece as tendências e as energias de que a graça se apossa para, em religião, empregá-las na glorificação de Deus, na demanda da finalidade própria da Comunidade; porém ela não pode bastar, e não é principalmente nela que a pessoa deve fundar-se.

2) *A aptidão.* — Desta já dissemos uma palavra. Todavia convém precisar as aptidões morais que a vida religiosa requer. Versam elas, em particular, sobre os pontos seguintes, ainda não plenamente adquiridos, mas em estado de germes

capazes de crescer, e cujo desenvolvimento a vontade está resolvida a promover:

A piedade verdadeira, isto é, o amor único, profundo, generoso de Nosso Senhor — o gosto da oração — uma grande docilidade de espírito — o amor da humildade, do recolhimento e do silêncio — o espírito de renúncia — a tolerância para com os outros — o espírito de dedicação — enfim, uma certa disposição para o gênero de vida e para a obra especial do instituto ao qual a pessoa se destina.

3) *A retidão de intenção.* — Pode esta assumir as formas seguintes, aliando-as em graus diversos e dando a uma ou a outra a preponderância:

a) O sentimento habitual de uma segurança prudente que assim se toma contra o mundo e contra si.

b) O desejo de viver de uma existência mais perfeita.

c) A aspiração a amar e servir melhor a Deus.

d) Uma sede intensa de se assemelhar a Jesus Cristo e de viver de uma união mais íntima com Ele.

e) A necessidade de se dedicar, por Deus, ao serviço do próximo.

3^a *Se Deus chama, cumpre obedecer.*

“Quanto maior e mais bela uma vocação, tanto mais acompanhada de lutas, de tristezas, de desgostos. E não poderia ser de outro modo. Como queres que a pessoa se entregue tãda sem que a natureza se revolte? Até o último momento haverá em nós qualquer coisa que tentará furtar-se a essa consagração universal de todo o nosso ser a Deus”.

Estas palavras do Pe. Marquigny levam-nos a encarar as dificuldades que uma môça pode encontrar quando quer consagrar-se a Deus. Essas dificuldades não faltarão. Mas são um sinal de que o Céu abençoa a alma a quem as envia. A obra de Deus sempre sofre perseguição, e o demônio não pode ver surgir uma vocação religiosa sem tentar alguma coisa para fazê-la fracassar. Se o consegue, que sucesso! Se é vencido, sabe que a glória de Deus resplenderá mais.

A alma que quer consagrar-se a Deus terá, pois, de lutar contra si mesma, e, o que é o mais duro, contra os seus!

a) *Lutas contra si mesma.* — Deus falou. A vocação, longamente estudada e amadurecida, está decidida. A donzela prepara-se para partir. Os últimos momentos que ela deve passar em família serão para ela um verdadeiro martírio. Ao pai, à mãe, aos irmãos e irmãs, às amigas, à casa, ao seu quarto de moça, à paróquia, às obras, à igreja, à cidade, à aldeia ou ao bairro, a tudo isso terá ela de dizer adeus. E, se a vocação a chama às missões longínquas, é ainda a pátria que ela terá de deixar para sempre.

Após essas lacerações, essas separações que se impõem e que fazem sangrar o coração, ela prevê o futuro e pensa na cruz que deverá carregar. Sem dúvida, Deus lá está que lhe dará suas graças, mas nem por isto a vida religiosa deixa de ser um sacrifício de todos os dias, um holocausto que se renova incessantemente, uma luta de todos os instantes contra a natureza. Os santos votos são doces cadeias, porém sempre cadeias. Pobreza, castidade, obediência são virtudes que crucificam. Seja qual fôr o hábito que tome, a pessoa torna a se achar a si mesma. O claustro não dá a santidade; as virtudes podem ser abrigadas, protegidas pelos muros de um convento, mas não lhe nascem espontaneamente das pedras.

Sim, antes de se consagrar a Deus é bom encarar o futuro, olhar bem de frente as dificuldades que êle reserva e os sacrifícios que exige.

“Uma das provações da vida religiosa, diz o Pe. Lacordaire, é viver-se com pessoas que se não escolheram e cuja maioria não excita em nós nenhuma simpatia natural, de sorte que somos obrigados à intimidade sem o condimento de afeto que a torna agradável”.

Lá, a vossa solidão não vos pertence mais, nem a vossa intimidade. Haverá que ir com as outras quando se gostaria tanto de ficar à parte, sorrir quando se quisera chorar, nunca fazer o que agrada, e muitas vezes fazer o que não agrada, suportar alegremente o que, nos outros, irrita e horripila, viver amavelmente com quem não agrada, numa palavra, calcar continuamente aos pés tôdas as aspirações da natureza e esquecer sempre a si mesma.

O mundo morreu para a alma consagrada. Só Deus lhe deve bastar. Se ela quiser descer de novo às coisas que deixou, não mais terá o direito de possuí-las senão por fraude, como um ladrão. Um muro de separação deve estabelecer-se entre o presente e o passado; e esse muro ela não pode transpô-lo sem se tornar infeliz. E, se quiser tentar conciliar a um tempo Deus e a natureza, não satisfará nem um nem outro, e ficará num perpétuo mal-estar.

Tudo isso, donzela que vos quereis consagrar a Deus, deveis sabê-lo, deveis seriamente refleti-lo, não para desanimardes, mas para preparardes vossa alma para o combate. Aliás, mais vale a previdência que a decepção; não terleis uma vocação de bom quilate se, indo para o convento, não estivésseis resolvida a lançar-vos em pleno oceano de sacrificios. Mas essas lutas íntimas, que só vós suportareis, pouca coisa são ao lado das que vos reservam às vezes vossos pais, e da dor que vos causará, como a êles aliás, a inevitável separação.

Lutas com os pais. — Antes de entrarmos na minúcia das circunstâncias que poderão apresentar-se, vejamos o que se deve pensar dos direitos que os pais podem fazer valer nesta questão.

S. Tomás escreve: “Antes de tudo, cumpre excluir os pais. No negócio da vocação êles são, não uns aliados, mas uns inimigos de vossa alma, consoante as palavras do Profeta: “*Os inimigos do homem estão na sua própria casa*” (Opus. 17, c. 9).

E isso se compreende. Em geral, os pais querem gozar dos filhos, têm um egoísmo inconsciente que os impede de pensar que ~~esses~~ filhos pertencem primeiro a Deus e depois a êles, e que, aí como em qualquer parte, Deus deve ser o “primeiro servido”.

O mesmo Doutor escreve ainda: “Desde que o homem chega à idade da puberdade, só de si mesmo depende para tudo o que diz respeito à sua alma: assim, pode, sem nenhuma permissão, fazer voto de entrar em religião” (2, 2æ, q. 88, art. 8).

Admitamos que, nos nossos tempos menos crentes, se possa pôr nisso um pouco mais de formas; sem embargo, o princípio existe, e sobre êle podemos-nos apoiar sólidamente.

Realmente, que é que fazem os pais que querem impedir a filha de ingressar na vida religiosa?

— Combatem ao próprio Deus, que reservou para si essa alma. — Expõem-na a faltas que certamente ela não cometera em seguindo a sua vocação. — Ao passo que, em consciência, são obrigados a ocupar-se do progresso espiritual de sua filha, fazem êles inteiramente o contrário, expondo-a mesmo a perder-se para sempre, obrigando-a a sair da trilha que Deus lhe traçou. Não é, pois, nem cristão nem lógico.

Diz S. Ambrósio: "Se vossas filhas quisessem amar um homem, poderiam escolher quem quisessem; e não lhes haveria de ser permitido escolher a Deus?"

Qual não é, pois, a terrível responsabilidade dos pais que se obstinam em combater a vocação religiosa da filha? Não somente a fazem perder graças inestimáveis que Deus lhe reservava, como talvez a façam incorrer a eterna condenação!

E agora, penetremos mais adentro neste problema tão grave, para vermos quais são os vossos direitos e também as vossas obrigações.

1) "*Aquêle que ama seu pai e sua mãe mais do que a mim não é digno de mim*", disse o Mestre. Esta palavra deve repercutir, profunda, na alma daquelas que se vêem na alternativa de contristar o coração de Deus ou o coração de seus pais bem-amados.

2) *Vossos pais têm o direito* de vos impor a reflexão antes de vos deixarem partir. Isto é naturalíssimo; é mesmo necessário para vos impedir de tomar uma decisão tão grave sem vos cercardes de tôdas as garantias. Bem mais: devem os pais opor-se à partida de sua filha ou quando ela é muito jovem, ou quando a sua saúde é fraca demais, ou quando a vêem agir com imprudente precipitação.

3) *Tendes o direito e o dever de partir* quando, tendo atingido a idade requerida para não poder a vossa decisão ser revogada por vossos pais, foi ela tomada com tôdas as garantias de seriedade que reclama; quando o vosso Diretor vos tiver dado uma proposta definitiva, e, enfim, quando tudo em vós está pronto para êsse novo gênero de vida ao

qual Deus vos chama. Então, sim! é vosso direito e é vosso dever.

4) *Mas se, apesar de tudo, vossos pais recusarem o seu consentimento, que tereis a fazer?*

a) *Pedir a Deus.* — E' Ele quem permite essas dificuldades para purificar a vossa alma pelo sofrimento. Suplicai-lhe que vos ajude, e que vos conserve o socorro da sua graça.

b) *Esperar ao menos algum tempo.* — Ainda que fôsse só por deferência, uma espera de algumas semanas, de alguns meses mesmo, dará a vossos pais tempo de se prepararem para o seu grande sacrifício; mas nada de delongas excessivas; muitas vêzes elas fazem perder a vocação.

c) *Provar pela virtude a seriedade da vossa vocação.* — Nada de recriminações intempestivas; uma paciência calma, uma inflexível doçura, uma amabilidade mais terna, um bom-humor sempre igual acabarão, talvez, por ganhar o coração de vossos pais.

d) *Passado êsse lapso de tempo, voltar à carga* com ainda mais insistência. Se êles perseverarem na sua recusa, preparai-vos para partir.

Antes de dilacerardes o coração dêles e o vosso, tentai entretanto fazer-lhes compreender:

— Que não tendes o direito de desobedecer ao Senhor.

— Que pertenceis a Deus primeiro, e depois a êles.

— Que êles não fariam tantas dificuldades se se tratasse de vos casardes, e que Deus é o Senhor.

— Que os filhos que deixam os pais para se consagram a Deus são os que mais os amam; porque a vocação não mata a natureza, e os corações virgens conservam pelos pais um afeto inalterável e profundo.

— Que êles fazem a Deus o mais belo e o mais heróico dos sacrifícios, que ganham grandíssimos méritos e preparam para si a morte mais consoladora.

— Que, se êles vos amam deveras, devem querer a vossa felicidade antes da dêles.

— Que uma vocação religiosa é um manancial de bênçãos para os pais, um penhor de salvação para tôda a famí-

lia. Que é uma visita de Deus aos seus amigos, e que então a família se torna mais unida; porque achou, na pessoa daquele que partiu, um centro de fé, de piedade e de afeto, que irradia até sobre os membros mais afastados.

5) *Enfim, se tudo isso fôr inútil, parti!*

Sim, parti, e, já que é preciso, dilacerai o coração de vossos pais e o vosso, não recueis ante *essa* agonial

Jesus não diz: "*Aquêlê que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim*"?

Foi assim que o compreenderam os apóstolos, e deixaram tudo para seguir Jesus.

Foi assim que o compreendeu Joana d'Arc: "Se eu tivesse cem pais e cem mães, e se fôsse filha de rei, partiria mesmo assim".

Foi o que S. Joana de Chantal fêz, quando, para sair de casa, teve a coragem de passar por cima do corpo do filho... Partiu, pois, também vós.

Oh! isso vos custará, é fatal! Produzir-se-ão em vós dores que os maiores santos conheceram. "Quando eu saí da casa de meu pai, diz S. Teresa, senti uma dor tão excessiva, que eu penso que a hora de minha morte não me pode reservar outra mais cruel. Parecia-me sentir os ossos se me despegarem uns dos outros... Se Deus não tivesse vindo em meu auxilio, tôdas as minhas considerações não teriam sido suficientes para me fazerem passar além".

A fôrça que a sustentou então, também vós podeis obtê-la.

c) *Há casos*, entretanto, em que, apesar de uma vocação certa, o dever impõe ficar e esperar. Um pai *velho*, uma mãe *velha* e enfêrma de quem sois o *único* arrimo, podem exigir de vós que aguardeis a morte dêles antes de corresponderdes à vossa vocação. E' êsse um impedimento deveras legítimo, um obstáculo a que é preciso ceder enquanto durar. Há outros análogos. Aquela que a êles se acha sujeita faz a vontade de Deus e, enquanto aguarda poder segui-la segundo o seu atrativo, é ainda a glória d'Ele que ela promove renunciando-se. Cumpre também notar que, quando uma alma está pronta a dar adeus ao mundo, circunstâncias que são o sinal certo da vontade divina podem impedi-la de realizar

o seu desejo. Mas este, pelo arrôjo que lhe dá, pelo sofrimento nascido da necessidade de imolar as suas mais caras aspirações, pela dependência em que a mantém do beneplácito de Deus, é para ela um poderoso princípio de santificação.

d) *Se não tiverdes a coragem de responder ao chamado divino*, nem por isso estareis fora da trilha do céu; o grande caminho dos preceitos ainda fica aberto. Seja qual fôr o estado em que entreis, mesmo por culpa vossa, nêle podereis viver cristãmente e fazer a vossa salvação. Tereis, porém, a paz da alma? Pesares, remorsos não envenenarão o resto de uma vida falhada? E como vos haveis de sentir num estado que não corresponde nem às aptidões nem aos atrativos recebidos de Deus?

e) *Há muitas vocações falhadas*. — E' um fato que se pode atribuir a várias causas. A principal é a falta de espírito de sacrificio, o recuo da natureza ante a imolação. Já vistes, no início da primavera, essas belas árvores cobertas de milhares de flôres?... Em seguida vieram ventos que lhes diminuíram muito essa floração, a geada ou o granizo continuaram essa obra de destruição; e, chegado o outono, o número dos frutos vindos à maturidade longe está das promessas do início! Assim também, Deus semeia muitas vocações nas almas. As tempestades da vida, o vento das paixões, as frialdades do egoísmo sobejas vêzes conseguem sufocar êsses germes, e Deus não colherá todos os frutos que preparara.

"Deus, diz Mons. Gay, desenvolve de muito bom grado todos os seus recursos infinitos em favor das almas que, à mingua de direção ou de apoio, se enganaram de boa fé no caminho que tinham de tomar; e, numa sociedade como a nossa, há muitas dessas almas. As vêzes Deus *retoma* como que em subobra almas que Êle a princípio assinalara para lhe pertencerem exclusivamente, e nas quais a levianidade da idade, a inexperiência completa da vida, a ignorância, a infidelidade, as paixões ou os pais impediram de reconhecer o sinal divino. E' pela Cruz que Deus faz essas "retomaças". A Cruz é o instrumento régio e normal de toda reparação; não há nada que ela não expie, nada mesmo que não restaure".

Não se deve, pois, desanimar; todos os males têm o seu remédio, os desviados podem reencontrar uma parte do que perderam, as aptidões podem criar-se e as graças obter-se.

Trata-se, para isso, de se aplicar aos seus deveres de estado com fidelidade constante, de pedir à virtude essa boa maneira de cumpri-los que a vocação não deu. Nossas almas são dotadas de certa elasticidade e podem, à fôrça de energia, prestar-se a um papel mais ou menos diferente daquele para que foram criadas. Isso custará, mas a isso se pode chegar. Se se reza bem, Deus nunca recusa suas graças; pode a pessoa fazer para si como que uma segunda vocação. Não terá as alegrias da primeira, mas, em alguma medida, poderá reparar as imprudências passadas.

f) *Belos pensamentos de Luls Veuillot.* — Lede e, se preciso, fazei ler por vossos pais a página sublime de fé inspirada a Luís Veuillot pela partida de sua filha.

“Minha filha Lúcia vai ser Visitandina. Eu o sabia, consentia nisso e não acreditava. Tôda a minha razão me diz que esteja contente, e estou. Todo o meu coração sente e reconhece a morte. Essa menina é encantadora, é uma poesia viva, uma flor. Eu dizia que ela não era feita para o mundo, e tinha a fatuidade de crer que ela era feita para mim.

“Nesse dia eu receberei de Deus uma grande e terrível honra: uma espada de alegria far-me-á no coração uma bela e imortal ferida. Eu conhecia a resolução de minha filha, aplaudia-a, mas tinha não sei que esperança imbecil de que isso não aconteceria ou de que eu morreria antes.

“Habituará-me a crer que essa menina perfeita quereria viver nos nossos lódos, que me ajudaria a passar o inverno, que me fecharia os olhos. Meu inverno começa, e a partida dela já lhe assinalou o primeiro passo. Esse perfume só me foi dado para a minha sepultura.

“Asseguro-te, — escrevia êle à filha, — que é bom e doce pensar que somos pai de uma religiosa. Isso abaixa e eleva ao mesmo tempo. Que grande dama se tornou êsse farrapo da Lulu! Que esplendor! Que majestade! Ela estará no cortejo especial do Cordeiro; cantará os seus louvores eternamente; ouvirá a sua voz distinta, Êle ficará encantado com ela, e, ao mesmo tempo, ela é minha filha e eu forneci alguma coisa dos seus adornos. Ela é Maria Lúcia, mas foi

Lúcia Veillot, e disto se lembrará por tanto tempo quanto o Rei do Céu se lembrar de ter sido Jesus de Nazaré”.

Nunca esqueçais, pois, que a vocação religiosa é a maior graça que Deus vos pode conceder. Se essa trilha se abrir um dia diante de vós, não vos desvieis dela, pois nada de mais feliz vos poderia suceder para o tempo e para a Eternidade.

E se algum dia, depois de ouvir o chamado do alto, ou-sásseis resistir à graça e retomar vosso coração prometido a Deus para dá-lo a uma criatura, deveríeis então rere estas páginas de Maria Jenna. Talvez elas vos detivessem.

“Calaram-se os anjos do céu! interromperam o seu cântico de alegria, e um dêles cobriu-se com um véu de luto.

“A coroa branca que êles haviam tecido para a donzela caiu-lhes, murcha, entre os dedos; Cristo retirou o seu anel nupcial; aquela a quem Êle escolhera tomou um espôso na terra!

“E no entanto ela ouvira a voz d’Êle. Um dia, enquanto orava, um perfume celeste se lhe difundira na alma, e ela se elevara nas asas dos santos desejos até ao seio de Deus; de lá, todos os bens da terra lhe haviam aparecido como uma vã fumaça, e, no êxtase da sua prece, ela julgava ver as virgens do céu que lhe estendiam os braços. Então as lágrimas corriam-lhe deliciosamente, e, trêmula, arroubada, ela pedira a Jesus ser d’Êle só.

“Oh! chorai, Anjos do céu, chorai, Virgens que a esperá-veis! Aquela a quem Jesus chamava tomou um espôso na terra.

“Para lhe experimentar a fidelidade, Cristo tirou-lhe um dia as suas divinas palavras e o encanto da sua presença. Ail ela não soube esperar a volta d’Êle. Um homem apoderou-se da noiva de Deus. Pôs um anel de diamante no dedo que devia trazer a aliança de Cristo, e seu nome no coração que só devia conhecer o de Cristo.

“E a donzela o amou mais do que a Deus. Arrastada pelo brilho das festas mundanas, não escutou no silêncio de sua alma Aquêle que lhe dizia: Fica sendo minha.

“Chora, pobre alma infiel! chora, no meio dêste mundo onde todo prazer passa, onde tôda flor murcha. O Espôso divino tinha feito para ti alegrias estáveis como a sua eternidade, doces como seu coração. Não quiseste saber delas.

Se soubesses que carícias Êle te reservava, que confidências Êle queria fazer-te, que flôres celestes Êle teria feito nascer sob teus passos, mesmo no caminho do Calvário por onde o seu amor queria conduzir-te! Ah! chora! como te lastimo se sofres! como ainda mais te lastimo se és feliz!

“Mas como haveria ela de ser feliz? Na própria noite do dia do himeneu, quando a turba dos moços e das môças, leviana e alegre, se embriagava de prazer, Deus de repente renovou-lhe a lembrança da sua ardente prece e dos seus celestes desejos. Então a vista se lhe turvou por entre as luzes da festa; e sua mão agitou-se ardente na mão que a apertava. Que lhe faziam agora a coroa que lhe enfeitava a fronte e os diamantes que lhe cintilavam nos braços, e os olhares que se pregavam nela? Nas felicitações, na arrastadora harmonia da orquestra, ela não ouvia nada, mais nada a não ser a queixa severa do Espôso abandonado.

“E, como a escarnecessem pela sua fraqueza, ela se lançou mais viva à dança, prodigalizou os sorrisos e as graciosas palavras; e todos diziam: Como ela é encantadora!

“Oh! chorai, Anjos do céu: chorai, Virgens que esperáveis! aquela a quem Jesus chamava tomou um espôso na terra.

“Mas no dia seguinte, quando se achou na igreja no lugar onde chorara de amor, o coração confrangeu-se-lhe dolorosamente; ela pôs a fronte na mão e ficou longo tempo sem oração e sem lágrimas. Mas acenderam-se as velas do altar, e os acordes do órgão encheram o templo; e então ela chorou.

“Que Jesus lhe perdoe, Êle que sabe perdoar o esquecimento! que a ampare, que a ame ainda, mas que não a console na terra!”

CAPITULO IV

A VIRGINDADE NO MUNDO.

O celibato, terceiro estado de vida, deve ocupar-nos também muito seriamente. E' bom realçá-lo aos vossos olhos, e fazer-vos-lo encarar, não como uma vida falhada como o imaginam às vêzes, mas como uma vida apreciável e na qual se pode ser muito útil ao próximo.

Forçoso é dizer que são bastante raras as pessoas que guardam voluntariamente o celibato, unicamente por não quererem nem o convento nem o casamento. Quase sempre há deveres, circunstâncias que as obrigam a assim viverem.

Dizem também que as môças se tornam muito diffceis e preferem não se casar a estabelecer-se em condições demasiadamente modestas, ou porque não acham marido à sua altura.

Seja o que fôr dos motivos que retêm no celibato, importa tirar dêste o melhor partido possível, e sobretudo não se colocar indefinidamente no estado vago, indeciso, de môça casadoura, que dura às vêzes até aos quarenta anos...

Por que razão, apesar da incerteza da situação, não se organizar de maneira mais clara e mais inteligentemente útil? Um dever a cumprir é um socorro, um derivativo, e o coração carrega mais valentemente a sua cruz quando está seriamente ocupado.

Criar para si uma ocupação, trabalhar intelectual ou materialmente, instruir-se mais, dedicar-se muito mais, enfim fixar-se em algo de bem, eis o que dá ao celibato uma finalidade útil e por vêzes generosa. Há sempre alguma coisa a fazer em casa, à volta de si, entre os pobres, nos patronatos, em tôda parte.

Muitas môças já têm considerado o celibato sob êste aspecto confortador. Têm-no enobrecido pela maneira como o levam.

Dantes não se gostava lá muito das solteironas porque eram a personificação do egoísmo; mas a tendência atual, mui felizmente, é tôda diferente, pois o celibato se tornou an-gélico.

O mundo já não zomba da “solteirona” quando a vê passar na rua, curvada, com ar tímido, mas às vêzes também cheia de nobre ufania. Sabe que ela é o bordão de velhice de um pai, o amparo de uma mãe velha, o anjo custódio de sua família, a mãe dos órfãos, a irmã mais velha que se dedicou para educar os filhos de seu irmão!...

Gabriel Aubray escreveu: “Mais geralmente é o egoísmo que faz os solteirões, e a dedicação que inspira as solteironas”.

“O mundo, diz Léon Rimbault, considera como um estado de infortúnio mui caracterizado o fato de ter uma môça ficado solteira, situação incômoda que aos olhos dêle não é isenta de ridículo, pois êle não pode supor que, se uma mulher não se casou, foi porque não quis. Beleza, espírito, coração, dinheiro mesmo, nada lhes faltou. Porém elas nobremente recusaram o marido obrigatório, constituíram-se os arrimos da família e da paróquia.

“Substituem a mãe na família. Substituem o padre na sacristia, na igreja, na visita aos doentes e nas obras de zêlo.

“O mundo as chama irônicamente de “solteironas”, môças-velhas. O mundo se engana. Só êle é velho! Tem os seus velhos de vinte anos; mas as virgens do lar, mesmo sob as neves dos anos, muitas vêzes possuem o segredo de uma admirável juventude. São jovens como o dever, a esperança e o amor, seu coração tem sempre vinte anos. Elas têm uma primavera prolongada.

“Os pobres lhes dirão minha mãe. Os anjos lhes dirão minha irmã, e Deus lhes dirá minha filha.

“Elas penetrarão no céu seguidas de tôdas as almas que terão salvo!...”

Primeiramente, pode-se classificá-las em duas categorias:

a) *As resignadas do celibato.* — Em 1891 contavam-se na França 2.622.770 môças maiores livres, contra 7 milhões e meio de mulheres casadas, o que quer dizer que, segundo a estatística, uma môça em quatro guarda o celibato e se isola na vida, ou por necessidade, ou por dedicação. Que não será depois que a foice da morte fêz entre os nossos

soldados a sua horrível ceifa, depois que 1.500.000 vidas jovens se sacrificaram, sem falar dos cegos, dos mutilados, dos aleijados, de todos os que a guerra prejudicou no corpo?

Haverá aí tal penúria de maridos, que a proporção das resignadas ao celibato deverá aumentar ainda.

Essas “resignadas” verão, mais tarde, que o espírito de virgindade que fêz florir as solidões, também pode florescer nos caminhos da vida.

b) *As voluntárias do celibato.* — Numerosas são as que não quiseram dar-se a um homem, a fim de poderem ficar mais livres no exercício do zêlo e da dedicação. Essas almas ufanas e sérias viram as fragilidades dos amôres humanos, verificaram as desilusões do coração no lar conjugal, contaram as uniões rompidas pela infidelidade ou pela morte, ouviram vozes de crianças que chamavam por sua mãe desaparecida, em face dos clamores do exército do mal e da maré crescente da impiedade sentiram-se feridas no coração por um imenso desejo de se darem, de se dedicarem, de se imolarem. Essas, virgens por caridade, virgens por vontade, ficarão sendo no mundo os anjos da família.

A sua vocação é sublime, como se verá nas linhas que vão seguir. Mas, antes, cumpre bem confessar que, para êsse descrédito geral, não raro imerecido, que atinge as solteironas, como se elas não pudessem ser no mundo senão entes desgraciosos, inúteis e desagradáveis, cumpre confessar que para êsse descrédito certo número delas têm contribuído sofredoramente. Por isto é que é bom traçar primeiro o quadro rápido da solteirona egoísta, e mostrar quanto mal ela faz à religião, que parece açambarcar e encarnar na sua ridícula pessoa.

1º A egoísta.

O termo “solteirona” evoca o tipo de uma “criatura sêca e desagradável crescida em idade”, desgraciosa, feia no físico e na moral, enrugada de alma e de corpo, de coração sêco, de espírito estreito, azedada pelas mágoas de amor e amarelecida pela inveja, maniaca, egoísta, dengosa, rabujenta, fantasista, acrimoniosa, reservando só para algum animal as doçuras insuspeitadas do seu coração.

Ela vos confiará que foi requestada muitas vêzes, mas que desanimou seus pretendentes..., que prefere viver solteira, com tôda a sua liberdade, sem lar, nem convento, nem tirano, nem celal... E' tão bela a liberdade!... Por isso, como ela goza hoje dessa liberdade! e como é feliz!...

Fatigada de correr atrás do mundo, que não quis saber dela, ela se voltou para o lado de Deus, pedindo-lhe consoações que a terra não lhe dará e que Deus não lhe pode dar! E ver-se-á essa estranha e contraditória criatura servir a Deus e difamar os padres, ser de tôdas as obras de caridade e faltar à caridade da manhã à noite, fugir do mundo para buscar melhor o seu bem-estar, ficar sendo em tôdas as coisas mais mortificante do que mortificadal

Eis aqui o retrato que dela faz um pregador:

“Passa o dia no seu quarto, em visitas e na igreja. No quarto, ralha com o seu gato ou o afaga, e tagarela com um papagaio. Nas visitas, espalha, enfeitando-os com tôdas as criações da sua imaginação maligna, os boatos do quarteirão ou do bairro e as mossas feitas na reputação do próximo, mormente na dos vizinhos. Na igreja, qual aranha que estendesse a sua teia por tôda parte, ela vigia igualmente as portas, o altar, a sacristia e os confessionários. Em tôda parte dobra-se sôbre o “seu eu”, sempre ocupada com a sua cabeça, com o seu estômago, com o seu bem-estar, indiferente aos outros a não ser para falar mal, atacar, invectivar, comprazendo-se, nas horas de confidência, em enumerar a longa lista dos seus pretendentes enfeitados, quando, na verdade, cada vez que aparecera no horizonte a nau marital, ela fizera, sempre em vão, os sinais mais desesperados para fazê-la rumar em direção a si”.

Oh! para essas, sim, a gente tem razão de ser severo; elas fazem à religião um mal imenso. Se elas se confinassem no seu quarto, com uma esquentadeira debaixo dos pés e um gato velho sôbre os joelhos, a gente as perdoaria, pois cada um tem seus defeitos! Mas, quando elas se metem a querer impor em tôda parte a sua estorvante pessoa, quando querem governar uma paróquia, monopolizar os santos e tomar a Deus sob sua proteção, quando passam pelo crivo do seu espírito estrambótico o próximo seja qual fôr,

quando rondam por tôda parte, com o seu ar exterminado, tratando a igreja como terra conquistada, não: então, alto lá!...

Estas reflexões são duras; mas nem sempre são imerecidas. Entretanto, ainda aqui importa não ser severo demais; porque a vida teve para êsses pobres destroços humanos choques bem rudes, elas sofreram enormemente, e a falta de um afeto mútuo pode-lhes ter arrefecido a delicadeza do coração.

Bastaria que elas saíssem de si mesmas em vez de aí se calafetarem, que se esquecessem um pouco de si para pensarem nos outros, que fugissem ao seu isolamento que está longe de ser "esplêndido", e, imediatamente, o céu voltaria a ser mais belo e a vida, para elas, seria menos pardacenta!

Poder-se-lhes-ia aconselhar lerem o belo livro do Pe. L'Ermite "A Solteirona" (*Bonne Presse*); elas hauririam nêle uma bela lição e um exemplo animador.

Elas precisam de ambos.

Porque não se pode, sem um apêto de coração, pensar no número incalculável das que, após a guerra, quando milhões de vidas jovens foram ceifadas no campo da morte, não terão mais, mesmo procurando-o, o braço em que esperavam poder um dia pousar o seu! Ficarão sós na vida, essas! O claustro, sem dúvida, recolherá certo número delas; mas nem tôdas poderão entrar nêle. E haverá muitas que terão de viver na solidão do seu coração, abafar chamas que nada poderá mais alimentar. Saiam essas do egoísmo natural e malsão que as impeliria a encerrar-se em si mesma, a trancar-se numa vida merencória e infecunda. Para saborear, na terra, um pouco da paz prometida às almas de boa vontade, lancem-se, sob o olhar de Deus, nas alegrias e nos sacrifícios do devotamento. Então já não estarão sós, pois consigo terão a Deus. Logo um grande apaziguamento se fará no seu coração ulcerado, uma grande luz iluminará as trevas onde ia soçobrar uma existência sem esperança porque sem finalidade. Assim darão elas a Deus e às obras os tesouros desempregados de uma sensibilidade fecunda, e a vida será cheia, sim, cheia, mesmo de alegrias.

2º A dedicada.

Assim faz o Pe. Monsabré o retrato dela:

“Solteironal no céu, êsse nome resplandecerá mais luminoso em tôrno de certas almas do que o título de mãe, porque, se o casamento é santo, mais santa é a virgindade, mesmo guardada no mundo.

“Esta vocação tem a sua autoridade. A palavra de Jesus Cristo, assegurando que aquêle que abraça a virgindade se torna semelhante aos anjos do céu, não diz que a virgindade só é possível no claustro.

“Esta vocação tem sua finalidade prática. Quantas boas obras só são feitas pela virgem cristã, e só por ela podem ser feitas em tôda a sua perfeição! Ela é colocada à frente dessas confrarias que preservam a juventude; a sua idade protege as môças, a sua experiência esclarece-as, ela sustenta, patrocina e anima as obras de caridade, alívio do corpo e santificação da alma.

“Esta vocação tem sua razão de ser. Muitas vêzes é o resultado de um magnífico e raro devotamento; foi para não deixar a mãe velha, foi para educar os irmãos menores, foi para ficar sendo a humilde e dedicada serva de um irmão que Deus chamou ao sacerdócio, e trabalhar assim, mais diretamente, para a salvação das almas, que a virgem cristã se tornou a “solteirona”.

“Esta vocação é o resultado de uma necessidade imperiosa sentida por alguns corações, mais delicados que os outros, de só a Deus amarem e de só por Êle serem amados.

“Continuai a vossa vida de sacrifício, ó filhas de Deus! continuai-a como os anjos; fazei pouco barulho, que mal se ouçam os vossos passos e o som das vossas palavras.

Vivei humildes, pequenas, ignorantes de tudo o que é inútil à vossa dedicação. Conservai a alegria no coração e o sorriso nos lábios. Tia e avó são como dois sinônimos que designam as mesmas virtudes, a mesma dedicação, as mesmas delicadezas, a mesma candura, a mesma condescendência”.

Devemos saudar e admirar a dedicação onde quer que a encontremos! Em face de certas solteironas cuja história conhecemos, ante essas vitimas voluntárias, ante essas dedicações mudas, ante essas mulheres de frente velada, respeito! veneração!... é a dedicação que passa.

A virgem que entrou em religião também poderá dedicar-se; mas terá as alegrias e os amparos da vida de comunidade, o amor fraternal de suas companheiras, a força e o arrimo da sua regra; ao passo que tu, tu te dedicas no mundo, só, desconhecida, ignorada, não tens o firme sustentáculo dado pela regra e, sem os haveres pronunciado, também praticas os votos de pobreza, de castidade e de obediência. O teu coração imolou-se, talvez sangue ainda, mas só Deus e tu o sabeis!... Teu espírito também o imolas; pela alma vives consagrada, pelo dom de ti mesma és uma mãe; não és o consôlo e o amparo de teus velhos pais, a providência de lares que não fundaste?

Ah! sim, muitas há, pelo mundo, que merecem que seu nome, um pouco discordante de "solteirona", soe tão bem como o nome de "velho" numa das mais belas obras de Mons. Baunard.

Sim, há muitas, na nossa terra como alhures, mas não se mostram, ao passo que "as outras" se mostram demais. A sua dedicação se oculta, a sua ternura permanece voluntariamente obscura, o seu coração teima em permanecer simples.

Elas descobriram em si um curioso e nobre mal-estar: o da felicidade; e nobremente, simplesmente, herôicamente às vezes, põem-se a procurar... a felicidade dos outros.

O Pe. Hubert, numa de suas conferências, exclamava:

"Quem é que não tem conhecido dêsses anjos de piedade filial que parecem ter querido sacrificar tudo, mesmo o futuro, para se consagrarem ao serviço de seus pais? O céu deu-lhes um corpo gracioso, uma alma feita de luz e de bondade; há nos seus olhares o raio de luz de uma paz tão profunda que comove. Fortes, elas têm os pavores encantadores da flor que teme o sôpro inimigo. Puras como anjos, têm entretanto conhecido lutas amargas. Tocando nos confins da santidade, dão-se sem medida, e acreditar-se-ia que, sem esforço, e sempre os dons do seu coração trarão a forma de uma delicadeza infinita. Presente de Deus para um pai velho ou uma velha mãe, ninguém saberá jamais a doçura penetrante que êsses velhos pais experimentam em ver, nos clarões crepusculares de um fim de existência, êsse doce semblante de filha aparecer-lhes e sorrir-lhes".

Também é uma vocação essa, uma rude e bela vocação. Se é a vossa, aceita-a generosamente, e, se nenhum braço humano deve vir amparar-vos como a uma criança, pedi a Deus que vos dê a mão. Mas então vivei segundo o vosso estado e a vossa vocação. Dado que tendes renunciado ao casamento, não mais procureis agradar ao mundo por um luxo exagerado no vosso trajar. S. Francisco de Sales dizia finalmente a S. Joana de Chantal, que enviuvara: "Arriai a tabuleta!"

Fugi também das festas mundanas e dos divertimentos profanos. Não é mais aí o vosso lugar! Far-vos-leis desprezar indo mostrar nêles o vosso rosto severo. Deveis morrer para o mundo, pelo menos para êsse mundo. Por que desejardes ver e ouvir coisas que vos devem ser alheias? Por que vos obstinardes em ser as espectadoras de alegrias e prazeres que não são feitos para vós? Talvez fôsse mesmo uma fonte de tentações. Mas, ao contrário, vivei na calma do retiro, amai o trabalho manual, a leitura e a oração. Concedei aos vossos exercícios de piedade todo o tempo disponível. Aproximai-vos de Deus cada vez mais. Em certos dias, só Êle saberá dizer-vos as palavras que confortam e consolar certas dores que o mundo não compreenderia!

Enfim e sobretudo não vos confineis no egoísmo de uma vida inútil e aborrecida. As obras vos esperam! Lançai-vos no devotamento, êle é que será a vossa salvaguarda, a vossa glória e também o vosso sustentáculo! Fazendo-vos operárias de Deus, criareis para vós mesmas uma atmosfera de paz interior e de contentamento contínuo, que será realmente a melhor e a mais fiel satisfação da vossa vida.

PARTE VI.
APOSTOLADO DA DONZELA.

† Livros Católicos para Download



CAPITULO I

O APOSTOLADO.

L. Obrigação do apostolado.

De pé numa montanha um homem fala. Cerca-o uma multidão que já parece fitar-lhe no rosto distante olhares de admiração e de amor.

Junto dêle, onze discípulos se comprimem e parecem fazer-lhe uma guarda de honra.

Com um gesto largo êle mostra o universo, e êsse homem, êsse Deus, pois é Jesus Cristo, diz, dirigindo-se aos "onze" que o escutam em pé, de bordão na mão:

"Ide! ensinai tôdas as nações!..."

E' um Deus que assim fala: Mas a quem?...

A uns pobres barqueiros colhidos na plebe! A uns pobres que não têm nem dinheiro, nem crédito, nem eloquência, nem coisa alguma daquilo que permite aos homens implantarem na terra uma idéia...

Êles nada têm! nada são! nada sabem! nada podem!... e Jesus os envia à conquista do mundo...

Nada têm? será bem verdade? Não, têm alguma coisa! têm:

- o nome de Jesus nos lábios;
- o poder de Jesus na alma;
- o amor de Jesus no coração!

Por isso foram apóstolos, viveram, trabalharam, sofreram e morreram como apóstolos.

Ser apóstolo, donzela cristã, também vós o podeis! porque o nome de Jesus, o poder de Jesus, o amor de Jesus, tendes tudo isto. Por que não haveríeis de fazer o que tantos outros fizeram antes de vós? Sem dúvida, Deus não vos enviará

à conquista do mundo! Mas pode lançar-vos à conquista de uma alma, quiçá de várias!

Lamartine escreveu: "Quando tudo parece desesperado numa causa nacional, não se deve desesperar enquanto restar um foco de resistência no coração de uma mulher! As mulheres são mais naturalmente heróicas do que os homens. E, quando êsse heroísmo deve ir até ao maravilhoso, é de uma mulher que se deve esperar o milagre!..."

Compreendeis agora por que é que vos vimos dizer: Menina, de pé! Sêde apóstola! é um dever que se impõe a vós! Não se recua ante um dever!

1º E' um dever para com Deus.

a) *Em todo homem deve dormir um apóstolo.* — Os próprios pagãos diziam: "Sou homem, por isto nada do que é humano me é alheio!"

Com maioria de razão deve um cristão, porque cristão, ter em si essa caridade para com seus irmãos! Deve a si o imitar a Deus, o imitar a Jesus Cristo, que veio à terra para pregar a grande lei do amor e atear o fogo da caridade.

Caim dizia: "Acaso sou eu o guarda de meu irmão?..." Quantos pretensos cristãos encaram o apostolado como uma obra facultativa e supererrogatória, reservada a algumas almas de boa vontade mais ousadas ou mais empreendedoras!

Trata-se de fazer amar a Deus, de ser suas testemunhas, de ser seus apóstolos. A gratidão vos obriga a isso; tendes recebido tanto d'Ele!

Demais, a isso vos convida o amor. Quando se ama profundamente alguém, querer-se-ia que êsse alguém fôsse amado por todos! Realmente, pode-se amar a Deus e não fazer nada para que Ele seja mais bem conhecido, mais bem amado?

Não sabeis que — "a mais divina das coisas divinas é trabalhar pela salvação das almas"? (S. Dionísio);

— que "o apostolado é a primeira e a mais bela das obras"? (S. Pio X);

— que "distribuir seus bens aos pobres, imolar o próprio corpo pelos jejuns e pelas macerações, morrer mártir, tudo isso alegra menos o coração de Deus do que o zêlo exercido em tórno de uma alma"? (S. João Crisóstomo);

— que “os que amam a Deus não podem cessar de pensar n’Ele, de falar d’Ele, e, se possível fôra, de quererem gravar no peito de todos os homens o santo e sagrado nome de Jesus”? (S. Francisco de Sales).

Como! pretenderieis seriamente amar a Deus, e não farfeis nada para salvar essas almas que são suas jóias, que são como que um suspiro do seu coração, essas almas pelas quais Ele quis nascer, derramar seu sangue e morrer na cruz?

Quem não tem zêlo não tem amor.

O apóstolo é a floração do amor de Deus.

E o amor, o verdadeiro, não pode ficar inativo; é uma força, e essa força reclama empregar-se. Não mais se exercer, não mais se manifestar, não dar coisa alguma, isso para ele é deixar de existir!

Mons. Gay escreveu:

“Labuta, sofrimento, sacrifício, não recueis diante de nada; nada é demais; o crucifixo dá a tentação de dizer que nada é bastante. Não se trata de amar de boca, nem de palavras, nem de sentimento, mas de “amar em obra e em verdade”. Que coisa é um foco que não aquece mais? uma fonte que não corre? uma caridade que não se torna dedicação? A graça ou é fecunda ou morre; a fé ou age ou cessa de viver; o amor ou deita chamas ou se extingue. Tudo o que vive deve manifestar-se”.

2º E’ um dever para com o próximo.

Como vimos precedentemente, a caridade para com nossos irmãos é um preceito, uma verdadeira obrigação que se impõe a nós de maneira a mais absoluta. A Lei nos diz: “Ama a Deus; ama teus irmãos”. Esses dois amôres não estão separados por um compartimento estanque; se não se ama o próximo, não se ama a Deus. Ora, amar o próximo é sobretudo amar-lhe a alma.

Deveis amar vossa alma porque ela é a imagem de Deus, remida por Jesus Cristo e destinada a possuir a Deus durante a eternidade; mas a alma do próximo também não tem estas vantagens?

Deveis odiar o pecado porque ofende a Deus; mas o pecado, nos outros, ofende-O tanto como em vós mesma.

Portanto, se só odiais o pecado em vós e não nos outros, não o odiais por amor de Deus, senão por amor de vós mesma; não porque êle ofende a Deus, mas porque vos expõe ao inferno.

Amar a alma do próximo! Ela é o preço da morte de um Deus; não basta, pois, isto para vos mostrar a grandeza dela?

Nosso Senhor dizia a S. Catarina de Gênova: "Se soubesses o quanto eu amo as almas! Mas, se o soubesses, seria essa a última coisa que aprenderias neste mundo, porque se o soubesses morrerias!..." Será que êste pensamento não basta para nos dar a sêde das almas e, como dizia um missionário, "a dor das almas"?

Mons. Gibier mostrou magnificamente o quanto é urgente esta obrigação.

"A virtude da caridade, que é de preceito quando concerne aos sofrimentos do corpo, não pode ser de simples conselho quando se trata das necessidades superiores das almas. A verdadeira religião é inconciliável com a *secura* do coração. A fé que salva é a fé que nos leva a salvar os outros. Há, talvez, pessoas que se crêem salvas e que nunca amaram. Enganam-se. O amor das almas é um elemento essencial do Cristianismo, e o egoísmo é a deplorável contrafacção dêle. A consciência, quando é verdadeiramente cristã, não olha nos homens o ser exterior, as qualidades ou as inferioridades de superfície, porém a alma, a dignidade substancial da sua origem e do seu fim, e, para lhes proporcionar a vida, a luz e a salvação, decide-se a todos os sacrifícios. E mesmo, quanto mais profunda é a miséria espiritual de nossos irmãos, tanto mais intenso deve ser o nosso desejo de lhes prestar assistência e de reerguê-los. E, se êles recusarem as nossas insinuações e benefícios, nem por isso deixemos de amá-los, e a paixão que êles põem em transviar-se e em nos repelir ainda é excedida pela paixão que nos impele a persegui-los e a lhes fazer bem".

E que de melhor podemos proporcionar a nossos irmãos do que os benefícios da fé, do que a amizade ou o perdão de Deus, e o reinado de Cristo na sua alma? Queremos para êles a verdadeira felicidade do céu. Que são todos os tesouros do mundo, todos os bens terrenos ao lado de uma feli-

cidade eterna? Quando meditamos as grandes verdades da fé, quando nos curvamos em espírito sôbre as bordas dêsse abismo de fogo que é o inferno, podemos realmente ficar impassíveis à vista de tantas almas, algumas das quais nos são caras, e que vão precipitar-se nêle?

3º E' um dever para conosco mesmos.

Ainda quando fôsse só do nosso próprio interêsse. Diz-no-lo a Escritura: *"Aquêle que converte um pecador apaga a multidão dos seus pecados"*.

E S. Agostinho: "Salvar uma alma é predestinar a sua".

Se Nosso Senhor prometeu a sua recompensa ao copo de água dado ao pobre em seu nome, que recompensa não reservará para a conversão de uma alma?

Francamente, podeis crer que, tendo trabalhado para povoar o paraíso, tereis o inferno em partilha? Não; e quanta razão tinha aquêle missionário moribundo que, interrogado sôbre se temia comparecer perante Deus, respondeu: "Será que eu servi a Maomé para ter mêdo de morrer? Eu servi a Deus, passei minha vida tôda a lhe salvar almas, e quereis que eu tivesse mêdo de comparecer perante Êle?

4º E' um dever para com a Igreja.

Qual é a finalidade, a missão da Igreja? E' a salvação das almas.

A Igreja não é nossa mãe? E, se nada fizermos para salvar as almas, teremos o direito de nos dizermos seus filhos? Quando um filho ama sua mãe, faz tudo o que pode para torná-la feliz. Ora, a Igreja sempre tem essa sêde que afligia a Jesus na cruz. Também exclama incessantemente: "Tenho sêde das almas!" E' que ela sabe o valor das almas.

Conhece-se o valor de uma coisa pelo preço que ela custou; ora, nossa alma custou a vida e a morte de um Deus. Eis o seu valor.

Um Padre da Igreja faz esta triste ponderação:

"Um animal de carga cai, e sempre se acha alguém para levantá-lo; as almas caem, e nem sequer se lhes dá atenção".

Sem imitar o horrendo Nero que, do alto de uma torre, tocava lira enquanto Roma era devorada pelas chamas, a maioria dos cristãos olham com olhos calmos e tranqüilos para as almas que se perdem ao redor dêles. E êsses mesmos cristãos irão jurar a Deus que o amam de todo o seu coração e dizer-lhe: Venha a nós o vosso reino! Entretanto, uma alma é tão grande e tão bela! A criação do mundo só custou a Deus uma palavra: *Fiat!* Para salvar nossas almas Ele quis morrer.

Muitos não hesitariam em precipitar-se à frente de um cavalo desembestado, em atirar-se na água, no fogo, para salvar um homem em perigo, em fazer-se matar para defender seu país, sua bandeira, e plàcidamente, friamente, deixam perecer a alma de seus irmãos. Inconseqüência, e sobretudo falta de fé! Não se sabe o que é uma alma, vê-se só o corpo, a vida, a terra. E a Eternidade? Não se pensa nela... adia-se isto para mais tarde!

Vós, jovem cristã, compreendi a grandeza de vossa alma e, compreendendo-a, pensai também na alma de vossos irmãos.

O Padre Hermann escrevia: "Para salvar uma alma eu não hesitaria em me arrastar com ambos os joelhos até o fim do mundo".

E vós, para salvar as almas, que foi que fizestes até agora?

5º E' o vosso dever de donzela cristã.

Não se trata aqui, em coisa tão grave, de vos fazer louva-minhas inúteis.

Há, porém, uma coisa que deveis saber: na vossa idade, por serdes jovem, amante, pura, delicada e ufana, por vos exornarem ainda com seus encantos tôdas as flôres da primavera da vida, tendes sôbre os corações uma fôrça irresistível de que deveis aprender a servir-vos!

Mulher, tendes fatalmente de fazer bem ou mal em tôrno de vós. Em todos os caminhos que conduzem ao céu ou ao inferno, achamos uma mulher, imagem de Eva ou imagem de Maria. E' quase sempre uma mulher que, como Eva, oferece o fruto de morte, ou, como Maria, o fruto de vida!

S. Pedro já o dizia numa de suas Epístolas: "Mulheres, sede sujeitas aos vossos maridos, a fim de que, se há alguns que não obedecem à pregação, sejam ganhos sem a pregação pela conduta de suas mulheres, só de verem a vossa vida casta e cheia de respeito" (1 Ped 3, 1).

Sim, como mulher, como m^oça, recebestes de Deus um coração tanto mais amante quanto mais puro fôr, um jeito e uma habilidade maravilhosa para conseguir todos os vossos intentos. Não sois naturalmente zelosas nos vossos empreendimentos e ardentes em prosseguir-los? Acaso não vos deu a natureza uma doçura insinuante que vos reserva um incrível império sôbre os corações?

Alguém disse: "No coração de tôda mulher dorme um apóstolo". Cumpre despertá-lo, se êle dorme, e impeli-lo à ação; tanto mais quanto, como mulher, sabeis querer, e querer longo tempo.

E depois, sois cristã! Ah! esta palavra quanta coisa contém! Que glória o ser Filha de Deus!

Dever-se-ia, filha, poder apontar-vos também e dizer de vós: "Olhai! é um Cristo que passa!"

Se os milhões de donzelas cristãs que há por tôda parte pudessem compreender a sua fôrça e dela soubessem servir-se, haveria, amanhã, muita coisa nova entre as almas! Porém a maior parte dorme ainda. Quem, pois, santo Deus, conseguirá despertá-las?

Quando os soldados, feridos no assalto a uma trincheira, nos chegavam cobertos de sangue, a sua primeira palavra, quando voltavam a si, era sempre esta: "Diga-me, tomamos a trincheira de defronte?" E, para lhes embalar o delírio, nós lhes murmurávamos o verso carinhoso do poeta: "Sim, Francêsinho, venceste-os!"

Êles adormeciam, então, na morte, com a alegria acariciadora da vitória, que lhes transfigurava o pobre semblante amortecido.

Menina, Filha de Deus, donzela cristã, deixa-vos pois hipnotizar, entusiasmar também pela idéia obsessora do apostolado... Pensai nas "trincheiras de defronte", isto é, nas almas que podeis e deveis converter! e tornai-vos então uns bravos soldadinhos de Deus!

E' tão triste ver-vos patinhar quando tendes asas, ver-vos vegetar quando deverieis florescer, ver-vos dormir quando deverieis irradiar a vida, a alegria, o céu em tórno de vós! E' o caso de nos perguntarmos se tendes coração!

Há umas, entre vós, que são apóstolas; mas não as há bastantes!

E no entanto Jesus ai está sempre, apresentando-se a vós pregado no seu patíbulo, coberto de sangue, e a dizer-vos: "Minha filha, amas-me?" Às vêzes ousais olhá-lo em face e responder-lhe: Sim, Mestre, amo-vos!

Ouvindo-vos, assim, afirmar-lhe o vosso amor, parece que Jesus poderia chorar... porquanto, que haveis feito até aqui para lhe provar êsse amor? Se a perda das almas não vos comove, se a salvação eterna daqueles por quem Ele se imolou vos deixa numa incrível apatia, se as lágrimas de sangue do divino Crucificado não vos transtornam o coração, menina, melhor seria não dizerdes a Jesus que o amais. Não é verdade! E, depois, como ousardes dizer aos entes queridos que vos cercam, e cuja alma está talvez tão longe de Deus, que os amais de todo o vosso coração? Talvez êles sejam os condenados de amanhã!... e, quando nada fazeis, ou tão pouco, para lhes salvar a alma imortal, pretendeis amá-los?

6º *Bela teoria de S. Vicente de Paulo sôbre o zêlo.*

Êsse grande Santo, de alma tão apostólica, dizia aos seus sacerdotes:

"O zêlo! Não há nada mais belo! Se o amor de Deus é um fogo, o zêlo é-lhe a chama; se o amor é um sol, o zêlo é-lhe o raio.

— "Voltando de missão e passando por sob as portas da cidade, afigurava-se-me que estas iam cair sôbre mim e esmagar-me. Porque, se eu deixava uma aldeia em que fizera a missão, havia ainda 50, 100 outras que aguardavam de mim o mesmo socorro.

— "Eu de mim, dizia êle (aos setenta e oito anos), estou prontinho a partir para a China. Quisera ir acabar minha vida ao pé de uma moita, trabalhando nalguma aldeia.

— "E, se eu não pudesse pregar todos os dias, pregaria só duas vêzes por semana; e, se não pudesse fazer-me ouvir

nos grandes púlpitos, falaria nos pequenos; e, se ainda não tivesse bastante voz para isso, que é que me impediria de falar com simplicidade àquela boa gente, fazendo-a chegar-se para perto de mim?

— “Os negociantes percorrem os mares em busca de um ligeiro ganho, e nós não haveríamos de fazer pelas almas o que elles fazem por um pouco de ouro?

— “Eu mesmo, embora velho e caduco como estou, não devo deixar de me manter na disposição de ir para as Índias, para lá ganhar almas para Deus, ainda quando tivesse de morrer pelo caminho.

— “Como! veríamos os outros sofrerem e morrerem ao longe, e nós ficaríamos aqui como uns poltrões sem coração e sem zêlo? Veríamos os outros exporem-se ao perigo, e nós ficaríamos tímidos como galinhas molhadas? O’ miséria! O’ mesquinhez!

— Que importa morreremos mais cedo, desde que morramos de armas na mão!”

Sem dúvida, estas palavras são dirigidas a missionários; mas deveis tomar a vossa parte nelas, pois haveis de querer ser as pequenas missionárias de Deus Nosso Senhor através do mundo.

II. Objeções contra o apóstolado.

Tudo isso admitis de bom grado. Porém múltiplas objeções ainda vos fôrmigam na mente. Não vêdes bastante o lado prático da questão. Apesar da vossa convicção íntima de que é preciso fazer alguma coisa, numerosas dificuldades se vos apresentam, para as quais reclamais esclarecimentos.

a) *Compete aos sacerdotes falar às almas.* — Elles são os officiais: os outros são os soldados; e os soldados é que ganham as batalhas. Como sabeis, podeis penetrar facilmente nos meios onde o sacerdote é desconhecido, onde às vêzes até é considerado um “bicho prêto”, um urubu. — Substituí-lo! — O apóstolado não é como a Arca da Aliança, que só os levitas tinham o direito de carregar. Não: o zêlo é um dever para todos os cristãos. S. Jerônimo dir-vos-á mesmo que o batismo é o “sacerdócio do leigo”. *Ser cristão e ser apóstolo é uma coisa só; uma coisa não vai sem*

a outra. Ou, se o quiserdes, admitamos que o sacerdote de Cristo é o grande ceifeiro das almas; será, porém, que, quando o ceifeiro passa, não se vêem atrás dêle os respigadores? Respigai, filha, as almas que o ceifeiro não atinge.

b) *Há muito que fazer.* — Mas não se exige de vós que façais tudo sòzinha. Não se vos pede que convertais o mundo nem que o transformeis. Nosso Senhor não disse aos apóstolos: “Ide, converteil”, porém “Ide e ensinai!” Aliás, bem inútil seria dispersar, desperdiçar as vossas energias em tôdas as direções. Ao contrário, fazei convergir todos os vossos esforços, todo o vosso zêlo sôbre uma alma, sôbre uma só alma. Olhai em tórno de vós, estudai o terreno e, quando tiverdes achado a alma a converter, não mais viseis senão ela. Será um pai, um irmão, um parente, um velho peccador... em todo caso, ail tereis apenas o embaraço da escolha.

Uma vez reconhecido o terreno, passai ao ataque, e, como nos ensina às vêzes a guerra moderna, não partais imediatamente à baioneta, mas cavai trincheiras, fazei-vos pequenina, a humildade atrai as graças de Deus; cercai-vos dos fios de arame farpado das mortificações e dos sacrifícios; fazei uma séria preparação de artilharia, quer dizer, rezai, rezai, rezai! convidai aliados a virem combater convosco, a rezarem convosco; visai o ponto fraco, aquêle por onde podereis penetrar mais fâcilmente, isto é, o coração. Quando tiverdes entrado nesta praça, tereis dado um famoso salto à frente. Do coração à alma, o caminho é curto... E' tão difícil assim isso?

c) *Sou muito fraca, muito pequena, muito criança.* — Tanto melhor! tanto melhor! Sois justamente o instrumento de que Deus gosta e de que se serve quando quer fazer alguma coisa. Vêde Genoveva, vêde Joana d'Arc, vêde Bernadete. Quando Deus procura na terra uma alma de que se quer servir, escolhe-a pequena e fraca, a fim de que a obra dêle apareça melhor e resplandeça, pois *Ele é cioso da sua glória.* Vêde: onde é que Jesus escolhe seus apóstolos? À beiramar; toma alguns pobres pescadores, simples, sem instrução, sem cultura, sem dinheiro, e com êles transforma o mundo.

Sêde pequena, fraca, quanto quiserdes, mas tende uma humildade profunda e um grande coração. Com isto, apoiando a vossa fraqueza na fôrça de Deus, fareis grandes coisas.

d) *Sou muito môça.* — Isto, que tomais por um impedimento, é, ao contrário, um motivo a mais. Primeiramente, se vos achais muito môça, ficai sabendo que é um defeito de que vos corrigireis depressa, mui depressa, depressa demais mesmo, a vosso gôsto. E depois, se não aproveitardes a mocidade para agir, quando será que vos decidireis? Quando estiverdes casada?... Mas então objetareis com os vossos deveres de espôsa e de mãe. Quando tiverdes mais idade? Então alegareis os vossos cabelos brancos, as vossas doenças, o vosso esgotamento e o resto. Ao passo que hoje tendes entusiasmo, ardor, fogo na alma, desassombro na vontade. Eial De pé! é o momento de agir.

Na vossa idade tem-se o culto do ideal, o entusiasmo propicia impulsos generosos, sente-se uma necessidade íntima de se dedicar, de se dispensar, há em vós uma seiva, uma superabundância de vegetação que lembra a primavera. Ozanam consignava-o, dizendo: "Ambição do bem, proselitismo, caridade, interêsse, amor-próprio, prazer, tudo isso se mistura numa alma jovem, e leva a ela a impaciência de fazer grandes coisas".

"Os moços não fazem nada pela metade; é a sua glória e a sua desgraça. Se amam o bem, tornam-se os prosélitos do bem; se se dão ao mal, tornam-se-lhe os propagadores. A sua exuberância natural dar-se-á curso num ou noutro sentido. Eles terão emoções santas ou emoções vis, terão a chama impura e devoradora das paixões, ou a chama luminosa e conquistadora de um grande amor. Não peçais à seiva que enche uma jovem alma que não se precipite fora; não peçais ao sangue que circula em veias jovens coagular-se em bola de neve" (Rouzig).

e) *Não me atrevo.* — Compreende-se a vossa timidez, ela é um pouco da vossa idade. E' preciso vencê-la. Acaso o demônio é tímido quando trabalha para perder as almas? Ele tem uma audácia encarniçada. Compete a nós tomarmos a nossa coragem com ambas as mãos; é sempre assim que devemos tomá-la. Ensaiai, começai, sem dúvida o pri-

meiro passo vos custará, mas que alegria vos está reservada! Se soubésseis!

Sim, tende a audácia do bem, como os maus têm a audácia do mal. Para propagarem a sua doutrina, para difundirem os seus erros, eles não recuam diante de coisa alguma. E vós, haveríeis de estacar, tímida e receosa? Mas então não tendes fé? não tendes arrôjo no coração? Não esqueçais, tão pouco, esta palavra terrível de Mons. Gay: "Muitas almas se perdem por causa da nossa timidez!"

Ah! não vos atreveis? Mas que é então que se vos pede?... rezar, dar um conselho, ser um bom exemplo vivo, sofrer um pouco pelas almas, falar às vêzes, às vêzes também calar-vos. Na verdade, então tudo isto é tão difícil assim?...

III. O que o apostolado exige.

Ninguém nasce apóstolo, ou, pelo menos, isto é reservado a almas de escolha; mas todos podem e devem vir a sê-lo, é um dever, como vimos.

Agora, é bom vos collocarmos debaixo dos olhos os conselhos necessários para ingressar na nobre milícia das almas apostólicas.

O apostolado exige:

a) *Preparação*. — Antes de dar, é preciso adquirir, aprender antes de ensinar, e ser bom para poder fazer o bem; porquanto, como o diz um santo: "Um carneiro faz um carneiro, um lobo faz um lobo". Deveis cultivar as virtudes do apóstolo, adquirir os elementos da religião e conhecimentos assaz profundos, não somente para saberdes explicar a vossa fé, mas também para estardes sempre pronta a dar conta dela e a defendê-la quando preciso. Para esclarecer os outros, devemos ser uma luz. Portanto: preparação moral pela aquisição e pela prática das virtudes, e preparação intelectual por estudos especiais.

Alguém disse: "O amor tem dado mais luz do que a luz tem dado amor". E' verdade! E ainda importa que tenhais essa luz para vós e para os outros. E' de primeira necessidade que na nossa sociedade que raciocina sôbre tudo,

saibais dar razão da vossa fé e vingá-la quando a atacarem diante de vós. Há provas da divindade da nossa religião que uma jovem cristã não deve ignorar.

Por isto, o estudo aprofundado da vossa fé impõe-se a vós de maneira a mais imperiosa. A fé e a ciência vêm de Deus, a Ele também conduzem ou reconduzem as almas.

b) *A humildade.* — Já vimos bastante, nos capítulos que precedem, que sem a graça nada se pode fazer. Converter uma alma é obra acima das nossas forças. E' Deus quem converte. A nós, seus fracos instrumentos, Ele só dá essa graça que toca, comove, decide e converte, se nos sente bem brandos, bem humildes, bem pequenos nas suas mãos! O amor-próprio desperta susceptibilidades, suscita rivalidades, estanca a fonte das graças. A humildade agrada a Deus e aos homens. Um orgulhoso nunca será apóstolo. Uma almalzinha bem humilde, que se oculta e se apaga fará milagres.

c) *A bondade.* — A ciência esclarece, o poder manda, a eloquência provoca a admiração, mas só a bondade acha o caminho dos corações! Oh! sede boa! Isto vos é tão fácil! Um sorriso, uma palavra afetuosa, uma palavra doce, uma diligência, um nada, bastam às vèzes para reconduzir uma alma que todos os assaltos haviam deixado irreductível! E' tão bom ser bom! Dir-vos-ão, talvez, que não é preciso nada demais neste sentido. E' verdade; nada de falsa bondade que chegue à fraqueza à custa do dever. Mas, se se tratar só de fazê-la crescer à custa do amor-próprio e do interêsse pessoal, oh! então não receeis chegar ao excesso, êste não vos ameça. Um provérbio árabe diz: "A espada faz dobrar a cabeça, mas só o coração faz curvar os corações".

d) *A paciência.* — "Oh! pressa insensata a dos que querem que a messe aponte antes que êles tenham sequer acabado de semear!" exclama o abade Beaupin. Sim, é preciso paciência. Não raras vèzes, demora muito converter uma alma. Ante a ineficácia aparente dos nossos esforços, poderíamos às vèzes ser tentados a desanimar, a achar a tarefa árdua demais, e a tudo abandonar! Não! Cumpre saber esperar e perseverar apesar de tudo. Jesus levou três

anos a formar seus apóstolos; e ainda assim, nos dias maus todos o abandonaram.

“No regime das almas, diz S. Francisco de Sales, é preciso ter um copo de ciência, um barril de prudência e um oceano de paciência!” Palavra profunda que será bom meditar nos dias em que tiverdes a dor de sofrer um fracasso! Não desesperéis então, reagi contra a tristeza contra o amor-próprio ferido, contra a vossa impaciência natural, e retomai com novo ardor a obra começada.

O demônio trabalhará dez anos, trinta anos, em preparar a queda de uma alma, e vós quereríeis convertê-la em alguns dias? Trabalhai, penai, sofrei, rezai, humilhai-vos; depois disso, aguardai com tóda confiança a hora de Deus.

Um dia ela soará realmente. Ainda quando tivésseis de passar a vida tóda a fazer o assédio de uma alma; ainda quando tivésseis, mesmo, de a ver morrer sem sinal exterior de arrependimento, o que por ela tiverdes feito não será perdido. Deus saberá levá-lo em conta.

Não esqueçais esta palavra de Lacordaire: “Se já tivésseis encontrado almas não tocadas por Deus, veríeis que o homem nada pode para converter, que mil vidas dadas numa hora e uma eloquência de fazer chorar o mármore nada podem nisso”. Sabei, pois, esperar, não vos impacientéis.

e) *A doçura.* — Não somente essa doçura que é a flor primorosa da bondade, mas uma doçura especial de julgamento e de caráter, sobretudo para com as almas que achásseis morosas demais em vos seguir, em admitir as verdades que lhes procurais expor. *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!*

Não se mudam as leis do amor; para fazer bem às almas é preciso tratá-las com doçura e mansidão! é preciso ir até aos últimos limites da paciência. Preparai-vos, pois, para heróicos combates, para lutas perseverantes. Por vezes a vossa natureza fremirá diante do obstáculo. Se vos resistirem, sentireis vontade de rebelar-vos e de levar tudo de assalto! Mas não! seja doce o vosso zêlo; armai-vos de uma invencível mansidão, destarte triunfareis sempre!

Tão pouco sejais dura nem severa para com os pobres pecadores ou para com os que não compartilham as nossas crenças.

S. Agostinho, o grande convertido, nos aconselha isto, quando diz aos hereges:

“Duros vos sejam os que não sabem que labor é chegar à verdade, evitar o êrrol Duros vos sejam os que não sabem o quanto é raro, o quanto custa chegar a vencer, na serenidade de uma alma piedosa, os fantasmas dos sentidos. Duros vos sejam os que não sabem com que dor se curam os olhos do homem interior, para fitarem o sol da justiça; os que não sabem por que suspiros, por que gemidos se chega, em alguma coisa, a compreender a Deus! Duros vos sejam, enfim, os que nunca conheceram sedução semelhante à que vos ilude... Quanto a mim, que, balançado pelas vãs imaginações de que minha mente andava à cata, compartilhei as vossas misérias e por tanto tempo chorei, de modo algum eu saberia ser duro para convosco”.

Estas palavras são bastante claras por si mesmas, pesai-as bem, elas vos traçam a vossa linha de conduta.

f) *O espirito de sacrificio.* — Para ser apóstolo, importa deliberadamente renunciar às próprias comodidades, ao próprio egoísmo, à própria liberdade, a si mesmo. Importa fazer-se o servo dos outros, abrir a porta quando se quisera ficar só, sorrir amavelmente quando se quisera chorar; trabalhar, penar, quando o corpo fatigado reclama repouso, esquecer os próprios sofrimentos para compartilhar e consolar os dos outros, contrariar os próprios gostos, a própria vontade, numa palavra, sacrificar-se!...

O gênio sombrio de Lamennais exprime magnificamente esta doutrina.

“A primeira condição do apóstolado é a independência, e a medida da independência é a do desapêgo de si. Quem quer que tema ou deseje alguma coisa na terra, não é livre, há nêle um ponto onde se poderá sempre prender uma cadeia. O vosso poder está na renúncia a tudo o que os sentidos cobiçam, pois as cobiças são as moléstias que deveis curar, os demônios que deveis expulsar.

“Para curar os outros é preciso primeiro ter-se curado a si mesmo; para expulsar dêles o espírito mau, é preciso não estar pessoalmente sob o império dêste.

“Se não tendes vontade e coragem de adquirir as virtudes que fazem os fortes, dormi sôbre o vosso monturo, não sois da raça daqueles por quem a salvação se cumprirá.

“E vós, que sentis a vossa alma perturbar-se porque re- pelem a vossa palavra, vós, discípulo de Jesus, não sois maior do que o Mestre; é preciso segui-lo, cumprir o dever pelo próprio dever, sem esperar nem pedir qualquer coisa mais neste mundo!”

g) *A convicção de que por nós mesmos nada podemos!*

— No apostolado, mais do que a humildade ordinária é preciso ter uma verdadeira persuasão, uma convicção forte de que somos meros instrumentos na mão de Deus. Ele nos faz mover, anda com os nossos pés, fala pela nossa bôca, ama pelo nosso coração, mas o resultado só d'Ele pode vir. Diz o Pe. de la Colombière: “Quando se conhece o que é salvar uma alma, logo se fica convencido de que nisso não se pode nada. Que loucura pensar que com algumas palavras ditas de passagem se possa fazer aquilo que tanto custou a Jesus Cristo! Vós falais, e uma alma se converte; é como um jôgo de fantoches, o criado manda a boneca dançar, e o amo movimenta-a por meio de uma mola”.

Eis aí o que nós somos nas mãos de Deus. A alma que quer ser apóstolo persuada-se bem da sua completa impotência, compreenda o seu papel de instrumento; e, sobretudo, não venha a atribuir a si mesma as vitórias alcançadas! Tudo deve ser referido a Deus. E' a glória dêle fazer grandes coisas com os mais fracos meios.

h) *A vida interior.* — Para fazer um pouco de bem, deve uma alma estar unida a Deus; sem isso, trabalha em vão. Fará barulho, talvez, mas não bem.

Durante êstes tempos febris que atravessamos, tudo anda a vapor. Não mais solidão, não mais recolhimento. Cada um vive como que numa imensa praça pública no meio de uma multidão atarefada e espantada que a gente acotovela.

E' preciso, pois, viver *interiormente*, ou aí tornar a entrar quando se percebe ter fugido.

A vida interior consiste em dar à nossa vida exterior uma finalidade, um móbil, uma alma. Essa alma, êsse móbil, essa finalidade é Deus.

Ele está presente em nós quando estamos em estado de graça, presente de uma presença tão real quanto misteriosa. Pela fé apoderamo-nos dêste fato, e, sob o olhar de Deus, para lhe aprazer, vivemos com Ele, aceitamos nossas penas, pequenas e grandes, cumprimos ~~esses~~ mil pequenos deveres cuja série compõe a nossa história. Então tudo se aclara, tudo se embeleza, tudo se engrandece.

O primoroso, o melhor seria não perdermos de vista o nosso Deus, que, por estar velado, nem por isso deixa de estar em nós! Infelizmente os cuidados, as dores, as alegrias, as distrações muitas vêzes vêm monopolizar a nossa alma. Não nos pertencemos mais! Salmos de nós mesmos, esquecendo o hóspede divino que não nos deixa e que nos espera no fundo do nosso coração.

Acostumai-vos a considerar vossa alma como o templo de Deus. Ora, em todo templo há um altar, e em todo altar achareis um tabernáculo. E' nesse tabernáculo íntimo que deveis amiúde encontrar-vos com Deus, a fim de, como diz S. Francisco de Sales, aí fazerdes "o apanhado de tôdas as vossas potências para tratardes a sós com Deus, de coração a coração". Essa vida interior, essa união com Deus que procurareis tornar a mais íntima possível, será para a vossa alma o que a seiva é para a árvore, isto é, a sua fôrça e a sua fecundidade.

IV. Prática do apostolado.

a) *A oração.* — A conversão é uma graça: só Deus pode tocar os corações e reconduzir a Si as almas. Ora, essa graça obtê-la-eis pela oração. Um dom tão sublime só do alto pode descer.

Rezai muito pelas almas a quem quereis bem, pelas que quereis converter. Nada resiste a esta fôrça, se dela bem nos soubermos servir.

A oração é "a fraqueza de Deus". Muitas vêzes tendes orações sem palavras, um grito do coração, uma lágrima, e Deus compreende.

O homem se enleia facilmente nas suas fórmulas; nisto a mulher anda mais simplesmente, e então, com freqüência, "o que a mulher quer Deus quer".

Por natureza, a mulher dá às suas súplicas um caráter que lhes explica a onipotência. Com efeito, no coração feminino há muito naturalmente sentimentos de angústia, de fraqueza, de amor e de fé que são os próprios elementos da oração vitoriosa.

A oração é antes de tudo uma confissão da fraqueza que se inclina para pedir; ora, por natureza sois fraca, e mais fácil vos é abaixar-vos, conservar-vos como suplicante.

E depois, tendes lágrimas. Quando Jesus viu os judeus e Madalena que choravam junto ao túmulo de Lázaro, "*perturbou-se e também chorou*", diz o Evangelho.

E acreditais então que, por ter deixado a terra, o coração de Jesus tenha perdido a sua delicada sensibilidade?

"Quando uma mãe, uma espôsa, uma filha, uma irmã parecem ter esgotado todos os meios de conversão e em aparência não poder mais nada, resta-lhes ainda o poder: rezem, chorem, vão buscar a um certo refólho da alma uma certa lágrima que Deus fez expressamente para o caso, e será a salvação; Deus dará então a sua graça tão abundante e tão forte, que os transviados já não resistirão" (Pe. Poitier).

Deus tem muitas maneiras de fazer sua estrada no santuário intimo das almas, mas quase sempre penetra nêle por uma brecha sangrenta, feita pela dor e pelas lágrimas.

b) *O bom exemplo.* — "A voz da bôca é um som, a voz do exemplo é um trovão", disse S. Bernardo. Com efeito, os bons exemplos, vindo ferir os olhares e apoiar a palavra, são apreendidos pelas menores inteligências, gravam-se nas memórias em traços indeléveis. Os homens são assim feitos: uma palavra os toca, mas um ato os arrasta. Jesus disse: "Tomai vossa cruz", e tomou-a por primeiro. Querendo arrastar seus soldados para a ponte de Arcole varrida pela metralha, Napoleão lançou-se à frente dêles. Pregadores não faltam, o que falta são os modelos. Não sejais apenas como êsses postes indicadores erguidos na encruzilhada dos cami-

nhos, os quais indicam a estrada e ficam imóveis. Marchai, e arrastareis os outros.

“Dizer e não fazer é parecer-se com o sino que toca para o ofício e que a êle nunca vai” (S. Francisco de Sales).

Uma vida verdadeiramente cristã é uma **pregação muda**, porém muito eloqüente. Sem desconfiar, a gente reergue os outros andando direito. Efetivamente, diz Lacordaire, “o apóstolo não é apenas um homem que ensina a religião pela palavra, é um homem que prega o Evangelho por todo o seu ser, e cuja simples presença já é como que uma benéfica aparição de Jesus Cristo”. Quantas pobres almas nós outros, padres, encontramos, e que nos dizem a sua história em duas palavras: “Fui arrastada!” Arrastai, pois, os outros para o bem; tomai-lhes a mão, tomai-lhes o coração, tomai-lhes a alma e conduzi-as a Jesus.

“*A beleza do céu e o brilho do firmamento anunciam a glória de Deus*”, diz-nos o Salmista. Vós, donzelas, pelos vossos bons exemplos sois muito mais capazes de anunciar a glória de Deus fazendo bem às almas! O céu estrelado é uma maravilha menor do que uma alma jovem, pura, briosa, terna, forte e cheia de amor de Deus.

Pela afirmação corajosa da vossa fé, pela retidão e piedade da vossa vida, sereis um “dever vivo”, uma “virtude viva”; o vosso exemplo será então mais poderoso do que todos os discursos.

Em Argonne, após um duro combate, um ferido que se arrastara com vários outros ao abrigo das quatro paredes de uma casa semidestruída, dirigindo-se ao major que o pensava, disse-lhe: “Senhor major, eu sei que o Sr. tem fé. Eu não tinha. O que eu acabo de ver e de ouvir foi que me converteu! Olhei, — acrescentou êle apontando para a parede que se erguia junto ao corpo inanimado de um de seus companheiros, — êsse homem, ferido como eu, chamou um padre enquanto teve alento. E como ninguém nos podia ouvir, sentindo-se desfalecer êle exclamou: “Oh! eu sou cristão! e como cristão quero morrer!” Depois, reunindo as últimas forças, molhou o dedo no sangue que **escorria** da sua ferida, para escrever, veja lá, na parede: “Creio em Deus!...” E morreu traçando a última palavra.

“Agora, senhor major, eu também creio. O exemplo dêsse camarada que morre escrevendo a sua fé com seu sangue, revolveu-me, transformou-me, converteu-me! Eu também quero morrer como cristão!”

Aliás, é tão fácil o apostolado do bom exemplo! Ele não vos pede nenhuma fadiga, nenhuma despesa, nenhum incômodo, mas unicamente o cuidado de cumprirdes profundamente os vossos deveres de cristã.

Ademais, êle é tão conforme à vossa natureza! “Em geral, a missão das mulheres é menos explicar a verdade do que fazê-la sentir”. Fazei sentir em tôrno de vós o doce perfume da virtude; sede doce, amável, atraente, alegre, e arrastareis as almas atrás de vós.

c) *O bom conselho.* — Um ser amante é essencialmente comunicativo. “O bem tem tendência para difundir-se”, diz S. Tomás. Justamente por serdes boa, piedosa, mansa, caridosa, forçosamente fareis questão de que, na medida do possível, essas virtudes reinem à volta de vós. Um ser amante e amado, que sabe falar ao ouvido do coração, é extraordinariamente poderoso. E’ ainda esta uma das vossas fôrças. Há coisas que, ditas por vós, vão ao coração, mas melindrariam na bôca de outro.

Vêdes uma amiga vossa que está no mau caminho; amai-a, rezai por ela, e com terna delicadeza aconselhai-a, mostrai-lhe os perigos que ela corre. Para dardes melhor os vossos conselhos, seja uma pregação o vosso exemplo.

Um coração amante é sempre eloqüente. Lacordaire dizia aos moços: “Se, por mais humilde que ela seja, puserdes a vossa palavra a serviço da vossa fé, na outra vida ficareis admirados de vos ouvir dizer por almas que virão a vós: “Meu Pai”. E, quando procurardes a origem dessa geração espiritual, achá-la-eis numa conversa, numa palavra, numa frase que tereis esquecido”. Todavia, não prodigalizeis os conselhos com profusão régia. Há pessoas que, por assim dizer, são eriçadas de bons conselhos; não nos podemos aproximar delas sem sermos espetados aqui ou acolá. “Os bons conselhos, diz la Rochefoucauld, só divertem os que os dão”. Cumpre, pois, serdes sóbria dêles e, por assim dizer, não os colocardes senão com tôda segurança.

d) *O sofrimento*. — Onde quer que orações, exemplos, conselhos nada tiverem feito, acrescentai o sacrifício. Foi pela Cruz que Jesus nos salvou, somente sofrendo é que também nos tornaremos uns Salvadores. Sofrer por alguém é dar-lhe felicidade, é redimir, é salvar. A dor é redentora; ora, a mulher sofre muito, porque mais sensível e mais fraca. Tem, pois, no seu sofrimento e nas lágrimas um poder particular sobre o coração do homem. A dor faz instintivamente brotar-lhe a prece da alma e as lágrimas dos olhos. As lágrimas são o sangue do coração, e esse sangue também é redentor.

O Eco de Lourdes conta o fato seguinte que ocorreu na Peregrinação Nacional de 1898.

Um ímpio consentira em levar a Lourdes uma menina entrevada de todos os membros, e dissera: “Se eu vir esta curada, se a vir levantar-se, converter-me-ei. Mas não há de ser para já. Não creio!”

Tendo a menina entrado na piscina, o Pe. Bailly, avisado por um padre, exclama: “Meus irmãos, haverá no meio de vós alguém que queira oferecer-se em sacrifício pela salvação de uma alma que recusa converter-se?”

“Haverá, entre os doentes que aqui estão, um só que consinta em se oferecer a Deus para ficar doente até à morte pela conversão desse ímpio?”

Em meio a um profundo silêncio, um pobre enfermo que se arrastava sobre muletas exclamou: “Eu!”

Ao mesmo tempo, uma mãe em pranto que se achava perto da grade e que havia três anos levava a Lourdes seu filho surdo-mudo, agarrou-o e, entregando-o ao Padre, disse: “Tome meu filho, e ofereça-o a Maria pela conversão desse pobre infeliz”.

Incontinenti mesmo, a entrevadinha saía curada da piscina. À vista disso, o ímpio cai de joelhos exclamando: “O’ meu Deus, perdão! Creio!”

O sacrifício subira para o céu, e imediatamente a graça descera. O’ menina generosa que quereis converter almas, uma alma cara, um pai talvez, um irmão, um parente amigo da família; crede bem que podeis reconduzi-lo a Deus se o quiserdes. Há gestos ante os quais o coração de Deus não

pode deixar de ficar comovido; há graças que podeis fazer descer do céu por sacrifícios heróicos! — Tereis coragem para isso?

Luis Veillot escreveu: “Há bênçãos de Deus que entram quebrando os vidros”.

Se houver em vós vidros quebrados, prantos, sofrimentos, as bênçãos de Deus descerão sobre as almas que vos são caras, sobre essas almas que quereis salvar.

Não vos enganeis nisso! A conversão de uma alma é coisa difficil Para nos salvar, Jesus quis morrer, e acreditais que vos bastará recitar de passagem algumas orações pelas almas que quereis salvar? Não, filha, sede mais generosa! A oração é boa, o trabalho é melhor, mas o sofrimento está acima de tudo!

Se a humanidade tem pelo sacrifício um horror instintivo, também lhe experimenta o irresistível encanto. Naquele que se sacrifica há uma beleza que subjuga, um poder que dobra as vontades e as impele a agir.

Se quereis ser apóstola, aprendei a sofrer.

Se quereis reconduzir a Deus uma alma que vos é cara, sofrei por ela. Repito, há gestos que desarmam a Deus!

Fazei subir os sacrifícios, e a graça do céu descerá, porque, como dizia o Pe. Didon, “A maior força é um coração imolado que ama e que sofre diante de Deus”.

CAPITULO II

O VOSSO CAMPO DE APOSTOLADO.

L. A família.

1º Papel da donzela na família.

“Quem sabe se muitas vêzes a nossa vida não terá escapado aos golpes da ira celeste porque um anjo, sob o nome de filha ou de irmã, estendera sôbre nós a alvura de suas asas?” (Mons. Darboy).

O vosso papel, menina, a vossa missão será justamente serdes o anjo da vossa família. Ou sereis isso, ou não sereis o que deveis ser. Como um sol, deveis espalhar em tôrno de vós a luz da alegria, o calor do amor, e dissipar as nuvens que podem vir a formar-se na atmosfera familiar. Um coração de donzela fundamentalmente cristã deve ser êsse belo sol; é a sua vocação. Ela deve ter algo de angélico, personificar a virtude, encarnar a alegria, numa palavra, ser como que o sorriso de Deus.

Que é um anjo? Consoante a raiz do têrmo, é um enviado de Deus. Deus vos enviou à vossa família, deu-vos uma alma mais primorosa e mais doce, e lhe disse: Vai, alminha, vai-te unir a um corpo que eu te darei muito belo, mas não esqueças a tua origem. Vens do céu, és meu anjo, fica-o sendo.

a) *Anjo de doçura.* — Em vós, tudo deve respirar essa virtude divina. Deve ela brilhar na vossa frente, nos vossos olhos; traduzir-se nos vossos lábios, em atos de caridade, em tôda a vossa conduta. Tereis, assim, sôbre os corações o ascendente da virtude. Foi Jesus quem o prometeu: *“Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra”*.

b) *Anjo da paz.* — As vêzes há mal-entendidos nas famílias, desuniões, desavenças, melindres. Sêde aí, não como um

juiz de paz, isto não vos fica bem, mas como um anjo de paz. Começai por dar o exemplo, e sabei ceder de bom grado. Por um nada, por uma dessas mil minúcias de que a existência é cheia, travam-se às vêzes discussões. Deveréis tomar parte nelas, mas precatai-vos de ser um desses espíritos avessos, pontudos, que querem sempre ter a última palavra. E' êsse um despotismo que não é da vossa idade. Há maneiras muito amáveis e mui dignas de arriar bandeira. Compreendi a missão que Deus vos confiou; sêde no seio da família como a pomba de Noé, que trazia o ramo de oliveira, sinal da paz e da reconciliação. Sêde indulgente, desculpai os erros, advogai a causa dos ausentes, espreitai as ocasiões favoráveis e aproveitai-as.

c) *Anjo de alegria.* — Isto é da vossa idade, é também do vosso dever. Nada faz bem aos outros e a si mesmo como essa amabilidade alegre e expansiva que ilumina e alegra. Isso poderá custar em certos dias; a alegria, dizem, não se ordena; mas será mister serdes alegre por dever, por virtude. A família tem isto de admirável, e é que a felicidade que a ela se dá nunca se deixa de prová-la por si mesmo.

Há pessoas que são encantadoras fora de casa e acriminosas em casa. Gastam na casa dos outros a sua provisão de amabilidade, e esta já lhes não resta quando elas entram em casa! Que sucede então? a casa se esvazia, torna-se rude, aborrecida. O pobre ninho alcatifado de penugem transforma-se em prisão! Semeai, pois, a alegria no seio da família; colhereis a felicidade.

d) *Anjo do bom exemplo.* — Vistes mais acima a força que o bom exemplo dá. Tende em mãos essa força. Se há em tôrno de vós almas que desejais reconduzir a Deus, começai por essa pregação muda. Ela será mais persuasiva do que os mil raciocínios de uma mente feita para a lógica e para a discussão.

e) *Anjo da oração.* — Tende uma piedade sólida e verdadeira, fácil e atraente, sem mau-humor e sem estreiteza; fazei amar a oração orando bem. Não exijais mais do que é mister a assiduidade aos ofícios, nem a recitação das mesmas fórmulas, deixai cada um orar segundo o seu coração,

e, se na vossa família houver um membro que não reze, rezai por dois.

f) *Anjo da felicidade.* — Semeai felicidade ao redor de vós, pela dedicação e pelos sacrifícios. Para isso, ficai oculta, imitai a violeta que floresce na sombra. Tereis de sofrer para dar felicidade em torno de vós. Será o esquecimento de vós mesma mais absoluto; mas como sereis recompensada por um sorriso daqueles que vos amam!...

g) *Anjo de obediência.* — O espírito de fé, indispensável sempre, deve particularmente aditar-se aos sentimentos naturais para produzir em vós esta virtude. A autoridade de vossos pais vem do próprio Deus, cujo lugar eles ocupam junto de vós. A vossa obediência deve ser doce, pronta, solícita, sorridente. Preveni as ordens, adivinhei os desejos, numa palavra, tende o espírito de obediência.

Todavia, não vos esqueçais de que Deus deve ser sempre e em toda parte "*o primeiro servido*". Deveis obediência a vossos pais, mas deveríeis cumprir todos os vossos deveres de cristã mesmo se vossos pais a isso se opusessem. Sim, estaríeis no direito de desconhecer a vontade deles se eles exigissem de vós alguma coisa oposta à vossa consciência.

h) *Anjo consolador.* — Quando um membro de vossa família sofre, que fazedes? Amar, e nesse amor achareis facilmente palavras que acalmam, ternuras que aplacam e dedicações que consolam. Sabereis falar de paz, de resignação, de confiança, mostrando àqueles a quem amais mais do que a vós mesma a Cruz e o Céu.

Um jovem soldado ferido escrevia alguns dias antes da sua morte:

"Ofereço todos os meus sofrimentos ao Coração Sagrado de Jesus pela remissão de meus pecados, pela Pátria e por toda a minha família. Sim, quero ser mártir de minha família!"

Vós mesma não sereis provavelmente a mártir de vossa família. Pede-se-vos somente ser-lhe o anjo, a alegria e o consólo.

2º O apostolado na família.

Sem dúvida, a fé é uma luz que brilha e aquece na vossa morada. Entretanto, alguns dos vossos escapam à ação dela. Vosso pai, vossa mãe, vosso irmão talvez tenham mais ou menos abandonado as práticas religiosas. Deveis tentar tudo a fim de reconduzi-los a Deus. Para isso, vossas orações e vossa conduta farão mais do que as mais quentes exortações. Mas é preciso discrição e tacto. As testemunhas da vossa bondade, da vossa abnegação, da vossa alegria admirarão primeiro essas virtudes, e depois procurarão e acabarão por amar a fonte onde as hauris. Não vos esqueçais da palavra de S. Paulo: "*Se alguém não toma cuidado dos seus, e sobretudo dos membros de sua família, esse renegou a fé e é pior do que o infiel*" (1 Tim 5).

"O apostolado reveste aqui uma grandeza e um encanto particulares. Contribuir para proporcionar a vida eterna àqueles que nos deram a vida deste mundo; ou então simplesmente reavivar a luz e a chama divinas que se haviam enfraquecido em almas muito retas, porém absorvidas pelas ocupações e preocupações terrenas, há nisso, sim, ao mesmo tempo que uma obrigação imperiosa, um sentimento de felicidade profundíssimo e quicá sem igual neste mundo" (Rouzig).

a) *Fazei bem a vosso pai.* — Se vos recomendamos instantaneamente serdes amável sobretudo para com vosso pai, é que as mais das vêzes especialmente êle necessitará de que o ameis "com tôda a vossa alma", para reconduzirdes a Deus a alma dêle. Muitas vêzes, nos lares, o pai esqueceu o caminho da igreja, não pratica mais. Uma donzela que sabe avir-se nisso, que deveras quer converter seu pai, a isso chegará infalivelmente. Ela tem armas irresistíveis. Vosso pai deu-vos todo o seu coração, tôda a sua vida de trabalho; então só não lhe haveríeis de ter a alma? Essa região profunda e íntima vos é estranha talvez, não sabeis o que se passa nela. Mas tendes a oração, tendes o sacrifício, tendes as vossas lágrimas. Essas lágrimas, vosso pai vê-las-á correr e se deterá todo comovido, adivinhando ser a causa delas. Daí a uma plena conversão não vai grande distância.

b) *Fazei bem a vossos irmãos e irmãs.* — Sereis a irmã. Que doce nome! a “irmã mais velha”, a “mamãe pequena”, aquela a quem se vai procurar quando não se ousa abeirar-se diretamente do pai ou da mãe; aquela que será constituída juiz nas pequenas desavenças cotidianas. Para os pequenos, sereis uma segunda mãe; para os grandes, um conselho, um arrimo, um socorro, uma defesa.

Para os maiores, mormente na hora em que as paixões acordam, em que o jovem sente a tentação rondar em tórno de si, a vós é que competirá abrir-lhes os olhos e defendê-los contra as ciladas que lhes armarão talvez, e que com o vosso *instinto* de mulher sentireis de longe.

Sereis o refúgio, a conselheira, a mediadora quando êle precisar obter alguma coisa ou fazer-se perdoar uma falta; também quando fôr preciso prevenir um descontentamento do pai ou da mãe.

Amai muito vossos irmãos e irmãs, e lhes granjeareis assim tôda a confiança, e sabereis servir-vos dela quando se tratar de reconduzi-los a Deus ou de detê-los na trilha do mal.

c) *Sêde boníssima para com vossa mãe.* — “O coração de uma mãe, disse o Pe. de Ravignan, é a sede habitual da dor”. E’, pois, para vós um dever de justiça e de gratidão amá-la, venerá-la, ser para ela uma auxiliar, uma confidente e uma companheira fiel.

1) *Uma auxiliar.* — Sim, nos cuidados da casa, para as saídas e os mil trabalhos da vida de família, ajudai-a, e, se preciso, substituí-a. Engenhai-vos em saber fazer um pouco de tudo, e não receeis fatigar-vos para que vossa mãe repose. E’ bem a vez dela, agora.

2) *Uma confidente.* — Há coisas que uma mãe não confiará senão à filha. Há tanta semelhança entre as vossas duas almas! Quando ela sofrer, vós sobretudo é que deveis consolá-la. Nas vossas palavras, no vosso coração, tendes toques especiais, acentos que só vós outras mulheres conheceis.

3) *Uma companheira fiel.* — Durante as longas horas em que vossa mãe fica só em casa, ficai junto dela e não pre-

firais a ela as companhias de fora. Sim, ficai junto dela. Há uma coisa que ela não vos dirá, um sofrimento que ela calará sempre: breve, dentro em alguns anos, devereis deixá-la, seja para fundar um lar, seja para ir aonde a vossa vocação vos chama... Deixai, pois, vossa mãe gozar de vós durante êsses alguns anos, durante os quais às vêzes o seu coração agoniza ao pensamento de que um dia, breve talvez, devereis deixá-la.

Numa instrução familiar, um padre exclamava: "Quereis converter uma família? Trazei para o meio dela uma alma que saiba sofrer". Esta palavra foi ouvida por uma menina do povo que muitas vêzes vira sua mãe chorar e que corava de vergonha quando à noite, quase tôdas as noites, o pai entrava em casa hebetado pelo vinho.

No dia em que lhe foi revelada a fôrça do sofrimento, ela abraçou a mãe com uma expressão de ternura que fêz estremecer a espôsa infeliz, e lhe disse: "Mamãe, alegre-se, breve papai não a fará mais chorar".

E no dia seguinte, por ocasião da refeição do meio-dia, a única que reunia a família, a menina aceitou o caldo, um pedaço de pão, e recusou tudo o mais!

— Estás doente? perguntou a mãe admirada.

— Não, mamãe.

— Então come, — disse o pai.

— Hoje não, papai.

Pensaram que fôsse um capricho e quiseram punir a menina deixando-a embirrar.

À noite o pai voltou bêbedo como todos os dias; a menina, que estava deitada e não estava dormindo, ouviu-o blasfemar, e chorou.

No dia seguinte, como na véspera, recusou qualquer outra comida a não ser pão e água.

A mãe se inquieta, o pai se zanga.

— Quero que comas, — diz êste irado.

— Não, respondeu a menina com firmeza, não, não como enquanto o Sr. se embriagar, enquanto fizer mamãe chorar e enquanto blasfemar. Prometi-o a Deus, e quero sofrer para que êle não castigue o senhor".

O pai baixou a cabeça. À noite entrou calmo, e a pequena foi encantadora de alegria, de jovialidade e de apetite. Mas o hábito arrastou ainda o pai, e o jejum da menina

recomeçou. Desta vez o pai não ousou dizer nada, sòmente uma grossa lágrima lhe rolou pela face, e êle parou de comer. A mãe também chorava. Só a menina permanecia calma.

Então, levantando-se e estreitando a filha nos braços, o pai disse: Pobre mártir, farás sempre assim?

— Sim, papai, até que eu morra ou o Sr. se converta.

— Minha filha, minha filha, juro-te que não farei mais tua mãe chorar”.

Esta história é dedicada àquelas dentre vós que têm na família um ente amado cuja conversão almejam. Há armas a que um coração, mesmo empedernido, não pode resistir muito tempo.

II. A paróquia.

A paróquia é o lar da vida religiosa. Faz parte da grande organização católica.

Forma como que uma família religiosa; o vigário é o pai e os paroquianos são os filhos. O espírito de paróquia consiste na união piedosa de todos os fiéis, que se devem amar uns aos outros como membros de uma mesma família. Dever-se-ia poder repetir o que os pagãos diziam outrora em vendo a caridade dos primeiros cristãos: “Vêde como êles se amam!”

Mas onde se encarna deveras a paróquia, o seu símbolo e o seu centro, é na igreja.

Humilde igreja de aldeia em tórno à qual se comprimem os túmulos, ou soberba catedral das cidades, uma é tão santa quanto a outra, visto que ambas são os templos de Deus.

O poeta disse das paredes da casa paterna:

Qui s'attache à notre âme et la force d'aimer?
Objets inanimés, avez-vous donc une âme?

Que se prende à nossa alma e a força de amar?
Objetos inanimados, será que tendes alma?

Outro tanto se pode dizer da igreja paroquial. O cristão, mesmo se emigra para outras plagas, pensará sempre com certa melancolia na igreja do seu batismo, naquela aonde êle foi em criança, naquela que lhe lembra “o mais belo dia de sua vida”, a sua primeira comunhão. Tornará sempre a vê-la

alçar-se no meio da aldeia, perto dos túmulos de seus avós como uma mãe no meio dos filhos mortos. Lembrar-se-á das belas cerimônias, dos cantos litúrgicos, do lucilar das velas, dos vapores azuis do incenso! Nenhuma outra igreja, por mais bela que seja, lhe causará a mesma emoção, e, se êle voltar a ela após uma longa ausência, sentirá sempre que está em sua casa, e que nela ainda tem o seu lugar. De sorte que se poderia dizer, decalcando um verso célebre: "*Todo homem tem duas casas: a sua e depois a igreja*".

Lede esta página tocante, em que um grande acadêmico fala da sua paróquia:

"E' bem imprudente e audacioso, para um pobre homem tal como eu, tocar com as mãos impuras e grosseiras nestas questões de uma fragilidade sagrada... Suceda o que suceder, nunca deixes de ir à igreja... Porque a igreja, como vês, é tudo... A igreja é necessária, indispensável. E' o lar, o círculo associativo e a cidade... Enfim, a igreja tem isto de admirável, e é que, por pouco que fiquemos nela, dela saímos sempre melhor ou menos mau do que entramos.

"Sim, pode a gente não fazer mais do que sentar-se nela dois minutos, e olhar simplesmente à volta de si; o milagre eterno e insidioso se opera. O silêncio fala, e que linguagem! Esses confessionários em que a gente não entra arrancam-nos mesmo assim, à distância, pedaços de *mea culpa*. Os genuflexórios, de que a gente se arreda com orgulho, ajoelham os vossos pensamentos. As paredes, essas abóbadas, essas lajes impregnadas de tanta piedade, de tantos arrojões, de tantos votos, de tantos suspiros, de tantas esperanças e de tantas bênçãos, a ponto de os destilarem por todos os poros... lançam-vos nos ombros, até o fundo do coração, a sua sorte benfazeja; e, por mais endurecido que a gente esteja na desordem, há uma doçura profunda em se sentir um pouco cristão, ainda quando fôsse só pela hierarquia da raça, pelas recordações de infância, pelo eco longínquo de um cântico, pelo exemplo esquecido dos pais, pela imagem exumada dos mortos. Eis aí a minha paróquia" (H. Lavedan).

Não podemos, aqui, falar em minúcia das obras que florescem no canteiro da Igreja. Cada país, cada diocese, cada paróquia tem as suas. E' uma legião de boas obras que pululam e que militam por tôda parte. Dedicai-vos princi-

palmente às obras da vossa paróquia. Sim, primeiro lá onde Deus vos semeou deveis saber florir. Abelhinhas, trabalhai para a vossa colmeia.

Sem nos estendermos sôbre as obras locais e particulares que podem existir na vossa terra, é bom vos frisarmos algumas que são de todos os tempos e de todos os lugares.

1º Visita dos doentes.

Na doença, o homem não é mais o mesmo; perdeu algo do seu orgulho de viver. E' um membro padecente; a alegria desapareceu-lhe das feições arruinadas pela febre. Não raras vêzes êle já não passa de um farrapo que se deixa cuidar e que se agarra doidamente à vida. Quando o corpo arreja e sofre, a alma cresce e se abaixa mais. Se quizerdes saber ao justo o grau de virtude de uma pessoa, vêde-a na doença. Ela se mostra tal qual é, sem os menores artificios exteriores de uma virtude de fachada.

Mas os que sofrem precisam de consôlo, e visitar os doentes é uma obra de caridade recomendada pela Igreja.

Ide, pois, visitar os doentes da paróquia; os pobres, sobretudo os que estão abandonados e que ninguém vai visitar. Os ricos, êstes não são abandonados; haverá sempre gente para se ocupar dêles! Mas quem é que pensa nos pobres na sua mansão de miséria? Por que não lhes haveríeis de ir levar um pouco de alegria, o raio de sol do vosso sorriso, e as mil doçuras da vossa bondade? Êles são pobres e são doentes; são, pois, duas vêzes amigos de Deus. Falai-lhes a linguagem da fé e da caridade, sem as pregar; passai por cima de tôdas as vossas repugnâncias; o vosso coração deve ser um reservatório inesgotável de habilidade, de gentileza, de benéfica compaixão. Cuidai do corpo, mas visai principalmente a alma... Quantos pecadores poderíeis assim reconduzir a Deus! E, se êsses doentes vão morrer, pertence-vos ser na cabeceira dêles como uma sentinela vigilante, que não terá repouso enquanto a eterna salvação dêles não estiver assegurada.

O Pe. Chabert, enfermeiro, escrevia durante a guerra:

“Tenho um verdadeiro culto pelos meus doentes. Quando os carrego nos braços, para os banhos ou para os curativos, sinto que carrego uns mártires. Quando, há alguns anos, eu visitava as catacumbas de Roma, colava com paixão meus lábios sobre os túmulos dos mártires. Não pensava então experimentar mais tarde a mesma emoção carregando nos braços os membros de meus irmãos moribundos, mártires não somente da pátria, porém da mais santa e da mais justa das causas”.

Menina, é assim que deveis fazer; tende “o culto dos doentes”, são os membros padecentes de Jesus Cristo!

2ª Visita dos pobres.

Voltaire dizia, falando dos pobres: “Eles precisam de feno, de um jugo e de agulhão!” Pois bem! não! Eles precisam do amor, da caridade, precisam de Deus!

Já foi computado que, sobre um milhar de homens que habitam o nosso globo, há em média dez vivendo no luxo, 90 na abastança, e 900 na pobreza. Mas há graus nessa pobreza e nos sofrimentos que a acompanham.

Sabeis o que é um pobre? O pobre, aos olhos de um filósofo pagão, era “uma coisa sagrada, *res sacra miser*”. Cristo veio e fê-lo subir mais. O pobre é um rei, visto que Jesus lhe promete o reino dos céus.

O pobre é outro Jesus Cristo. O Salvador não nos disse: “O que fizerdes ao último dos meus é a mim que o fareis”?

Vemos, pois, Jesus Cristo cobrir com seu manto divino a pessoa do pobre. Que lição para nós!

“Oh! como é belo o pobre! como é grande, encarado em Jesus Cristo!” dizia S. Vicente de Paulo. E’ assim que devemos considerá-lo. Em si mesmo, com a sua miséria e abjeção, êle não tem nada de atraente para a natureza. Eis aqui a chave do mistério: “Para amar a face hedionda do pobre, diz Augusto Cochin, torna-se necessário ver acima dela a face radiosa de Cristo”. Jesus lá está, por trás do pobre, acima do pobre e no pobre também, visto que se oculta nêle. Quando avistais uma hóstia consagrada, sob as pequenas espécies não há mais pão, porém nelas adorais a Deus ver-

dadeiramente presentel No pobre, não vejais o exterior, não raro grosseiro; perfure a vossa fé essa casca rugosa; e ela descobrirá Deus. Sim, crede na presença de Jesus no pobre, e amá-lo-eis!

Tendes, portanto, deveres para com o pobre. E êsses deveres, ei-los:

a) *Respeitai-o.* — A pobreza não é uma desonra, mas um estado que Jesus Cristo honrou grandemente abraçando-o Êle próprio. O pobre deve ser para vós um ente duplamente sagrado; primeiro, como acabamos de ver, porque nêle o Filho de Deus continua a sua vida de humilhação e de miséria; e depois porque êle sofre e é digno de piedade. Porventura o sofrimento e a desgraça não são, para tôda alma elevada, coisas sagradas que impõem o respeito e inspiram a dedicação?

Para melhor apreciardes a eminente dignidade do pobre, lede estas linhas de Bossuet:

“Se, no mundo, os ricos ocupam os primeiros lugares, no reino de Jesus Cristo a primeira linha pertence aos pobres. Se, no mundo, os pobres são sujeitos aos ricos e só parecem nascidos para servi-los, na Santa Igreja o dever e a honra dos ricos é servir os pobres. Se, no mundo, as graças e os privilégios são para os poderosos e os ricos, na Igreja de Jesus Cristo as graças pertencem de direito aos pobres, e os ricos só as recebem pelas mãos dêles”.

E não é só isso. O pobre é ainda um ente que expial! Quando êle sabe aceitar êste papel, pode promover o *resgate da sociedade culpada*; paga a nossa dívida. Diz um orador moderno: “Se mister se faz uma certa soma de privações e de penas, êsse velho que mendiga, essa mulher que chora, essas crianças que têm fome oferecem a tôda hora um sacrificio cujos méritos recaem sôbre todos nós”.

De sorte que, quando virdes um pobre na rua, dizei-vos que é uma vítima que passa, uma vítima que repara por todos, por vós!... A êste título, como o pobre é, pois, belo e sagrado! traz uma auréola que o céu admira, o diadema cristão da dor e da expiação.

b) *Amai-o.* — S. Vicente de Paulo pede a suas Filhas venerarem os pobres “como seus senhores e amos”. E uma Irmã de Caridade compreendera tão bem o coração do santo, que no momento da sua morte dizia: “Durante minha vida tôda amei tanto os pobres, que chego a me perguntar se não devo confessar-me disso”.

Vós, provavelmente, não tereis êsse amor heróico; pelo menos, em face do pobre deixai a vossa sensibilidade comover-se, e prodigalizai-lhe um pouco dêsse amor de que o vosso coração está cheio.

Se soubésseis como êle tem necessidade de ser amado e como é sensível às provas de simpatia que lhe tributam! Uma palavra amável reergue-lhe a coragem abatida; uma atenção delicada põe-lhe lágrimas nos olhos. Prodigalizai-lhe a vossa graça tocante e discreta, a vossa doçura enternecida que dá ao benefício uma radiação a mais. Granjear-lhe-eis então a gratidão; e ela é sincera, comovedora e tão doce! Uma das coisas que mais o irritam é o desprezo que às vezes o rico lhe manifesta. Mostrai-lhe afeto, sêde amável, risonha, delicada, e lhe tocareis o coração, e, se preciso, reconduzir-lhe-eis a alma a Deus. “*A mim nem sempre tereis, mas pobres sempre os tereis convosco*”, disse Jesus. Amemos êsses caros pobres, será amar Jesus nêles.

c) *Ajudai-o.* — S. Teresa dizia: “Um sôldo dado com gracioso sorriso dá como que cinco francos de prazer ao pobre”. Como isto é verdade! e quantas vezes vos terá acontecido, ao resvalardes a vossa esmolinha na mão do mendigo e ao lhe dizerdes: “Meu amigo”, encontrardes o seu olhar reconhecido marejado de lágrimas de alegria! Se sois rica, dai muito; se sois pobre, dai pouco. Nunca vejais, porém, um mendigo que vos estende a mão sem lhe dardes alguma coisa! Um sôldo é metal, mas um sorriso é ouro; dai ambos!

“Sous de pauvres hillons, c’est Dieu qu’on aperçoit,
“Le pauvre tend la main, mais c’est Dieu qui reçoit”.

Sob pobres andrajos é a Deus que enxergamos,
O pobre estende a mão, mas é a Deus que damos”.

Eis aqui, em resumo, a bela doutrina do Cardeal Pie sobre a esmola, que êle mostra como sendo um verdadeiro sacrificio:

E' uma oblação, porque reservais, para oferecê-la a Deus na pessoa dos pobres, uma parte dos vossos bens.

E' uma imolação: a riqueza, fonte de todos os gozos, interessa tanto ao coração do homem, que é sacrificar a si mesmo, com seus caprichos, prazeres e alegrias, o dar sequer uma parcela dela.

E' uma comunhão; mas, se na mesa eucarística é Deus que alimenta o homem, pela esmola é o homem que alimenta a Deus na pessoa dos pobres.

Eis aí tudo o que há na esmola.

Dai, pois, aos pobres, mas sobretudo evangelizai-vos! Mais tereis feito por aquêle a quem ensinardes uma oração, do que se lhe tivésseis assegurado a riqueza. A riqueza êle a poderia perder, quereria aumentá-la, poderia usar mal dela! Ensinai-lhe a oração, e lhe acendereis no coração a alegria viva da Esperança, cobri-lo-eis com o escudo da resignação, preservá-lo-eis da inveja, que só vê no mundo aquilo que ela não tem!

Vistes como êsse pobrezinho vos agradeceu quando lhe deixastes cair a vossa esmola? Dêsse sorriso, dêsse "obrigado" do pobre, não sentistes um pouco de felicidade escapar-se e vir até vós?

Uma jovem operária dizia: "Considero-me como a provedorazinha de Deus. Saio todos os dias para o meu trabalho, e todos os dias, sem o procurar, encontro um pobre, às vêzes dois, e lhes dou um níquel. Eu pensaria que Deus Nosso Senhor me ama menos se eu não tivesse tido ensejo de dar minha esmolinha, e me sentiria empobrecida. E' que meu níquel depositado na mão do pobre não fica aí. A mão do pobre é o "guichet" por onde êle passa para o banco do céu; ó meu níquelzinho, como um dia te tornarei a ver multiplicado, e como me farás rica!"

Dai, pois, segundo as vossas posses. Dai pouco se pouco tendes, mas dai bem. Há tantos que não sabem dar esmola! Lembrai-vos também de que, na hora da morte, só vos restará nas mãos... o dinheiro que houverdes dado.

d) *Visitai-o.* — Sim, visitai-o, ide a êle para “terdes a intelligência do pobre”.

Ter a intelligência do pobre não é enviar-lhe roupas ou pão, mandar-lhe levar uma esmola, aliviá-lo de longe; não! é ir a êle, vê-lo, visitá-lo, conhecer de perto as suas misérias, a sua triste pocilga, seus filhos vestidos de andrajos e agarrando-se à mãe para lhe pedir pão; o operário doente e sem salário, o velho triste, abandonado, que se extingue solitário num tugúriol... Precisais ter a ciência do pobre, vê-lo, conhecê-lo, visitá-lo e compreendê-lo, pois não raro êle é um incompreendido.

Conhecia os pobres aquêle mōço (Cochin) que, de volta de uma de suas visitas aos miseráveis da capital, escrevia:

“Não, não sabeis nada da pobreza e do pobre se não fôstes à casa dêle, se não vistes pessoalmente a escada negra, o quarto sujo, o colchão infecto, os andrajos sem nome, a poeira, a nudez. De dia, é horrendo. Mas de noite, pela neve e pela chuva, ao clarão de uma candeia, quando os filhos tremem e o pai se cala sob o teto, sob a palha e sem amanhã, mais horrído é ainda. Conheceis o velho pobre que se arrefece pouco a pouco junto do seu tição, debaixo dos seus trapos informes? Conheceis a mulher pobre, ora um anjo ora uma selvagem sem pudor e sem bondade? E a chaga que sangra e que apodrece? e os cabelos sujos? Sabeis que essa gente nunca come carne? Nunca!...”

e) *Com êle, sêde cheia de delicadeza e de indulgência.* — Será mister saber condescender com as suas pequenas exigências e lhe desculpar os defeitos. Não vos deixeis agastar por certos processos em que se sente a falta de educação. Será culpa dêle se não teve mil desvelos e delicadezas que cercaram os vossos jovens anos?

Tão pouco deixeis vos objetarem que os pobres desperdiçam às vêzes ou empregam mal o dinheiro que lhes dão. Será que nós fazemos tão bom proveito assim dos dons de Deus? Não nos servimos dêles, às vêzes, para ofendê-lo, e acaso por isso Deus cessa de nos prodigalizar novas graças?

Admitamos que a vossa esmola se engane de enderêço. Não é melhor enganar-se do que se expor a ser cruel? Sêde generosa com o pobre, e, quando o encontrardes, tereis em

recompensa da esmola e de uma palavra partida do coração a alegria do seu bom sorriso, a lembrança do seu "obrigado" e a promessa da sua oração. Se, consoante a velha fórmula, êle vos disser: "Deus lhe pague!", acreditai realmente que Deus vo-lo pagará. Deus não quer distinguir entre a esmola bem colocada e a que o é menos; quando ela é feita em seu nome e por seu amor, Êle só conhece a primeira.

Numa palavra, tratai o pobre como Deus trata a vós mesma. "*Sêde misericordiosos como misericordioso é vosso Pai celeste*".

f) *Falai-lhe de Deus.* — Dizei-lhe o quanto Jesus amou os pobres. Contai-lhe a história da Natividade do Senhor; explicai-lhe a bem-aventurança que lhe promete o reino dos céus; fazei-lhe compreender que, por ser pobre, êle é o filho dileto de Deus Nosso Senhor! e que, grãozinho de trigo semeado, lançado, caído no sulco da miséria, êle aí pode germinar e florescer para o céu.

Elisabeth Leseur escrevia a sua sobrinha:

"Tôda cristã tem uma tarefa social a cumprir; deverás trabalhar com tôdas as tuas fôrças para a melhoria da sorte material e moral de todos, mormente dessas massas desperdadas e tantas vêzes enganadas, mas sãs ainda, que são a grande reserva da nossa raça e da Igreja.

"Nunca nos devemos esquecer da terna palavra pronunciada um dia por Jesus à vista da multidão: "Tenho pena desta multidão!" Como Êle, tenhamos pena; amemos êsses entes privados de tantos bens materiais, e sobretudo do Bem supremo, que é só o que poderia dar valor aos seus sacrifícios e ao seu rude labor cotidiano: o conhecimento, o amor de Deus e das coisas eternas. Vamos a êles não como superiores ou mesmo como benfeitores, mas como irmãos; mostremos-lhes que a grande igualdade só se acha no cristianismo, que reconhece entre todos os homens uma alma semelhante, que lhes consigna um mesmo fim e lhes promete a mesma felicidade".

3º *Catequistas voluntárias.*

Se é belo dar aos pobres a esmola do coração, melhor não é dar-lhes a esmola da alma, instruí-los, ensinar-lhes o cate-

cismo? Como é consolador ver essas mães que, apesar das distâncias e dos rigores do tempo, lá se vão, agrupadas ou sós, fazer-se catequistas voluntárias dos filhos do povo! Seja numa sala, seja a domicílio, elas lhes ensinam que elles são filhos de Deus, que têm uma alma; preparam-nos para fazer a primeira comunhão. Por toda a vida ficará no coração dessas crianças pobres a lembrança comovida da "mãe" que com tanta dedicação e delicadeza lhes tiver ensinado a amar e a rezar a Deus. Abri, pois, essas jovens almas à luz divina; preparai esses corações para o amor da religião. E quem o há de fazer se vos não occupardes disso? Nessas terras novas, sobejas vezes incultas ou já invadidas pelo joio, semeai o puro trigo da verdade.

Os filhos dos ricos podem ter mestres cristãos. Não de então as crianças pobres ser privadas do ensino religioso? Na escola pouco se fala de Deus, ou nada; em casa, muitas vezes também não. Pobres crianças, às vezes só conhecem a Deus pelas blasfêmias que ouvem proferir. Quem, pois, as mandará ao catecismo? Quem, pois, as instruirá? Elas crescerão como filhos que não conhecem seu pai, e tornar-se-ão essa espécie de monstrozinho que nos mete medo, que será mister classificar sob um nome até o presente desconhecido, e que se escreve em três palavras que uivam por se acharem unidas: "A criança sem Deus".

Sabeis até que ponto se estende este mal que corrói a classe pobre? Eis aqui cifras dadas por Mons. Baunard (*Evangelho do pobre*, p. 27). "Desde que abordamos as cifras, o terreno nos foge debaixo dos pés. Em Paris, há mais de 25% de crianças não batizadas. Em certos bairros apuram-se oficialmente 65% de crianças não batizadas, e 200 primeiros comungantes ao invés de 700 (cifra de há trinta anos). Temos, pois, ou teríamos em Paris uma massa de 700.000 habitantes, um quarto da população total, vivendo fora da Igreja, uma cidade pagã ao lado da cidade cristã! A vida da graça lá se vai embora, a fonte estancou, a corrente da graça foi interceptada".

Eis a grande miséria, eis uma das grandes lástimas que reinam no coração de muitos povos! Ides então permanecer espectadora indolente desse mal que rebenta o coração? "As

criancinhas pediram pão, exclama o Profeta, não havia ninguém para lhes dar!”

Mons. Dupanloup já dizia no seu tempo:

“Há no Evangelho uma encantadora palavra do Salvador que se endereça mui particularmente aos catequistas, e que Nosso Senhor não pronunciou em vão: *“Aquêle que tiver dado de beber a uma destas criancinhas, digo-vos em verdade, terá a sua recompensa”*.”

“E’ o que se faz no catecismo! Têm-se nêles essas criancinhas, êsses cordeiros do aprisco, êsses recém-nascidos da família, e dá-se-lhes de beber essa água que ressalta até à vida eterna, aproxima-se-lhes dos lábios essa bebida que é a primeira das necessidades para suas almas.

“Essas almas são plantas novas, flôres tenras não raro abatidas para a terra por sopros funestos, e secadas antes do tempo. Pois bem! no catecismo derrama-se sôbre elas, para reanimá-las, para lhes reerguer as hastes para o céu, a água pura da doutrina, o doce orvalho da graça...”

Ao apêlo d’esses pequeninos, dessas almas de crianças, respondi, donzela cristã! Ide! e, como muitas saídas estão fechadas às crianças para irem à luz, tomai então vós mesma um facho para lhes iluminar os passos. Substituí ao pé delas assim a escola como a família. Dai Deus a essas alminhas, e ouvireis, como recompensa, ecoar no vosso coração a doce palavra do Mestre: *“O que fizerdes ao mais pequeno dos meus, a mim é que o fareis”*. E estoutra: *“Em verdade vos digo: Quem quer que tiver recebido um destes pequenos em meu nome, a mim mesmo terá recebido”*.

III. O mundo.

Mas como! direis vós, não basta o círculo íntimo da família, as obras da paróquia, e ides agora lançar-nos através do mundo? — Sim! a grande imagem de piedade do Pe. Graty, diante da qual êle meditava, orava, trabalhava, era o “mappa-mundi” terrestre encimado por uma cruz que o penetrava um pouco e de onde, de maneira simbólica, escorria sangue. — Bela imagem... Vós também, abarcaí com o olhar o mundo inteiro; até aí deve ir o vosso zêlo!

Até agora, estas páginas endereçavam-se à *cristã* que sois; agora elas falarão à *católica*. Sois membro de uma religião que floresce no mundo inteiro. Cada manhã, na vossa oração, dizeis a Deus: "Venha a nós o vosso reino!" Trata-se de saber como é que podereis vós, pobre e humilde donzela, fazer reinar Deus na terra.

O vosso coração, entusiasta muitas vèzes tem vibrado ao relato dos trabalhos evangélicos dos missionários. As vèzes, depois de lerdes os *Anais da Propagação da Fé*, tem-vos acontecido, em fechando o livro, ver vossos olhos se perderem num sonho longínquo. E, nesse sonho, ainda que vagamente, pensáveis nesses milhões de pobres infieis que ainda não conhecem a Deus!

Ora, tendes um meio de ser apóstola, de ser missionária nas terras longínquas, e é ajudando, conforme vossos meios, os obreiros evangélicos.

Antes de descermos ao lado prático da questão, impõe-se algumas idéias gerais.

1º Cifras pouco conhecidas, mas eloquentes.

Avaliais o número das almas junto às quais ainda não chegou o reino de Deus? Esta cifra vai-vos espantar. Essas almas são UM BILHAO, mais de um bilhão!

Lêstes bem? Um bilhão! Mil milhões de almas que nem sequer sabem que Jesus passou pela nossa terra para as salvar. E no entanto Nosso Senhor morreu por elas como por vós! Ah! cuido ouvir essas almas, do fundo dos continentes longínquos, lançarem através do espaço gritos desesperados: "Irmã, irmã, tu que tens a dita de conhecer e de amar a Deus, salva-nos!"

1. A Sociedade para a Propagação da Fé na América fêz editar uns cartões postais. Nestes se vêem, num círculo, representadas por setores proporcionados, as diversas religiões que repartem entre si a humanidade:

- 236 milhões de católicos;
- 112 milhões de hereges;
- 90 milhões de cismáticos;
- 8 milhões de judeus;

1.400 milhões de maometanos, budistas, pagãos, num imenso setor todo entenebrecido de prêto. A estatística é tirada de Mulhall.

E, por baixo, lê-se êste convite muito apostólico: "Que-reis ajudar a suprimir o prêto?"

2. No incio do século XIX, havia 300 missionários. Hoje, consoante os últimos cálculos, contam-se cêrca de 75.000, isto é, 25.000 padres ou frades, e 50.000 religiosas.

3. A Propagação da Fé, desde a sua fundação até 1914, reuniu em dinheiro a soma global de 425 milhões (em noventa e três anos). Mas, ao lado dessa gorda cifra, há outra que cumpre sublinhar. As "Notícias Religiosas" de 1º de fevereiro de 1918 estabeleceram-no: dos 8 milhões anuais (aproximadamente) da Propagação da Fé, a França dá, por si só, 3 milhões e meio. Mas as nações protestantes dão, cada ano, 150 milhões aos seus missionários.

4. O número das almas convertidas pelos missionários neste último século é de 28 milhões.

5. Enfim, para vos mostrar que a raça dos mártires não está extinta, durante a perseguição dos Boxers (em 1900) houve na China 54.000 cristãos trucidados pela Fé.

6. E de 1900 para cá mais de 130 missionários morreram de morte violenta, afogados, trucidados, devorados pelas feras, etc.

2º A Propagação da Fé.

Não falta quem classifique esta obra na lista tão longa, longuíssima talvez, das que florescem em cada paróquia, em cada diocese, em cada país.

Pois bem, não! Esta obra prima sôbre tôdas, pois é a obra das obras, a obra do próprio Jesus Cristo, aquela para a qual Êle nasceu, pela qual morreu. E' a obra essencial da Igreja Católica, a sua razão de ser, a sua vida, o seu fim.

Quando Jesus tornou a subir para junto de seu Pai, disse aos apóstolos: "Ide, ensinai tôdas as nações!" Foram as suas últimas palavras, a sua ordem, a sua recomendação suprema, o seu testamento. Sem dúvida Êle então se dirigia especialmente aos apóstolos e aos seus sucessores. Mas não deve

todo cristão ser um apóstolo? Porventura cada um de nós, segundo seus meios, não é um dos executores testamentários de Jesus Cristo? E, enquanto o universo inteiro não fôr cristão, deve o Evangelho ficar inativo, morto, nas mãos daqueles a quem foi confiado?

O que nos parte o coração, a nós outros missionários, é a insensibilidade completa de grande número de pessoas por tudo o que diz respeito às missões; é a indiferença espantosa, para não dizer escandalosa, de tantos cristãos que recitam todos os dias as belas palavras do Pai-Nosso "Venha a nós o vosso reino!" e que nada, absolutamente nada fazem para fazê-lo vir!

A ação exterior do zêlo deve variar segundo as condições feitas a cada um pela Providência, é verdade! Mas o zêlo não deve ser monopólio de alguns eleitos de escolha, é e deve ser o quinhão de todos os crentes. Ninguém é verdadeiramente patriota se não se interessa pela prosperidade do seu país; ninguém é verdadeiramente cristão se se não preocupa com os destinos do Cristianismo no mundo. O zêlo é o esplendor de um grande pensamento, é a chama de um grande amor, é o Patriotismo da Fé!

Sim, essa letargia apostólica que gela tantos corações cristãos é um profundo desgosto para nós, desgosto que nos desanimaria se o desânimo pudesse jamais vir morder-nos os corações; é assim, e deve ser uma vergonha em face da atividade, da organização, da generosidade dos simples Anglicanos, cujos missionários têm um orçamento que excede anualmente de mais de cem milhões! As seitas protestantes consideram a propagação da Fé cristã como um dever absoluto para todo cristão, e seus catecismos, tão leves de doutrina, têm uma lição particular para expor a todos essa obrigação de consciência!

Durante a primeira grande guerra, via-se "os de detrás" trabalharem para "os da frente" e lhes enviarem cartas, dinheiro, gulodices, e sobretudo munições... Graças a isto foi que se teve a vitória.

Há outra guerra que durará até o fim do mundo, cujos soldados, todos voluntários, são os apóstolos. Eles partem no alvorecer da juventude, vão para bem longe, para terras

mortíferas, lá vivem, lá sofrem, lá morrem. Esses soldados de Deus que formam, por assim dizer, a sua "legião estrangeira", não pedem coisa melhor do que combater, e a morte, mesmo cruenta, longe está de lhes meter medo... Por que há de ser então que, em face de necessidades sem-número, em face do bem a fazer, em face de tantas almas a salvar, se vejam eles obrigados a recolher-se tristes, chorando, à sua pobre cabana de taipa, repetindo a palavra tão dolorosa do Mestre: "Por que me abandonastes?..."

3º O que pensa disso o Vigário de Jesus Cristo.

No dia de Pentecostes de 1922, Sua Santidade Pio XI pronunciou, após o Evangelho, um discurso de que devemos aqui sublinhar alguns trechos.

Depois de dizer a solenidade do primeiro Pentecostes, ao sair do qual a mensagem da Redenção foi transmitida a todos os povos, caracterizou êle a beleza especial do Pentecostes de 1922, no qual era recomendado o tricentenário da Propaganda.

Depois, fazendo explodir a alegria de sua alma em face do bem imenso que fôra feito, em face dessa imensa legião de apóstolos que, hoje, percorrem o globo para semear nêle o Evangelho, exclamou:

"Mas, se para com Deus e para com todos aquêles cuja generosidade se faz o instrumento de suas graças, a Nossa gratidão não tem limites, tem-nos infelizmente a Nossa alegria! Um grande trabalho se efetuou, grandes resultados foram obtidos, grande número de almas se salvaram, muitas graças nos foram dadas por Deus. Quantas almas, porém, para as quais o sangue do Redentor ficou até agora inútil!

"São *massas profundas* de povos, tão profundas quanto o continente negro, tão profundas quanto a imensidão da Índia e da China. São essas massas profundas que ainda esperam pela palavra da salvação. Os missionários da Propaganda, os bispos que lhes são os guias, os catequistas que lhes são os coadjuvadores, as virgens missionárias, tôda a santa milícia de Deus lá está, mas o seu número é insuficiente, mas os meios materiais lhes faltam.

"Refleti! Eles lá estão, seguros da vitória, prontos a dar por ela a vida, mas se assemelham a um exército que esti-

vesse desprovido de armas e munições. E essas tropas esplêndidas são forçadas a parar. Durante êsse tempo, outros acorrem ao campo que lhes não pertence. Tomam um lugar que lhes não era devido, colhem onde não haviam semeado!

“Como é angustioso êste espetáculo! Esta angústia já oprimia o coração do Nosso venerando predecessor: seu espírito volta-se para as obras missionárias, e êle chamava o mundo inteiro em socorro dessas benéficas instituições.

“Veneráveis Irmãos e Filhos bem-amados, é também em nome dêsse predecessor tão venerando que Nós agora nos dirigimos a vós, e que, ampliando em espírito o Nosso auditório, lançamos, dêste pòsto de observação apostólica, o brado de apêlo a todo o orbe católico.

“Na alegria que nos proporciona a esplêndida visão do apostolado cristão, por mais indigno que sejamos sentimo-Nos Vigário de Jesus Cristo, que deu seu sangue pelas almas. Sentimos também vibrar mais profundamente em Nós a Nossa paternidade universal, e pedimos a Jesus que Nos conceda dar pela salvação das almas tudo o que ainda Nos restar de vida e de atividade.

“Ouça, porém, o mundo o Nosso apêlo! Venham todos em socorro das almas que Cristo redimiu e que continuam a perder-se no êrro e na barbárie! Ninguém tenha o coração bastante estreito para se não deixar seduzir pelas promessas dêste momento solene! Que promessas? As que implica a participação em tantos méritos, no mérito de um apostolado tão sublime, no mérito de uma beneficência que não tem igual, pois o próprio Deus não poderia praticar outra mais excelente; quero dizer a beneficência que consiste em comunicar o dom da fé e da salvação adquirido pelo sangue precioso do Redentor.

“Que uma única alma se perca por causa das nossas hesitações, por causa da nossa pouca generosidade; que um só missionário tenha de parar precisamente por lhe haverem faltado recursos que nós lhe poderíamos ter proporcionado e que, ao contrário, lhe teríamos recusado, é essa uma pesada responsabilidade em que mui raramente temos refletido no correr da nossa vida.

“Em paga da fé que havemos recebido de Deus, contribuamos para dar a fé a outras almas. Eis o que vos pede hoje e o que pede a todos os seus filhos o Vigário de Jesus Cristo

“E eis por que êle não hesita, desta altura em que se encontra, a estender a mão a todos e a pedir a todos uma parcela de auxílio, de socorro e de contribuição”.

Estas palavras são sobejamente eloqüentes por si mesmas para necessitarem de comentários.

Façam-vos elas bem compreender, menina cristã, irmã dos missionários que são vossos irmãos distantes, que também vós, vós sobretudo, deveis associar-vos, ao vosso modo, aos trabalhos do apostolado e da Propagação da Fé.

Há cem anos, uma jovem operária de Lião, comovida pelas necessidades dos missionários, criou a obra admirável da Propagação da Fé. E essa obra, começada timidamente, assumiu um desenvolvimento milagroso, a ponto de cobrir com suas ramificações caritativas o mundo inteiro.

Mas como! entre as donzelas cristãs a quem estas linhas são dirigidas, a raça das Paulinas Jaricot e de outras que se dedicaram à obra missionária estaria então morta?... Na vossa idade, com o vosso coração tão bom, tão quente, tão generoso, não vos deixareis entusiasmar por uma obra tão bela, e não quereis renovar, no vosso setor, o gesto tão delicado e tão belo da operáriazinha de Lião?

Ah! se quisésseis!... Tão depressa vos entusiasmais por um herói, por um herói de romance!... pois bem! deixai-me dizer-vos algumas palavras de um herói que não conheceis talvez, ou não conheceis bastante. As seguintes linhas, tiradas do soberbo discurso que o Pe. Coubé pregou em 1901 em Lião para a Propagação da Fé, mostrar-vos-ão o que é um missionário, far-vos-ão compreendê-lo, e talvez vos façam desejar secundá-lo na sua obra tão bela mas tão dura.

4º O Missionário.

“Vêde a Igreja no meio da velha Europa, de pé, majestosa, interrogando o horizonte. Mal o vento da noite lhe traz o gemido de uma alma, ela se volve para seus filhos; com gesto magnífico mostra-lhes o horizonte e exclama: “Lá! meus filhos, lá!...” E, coisa estranha, há sempre entre nós homens que estremecem a essa voz, que compreendem e seguem êsse gesto, e se desprendem de suas famílias, ga-

nam a praia de sua pátria, sobem ao primeiro navio de partida... e lá se vão.

“São os missionários. Eles são as asas da Igreja. Por êles ela é mais plenamente católica. A êste título, êles são um documento vivo que devemos estudar.

“Deus, que vela sôbre o destino de cada criança, deve com mais amor ainda preparar o porvir dos seus futuros missionários. Essas criaturinhas tornam-se os seus caros tesouros, e Êle se lhes inclina sôbre os berços para abençoá-las. Os Anjos das nações infiéis voam em tórno das suas cabeças louras, espreitando o despertar dessas inteligências de onde jorrará um dia tanta luz, e as primeiras pulsações dêsses corações de onde se entornará um dia tanta caridade.

.....

“Em breve a voz de Deus começa a fazer-se ouvir aos seus eleitos. E’ então que às vêzes se escapam da bôca dêles palavras estranhas que fazem tremer o coração das mães...

“Mães cristãs, se vosso filho é piedoso e puro, pode ser que haja nêle o estôfo de um sacerdote. Mas, se êle tem a alma ardente, cavalheiresca, apaixonada de ideal, se êle vibra, se seus olhos se inflamam à leitura dos trabalhos de um Xavier, se êle chora ao ouvir a narração de um martírio, oh! então, pobres mães, felizes mães! — bem vos posso dar êstes dois nomes — olhai bem para êle, estreitai-o bem sôbre o coração, frui dêle durante algum tempo ainda, mas aprestai-vos para um sacrifício, pois essas qualidades que vo-lo tornam tão amável e tão caro designaram-no à escolha divina; não vos pertence mais por muito tempo aquêle em quem o céu já vê um missionário e quiçá um mártir!...

“Na poeira de ouro da manhã em que resplende acima das ondas do Mediterrâneo, Notre-Dame de la Garde quantos vê partir dêsses valentes que a saúdam pela última vez! Que olhares de ternura êles elevam para a Rainha que, outrora, abençoou os Apóstolos que partiam para a conquista do mundo!... Que preces se elevam pelos caros parentes que agitam as mãos na praia, pelo pobre pai que soluça na multidão, pela pobre mãe que, desfalecente, não os pôde acompanhar ao pôrto! pela doce pátria que se afasta no horizonte!... E, quando, com os olhos fatigados, êles já não podem avistá-la através da bruma, então a onda das lágrimas

longo tempo contida rola ardente sôbre o Crucifixo que êles apertam nas mãos com emoção.

“Êles partiram, a maioria não voltará mais!

“Uns acham um túmulo sob a vaga, antes de terem podido abordar a plaga onde, na febre dos seus últimos sonhos, já viam uma cristandade de joelhos!

“Os outros continuam seu caminho!

“Ei-los chegados. Primeiramente o recém-vindo deve dobrar-se a condições de existência inteiramente novas, não raro as mais contrárias ao seu temperamento, à sua índole e aos seus hábitos.

“Deve aprender uma língua nova que longe está de ter para êle o sabor do solo natal...”

E ei-lo no lugar onde a obediência o colocou.

Êle sabe que não deve contar com qualquer bem-estar humano. Não terá nenhum conforto, riria disto; como saberá sorrir ainda se o próprio necessário lhe vier a faltar.

Será pobre, paupérrimo, mal alojado, mal vestido, mal alimentado...

Muitas vêzes estará só, sim, inteiramente só... afastado dos seus confrades por interminas distâncias.

Por vêzes, deverá disfarçar-se, camuflar-se, fazer os misteres mais estranhos, para poder, sem ser reconhecido, penetrar em regiões vedadas ao seu zêlo; mas, ainda quando nelas devesse morrer, quer nelas plantar a cruz do seu Salvador!

Êle sabe que, no seu exílio distante, a lembrança dos parentes bem-amados, do velho pai, da velha mãe que choram lá longe ante o lugar vazio daquele que partiu para não mais voltar, a lembrança dos amigos a quem êle tanto amava, dos irmãos, das irmãs, das criancinhas que entraram na família depois que êle dela saiu, virá às vêzes confranger-lhe o coração.

Sabe que os climas mortíferos o esgotarão antes do tempo.

Sabe que em tôda parte o bem é difícil de fazer, e que só sofrimentos êle terá em perspectiva.

Sabe que ante os esforços de seu zêlo virão erigir-se obstáculos terríveis.

Sabe que terá de lutar com aquêles a quem quereria sal-

var, e também com as feras, quiçá menos cruéis e menos temíveis que os homens.

Sabe que deve contar com as piores ingratidões, e que, muitas vêzes, o desânimo virá quebrantar-lhe a alma.

Sabe de tudo isso e de muitas outras coisas mais... Mas vail...

“Penetra por tôda parte onde reinam a sombra e a morte. Com os pés machucados, corre em busca dos infelizes. A todos leva a paz e o sorriso de Cristo, reservando para si somente os alimentos grosseiros que não aplacam a fome, a água salobra, a cama dura... Èle aparece ao mundo como um homem que não é dêste mundo; e os pagãos, que não compreendem, espantam-se ante esse ente de pureza e de abnegação. E se perguntam se nesse homem não há um Deus descido do céu.

“E enganam-se muito esses pagãos?

“Não, na verdade, pois nesse homem há Deus, um Deus que o acompanha, o inspira e o ampara, e que corresponde plenamente a essa necessidade de amor que atormenta todo coração humano.

“...Èle precisa de Jesus, precisa d'Èle mais do que qualquer outra pessoa no mundo, porque, mais do que qualquer outro èle renunciou a todo amor terreno... Sem o amor de Jesus, o missionário é incompreensível, impossível! Com o amor de Jesus, não há nada de grande e de difícil que èle não possa realizar!

“...Mas o que èle quer acima de tudo é dar almas a seu Deus! Oh! como èle quereria lançá-las tôdas, vibrantes, no seu divino Coração!

“Ail esse sonho de uma vida tôda nem sempre se realiza... Mas, como Jesus, depois de passar sua vida a salvar as almas èle vai morrer por elas.

* * *

“A morte do missionário é sempre particularmente suave ou gloriosa.

“Sim, suave mesmo quando èle morrer abandonado de todos, longe de seus irmãos no apostolado. Sim, suave mesmo quando, com sua voz desfalecente, èle não pode mais fazer descer à hóstia o Consolador de sua vida. Sim, suave, porque esse Divino Amigo não está longe... Está lá, e seu hálito ibé passa por sobre o pobre semblante emaciado!...

Está lá, e o seu murmúrio chega ao ouvido do moribundo com doçura infinita...

“E breve sua alma se desprende e, num grande remígio, sobe para a bela terra que se não deixa mais.

“Morreu o nosso missionário! Morreu longe da sua terra, onde ninguém, talvez, pensa nêle, exceto o velho pai e a velha mãe, que a cada hora do dia pensam no seu ausente hem-amado!

“Morreu, e nem uma só mão amiga, talvez, deitará flôres sôbre os seus despojos. Engano-me, não lhe faltarão flôres: as igrejas germinarão, os cristãos florirão na terra onde êle dorme, e a Igreja inteira está embalsamada pelo perfume dessas florações desabrochadas sôbre o seu túmulo.

“Mas às vêzes a morte suave torna-se gloriosa e redentora. Eis um povo que ama as suas trevas e repele a luz. Cumpre que o sangue dos missionários jorre até êsses olhos para os despegar. Eis a batalha e eis o atleta.

“Êsse homem tão grande na vida vai crescer ainda mais na morte. E' condenado, apodado, insultado por um tirano, é maior do que êsse tirano. E' torturado pelo algoz, e aterra-o pela sua majestade e paciência. Canta no meio das torturas. Os pagãos vieram contemplar-lhe o suplício e ficam presos de horror e de admiração; cada uma de suas chagas é uma bôca eloqüente que clama a verdade. E os pagãos o escutam, e os algozes o escutam, e lá se vão batendo no peito e dizendo: Êsse homem era realmente o enviado de Deus! E' grande demais êsse homem! é maior do que a humanidade!

“E, quando tudo está acabado, quando não mais restam, no pretório, senão alguns membros esparsos banhando-se no sangue, recolhem-se êsses membros, colocam-se sôbre o coração de um povo, e êles se apiedam dêsse povo e o convertem.

“Breve a notícia atravessa os mares e fica-se sabendo no mundo que a Igreja de Deus conta mais um mártir!

“Há hoje em dia muitas mulheres que poderiam saber amanhã que são mães de mártires.

“Oh! glória a vós, mulheres cristãs, sabel cantar o *Te Deum* pelo gládio, pelos grilhões, por cada gota de sangue derramada pelas veias de vossos filhos!”

Tal é, num escôrço patético e grandioso, o quadro comovedor da vida e da morte dos apóstolos de Cristo.

Pois bem! pergunto-vos, jovem cristã, êsse quadro, que no entanto longe está de tudo retrazar, não teria o dom de vos comover e de vos entusiasmar? Se êle deixa os vossos corações insensíveis, santo Deus! que então vos será preciso?...

São perto de 75.000 os religiosos e as religiosas que vivem lá longe essa vida e que morrem dessa morte. Acreditais que vos bastará admirá-los? Não, não é o bastante! O exemplo arrasta. Decidi-vos, pois, a segui-los ao menos... um pouco... de longe... mui de longe.

Eis aqui, para isso, alguns conselhos que uma alma de missionário, que se conhece mal mas que vos conhece bem, julga poder-vos dar. Tudo o que êle vos disser, viu-o em vós, realizado por almas como a vossa, e não tereis desculpa se recusardes seguir êsses conselhos.

5° O que pode uma donzela cristã fazer pelas missões.

a) *Persuadir-se de que pode e deve fazer alguma coisa.* Se tiverdes um pouco de fé na alma e um pouco de amor no coração, compreendê-lo-eis facilmente.

— A fé vos dirá que essas pobres almas contam convosco, e que êsse tesouro da fé não vos foi dado só para vós, mas para o fazerdes irradiar e resplandecer.

— O amor de Deus vos dirá quê:

1° Não há amor sem zêlo;

2° Não se pode amar a Jesus *sèriamente*, sem ao menos tentar salvar essas almas pelas quais Êle quis morrer.

3° O verdadeiro amor deve necessariamente fazer de vós um apóstolo; porque o apóstolo é aquêle que ama bastante a seu Deus para lhe dar as almas, e que ama bastante as almas para lhes dar o seu Deus!

— O amor de vossos irmãos longínquos far-vos-á compreender também que não vos podeis contentar com olhá-los banalmente viver e morrer lá longe, soldados avançados das primeiras linhas, sem nada absolutamente fazerdes para tentar ajudá-los. Com tôda razão vos ufanaís do vosso título de cristã, lembrai-vos então de que um cristão é um soldado, um apóstolo por definição!

b) *Rezar pelos missionários.* Isto podeis fazer facilmente, ainda quando seja só um Pai-Nosso. E, quando pronunciardes as palavras sublimes “Venha a nós o vosso reino”, facilmente pensareis nos que lutam lá longe para fazê-lo vir.

O trabalho que havemos empreendido está acima das forças humanas. Podemos trabalhar, lutar, sofrer, sucumbir mesmo à tarefa, mas só Deus pode tocar os corações! A conversão é uma graça, e a graça só vem do alto!

Nós outros não nos enganamos nisto! Quando vêm almas para o redil ou nêle tornam a entrar, a vossa bondade faz-vos talvez dizer: “Como elas lá trabalharam bem!” Porém nós, que compreendemos melhor a inutilidade dos nossos esforços sem a graça, dizemos: “Oh! como lá rezaram bem por nós!”

Por isso, deveis ter verificado que em geral o missionário coleta, sem dúvida, esmolas; mas não as pede.

Ao passo que pede, reclama, mendiga orações. Eles sabem muito bem que nisto é que está o seu mais precioso tesouro!

Em face dessas “massas profundas” de que falava o Santo Padre, pode êle lançar-se, loucamente mesmo, ao ataque; que será, porém, do seu zêlo se a retaguarda não o sustentar? As mais das vêzes, êle está só! Que incentivo para êle se souber que o amparam, e que cada dia preces ardentes sobem ao céu por êle! Então êle não duvida mais, não raciocina mais, não olha mais os inimigos que terá de combater, porque sabe, sente que, enquanto luta na planície, há nas montanhas da prece almas que trabalham com êle!

c) *Assinar os Boletins das Missões.* — Sem falar dos “Anais” da Propagação da Fé e da Santa Infância, que não podeis ignorar, há uma multidão de outras publicações que vos solicitam. Não podeis dispersar o vosso zêlo em tôdas as direções; assinai um Boletim, um só, que houverdes escolhido. E êsse Boletim, amai-o, lede-o, fazei-o ler, propagai-o, semeai-o, “esquecei-o” nas casas por onde passardes. Fazei-vos apóstolo dêle. Tende para o bem a audácia incrível que os maus têm para o mal. E haurireis sempre um zêlo novo nesses relatos pungentes que vos eletrizarão pela edi-

ficação poderosa e empolgante que contêm. Ah! aqui ainda, se quisésseis!...

d) *Dar suas esmolinhas.* — Rica ou pobre, se quiserdes podereis sempre achar uma pequena quantia para dar. Os mais pobres, bem o sabemos, são os mais generosos! Sem dúvida, há nobres exceções. Mas pode-se dizer, por experiência, que os pequenos e os humildes é que serão sempre mais facilmente sensibilizados!

Para vos edificardes, lede a carta seguinte:

"Meu Padre, havia uma vez, em Paris, uma datilógrafa de dezesseis anos que queria comprar um bonito par de sapatos amarelos. Tôdas as tardes, ao voltar do seu trabalho, ela parava para olhar os sapatos que cobiçava. Mais 5 francos, e ela os ia ter. Na véspera de comprá-los, ela ouve um missionário falar da pobre gente que morria de fome lá na África... A mocinha em questão não terá os sapatos, mas os seus pobres famintos terão pão.

"Incluso achará V. Revma. o valor dos sapatos.

(Assinado) Uma pequena Parisiense".

Na vossa idade, é fácil apaixonar-se pela beleza das obras de zêlo. Dai, filha, dal do vosso supérfluo. Dal mesmo, às vêzes, do vosso necessário. E as delicadas esmolinas não somente vos farão merecer diante de Deus, mas ajudarão o missionário a fazer o bem, a resgatar crianças, escravos, a salvar almas ao longe!

Por isso é que Mons. Leroy exclamava um dia: "Ah! se todos os cristãos quisessem ocupar-se das missões, haveria no céu muito mais eleitos e na terra muito mais felicidade. A terra seria mais bela e Jesus Cristo mais amado!"

Ah! repito, se quisésseis!...

e) *Trabalhar para as missões.* — Qual a môça que não sabe servir-se de sua agulha para confeccionar essas mil coisas que o culto reclama e de que as pobres missões são tão freqüentemente desprovidas? Duguesclín, aquêl briosos francês que tão bem conhecia o coração de seu país, exclamava: "Não há môça ou mulher de França que não consinta em fiar a sua roca para pagar meu resgate". Os "Duguesclins

de Cristo”, prisioneiros também da sua lamentável pobreza, ficariam tão contentes de ver suas irmãs de todo o mundo trabalharem para ornar as miseráveis choças que elles têm por capelas! O tempo das rocas já passou, mas o da dedicação não passa. Trabalhai, pois, para as missões. Gentes abelhas, sugai, occupai os vossos lazeres nesses pequenos trabalhos de agulha que, para vós, serão um doce e piedoso passatempo, e que irão alegrar, lá longe, não somente vossos irmãos os missionários, mas sobretudo “o pobre Deus das missões”, que é tão pobre, sim, tão pobre, lá longe!

Em seguida a um retiro pregado por um missionário, umas Filhas de Maria resolveram reunir-se tôdas, um sábadô de cada mês, para trabalharem num “ouvroir” que ellas fundaram em favor das missões... Exemplo delicado e encantador!...

Repito, sim, repito, se quisésseis!...

* * *

Perdoai, menina, se um pobre missionário assim insiste e vos fala tão longamente das missões! Primeiro, fala a bôca daquilo de que o coração está cheio; e depois, fácil seria assinalar-vos que em vários países, como Itália, Bélgica, Holanda, se criou um movimento vivíssimo e popularíssimo em favor das missões. Há de então a França, Berço da Propagação da Fé, a França que fornece ainda três quartas partes dos missionários, há de ficar na retarguarda desse belo movimento? E por elle não se hão de interessar outros países? Sim, repito, múltiplas são as obras que vos sollicitam; entretanto, refletindo bem nisso, vereis que nenhuma se impõe a vós com tanta autoridade e urgência como a Propagação da Fé!

Quando um missionário passa por qualquer parte, suas narrações admiram, sua vida surpreende, seu exemplo suscita dedicações passageiras. Porém, como, segundo o rifão, “longe dos olhos longe do coração”, assim também, uma vez que elle partiu e que o mar o separa daqueles que tanto lhe prometeram não o esquecer, não tarda elle a virar um illustre desconhecido!

1) Se as obras de S. Vicente de Paulo vos interessam, assinal o *Boletim das Missões dos Lazaristas Franceses e das Irmãs de Caridade*.

E' triste, mas é assim!

Meninas, sêde, vós, as "pequenas missionárias da retaguarda", ajudai vossos irmãos no apostolado a salvar almas nos campos longínquos em que derramam seus suores e suas lágrimas, felicíssimos se pudessem derramar todo o seu sangue. Porquanto, bem o sabeis: "*Aquêlê que ajuda o apóstolo receberá a recompensa do apóstolo*". Repito, repito, meninas, se quisésseis!...

Eis aqui a lista dos objetos mais úteis para as missões: casula, capa, estola, manipulo, véu de cálice, véu umeral, véu de cibório, frontal, coberta de altar, estandartes, alva, sobrepeiz, batina, toalha de altar, toalha de comunhão, pala, corporal, purificadorio, manustêrgio, amito, rendas, etc. Para informações, dirigir-se à Secretaria da Obra Apostólica, 96, boulevard Maieaherbes, Paris-XVIIe. — Enviar êsses objetos quer ao enderêço dela, quer aos Procuradores das Missões em Paris, quer ao centro do Boletim que assinarde.

CONCLUSÃO.

De pé!

Vem, filha de Deus, serás coroada!

De pé, ó mortas, levantai-vos e andai!
De pé, ó feridas, Jesus aí está para curar!
De pé, ó valentes, Jesus conta convosco!

* * *

Na "Divina Comédia" de Dante, o poeta encontra um grupo de réprobos em cujas frentes não vê escrito, como nos outros, o nome das faltas que cometeram. E, perguntando: "Que foi que fizeram êsses, para merecerem o seu suplício?", o guia lhe responde: "Não fizeram o bem, são uns covardes".

* * *

O último termo é duro, não o mereceis! Mas pesai bem os primeiros: "*Não fizeram o bem!*" Sabeis tudo o que há nesta pequena frase? Há uma censura, uma acusação, um estimulante, um não sei quê que fará refletir as almas generosas e pular as almas valentes! Não fazer o bem!...

* * *

Oh! não fazer o bem! quando em tórno de vós o demônio se encarna em perder as almas, quando seus prepostos se agitam com um frenesi feroz, quando a luta está em tôda parte, quando os campos são trincheiras e o partido de Jesus é sempre o "pequeno rebanho", sempre perseguido, sempre atacado, sempre ameaçado e sempre vencedor!...

* * *

Oh! não fazer o bem! quando se tem tudo o que é preciso para fazê-lo! Vêde essa donzela! é boa, piedosa, mansa, amável; se quisesse, teria uma influência, uma alçada sobre

as almas, ao menos no pequeno meio em que ela vive. Mas não! para fazer o bem fôra mister que ela salsse de si mesma, que fôsse aos outros, que modificasse os hábitos da sua vidinha tranqüila, e isto é difícil; custa!... ela quisera, mas não quer!

* * *

Oh! não fazer o bem! ficar aí, inativa, inerte, adormecida, apática, como uma alma vulgar que se fecha e se estiola num egoísmo vergonhoso! como é pequeno! como é pouco cristão! contentar-se com ser uma florinha artificial, quando se poderia ser uma bela flor de Deus, viva e perfumada!

* * *

Oh! não fazer o bem! quando as almas, à volta de vós, se perdem aos milhares! Quando se ataca Deus, quando se ridiculariza a religião, quando se escarnecem as coisas santas! Quando Jesus vos mostra seu presépio, sua cruz, seu tabernáculo, seu céu!

* * *

Oh! não fazer o bem! Mas então é fazer triunfar o mal! Em face do crime, em face do perigo das almas, em face do mal moral que arruína e que corrói a pátria, ficar neutro quando se deve combater, ficar em casa quando se deve sair, ficar de braços cruzados quando Deus vos estende armas, ficar indiferente quando se devera chorar, ficar egoísta quando tantas misérias vos chamam, dormir em vez de trabalhar, estiolar-se ao invés de viver, que isso é senão ajudar o triunfo do mal?

* * *

Oh! não fazer o bem! E pensais achar a felicidade vivendo nesse egoísmo requintado que só vos faz pensar em vós mesma, nos vossos vestidos, nos vossos pequenos triunfos? acantonando-vos nessa desocupação glacial, nessa vida factícia e trepidante, nesse "esplêndido isolamento" de tudo o que é a vossa pessoa?

* * *

A felicidade? não, não a tereis! Quando não se tem zelo não se tem amor; sem amor de Deus não se pode ser feliz na terra. E' preciso sair de si para achar a felicidade. Pobre

infeliz! Arrastareis uma existência insulsa, sem outras alegrias que as de um egoísmo vazial só convosco mesmal e no fundo do vosso coração, no fundo de todos os vossos prazeres, sentireis um desgosto tal que podereis morrer dêle!

* * *

... Vinde, pois, ó Virgens, ó santos, ó santas, ó apóstolos, ó mártires! vinde pois, ó Jesus, e olhai para essa alma, acaso a reconheceis? Não! Mostrai-lhe a vossa coroa, ó Virgens! os vossos instrumentos de mortificação, ó santos! os vossos trabalhos de zêlo, ó apóstolos! os vossos instrumentos de suplício, ó mártires! mostrai-lhe a vossa cruz, ó Jesus! E que ela enrubesça, chore, trem! Dizel-lhe que ela não deve ser cristã de água de rosas, mas de água de batismo; que o sangue de Jesus lhe corre nas veias quando ela comunga, e que, "mesmo quando corre noutras veias, esse sangue precisa ser derramado".

* * *

Repeti-lhe, ó Jesus, aquelas palavras do Evangelho: "Quem não é comigo é contra mim. Não é aquêlê que diz: Senhor, Senhor! que entrará no reino do céu, mas aquêlê que faz a vontade de meu Pai! E a vontade de meu Pai é que todos os homens se salvem!" Fazei-lhe ressoar aos ouvidos aquela palavra que o Apóstolo, numa visão, ouvira vir a êle das ribas da Macedônia: "Passa os mares e vem salvar-nos!" "Vem salvar-nos!" gritam-vos as almas. Ide a elas, sêde libertadoras! Nos nossos dias, não ser apóstolo é quase ser apóstata.

* * *

O' jovem cristã que lerdes êste livro, não o fechels antes de haverdes tomado a resolução enérgica de fazer alguma coisa, de tentar ao menos dedicar-vos e fazer o bem em tôrno de vós! Escutai! Escutai!... vós também tendes as vossas vozes, e eis o que essas vozes vos dizem:

* * *

Joana d'Arc: "Irmãzinha, levanta-te!... Há grande lástima em nossa doce pátria. Ela sofreu, chorou, perdeu milhares e milhares de seus filhos. Aí está sangrenta, sua fronte vitoriosa está velada de crepe... ela chora suas ruínas, chora

com suas viúvas e com seus milhões de órfãos. 'Dize, irmãzinha, não queres fazer alguma coisa para consolá-la, para regenerá-la?... Eu também, como tu, não passava de uma humilde menina, de uma pequenina pastora que guardava os rebanhos! Mas, quando minhas vozes falaram, deixei tudo e parti. Tu não acharás, como eu, o tilintar das armas, as longas cavalgadas, os horrores dos campos de batalha; não serás abandonada, traída, aprisionada, não morrerás, como eu, numa horrível fogueira. Não, não terás de sofrer tanto; mas também podes salvar a pátria. Irmãzinha, sou eu, Joana, quem to pede, quem to exora, quem to suplica, irmãzinha, levanta-te!... Vai, filha de Deus, vai!...

* * *

As almas: Escutai agora o apêlo das almas.

A criança vos clama: "Irmã grande, quem me há de falar de Deus se não me falares tu? Na escola, pouco ou nada se fala; meu pai não diz mais o nome d'Ele senão para blasfemar; minha mãe chora e não reza mais... Oh! fale-me de Deus, dize, irmã grande, é tão triste ser criança sem Deus! eu também tenho uma alma, dize-me como posso salvá-la".

O pobre vos brada: "Menina, estou triste, estou com fome, estou com frio. Faze-me a esmola do corpo, faze-me a esmola da alma, do coração também; porque nós, pobres misérias ambulantes, tristes destroços da sociedade, se soubesses como ficamos felizes com um sorriso, com uma boa palavra, com um meigo olhar compassivo! Tu, donzela, és o sorriso de Deus na terra, vem a nós para nos sorrir, vem a nós para nos falar de Deus Nosso Senhor".

O doente vos clama: "Eu sofro e estou só, ninguém me vem visitar; assedia-se a porta dos ricos, mas a mim me abandonam. Vem, pois, visitar-me, ó donzela, passarás pelo meu triste tugúrio como o raio de sol que alegra, que ilumina e que aquece!"

O pecador vos grita: "Abandonei o Deus da minha juventude, e agora, do fundo do abismo em que caí, já não ousa levantar os olhos para o céu. Vem infundir-me ânimo, ó tu que és boa e pura e santa! "Não tenho homem para me

carregar à piscina”, dizia o paralítico do Evangelho, e eu não tenho ninguém para me reconduzir a Deus. Vem, inclina-te para mim, com a tua virtude e a tua inocência, dá-me a mão, contigo eu terei menos medo, e me conduzirás a Deus”.

As almas pagãs vos clamam: “Somos ainda um bilhão no mundo, que gememos na sombra da morte. Somos um bilhão que não conhecemos a Deus. O’ tu que tens a fé, que foi que fizeste para tê-la? Nada! nós a merecíamos tanto quanto tu. Reza por nós, ó Jovem cristão! ajuda os missionários que vêm anunciar-nos o Evangelho! Sem nos ver, sem nos conhecer, tu podes salvar-nos merecendo-nos o benefício da fé”.

* * *

Jesus! Agora eu calo, ó meu Mestre! Arauto da fé, falei. Cri, e por isto foi que entornei minha alma e meu coração nas páginas deste livro. A vós, porém, compete concluir, e dizer uma última palavra às almas que me seguiram até aqui. Falai, Senhor, vossas filhas vos escutam.

“Menina, amas-me?

“Se me amas, guarda os meus mandamentos.

“Se me amas, brilhe tua luz diante dos homens, a fim de que eles vejam as obras boas e glorifiquem o Pai que está nos céus.

“Se me amas, confessa-me diante dos homens, e eu te confessarei diante de meu Pai.

“Se me amas, fica em mim; porque aquêle que fica em mim dá muitos frutos.

“Se me amas, ama teus irmãos, é o meu mandamento, e o sinal pelo qual se verá que és minha discípula.

“Eu vim trazer o fogo à terra, e que desejo senão que êle arda?

“Vai ao filho pródigo e reconduze-o a seu Pai!

“Vai à ovelha perdida e reconduze-a ao aprisco!

“Vai às crianças, elas pediram pão, e não há ninguém para lhes dar.

“Vai aos pobres, pois sempre os terás contigo, e dize-lhes que eles são bem-aventurados de serem pobres, porque o reino do céu lhes pertence.

"Vai aos que sofrem, e dize-lhes que foi preciso que eu também sofresse para entrar na minha glória.

"Vai aos que choram, e dir-lhes-ás que eu clamei ao mundo: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!"

"Vai aos pecadores, e dize-lhes que eu não vim para os justos, mas para eles; dize-lhes que não quero a morte deles, mas que se convertam e vivam!

"Vai à multidão, porque eu tenho pena da multidão".

* * *

"Dize a todos que eu sou o Caminho, e que aquêle que me segue não anda nas trevas.

"Dize a todos que eu sou a Verdade, e que a verdade os libertará.

"Dize a todos que eu sou a Vida, e que vim para que eles tenham a vida, e a tenham em abundância.

"Dize a todos que não se pode servir a dois senhores, que meu jugo é suave e meu fardo leve".

* * *

"Não creias, no entanto, que eu tenha vindo trazer a paz à terra; não trouxe a paz, mas sim a espada!

"O discípulo não está acima do Mestre! Se eles me perseguiram, hão de te perseguir também!

"Mas não temas nada, pois eu venci o mundo!

"Envio-te, filha, como um cordeiro ao meio dos lóbos; sê, pois, prudente como a serpente e simples como a pomba.

"Não perturbe o teu coração!

"Fica no meu amor, pois eu te amei até o fim.

"E, como não há maior amor do que dar a vida por aquêles a quem se ama, eu morri por ti, por todos!...

"Vai, pois, filha, vai trabalhar na minha vinha! Não é aquêle que diz "Senhor, Senhor!" que entrará no reino dos céus, mas aquêle que faz a minha vontade. Ora, a minha vontade é que todos os homens se salvem!

"Vai! sê uma luz ardente e brilhante! Serás bem-aventurada se fizerdes o que eu mando! Tem confiança, filha, pois eu estou contigo!

"Olha! os campos já se douram para a messe! Ora, a messe é grande, mas são poucos os operários!...

"Em verdade, em verdade, te digo: um copo d'água dado em meu nome não ficará sem recompensa. Eu é que serei a tua recompensa imensamente grande!

"Porque não somente saberei repetir para ti as palavras pronunciadas sobre Madalena: "Muito lhe será perdoado porque ela muito amou"; mas farei mais: dir-te-ei, lá em cima, esta palavra que encherá o teu coração de alegria infável: "Vem, filha bendita de meu Pai, vem possuir o reino que eu te preparei!"

*Vem, Filha de Deus, vem!
Serás coroada!*

ÍNDICE

Carta do Cardeal Gasparri ao Pe. Baeteman	5
Carta de Monsenhor Bispo de Estrasburgo	7

PARTE I

ALMA, CORAÇÃO E VONTADE DA DONZELA

CAPÍTULO I: QUEM SOIS?	11
I. <i>Sois mulher.</i>	
Imenso é, a êste título, o vosso poder	11
II. <i>Sois cristã.</i>	
Tendes, pois, uma fé que deve irradiar	16
CAPÍTULO II: VOSSA ALMA	21
I. <i>Sua grandeza</i>	22
II. <i>O ideal</i>	24
III. <i>O dever</i>	27
IV. <i>A consciência</i>	31
CAPÍTULO III: VOSSO CORAÇÃO	36
I. Um motor a dirigir: <i>a sensibilidade</i>	38
II. Uma louca a vigiar: <i>a imaginação</i>	46
III. Fôrças a governar: <i>as paixões</i>	49
IV. Uma necessidade do coração: <i>a amizade cristã</i>	53
CAPÍTULO IV: VOSSA VONTADE	59
I. <i>O que é ter vontade</i>	60
II. <i>Como se exercita a vontade</i>	63
III. <i>Como se chega a querer</i>	65
IV. O que fortifica a vontade: <i>as resoluções</i>	68
V. <i>O que debilita a vontade</i>	71
VI. O que mata a vontade: <i>o desânimo</i>	75

PARTE II

VIRTUDES DA DONZELA

CAPÍTULO I: VIRTUDES QUE TORNAM A ALMA BELA	83
I. <i>A humildade</i>	83
1º Natureza da humildade	83

2°	Motivos de ser humilde	84
3°	Diversas considerações sobre a humildade	87
II.	<i>A pureza</i>	89
1°	Beleza desta virtude	89
2°	As tentações contra a pureza	92
3°	Remédios para as tentações	96
4°	O perigo das más leituras	102
5°	As armas para o combate	106
6°	No abismo	109
III.	<i>A simplicidade</i>	112
1°	Natureza desta virtude	112
2°	Vícios que lhe são opostos: a) a vaidade; — b) a mentira; — c) a hipocrisia; — d) o “modernismo” das maneiras	115
CAPITULO II: VIRTUDES QUE TORNAM A ALMA BOA		119
I.	<i>A caridade</i>	119
a)	O que esta virtude nos manda	119
1°	O amor do próximo	119
2°	O perdão das injúrias	122
b)	O que esta virtude nos proíbe	124
1°	O juízo temerário	124
2°	A maledicência	127
3°	A calúnia	131
4°	A inveja	132
5°	O escândalo	134
II.	<i>A bondade</i>	136
III.	<i>A alegria</i>	140
CAPITULO III: VIRTUDES QUE TORNAM A ALMA FORTE		146
I.	A obediência aos olhos da razão e da fé	146
II.	A generosidade	150
III.	A ufania cristã	153
1°	Vosso titulo de glória: Sois cristã	153
2°	O respeito humano	155

PARTE III

AMIGOS E INIMIGOS DA DONZELA

CAPITULO I: VOSSOS AMIGOS		163
I.	<i>Jesus</i>	163
1°	Jesus é nosso amigo	169

2º Jesus é nosso Salvador	170
3º Jesus é nossa vida	171
4º Jesus é nosso Rei	171
5º Sigamo-lo	173
II. Maria	174
1º O culto de Maria	174
2º Do berço ao túmulo	178
3º A Virgem-Mãe	184
4º Têrço e medalha	188
5º Ide a Maria!	193
CAPITULO II: INIMIGOS QUE PODEIS ENCONTRAR... 196	
I. No mundo	196
1º Que é o mundo?	196
2º O que o mundo promete sem poder dar	198
3º O mundo segundo Jesus Cristo	200
4º A corrente do mundo	202
II. Perigos do mundo	203
1º As ocasiões perigosas	203
2º Os divertimentos	204
3º A dança	205
4º O teatro	209
5º A coqueteria: 1) o que ela é; 2) suas conseqüências	213
6º O flagelo do luxo	217
7º A moda	218
8º Conselhos à jovem operária	219

PARTE IV

SEUS SUSTENTACULOS

CAPITULO I: AS VIRTUDES TEOLOGAIS		227
I. A fé		227
1º Por que devemos agradecer a Deus o dom da fé		227
2º Vossos deveres para com a fé		229
II. A esperança		233
1º Natureza e motivos da nossa esperança		233
2º A desesperança		236
3º A misericórdia		239
III. O amor de Deus		240
1º Como Deus nos amou		242
2º Como devemos amar a Deus		246

1º Visita dos doentes	389
2º Visita dos pobres	390
3º Catequistas voluntárias	395
III. <i>O mundo</i>	397
1º Cifras pouco conhecidas e eloqüentes	398
2º A propagação da fé	399
3º O que pensa o Vigário de Jesus Cristo	401
4º O Missionário	403
5º O que uma donzela cristã pode fazer pelas Missões	408

CONCLUSÃO

De pé! Vem, filha de Deus, serás coroada!	413
---	-----

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>